

LILIANE VIEIRA PINHEIRO

**O DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES  
EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS NA PERSPECTIVA  
DOS DESAFIOS DA PÓS-MODERNIDADE:  
diretrizes sob o olhar da Teoria da Complexidade  
e da Análise de Domínio**

Florianópolis  
2017



LILIANE VIEIRA PINHEIRO

**O DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES  
EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS NA PERSPECTIVA  
DOS DESAFIOS DA PÓS-MODERNIDADE:  
diretrizes sob o olhar da Teoria da Complexidade  
e da Análise de Domínio**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação, área de concentração: *Organização, Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento*, eixo: *Organização e preservação do conhecimento*.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Maria Arruda Café

Coorientadora: Profa. Dra. Edna Lúcia da Silva

Florianópolis  
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pinheiro, Liliâne Vieira

O desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias na perspectiva dos desafios da pós modernidade : diretrizes sob o olhar da Teoria da Complexidade e da Análise de Domínio / Liliâne Vieira Pinheiro ; orientadora, Lígia Maria Arruda Café ; coorientador, Edna Lúcia da Silva. - Florianópolis, SC, 2017.

311 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação.

Inclui referências

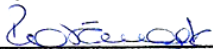
1. Ciência da Informação.
2. Desenvolvimento de coleções.
3. Bibliotecas universitárias.
4. Teoria da Complexidade.
5. Análise de domínio. I. Café, Lígia Maria Arruda. II. Silva, Edna Lúcia da. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. IV. Título.

LILIANE VIEIRA PINHEIRO


**O DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES EM BIBLIOTECAS  
UNIVERSITÁRIAS NA PERSPECTIVA DOS DESAFIOS DA PÓS-  
MODERNIDADE: diretrizes sob o olhar da Teoria da  
Complexidade e da Análise de Domínio**


Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de "Doutor", e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

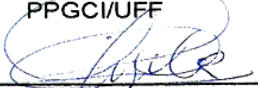
Florianópolis, 03 de março de 2017.

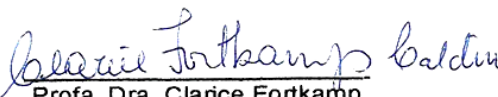
  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª. Dra. Rosângela Schwarz Rodrigues  
Coordenadora do Curso

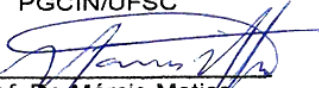
**Banca Examinadora:**

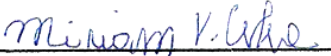
  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª. Dra. Lígia Maria Arruda Café  
Orientadora  
PGCIN/UFSC

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Rodrigo de Sales  
Examinador Externo  
PPGCI/UFF

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª. Dra. Gisela Eggert Steindel  
Examinadora Externa  
PPGINFO/UDESC

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª. Dra. Clarice Fortkamp  
Caldin  
Examinadora  
PGCIN/UFSC

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Márcio Matias  
Examinador  
PGCIN/UFSC

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª. Dra. Miriam Figueiredo  
Vieira da Cunha  
Examinadora  
PGCIN/UFSC



Considerando que cada um que passa em nossas vidas deixa um pouco de si, dedico esta tese a todos que contribuíram para a sua concretização, em especial, aos mestres pela inspiração e por indicarem como caminhar nas estradas da aprendizagem, aos profissionais bibliotecários que acreditam no poder das bibliotecas e se empenham cotidianamente para torná-las ancoradouro e centro do saber para a humanidade, e à minha família por tudo o que representa para mim.





## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) por proporcionar ensino de qualidade reconhecida e pela oportunidade, e em especial à Coordenação, Secretaria e docentes do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) pela acolhida e à direção da Biblioteca Universitária (BU/UFSC) pelo incentivo e apoio inestimáveis.

À Profa. Dra. Lígia Maria Arruda Café por dar continuidade à orientação desta pesquisa, pela acolhida, ensinamentos, compreensão e confiança.

À coorientadora Profa. Dra. Edna Lúcia da Silva, pela confiança que oportunizou a realização desta pesquisa. Sou grata por sua paciência e compreensão nos momentos mais difíceis, por seus valiosos ensinamentos e por me aproximar da atividade científica desde a graduação.

Aos professores Dr. Rodrigo de Sales, Dra. Nair Yumiko Kobashi, Dra. Clarice Fortkamp Caldin e Dra. Miriam Vieira da Cunha, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação.

Aos membros da banca examinadora pela disponibilidade, pelas observações e contribuições que puderam ser incorporadas ao texto final.

Aos gestores do desenvolvimento de coleções nas bibliotecas universitárias federais brasileiras por aceitarem participar desta pesquisa.

Às alunas da primeira turma de doutorado do PGCIN, nomeada de “classe das sete mulheres”, pelas trocas de conhecimentos e de experiências em sala de aula. À Danielly Inomata pelas conversas tão acolhedoras e importantes para diminuir a angústia, que teimou em espreitar esta jornada.

Aos colegas do Núcleo de Estudos em Informação e Mediações Comunicacionais Contemporâneas (NEIMCOC) e ao Grupo de Orientação em Organização do Conhecimento (GOOC) pelas trocas e discussões.

À Sônia Argollo pela cuidadosa revisão do texto final.

Aos colegas de trabalho da BU/UFSC, especialmente aos colegas da Divisão de Desenvolvimento de Coleções (DECTI) da BU/UFSC, pela compreensão e incentivo.

Às diretoras da BU/UFSC Dirce Maris Nunes da Silva, Sigrid Karin Weiss Dutra, Roberta Moraes de Bem e à diretora da DECTI/BU Manoela Hermes Rietjes, pelo apoio.

À minha família pelo apoio e compreensão, ao meu pai que, na sua simplicidade, sempre compreendeu o valor do conhecimento

e me incentivou a estudar, à minha mãe por seu exemplo de persistência e pelas orações, à minha irmã pela cumplicidade, ao meu cunhado Thiago pelo carinho e ao meu sobrinho Mathias que, recém-chegado, renovou o ânimo de todos para seguir em frente.

Ao Maciel por seu companheirismo, por compreender a prioridade dada à elaboração da tese, por sua paciência, incentivo e apoio incondicional.

Aos amigos e familiares pelo carinho, compreensão, apoio, enfim, por cada palavra de incentivo.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa, a minha sincera gratidão.

*“Tomemos uma tapeçaria contemporânea.  
Ela comporta fios de linho, de seda, de algodão e de lã de  
várias cores. Para conhecer esta tapeçaria, seria interessante  
conhecer as leis e os princípios relativos a cada um desses tipos de  
fio. Entretanto, a soma dos conhecimentos sobre cada um desses  
tipos de fio componentes da tapeçaria é insuficiente para se  
conhecer esta nova realidade que é o tecido, isto é, as qualidades e  
propriedades próprias desta textura, como, além disso, é incapaz de  
nos ajudar a conhecer sua forma e sua configuração”  
Edgar Morin (2011, p.85)*



## RESUMO

Pesquisa que propôs diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias inspiradas na Teoria da Complexidade e na análise de domínio. Considera que a sociedade pós-moderna requer que as bibliotecas universitárias realcem o seu papel como centros do saber e desenvolvam suas coleções, como resultado do planejamento no desenvolvimento de coleções, para ampliar o seu escopo de atuação sem ofuscar sua missão tradicional de subsidiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas na instituição. Define como questão de pesquisa: *Com base na Teoria da Complexidade e na análise de domínio é possível traçar diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias de forma a enfrentar os desafios da pós-modernidade?* Buscou aporte teórico na Teoria da Complexidade de Morin e no paradigma social da Ciência da Informação, mais especificamente na análise de domínio de Hjørland, para pensar como poderiam ser tecidas diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias considerando os distintos fios para um olhar mais complexo, flexível e múltiplo para esse objeto de estudo. Estabelece como caminho metodológico para obtenção das respostas necessárias os pressupostos da Teoria da Complexidade e a perspectiva qualitativa para a abordagem do problema. Para tal, conta com quatro dimensões de análise, denominadas de epistemológica, guiada pela analogia entre os fundamentos da Teoria da Complexidade e da noção de análise de domínio; do pensamento registrado, tendo a pesquisa bibliográfica como fonte de dados para detectar o pensamento sobre o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias na literatura internacional; do pensamento institucionalizado com o emprego da pesquisa documental nas políticas das bibliotecas universitárias federais; e do pensamento vigente com a realização de entrevistas com os gestores desse processo nas bibliotecas universitárias federais brasileiras. Obtém como principais resultados a partir das dimensões analisadas: o desenvolvimento de coleções engloba inúmeros elementos e enfrenta dificuldades com as limitações orçamentárias que impulsionam a busca por alternativas, como os programas de doação, intercâmbio e compartilhamento de recursos; as coleções são formadas por diversos materiais; a seleção orientada pelo atendimento às demandas da instituição, considerando principalmente bibliografias e indicações de docentes; a participação da comunidade acadêmica é cada vez mais requerida, inclusive na elaboração da política, que deve ser alinhada

à missão da instituição e atualizada constantemente; as decisões sobre os materiais incorporados às coleções são baseadas nos usuários e nas demandas; a avaliação da coleção é baseada principalmente no uso dos materiais, que tem sido considerado associado à falta de espaço físico para o desbaste de materiais. Propõe o pensar nas diretrizes usando o anel tetralógico de Morin, buscando levar à reflexão sobre as possibilidades e as diversidades de aspectos que podem interferir no desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias brasileiras. Conclui que pensar sobre as diretrizes para o desenvolvimento de coleções, adotando a perspectiva social da análise de domínio e baseado no anel tetralógico de Morin, contribui para o desnudamento de questões que envolvem esse processo em bibliotecas universitárias, com base na interação de elementos provenientes da ordem/desordem/organização, mostra que o desenvolvimento de coleções pode refletir a identidade dessas bibliotecas, reforçar o seu papel como instituições do saber e como participantes ativas no processo de aprendizagem nas universidades, e que, ainda, possam corresponder aos anseios da comunidade e ao mesmo tempo preservar a herança cultural e científica da humanidade.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento de Coleções. Bibliotecas Universitárias. Teoria da Complexidade. Análise de Domínio.

## ABSTRACT

Research that proposed guidelines for the collection development in university libraries inspired by the Complexity Theory and domain analysis. It considers that postmodern society requires university libraries to enhance their role as knowledge centers and develop their collections as a result of planning in the collection development, to broaden their scope of action without overshadowing their traditional mission of subsidizing activities such as teaching, research, and extension that are developed in the institution. It is defined as a research matter: *Based on the Complexity Theory and on domain analysis, is it possible to draw up guidelines for the development of collections in university libraries in order to face the challenges of post-modernity?* A theoretical contribution was sought in Morin's Complexity Theory and in the social paradigm of Information Science, more specifically in Hjørland's domain analysis, to think about how guidelines could be woven for the development of collections in university libraries considering the different threads for a more complex, flexible and multiple look at this object of study. As a methodological way to obtain the necessary answers it establishes the Complexity Theory assumptions and the qualitative perspective to approach the problem. To do so, it relies on four analysis dimensions, called epistemological, guided by the analogy between the Complexity Theory foundations and the notion of domain analysis; of the published thinking, adopting the bibliographical research as a source of data to detect the reasoning on collection development in university libraries in the international literature; of institutionalized thinking with the use of documentary research in the policies of federal university libraries; and of the current thinking with the accomplishment of interviews with the managers of this process in the Brazilian federal university libraries. As main results from the analyzed dimensions it obtains: collection development includes innumerable elements and faces difficulties due to budget constraints that drive the search for alternatives, such as donation programs, exchange and sharing of resources; the collections are formed by several materials; the selection guided by catering to the institution demands, mainly considering bibliographies and indications made by teachers; the participation of the academic community is increasingly required, in policy making included, as it must be aligned with the mission of the institution and constantly updated; decisions about materials incorporated into collections are based on users and demands; collection evaluation is mainly based on the use of the

materials, which has been considered associated with the lack of physical space for the weeding of materials. It proposes to think of the guidelines using Morin's tetralogical ring, seeking to lead to the reflection on possibilities and diversities of aspects that can interfere with the collection development in Brazilian university libraries. It concludes that thinking about the guidelines for collection development, adopting the social perspective of the domain analysis and based on Morin's tetralogical ring, contributes to the denudation of issues surrounding that process in university libraries. Based on the interaction of elements from order/disorder/organization, shows that collection development can reflect the identity of those libraries, strengthening their role as knowledge institutions and active stakeholder in the learning process in universities, and also can respond to community concerns while preserving the cultural and scientific heritage of humanity.

**Keywords:** Collection Development. University Libraries. Complexity Theory. Domain Analysis.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dimensões e etapas da pesquisa .....	91
Quadro 2 - Protocolo de busca nas bases de dados.....	96
Quadro 3 - Aproximações dos princípios do Pensamento Complexo com a abordagem da Análise de Domínio.....	109
Quadro 4 - Eixos norteadores das Políticas de Desenvolvimento de Coleções das Bibliotecas Universitárias brasileiras ...	160
Quadro 5 - Planejamento do desenvolvimento de coleções como objetivo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras.....	161
Quadro 6 - Organização do desenvolvimento de coleções como objetivo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras.....	163
Quadro 7- Orientação do desenvolvimento de coleções como objetivo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras.....	164
Quadro 8 - Acompanhamento do desenvolvimento de coleções como objetivo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras ....	165
Quadro 9 - Seleção baseada nas atividades institucionais nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras .....	166
Quadro 10 - Seleção baseada no conteúdo dos recursos informacionais nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras ....	167
Quadro 11- Seleção baseada na relevância para os usuários e aspectos adicionais dos documentos nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras .....	168
Quadro 12 - Seleção baseada na coleção atual nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras .....	168
Quadro 13 - Seleção baseada na demanda nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras .....	169
Quadro 14 - Seleção baseada em parâmetros externos nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras .....	170

Quadro 15 - Responsáveis pela seleção nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras .....	171
Quadro 16 - Prioridades para aquisição nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras .....	172
Quadro 17 - Avaliação nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras ....	174
Quadro 18 - Desbaste nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras ....	175
Quadro 19 - Diretrizes propostas para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias .....	223

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mandala da pesquisa .....	33
Figura 2 - Anel tetralógico .....	72
Figura 3 - Anel tetralógico do desenvolvimento de coleções .....	227
Figura 4 - Anel tetralógico da Política de Desenvolvimento de Coleções .....	230
Figura 5 - Anel tetralógico da interação com a comunidade interna e externa .....	234
Figura 6 - Anel tetralógico do estudo da comunidade .....	238
Figura 7 - Anel tetralógico da cooperação com bibliotecas .....	242
Figura 8 - Anel tetralógico da aquisição de materiais informacionais .....	244
Figura 9 - Anel tetralógico da abrangência e diversidade das coleções .....	247
Figura 10 - Anel tetralógico da seleção de materiais informacionais .....	250
Figura 11 - Anel tetralógico da avaliação de coleções .....	253
Figura 12 - Anel tetralógico das atividades do desenvolvimento de coleções e manutenção da identidade da biblioteca .....	256



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de Dominio
ALA	American Library Association
ALIA	Australian Library & Information Association
ARL	Association of Research Libraries
BCI	Biblioteconomia e Ciência da Informação
BRAPCI	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
BU/UFSC	Biblioteca Universitária da Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina
BYU	Brigham Young University's
Capex	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CI	Ciência da Informação
CMU	Central Michigan University
DC	Desenvolvimento de coleções
DDA	Demand-drive acquisition
DU	University of Delhi
ECU	East Carolina University
ESC	Empire State College
FSU	Florida State University
HBL	Harold B. Lee Library
HSL	Health Science Library
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
KSUL	Kent State University Libraries
KU	University of Kansas
LISA	Library and Information Science Abstracts
LISTA	Library, Information Science & Technology Abstracts
MEC	Ministério da Educação
MSU	Michigan State University
NBF	Nigerian Book Foundation
OCUL	Ontário Council of University Libraries
PDA	Patron-drive acquisition
PDC	Política de Desenvolvimento de Coleções
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior

SUNY	The State University of New York
TAMU	Texas A&M University
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UB	University at Buffalo
UCD	University College Dublin
UNISIST	United Nations International Scientific Information System
UNL	University of Nebraska-Lincoln
Uofl	University of Louisville
UTHSC	The University of Tennessee Health Science Center
WMU	Western Michigan University
WVU	West Virginia University

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>2</b>	<b>QUADRO CONTEXTUALIZADOR DA PESQUISA .....</b>	<b>37</b>
2.1	A SOCIEDADE PÓS-MODERNA E OS DESAFIOS EDUCACIONAIS .....	37
2.2	AS BIBLIOTECAS, SEUS SIGNIFICADOS E SUAS COLEÇÕES NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE .....	50
<b>3</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....</b>	<b>65</b>
3.1	A TEORIA DA COMPLEXIDADE .....	65
3.2	A ANÁLISE DE DOMÍNIO .....	75
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS/ESTRATÉGIAS DA PESQUISA.....</b>	<b>89</b>
4.1	CARACTERIZAÇÃO, DIMENSÕES DE ANÁLISE E ETAPAS DA PESQUISA .....	89
4.2	A COLETA E A ANÁLISE DOS DADOS .....	94
<b>5</b>	<b>RESULTADOS: O DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES VISTO EM VÁRIAS DIMENSÕES.....</b>	<b>103</b>
5.1	DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA: análise de domínio e Teoria da Complexidade, aproximações e complementaridades .....	103
5.2	DIMENSÃO DO PENSAMENTO REGISTRADO: subsídios para desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias extraídos da literatura.....	115
5.2.1	Práticas do desenvolvimento de coleções.....	115
5.2.2	Estudos sobre a coleção em relação às necessidades da comunidade.....	120
5.2.3	Políticas de desenvolvimento de coleções .....	126
5.2.4	Formação e manutenção das coleções.....	129
5.2.5	Meios para aquisição de recursos informacionais .....	135
5.2.6	Avaliação da coleção.....	140
5.2.7	Cooperação e compartilhamento de recursos .....	148
5.2.8	Divulgação e atividades de interação.....	150

5.2.9	Tendências para o desenvolvimento de coleções .....	152
5.2.7	Síntese, considerações e subsídios .....	154
5.3	<b>DIMENSÃO DO PENSAMENTO INSTITUCIONALIZADO:</b> subsídios para o desenvolvimento de coleções extraídos das políticas de formação e desenvolvimento de coleções das bibliotecas universitárias brasileiras .....	159
5.4	<b>DIMENSÃO DO PENSAMENTO VIGENTE:</b> subsídios para desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias brasileiras, extraídos de falas dos gestores .....	180
5.5	<b>SÍNTESE COMPARATIVA DAS DIMENSÕES:</b> subsídios para a proposta de diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias .....	220
<b>6</b>	<b>PROPOSTA DE DIRETRIZES PARA O DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS .....</b>	<b>223</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>259</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>263</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>283</b>
	APÊNDICE A - LISTA DE ARTIGOS SELECIONADOS .....	285
	APÊNDICE B - FICHA DOCUMENTAL.....	293
	APÊNDICE C - QUESTÕES DA ENTREVISTA .....	295
	APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	297



## 1 INTRODUÇÃO

Vive-se em tempos de mudanças rápidas e intensas e de novos cenários no campo do saber. O modelo clássico de pensar o mundo apoiado no paradigma cartesiano e na lógica quantitativa, causal e linear não dá mais conta de explicar ou entender a realidade.

Santos (1994) identificou essa crise paradigmática, classificando-a como uma crise sem precedentes, pois difere de todas as outras anteriores. Segundo o autor, para além da crise de transição modelar há certamente outra insinuada, que é a crise societal. O novo e o desconhecido são marcas constantes e abrem novas possibilidades, expectativas e perplexidades, estabelecendo um rompimento com elementos estabelecidos e vigentes, tanto no que se refere à ciência quanto ao que diz respeito à sociedade.

Em contraposição à era moderna cujas características, segundo Nicolaci-da-Costa (2004, p.83), podem ser expressas pelas palavras:

ordem, progresso, verdade, razão, objetividade, emancipação universal, sistemas únicos de leitura da realidade, grandes narrativas, teorias universalistas, fundamentos definitivos de explicação, fronteiras, barreiras, longo prazo, hierarquia, instituições sólidas, claras distinções entre público e privado,

esses novos tempos foram denominados de pós-modernos<sup>1</sup> conforme difundido por Lyotard (1979). E, também, segundo Nicolaci-da-Costa (2004, p.84), suas características podem ser expressas pelas palavras:

globalização, comunicações eletrônicas, mobilidade, flexibilidade, fluidez, relativização, pequenos relatos, fragmentação, rupturas de fronteiras e barreiras, fusões, curto prazo, imediatismo, extraterritorialidade do poder, imprevisibilidade e consumo.

Bauman (2001), que denomina este período de modernidade líquida, explica essa transição de um período para outro por meio de um interessante jogo de palavras: a vida no período da Modernidade

---

<sup>1</sup> A expressão pós-moderno foi cunhada pelo historiador Antonio Toynbee conforme Connor (1993, p.57), mas passa a ser difundida nos moldes atuais a partir da 1ª edição da obra *A condição pós-moderna* de Lyotard publicada na França em 1979.

parecia pesada, sólida, condensada e sistêmica; hoje, em oposição, parece leve, fluida, líquida ou liquefeita, difusa ou capilar e opera em forma de rede.

Barbosa (2004, p. viii, xi) esclarece que “o cenário pós-moderno é essencialmente cibernético-informático e informacional” e a condição pós-moderna revela que “sem saber científico e técnico não se tem riqueza” Esse cenário e essa condição colocam as universidades em posição destacada por conta do papel e importância dessas instituições na sociedade.

No caso das universidades, a crise paradigmática fica evidenciada quando se compreende justamente essas instituições como geradoras de conhecimento científico e inovações ou formadoras de uma população mais educada, fatores esses essenciais ao desenvolvimento de um país. Os pilares que até então sustentaram esses processos baseados na razão, na lógica e na previsibilidade tornaram-se frágeis. A especialização e a fragmentação do conhecimento levaram a uma compreensão cada vez mais detalhada e profunda dos fenômenos, contudo isolada, o que tem impossibilitado a criação de uma visão de conjunto e uma compreensão abrangente de mundo. Almeida (2012, p.36) explica que

assumir uma atitude dialogal diante dos fenômenos e não uma postura estritamente analítica de dissecação do cadáver configura uma das tendências da ciência; aceitar o paradoxo, a incerteza e o inacabamento como propriedades dos fenômenos e do sujeito-observador, uma sugestão desafiadora; admitir que o erro parasita o ato de conhecer; que é tênue o limite entre realidade, ilusão e ficção, e que as interpretações e teorias são sempre mais, ou menos, do que os fenômenos aos quais se referem, configura hoje um estilo cognitivo em elaboração.

No Brasil, as universidades, apesar de instituídas tardiamente no território brasileiro<sup>2</sup>, consolidaram-se ao longo de sua trajetória como *locus* da produção científica nacional e formação de recursos humanos especializados.

---

<sup>2</sup> "Não há dúvida de que, se considerarmos a universidade como uma instituição específica da civilização ocidental, na forma em que se constituiu historicamente no contexto europeu, essa instituição não foi, ao longo do período colonial, implantada em nossas terras". [...] "A primeira instituição que assumiu, entre nós, de forma duradoura, essa denominação foi a Universidade do Rio de Janeiro, criada em 1920, pelo governo federal". (MENDONÇA, 2000, p.132, 136).

Nas universidades, as atividades se transformam em resposta às alterações na pesquisa e na transmissão do conhecimento em decorrência das tecnologias, à legitimação pelo desempenho e ao reconhecimento do conhecimento como força econômica de produção (LYOTARD, 2004). Os desafios do cenário pós-moderno estão em lidar com diferentes culturas (GADOTTI, 1993), afinal todas as tradições têm alguma validade (JENCKS, 1989), com a aprendizagem em diferentes ambientes (BEILLEROT, 1985), com a ascensão do conhecimento para uso imediato, com a impossibilidade de consolidação de qualquer coisa por algum tempo, pois tudo é transitório e há a necessidade de a educação e a aprendizagem ocorrerem ao longo da vida (BAUMAN, 2002).

As universidades federais brasileiras assumem, como escopo de sua atuação, o ensino, a pesquisa e a extensão. Para dar conta dessas atividades dispõem de bibliotecas como parte importante de uma infraestrutura e um sistema de comunicação científica maior. As bibliotecas, em geral, também passam por um momento de desafios, procuram encontrar equilíbrio entre as técnicas tradicionais de organização e as voltadas para novas tecnologias, entre fornecer informação em papel e informação digital e virtual, entre disponibilizar a informação e propiciar o acesso à informação. Enfim, como registra Castro (2006, p.1), significa “navegar pelo novo sem renegar ou relegar ao esquecimento as marcas do passado”.

O termo *biblioteca* pode designar “o compartimento para um livro, o lugar de depósito dos livros, o lugar onde se põem, depositam, deixam repousar, o lugar onde se guardam em depósito ou armazenam os livros” (DERRIDA, 2004, p. 21), por outro lado pode nomear o lugar que coloca materiais informacionais de diferentes formatos “à disposição dos usuários”, tornando-se “um espaço de trabalho, de leitura e de escrita” (DERRIDA, 2004, p. 22). Pensar a biblioteca e sua coleção é também pensar na tensão entre “reunir e dispersar” (CHARTIER, 1999, p.115), entre inércia e movimento (DERRIDA, 2004). As bibliotecas, como instituição, resultam do

cruzamento paradoxal de um projeto utópico (fazer coexistir num mesmo espaço todos os vestígios do pensamento humano confiados à escrita) com as restrições técnicas, ergonômicas, políticas de conservação, de seleção, de classificação e de comunicação dos textos, das imagens e, hoje, dos sons. É também, e simultaneamente, um desígnio intelectual, um projeto, um conceito imaterial que dá sentido e profundidade às práticas de leitura,

de escrita e de interpretação (JACOB, 2008a, p. 10).

Os estudos e as reflexões sobre as bibliotecas e suas coleções podem seguir vários caminhos, como, por exemplo: a relação entre conhecimento e coleção; a coleção e sua potencialidade narrativa; a coleção como representação de posse e de valor; a coleção e seu caráter (auto)biográfico; a coleção como tentativa de ordenar o mundo; a coleção constituindo um lugar de memória (MOREIRA, 2012).

Nesta pesquisa, as reflexões são encaminhadas tendo por base o pressuposto de que é indispensável que as bibliotecas e suas coleções assumam um papel ativo no processo educacional na pós-modernidade. Como também, que as coleções em bibliotecas de instituições de ensino superior, em particular, subsidiem diversas funções nesse contexto, além de atuar no necessário apoio ao ensino, pesquisa e extensão vigentes na universidade, atuem como centros de informação para o aprendizado autônomo e, também, como lugares de memória científica da humanidade. Por coleção<sup>3</sup> em bibliotecas, nesta pesquisa, denomina-se o conjunto de materiais (impressos, filmes, microfimes, discos, vídeos e semelhantes) selecionados e organizados para fins de estudo e/ou pesquisa e/ou leitura geral (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

O título desta tese *O desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias na perspectiva dos desafios da pós-modernidade: diretrizes sob o olhar da Teoria da Complexidade e da Análise de Domínio* indica claramente o direcionamento da presente pesquisa. O fio condutor desta pesquisa flui da convicção de que é preciso perceber o objeto de estudo de forma multidimensional em lugar de se adotar uma percepção reducionista e cartesiana, trata-se da intenção de pensar dialogicamente o processo do desenvolvimento de coleções (DC) em bibliotecas universitárias considerando que esse pode ser constituído, modificado, destruído e regenerado a partir de princípios e forças contrárias.

Como justificativa para a escolha do tema desta pesquisa, elenca-se o fato de que, embora as concepções da sociedade pós-moderna revelem a proeminência do sistema de transmissão do conhecimento e da aprendizagem orientados pela tecnologia, as bibliotecas continuam providenciando “um contexto intelectual para

---

<sup>3</sup> Como se constatou que falta consenso na literatura quanto às diferenças no uso dos termos coleção e acervo, nesta pesquisa optou-se pelo uso do termo coleção ou coleções no plural na acepção indicada acima no texto.

a guarda, preservação e troca de conhecimento” e a modernização da infraestrutura das instituições de ensino superior não deve descartar “a preservação das tradições institucional e acadêmica, inclusive as propriedades físicas e coleções, que em muitos casos representam uma parte da herança nacional e universal e da herança arquitetural” (UNESCO, 1999, p. 73-74). A pesquisa também se justifica pela possível contribuição do enfoque dado ao tema e das reflexões aqui apresentadas aos cursos de Biblioteconomia, para que docentes possam também refletir quanto ao conteúdo programático da disciplina Formação e Desenvolvimento de Coleções e quanto à formação de estudantes dessa área. Igualmente, espera-se que os resultados possam trazer perspectivas diferentes para a prática de profissionais bibliotecários, especialmente, dos que atuam e gerenciam o processo de desenvolvimento de coleções e dos gestores de bibliotecas universitárias no país.

As instituições acadêmicas criam e consomem informação e as bibliotecas desempenham um papel fundamental nesse cenário, asseguram à comunidade a continuidade de acesso aos recursos informacionais que sustentam a aprendizagem e a pesquisa (HAZEN, 2010).

Burke (2012, p.141, grifo do autor), evocando Michel Foucault, que costumava reafirmar que saber é poder, e o conceito de reciclagem (reemprego) do conhecimento de Certeau, argumenta que “as inovações intelectuais, como as tecnológicas, são em sua maioria adaptações criativas de ideias ou artefatos anteriores, e assim a chamada *originalidade* é mais relativa do que absoluta”. Então, segundo esse autor, para que se possa “empregar o conhecimento ou agir com base nele” (BURKE, 2012, p.141), é preciso que existam lugares, tais como as bibliotecas, nos quais esse conhecimento possa ser recuperado.

As bibliotecas lidam com o grande volume de publicações disponíveis, com a atualização cada vez mais rápida das informações, variadas demandas e ao mesmo tempo enfrentam dificuldades orçamentárias para o desenvolvimento de coleções. Por isso, nessa instituição está sempre presente a necessidade de adoção de estratégias para o planejamento e o desenvolvimento de coleções. Tradicionalmente, o desenvolvimento de coleções ainda é visto predominantemente de forma linear. Conforme expresso por Johnson (2014) é um processo reflexivo para formação de coleções em bibliotecas e abrange várias atividades, incluindo a seleção de materiais, elaboração da política, avaliação das necessidades da comunidade de usuários reais e potenciais, gestão do orçamento,

identificação das necessidades da coleção, sensibilização e interação com a comunidade de usuários, planejamento para o compartilhamento de recursos e negociação dos contratos acerca dos recursos eletrônicos. Também está relacionado às atividades de gestão da coleção, que envolvem decisões sobre desbaste, cancelamento de assinaturas, armazenamento e preservação, e estudos de uso e avaliação de custo/benefício.

As restrições financeiras têm impacto direto nos investimentos feitos nas bibliotecas universitárias e na formação das suas coleções. De acordo com parágrafo primeiro do artigo 211 da Constituição Federal, as universidades federais brasileiras são financiadas pela União<sup>4</sup>; e segundo consta no artigo 212, os recursos aplicados na manutenção e desenvolvimento do ensino são provenientes de impostos<sup>5</sup> (BRASIL, 1988). Todavia, historicamente, as universidades federais brasileiras lidam com restrições orçamentárias impostas pelos sucessivos governos, dificultando a manutenção das suas atividades (SOARES et al., 2009).

A preocupação com questões econômicas e com o alcance de metas definidas trouxe grande influência dos estudos de planejamento e administração para o desenvolvimento de coleções. Há o aumento no controle do crescimento e no rigor na seleção das coleções, com o objetivo de evitar o abarrotamento de materiais com informações redundantes, preocupação essa predominante nas bibliotecas acadêmicas e universitárias (VERGUEIRO, 1993). Somando-se aos fatores expostos, a tendência para o acesso a documentos eletrônicos e o espaço físico limitado estão levando as bibliotecas universitárias a mudarem a sua filosofia de desenvolvimento de coleções, em vez de manter uma grande coleção para suprir demandas potenciais, os documentos passaram a ser adquiridos quando demandados pelos usuários (CUNHA, 2010).

Pautar o desenvolvimento de coleções baseado prioritariamente na satisfação do usuário e no consumo imediato da

---

<sup>4</sup> No primeiro parágrafo do Art. 211 consta que "A União organizará o sistema federal de ensino e o dos territórios, financiará as instituições de ensino públicas federais e exercerá, em matéria educacional, função redistributiva e supletiva, de forma a garantir equalização de oportunidades educacionais e padrão mínimo de qualidade do ensino mediante assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios" (BRASIL, 1988).

<sup>5</sup> No Art. 212 consta que "A União aplicará, anualmente, nunca menos de dezoito, e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios vinte e cinco por cento, no mínimo, da receita resultante de impostos, compreendida a proveniente de transferências, na manutenção e desenvolvimento do ensino" (BRASIL, 1988).

informação pode ser limitador, tornando as coleções um conjunto de obras que atende às solicitações cotidianas de usuários e, especificamente, no caso da biblioteca universitária, leva ao risco de transformá-la em um banco de obras mais usadas, constantes das bibliografias básicas das disciplinas ofertadas em seu âmbito. Os dados de uso e de demandas informacionais dos usuários são importantes indicadores para a formação de coleções, mas, se considerados em uma perspectiva micro, podem tornar a coleção muito restrita, isto é, que esse processo não consiga que a coleção retrate a pluralidade de visões de mundo e a diversidade do conhecimento produzido em vários campos do saber e áreas de atuação da instituição. Essa condição pode ocasionar que as bibliotecas deixem de lado o seu importante papel como espaço intelectual de contradição e como instituição de preservação da memória e do conhecimento produzido pela humanidade.

É indispensável que na formação de bibliotecas e de suas coleções 'sejam levados em conta a produção e o uso da informação em uma perspectiva social, considerando os usuários como parte de comunidades discursivas que têm diferentes culturas, estruturas sociais e domínios de conhecimento, e que suas necessidades de informação são influenciadas por aspectos sociais, históricos e epistemológicos. Logo, é imprescindível que as coleções ultrapassem expectativas de demandas imediatas, proporcionem acesso a um leque de múltiplas possibilidades de informação, ofereçam ao usuário o que ele não imaginou demandar e, desse modo, possam ampliar os seus horizontes informacionais.

O que se advoga, nesta tese, é que uma biblioteca no âmbito de uma universidade e sua coleção coloquem a disposição dos seus usuários, um amplo horizonte de conhecimentos e visões de mundo, sejam um elo com a história da humanidade e um trampolim para a aprendizagem e a elaboração de outros conhecimentos. Naudé (1627, p. 31), na sua visão idealista, já alertava que uma biblioteca aberta ao público deveria ser universal, no sentido de que deveria conter em sua coleção "todos os principais autores que tivessem escrito sobre grande diversidade de temas específicos", enfim defendia a representação de diferentes correntes de pensamento em uma biblioteca.

Esse desígnio, muitas vezes, pode ser abalado por ações, recorrentes nas bibliotecas, derivadas da preocupação com a "enxurrada de novos títulos, que agrava o problema de espaço para novas aquisições" (BURKE, 2012, p. 190). Algumas bibliotecas optam por "*dar baixa* nos livros, eufemismo recente que significa desfazer-se deles"; outras "banem os livros menos úteis para porões

ou depósitos *fora do local*, um semialojamento ou limbo intelectual, inacessível ao público, mas ainda não na lata do lixo” (BURKE, 2012, p. 190, grifo do autor). Burke (2012, p.188) alerta que, embora o descarte possa ser “desejável ou mesmo necessário, pelo menos até certo ponto”, não se pode “esquecer as perdas que acompanham os ganhos”, o descarte, inclusive em razão de obsolescência do conhecimento, pode ser visto “como uma forma de destruição criativa”.

Outras questões emergem dessas ações para as bibliotecas, expressas em como encontrar o equilíbrio no desenvolvimento de suas coleções, significando incorporar e preservar autores clássicos, cujas obras nunca terminaram “de dizer aquilo que tinham para dizer” (CALVINO, 1995, p. 11), obras que, quanto mais se pensa “conhecer por ouvir dizer, quando são lidas de fato mais se revelam novas, inesperadas, inéditas” (CALVINO, 1995, p 12) e que chegam até o leitor “trazendo consigo as marcas das leituras que as precederam e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)” (CALVINO, 1995, p. 11), ao lado de autores de obras de “conhecimentos úteis”<sup>6</sup> (BURKE, 2012, p.147), impregnados de atualidade e demanda.

A presente pesquisa foi tramada com base em algumas premissas. Em primeiro lugar, defende-se que na sociedade pós-moderna as bibliotecas universitárias realcem o seu papel como centros do saber e, assim, tenham *boas coleções* em relação aos conteúdos e que incluam *obras clássicas* tanto como *obras úteis*, de modo que possam ampliar o seu escopo de atuação sem ofuscar sua missão tradicional de subsidiar o ensino, a pesquisa e a extensão desenvolvidos em seu âmbito; em segundo lugar, que sua coleção resulta de planejamento no seu desenvolvimento e manutenção, “afinal toda biblioteca, como todo museu, escolhe, esquece, classifica, arquiva, celebra” (ACHUGAR, 1994, p. 14) e “toda biblioteca é, necessariamente, uma criação incompleta, uma obra em curso – toda estante vazia é um anúncio de livros por vir” (MANGUEL, 2006, p. 75). Cada biblioteca tem seu horizonte ideológico que “permite tanto a leitura como o esquecimento; o silêncio como a voz” (ACHUGAR, 1994, p. 19); e, ainda, “uma biblioteca, seja qual for seu tamanho, não precisa ser lida por inteiro

---

<sup>6</sup> Na acepção do autor citado seria o conhecimento usável, no caso desta pesquisa, considera-se conhecimentos úteis aqueles contidos em obras que dão sustentação aos planos de ensino nas universidades, por isso têm altos índices de uso e circulação nas bibliotecas.



para ser útil; todo leitor tira proveito de um sábio equilíbrio entre conhecimento e ignorância, lembrança e esquecimento” (MANGUEL, 2006, p. 210). Enfim, acredita-se que o desenvolvimento de coleções de uma biblioteca é um projeto intelectual de longo prazo.

Atender às demandas informacionais da comunidade da universidade, incorporando recursos tecnológicos e, ao mesmo tempo, preservar o conhecimento institucional e a memória científica da humanidade, buscando igualmente atuar como centro de informação para o aprendizado, são desafios que estão postos.

Assim, esta pesquisa encaminhou-se para pensar sobre como poderiam ser tecidas diretrizes para guiar o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias com fios distintos que pudessem representar um olhar mais complexo, flexível e múltiplo para esse objeto de estudo. Buscou-se, dessa maneira, aporte teórico no pensamento complexo (MORIN, 1989, 1999, 1997, 2001, 2002a, 2003a, 2003b, 2005, 2010, 2011) e no paradigma social da Ciência da Informação (CI), mais especificamente na análise de domínio (AD) (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995; HJØRLAND, 2002a, 2002b, 2004b). Inspirada nos fundamentos do pensamento complexo, buscou pensar essa questão sob várias dimensões, e pela análise de domínio buscou introduzir diretrizes para o desenvolvimento de coleções numa perspectiva social, considerando as comunidades discursivas no âmbito da universidade.

As bases do pensamento complexo possibilitam oferecer caminhos para que as diretrizes para formação das coleções considerem múltiplas dimensões, contrapondo noções antagônicas, isso porque “a desordem, o obscurecimento, a incerteza, a antinomia, fecundam um novo tipo de compreensão e de explicação, o do pensamento complexo” (MORIN, 1997, p. 344).

Por outro lado, considera-se que a participação do sujeito no processo de conhecer é fundamental na Complexidade, pois anular o sujeito e desarticular a sua experiência é mutilador. A Complexidade considera o indivíduo em suas relações com a sociedade e essa compreensão também está expressa no paradigma social da Ciência da Informação, que leva em conta a influência das dimensões sociais, históricas e culturais no sujeito que produz e utiliza a informação. É nesse sentido que Hjørland e Albrechtsen (1995) desenvolveram o paradigma social-epistemológico chamado análise de domínio, no qual o estudo de campos cognitivos está em relação direta com as comunidades discursivas, isto é, com distintos grupos sociais e de trabalho que

constituem uma sociedade (CAPURRO, 2003). A análise de domínio servirá, no caso desta pesquisa, às vezes de modo afinado, às vezes como olhar complementar em relação à Teoria da Complexidade, conforme as aproximações e complementaridades levantadas no decorrer da pesquisa.

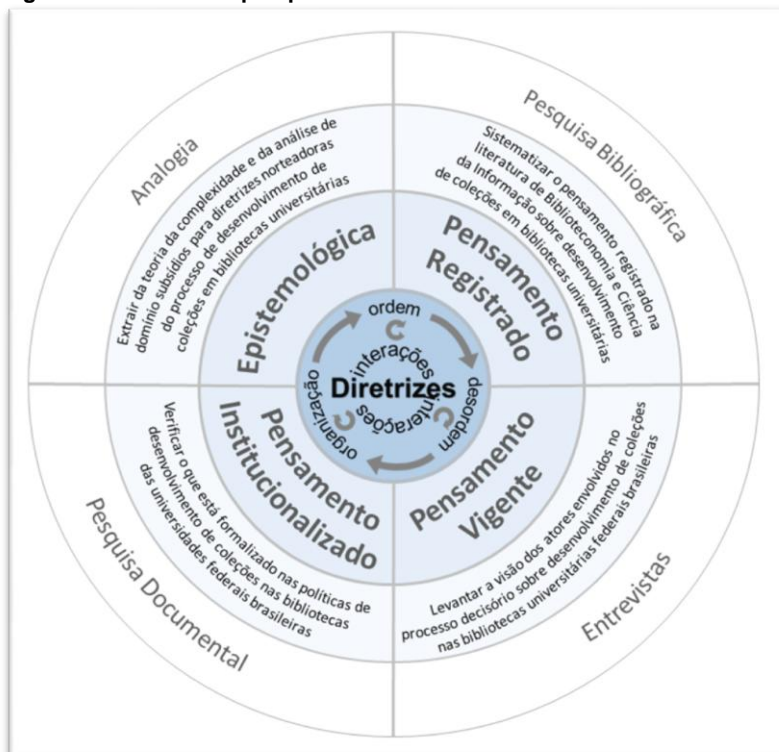
Diante do cenário exposto, a questão que norteia a pesquisa é: Com base na Teoria da Complexidade e na análise de domínio é possível traçar diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias de forma a enfrentar os desafios da pós-modernidade? Para viabilizar a reflexão dessas questões e suas possíveis respostas, o objetivo geral foi definido como propor diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias inspiradas na Teoria da Complexidade e na análise de domínio.

Para atingir tal objetivo, a pesquisa desenvolvida contou com quatro dimensões de análise, que foram aqui denominadas de epistemológica, do pensamento registrado, do pensamento institucionalizado e do pensamento vigente. A dimensão epistemológica teve os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa como fonte de dados, isto é a revisão realizada sobre a Teoria da Complexidade e a análise de domínio, buscando, via analogia, aproximações e complementaridades para extrair subsídios que pudessem introduzir a perspectiva social da Ciência da Informação na formulação das diretrizes almejadas na pesquisa realizada. A dimensão do pensamento registrado teve a pesquisa bibliográfica como fonte de dados e buscou detectar o pensamento presente na literatura internacional sobre o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. O pensamento institucionalizado foi detectado por meio de pesquisa documental realizada nas políticas de desenvolvimento de coleções das bibliotecas universitárias federais brasileiras. E a dimensão do pensamento vigente teve como fonte de dados a entrevista, e visou capturar como os gestores desse processo nas bibliotecas universitárias percebem a formação e o desenvolvimento de coleções em suas organizações. Cabe ressaltar que as designações das dimensões foram estabelecidas a partir do olhar da pesquisadora e, portanto, limitadas a compreensão dos rótulos conforme definidos acima, apenas com a finalidade de nortear esta investigação, nesses aspectos.

Os dados dessas dimensões de análise constituíram a mandala da pesquisa (Figura 1), que está diretamente relacionada aos objetivos específicos e ao caminho e às estratégias metodológicas da pesquisa. Cabe esclarecer que, embora sejam

dimensões de análise distintas, buscou-se entrelaçá-las, imbricá-las sempre que possível como parte da tessitura das diretrizes, visando romper com a ideia de causalidade e organização linear.

**Figura 1 - Mandala da pesquisa**



Fonte: elaborada pela autora.

Os conhecimentos obtidos em cada dimensão não se somaram linearmente, mas sempre que pertinentes foram inter-relacionados. As diretrizes foram delineadas considerando as interações entre as dimensões de análise, inspirada na ideia do movimento espiral do turbilhão (MORIN, 1997), que surge a partir de fluxos antagonísticos que interage um sobre o outro e “se combinam mutuamente num anel que retroage enquanto todo sobre cada momento e elemento do processo” (MORIN, 1997, p. 173). Com base no pensamento complexo, “toda a explicação, em vez de ser reducionista/simplificadora, deve passar por um jogo

retroativo/recorrente que se torna gerador de saber” (MORIN, 1997, p. 346).

Como dito acima, os objetivos específicos estão diretamente relacionados às dimensões de análise e são: extrair da Teoria da Complexidade e da análise de domínio subsídios para diretrizes norteadoras do processo de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias; sistematizar o pensamento registrado na literatura de Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) sobre o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias; verificar o que está formalizado nas políticas de desenvolvimento de coleções (PDC) nas bibliotecas das universidades federais brasileiras; levantar a visão dos atores envolvidos no processo decisório sobre o desenvolvimento de coleções em suas bibliotecas universitárias.

Os dados obtidos nas dimensões mencionadas forneceram subsídios, ou, na perspectiva adotada nesta pesquisa, foram tecidos na composição da proposta de diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias.

Em relação à estrutura, esta tese tem sete seções. Além da introdução, com as justificativas e os objetivos, apresentaram-se a contextualização da pesquisa, a fundamentação teórico-metodológica, os procedimentos metodológicos, os resultados alcançados, a proposta de diretrizes e as considerações finais. O quadro contextualizador da pesquisa foi dividido em duas abordagens: A sociedade contemporânea e os desafios educacionais, na qual se procura mostrar as visões de mundo vigentes e as demandas que emergem, dando ênfase para o papel das universidades nesse contexto; e As bibliotecas e suas coleções, enfoque que procura situá-las na história da humanidade. O embasamento teórico-metodológico também apresentou duas abordagens: a Teoria da Complexidade e a análise de domínio. O desenvolvimento de coleções foi tratado de forma multidimensional, por isso, a Teoria da Complexidade foi explicitada detalhadamente e a análise de domínio serviu de embasamento do paradigma social e entendimento de que a informação é produzida e utilizada no âmbito de comunidades discursivas nas universidades. Os procedimentos metodológicos, abarcando diferentes estratégias de pesquisa, foram detalhados. Os resultados obtidos nas quatro dimensões de análise foram apresentados nas seguintes perspectivas: a busca de possíveis aproximações e complementaridade entre a Teoria da Complexidade e a análise de domínio, a literatura sobre o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias, o pensamento institucionalizado nas políticas de desenvolvimento de coleções e o pensamento vigente dos profissionais envolvidos com o processo de desenvolvimento de coleções. E, por fim, foi apresentada a proposta de diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. As considerações finais trazem reflexões sobre a pesquisa realizada. No final do documento, foram apresentados elementos complementares ao texto, como as referências e os apêndices.

Cabe esclarecer que esta é uma pesquisa qualitativa, paulatinamente construída e desenvolvida para que, dos processos de análise empreendidos nas diferentes dimensões, emergissem subsídios para elaboração de diretrizes para políticas de desenvolvimento de coleções. A pesquisa buscou, via emaranhado e interações desses subsídios, associar ordem, desordem, e

organização, elementos esses concebidos juntos e, ao mesmo tempo, vistos de forma complementar, concorrente e antagônica, nos moldes da Teoria da Complexidade de Morin (1989, 1997, 1999, 2002a, 2001, 2003a, 2003b, 2005, 2010, 2011). As dimensões analisadas (epistemológica, pensamento registrado, pensamento institucionalizado e pensamento vigente) foram os fios que permitiram entrelaçar a trama da reflexão realizada, que mobilizaram o pensar e participaram na formação das diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias, que se pretendeu pensar de forma aberta e, oxalá, inovadora.

## 2 QUADRO CONTEXTUALIZADOR DA PESQUISA

Esta pesquisa tratou do desenvolvimento de coleções diante dos dilemas da pós-modernidade e à luz da Teoria da Complexidade e da análise de domínio. Essa visão pressupôs que as bibliotecas estão inseridas em um ambiente turbulento, instável e mutável que requer constantes adaptações, principalmente, porque são instituições voltadas para comunidades de usuários que possuem aspectos cognitivos e socioculturais a ser considerados. Esses fatores podem ser vistos como desalentadores e desafiantes, mas, também, como se propôs nesta pesquisa, podem acentuar a função dessas organizações nas universidades com a participação mais ativa nos processos de aprendizagem e na formação de pessoas.

No contexto em que o tema está colocado, compreender o cenário em que a questão de pesquisa está inserida evidencia a necessidade de se discorrer de forma reflexiva sobre os desafios educacionais, em especial das universidades, focando a explanação na perspectiva da pós-modernidade. Do mesmo modo, impõe-se a necessidade de colocar o foco nas bibliotecas e suas coleções ao longo do tempo, para que se complemente essa compreensão, como pano de fundo importante para o desenvolvimento e entendimentos requeridos nesta pesquisa.

### 2.1A SOCIEDADE PÓS-MODERNA E OS DESAFIOS EDUCACIONAIS

No final do século XX, muitos estudiosos chegaram à conclusão de que outra era despontava e levava a sociedade ao distanciamento da era da Modernidade, visto que tanto progresso e tanta racionalidade causaram o desencantamento com o mundo. Para denominar essa era, vários termos foram cunhados para caracterizar a transição. Alguns deles referiam-se à emergência de um novo tipo de sistema social (por exemplo, sociedade de informação e sociedade de consumo) e, considerando que esse período indicava um encerramento, mais do que um estado de coisas precedentes, muitos autores preferiram denominar esse período de pós-modernidade, pós-modernismo, sociedade pós-industrial, e assim por diante (GIDDENS, 1991). Na concepção desta pesquisa, entendeu-se a sociedade contemporânea como uma sociedade pós-moderna, visto que o termo *pós-modernidade*

“acolhe em seu generoso abraço todas as formas de mudança – cultural, política e econômica” da vida da humanidade (KUMAR, 1997, p. 15), conseqüentemente, incorporando elementos das outras designações. A pós-modernidade pode ser caracterizada como um movimento de reação aos ideais da Modernidade, em função da perda de otimismo e confiança nesses ideais, e da descrença acerca de teorias, narrativas e ideologias que buscavam colocar o conhecimento em um único sistema. Para o entendimento do que se denomina como pós-modernidade optou-se, nesta pesquisa, inicialmente por mostrar o que alguns autores ligados a essa temática designaram como pós-modernidade.

A concepção de sociedade pós-moderna foi difundida amplamente na década de 70 do século XX a partir da obra de Lyotard, que abordou a situação do saber nas sociedades mais desenvolvidas. De tal maneira, tratou a pós-modernidade como uma mudança na condição humana (ANDERSON, 1999). O autor buscou situar o conhecimento científico na condição pós-moderna, utilizando tal denominação para designar “o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX” (LYOTARD, 2004, p. xv).

Para Lyotard (2004), na pós-modernidade o conhecimento torna-se a principal força econômica de produção, ao mesmo tempo em que perde as suas legitimações tradicionais. A pós-modernidade é marcada pela “incredulidade em relação aos metarrelatos”, decorrência do reconhecimento da contradição dos jogos de linguagem, pois não há um discurso único e total que abarque todas as explicações e todo o conhecimento. Também há uma mercantilização do saber, o conhecimento é transformado em mercadoria produzida e comercializada, que confere poder àqueles que o produzem e o detêm (LYOTARD, 2004, p. xvi). Lyotard (2004), reconhecendo a insuficiência dos metarrelatos e do consenso como critério de validação do discurso científico pós-moderno, critica a legitimação pelo desempenho, e apresenta um modelo de legitimação pela paralogia<sup>7</sup>, admitindo a imprevisibilidade, a contradição e a diferença.

---

<sup>7</sup> Paralogia “é um lance de importância muitas vezes desconhecida de imediato, feito na pragmática dos saberes” (LYOTARD, 2004, p. 112). Assim, coloca ênfase no dissentimento, pois as pesquisas construídas sob um paradigma tendem à estabilização, e é preciso desarranjar a ordem da razão, é preciso uma desestabilização para que surjam novas regras para o jogo de linguagem científico e até um novo campo de pesquisa. (LYOTARD, 2004). Ou seja, reconhece a importância de o conhecimento considerar anomalias e construir novos conceitos e campos científicos.



O termo *pós-modernidade*, segundo Eagleton (1998, p.7), refere-se ao período histórico em que existe uma linha de pensamento que coloca em dúvida as

noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação.

Assim, o mundo é visto “como contingente, gratuito, diverso”, gerando, conseqüentemente, “um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e a coerência de identidades”. Tudo isso, segundo esse autor, foi gerado por outra forma de capitalismo que torna o “mundo efêmero e descentralizado da tecnologia, do consumismo e da indústria cultural” e nesse mundo ganham destaque as indústrias de serviços, finanças e informação, em detrimento da “produção tradicional, e a política clássica de classes cede terreno a uma série difusa de *políticas de identidade*” (EAGLETON, 1998, p.7, grifo do autor).

Embora não exista consenso de que a pós-modernidade signifique o fim da Modernidade, Vattimo (2002, p.77), considera que esse período representa uma descontinuidade dos valores e crenças da sociedade moderna, evidenciada quando não foi possível “falar da história como algo unitário e quando morre o mito do progresso”, ocasionando “uma onda de comportamentos e de atitudes irracionais e desencantados em relação à política e o crescimento do ceticismo face aos valores fundamentais da modernidade”.

Essa conjuntura tem gerado muitas incertezas e, nessa perspectiva, Jencks (1989, p. 7) explica que a era pós-moderna é um:

tempo de opção incessante. É uma era em que nenhuma ortodoxia pode ser adotada sem constrangimento e ironia, porque todas as tradições aparentemente têm alguma validade. Esse fato é em parte consequência do que se denomina de explosão de informações, do advento do conhecimento organizado, das comunicações mundiais e da cibernética. Não são apenas os ricos que se tornam colecionadores, viajantes ecléticos no tempo, com uma superabundância de opções, mas quase todos os habitantes das cidades. O pluralismo, o “ismo” de nossa época, é, ao mesmo tempo, o grande problema e a grande oportunidade [...]

Na pós-modernidade, a “fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais, totalizantes”, segundo Harvey (1993, p.19, grifo do autor), levam à “mudança na estrutura do sentimento”, marcados, por exemplo, pela redescoberta do pragmatismo na filosofia de Rorty<sup>8</sup>, mudanças na filosofia da ciência propostas por Kuhn<sup>9</sup> e pelas revolucionárias teorias da catástrofe<sup>10</sup> e do caos<sup>11</sup> que levaram a ética, a política e a antropologia para emergência de uma nova subjetividade em que há uma ampla mudança na valorização da preocupação com “a validade e a dignidade do *outro*”. No discurso cultural, a heterogeneidade e a diferença são as novas forças libertadoras.

Assim, a sociedade contemporânea foi marcada pelo fim dos padrões, da estabilidade, da segurança e das certezas. Vive-se no tempo da indefinição, do medo e da insegurança (BAUMAN, 2001). A vida na pós-modernidade abandona os tipos tradicionais de ordem social, rompe com a ideia de verdade. O saber é permeado pela dúvida, suspeita e pela falta de verdades absolutas. O conhecimento é construído com base na problemática e há uma incitação para a dúvida.

Muitos pensadores da pós-modernidade estão fascinados, segundo Harvey (1993, p. 53), pelas “possibilidades da informação, da produção, análise e transferência de conhecimentos”. Para Lyotard (2004), por exemplo, as tecnologias que proporcionam a produção, a disseminação e o uso do conhecimento são destacadas como uma importante força de produção e, em decorrência, esse autor reconhece que parte das mudanças da sociedade contemporânea advém de mudanças nas condições técnicas. O saber mudou de estatuto quando as sociedades entraram na idade dita pós-industrial e as culturas na idade dita pós-moderna, o que

---

<sup>8</sup> Em 1979, Richard Rorty publica *Philosophy and the mirror of nature*, livro que constitui um marco da deselaboração da filosofia analítica e do ressurgimento do pragmatismo (POGREBINSCHI, 2006).

<sup>9</sup> Em 1962, Thomas Kuhn publica *A Estrutura das Revoluções Científicas*, uma análise sobre a história da ciência. Para o autor toda ciência madura atravessa dois estágios, um aparentemente estável, a ciência normal, e outro completamente instável, imprevisível e revolucionário, a ciência extraordinária, que modificará todas as regras do antigo paradigma e introduzirá um novo modelo (KUHN, 2003).

<sup>10</sup> Os trabalhos de René Thom interrogam diretamente a noção de sistema (LYOTARD, 2004). A teoria das catástrofes visa explicar o desaparecimento de um equilíbrio e o estabelecimento de outro consecutivo na sequência de uma modificação gerada por uma catástrofe.

<sup>11</sup> Teoria do caos refere-se a uma interconectividade entre fatos aparentemente aleatórios. A ciência do caos enfoca matizes, padrões ocultos, a “sensibilidade” das coisas e as “regras” que regem os meios pelos quais o imprevisível causa o novo.

ocorreu no século XX. A incidência das informações tecnológicas sobre o saber afetaram a pesquisa e a transmissão de conhecimento (LYOTARD, 2004). As transformações culturais e o impacto das tecnologias levaram a modificações nos estatutos da ciência e da universidade, impulsionadas pelo impacto das transformações tecnológicas (BARBOSA, 2004), pois a

multiplicação de máquinas informacionais afeta e afetará a circulação dos conhecimentos, do mesmo modo que o desenvolvimento dos meios de circulação dos homens (transporte), dos sons e, em seguida, das imagens (media) o fez (LYOTARD, 2004, p. 4).

No ensino superior, como argumenta Lyotard (2004, p.91), “o essencial do transmissível é constituído por um estoque organizado de conhecimentos”, logo, as novas técnicas aplicadas a esse estoque terão “incidência considerável sobre o suporte comunicacional”, considerando-se que

os conhecimentos são traduzíveis em linguagem informática, e enquanto o professor tradicional é assimilável a uma memória, a didática pode ser confiada à máquinas articulando as memórias clássicas (bibliotecas, etc.) bem como os bancos de dados e terminais inteligentes colocados à disposição dos estudantes (LYOTARD, 2004, p. 92).

Cabe ressaltar que a competência almejada “não se resume em se ter uma boa memória ou numa boa capacidade de acesso a memórias-máquinas” e sim está na “capacidade de atualizar os dados pertinentes para o problema e resolver *aqui* e *agora* e de ordená-los numa estratégia eficiente” (LYOTARD, 2004, p. 93, grifo do autor).

Nestes tempos, a vida das pessoas e, principalmente, a forma como as pessoas aprendem foram transformadas. Segundo Pourtois e Desmet (1999) trata-se de uma nova realidade em que o universo social, cultural e pedagógico para ser coerente e integrador tem que ser capaz de acolher ao mesmo tempo a razão e o ser, a racionalização e a subjetivação. Também requer que se leve em conta o caráter instável do conhecimento e que a convivência com as incertezas é regra, tudo fica na dependência da mediação entre fatos contraditórios e as descobertas são realizadas via integração e articulação de saberes. O sistema de pensamento almejado é o sustentado pela integração e pela complexidade.

A aprendizagem tem ultrapassado o ambiente educacional e ocorre em diversos contextos, inclusive na Internet. Com base nessa ideia, Beillerot (1985) usou a expressão *sociedade pedagógica* para designar esse fenômeno, considerando a interface educativa presente nas dinâmicas das relações sociais do mundo contemporâneo. Para Beillerot (1985), nessa *sociedade pedagógica* os espaços pedagógicos foram ampliados e existem instâncias privadas ou públicas que estão empenhadas em fazer pedagogia. Ao lado das instâncias tradicionais como as escolas e as famílias e, diante da necessidade de formar os indivíduos para toda a vida, outras instituições têm acentuado seu papel nesse processo, como, por exemplo, as empresas, os sindicatos, as associações de classe e, por certo, as bibliotecas, os museus e as mediatecas. As dinâmicas de desenvolvimento econômico e político da sociedade serviram de base para a elaboração de uma cultura de uso dos saberes que alargou o escopo dos fins e dos meios educacionais, assim as práticas pedagógicas passam a extrapolar o ambiente escolar tradicional e estão presentes em diferentes espaços. A ação pedagógica está no centro de um complexo desenvolvimento social e tecnológico, no qual as relações sociais assumem formas de relações pedagógicas.

A aprendizagem, ou seus diferentes tipos, torna-se a essência da universidade contemporânea. O crescimento acelerado do conhecimento e sua rápida obsolescência, o deslocamento do sistema escolar como único supridor de educação, o advento da escola paralela da mídia de massa, a disseminação rápida da informação com modernos recursos tecnológicos modificam o modelo pedagógico e o papel do docente (BERNHEIM; CHAUI, 2008, p. 33).

O desafio já vislumbrado por Teixeira (1963, p.19), seria

conseguir que todos os homens adquiram a disciplina intelectual de pensamento e estudo que, no passado, conseguimos dar aos poucos especialistas dotados para essa vida intelectual. O conhecimento e a vida adquiriram complexidade tamanha que só uma autêntica disciplina mental poderá ajudá-lo a se servir da ciência, a compreender a vida em sua complexidade e amplitude e a dominá-la e submetê-la a uma ordem humana.

O pressuposto básico da educação pós-moderna é preparar para a autonomia, para desenvolver a capacidade de cada cidadão autogovernar-se (GADOTTI, 1993). A autonomia é tema central e

“escola autônoma significa escola curiosa, ousada, buscando dialogar com todas as culturas e concepções de mundo” (GADOTTI, 1993, p. 313). Nessa perspectiva, pluralismo não significa ecletismo,

significa sobretudo diálogo com todas as culturas, a partir de uma cultura que se abre às demais, e entendimento das especificidades como modos de manifestação e representação da mesma totalidade (GADOTTI, 1993, p. 313).

Na conjuntura de um mundo pós-moderno, “a educação pós-moderna seria aquela que leva em conta a diversidade cultural, portanto uma educação multicultural” (GADOTTI, 1993, p. 311), significando

uma educação para todos que respeite a diversidade, as minorias étnicas, a pluralidade de doutrinas, os direitos humanos, retirando os estereótipos, ampliando o horizonte de conhecimento e de visões de mundo (GADOTTI, 1993, p. 311).

É uma educação crítica e intimamente ligada à cultura, assim mostra-se multicultural e permanente, de modo que se

pretende enfrentar o desafio de manter o equilíbrio entre a cultura local, regional, própria de um grupo social ou minoria étnica, e uma cultura universal, patrimônio hoje da humanidade (GADOTTI, 1993, p. 312).

É preciso mostrar que existem outras culturas, “tem que ser local como ponto de partida, mas tem que ser internacional e intercultural, como ponto de chegada” (GADOTTI, 1993, p. 312). O conhecimento tem um caráter prospectivo e “a educação trabalha mais o significado do que o conteúdo, muito mais a intersubjetividade e a pluralidade do que com a igualdade e a unidade” (GADOTTI, 1993, p. 312). Trabalha com o conceito-chave de equidade, buscando a igualdade sem eliminar a diferença.

Segundo Bernheim e Chauí (2008), diante dos desafios da educação superior para equilibrar as funções básicas de ensino, pesquisa e extensão inexistem um modelo estrutural perfeito capaz de apoiar todas as complexas funções das universidades. O ideal seria que os modelos acadêmicos tradicionais baseados em estruturas rígidas (cátedras, faculdades, escolas, departamentos e institutos) fossem substituídos por novos modelos mais flexíveis que promovam a reintegração do conhecimento, o estabelecimento da interdisciplinaridade e a recuperação da concepção integral da universidade.

Na pós-modernidade, a solidez das coisas é encarada como uma ameaça. A ideia de valor da educação pautada no valor duradouro do conhecimento, ou seja, considerada como um produto que poderia ser adquirido e conservado, encontra-se em declínio. O conhecimento tinha valor,

porque se esperava que ele durasse, e a educação tinha valor na medida em que oferecia este conhecimento de valor duradouro. E educação, quer vista como um episódio circunscrito, ou como um empreendimento para toda a vida, seria uma atividade voltada para a entrega de um produto que, como qualquer outra posse, poderia ser possuída e desejada para sempre (BAUMAN, 2002, p. 47).

É imprescindível que a educação contemporânea leve em conta que nestes novos tempos “possessões duráveis, produtos apropriados e jamais substituídos, perderam a passada atração. Antes vistos como ativo, são agora mais provavelmente vistos como passivo. Antes objetos de desejo, tornaram-se objetos de ressentimento” (BAUMAN, 2002, p. 47-48). Nessa visão, “os desafios do presente desferem pesados golpes na própria ideia de educação” (BAUMAN, 2002, p. 48). Como “a expectativa de permanecer preso a alguma coisa durante toda a vida é francamente repulsiva e assustadora” e “a alegria de *livrar-se de*, de descartar e de jogar fora é a verdadeira paixão do nosso mundo” (BAUMAN, 2002, p.48-49, grifo do autor).

Outra questão, para as premissas básicas da educação, e que acresce uma dimensão diferente ao desafio acima citado, está relacionada à “natureza errática e essencialmente imprevisível da mudança contemporânea” (BAUMAN, 2002, p. 49). O conhecimento sempre foi valorizado por sua fiel representação do mundo, devido à “ordem imutável do mundo”, justificando a necessidade e os benefícios da transmissão do conhecimento, e a “natureza similarmente eterna das leis que governam a natureza humana”, dando ao professor a autoconfiança necessária para gravar na personalidade dos alunos como o escultor no mármore. Tais conjecturas são difíceis de sustentar na atualidade, afinal neste “mundo volátil [...] dificilmente alguma coisa preserva sua forma o tempo necessário para garantir a verdade e gelatinizar-se em algo confiável por muito tempo” (BAUMAN, 2002, p. 50). Em decorrência, “os hábitos arraigados, as estruturas cognitivas sólidas e a preferência por valores estáveis, objetivos últimos da educação

ortodoxa, transformaram-se em desvantagens” (BAUMAN, 2002, p. 51).

Ser você mesmo e não ser como o resto vende melhor, ter conhecimentos e habilidades que outros já demonstraram não é suficiente, afinal “ideias inusitadas, projetos excepcionais jamais sugeridos antes, e, acima de tudo, a inclinação felina para trilhar seus próprios caminhos solitários, eis o que hoje é necessário” (BAUMAN, 2002, p. 51). São virtudes escondidas na personalidade, esperando serem despertadas e postas em ação, por isso os indivíduos “preferem conselheiros que mostrem como andar a professores que asseguram que uma única estrada, já congestionada será seguida” (BAUMAN, 2002, p. 54). Tais conselheiros “devem e precisam ajudá-los a cavar nas profundezas de seu caráter e personalidades” (BAUMAN, 2002, p. 55), pois a educação por toda a vida, centrada na necessidade de se aprimorar o estado da arte da informação profissional, tem sua popularidade relacionada à convicção de que há uma mina da personalidade a ser explorada com conhecimentos e habilidades ainda inexplorados (BAUMAN, 2002).

Portanto, a mudança atual

não é como as anteriores. Em nenhum outro momento decisivo da história, os educadores foram confrontados com um desafio realmente comparável ao que o divisor de águas contemporâneo apresenta. Simplesmente, jamais estivemos nesta situação antes. A arte de viver em um mundo supersaturado de informação ainda está por ser aprendida. Da mesma forma que a arte, ainda mais difícil de preparar a humanidade para essa vida (BAUMAN, 2002, p. 58).

Na pós-modernidade, os desafios educacionais, segundo Pereira (2000, p.178), “estão em preparar os indivíduos para a transitoriedade de todos os aspectos da vida, trazendo a necessidade da atualização constante e da emancipação como sujeitos históricos”. E, ainda, para “compreender a atualidade de uma sociedade cada vez mais informacional e globalizada e perscrutar as direções futuras, dialogando com uma realidade cada vez mais carregada de símbolos” (PEREIRA, 2000, p. 178). Aliás,

diante dos desafios explicitados pelo debate da pós-modernidade, as questões sobre a formação que têm lugar nas universidades se intensificam. Passam da preocupação estreita de preparar o jovem para uma ocupação no mercado de trabalho para uma formação que tenha a ver com conteúdo

intelectual, cultivo das capacidades mentais, de julgamentos, de pensamento conceitual, de condições para processar informações necessárias para viver e adaptar-se a um mundo em contínua transformação (PEREIRA, 2000, p. 183).

Lyotard (2004), ao tratar da mudança do saber pós-moderno, já havia ressaltado que é um período “regido por um jogo de informação completa, no sentido de que os dados são em princípio acessíveis a todos os *experts*” (LYOTARD, 2004, p. 94, grifo do autor). Para o ensino assegurar o aumento das competências do sujeito, a transmissão do saber não poderá restringir-se somente à transmissão da informação, mas deverá comportar “a aprendizagem de todos os procedimentos capazes de melhorar a capacidade de conectar campos que a organização tradicional dos saberes isola ciosamente” (LYOTARD, 2004, p. 94). Na pós-modernidade, o desafio para os processos educacionais das universidades é deixar de ser apenas uma etapa de preparação para a carreira profissional, transformando-os em processo permanente, que durará toda a vida e isso será possível “em interação com sistemas de conhecimento e redes informação” (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012, p.137).

É almejado que o papel da universidade seja reinventado, bem como sua função e sua responsabilidade social, para promover a inclusão dos indivíduos tornando-os cidadãos conscientes neste mundo globalizado (NEZ; SILVA, 2012). A universidade “deve adaptar-se às necessidades da sociedade contemporânea e realizar sua missão transecular de conservação, transmissão e enriquecimento de um patrimônio cultural, sem o qual não passaríamos de máquinas de produção e consumo” (MORIN, 2002a, p. 16-17). O ensino não está restrito à apreensão pura de conteúdos e metodologias, mas visa reconstruir ou ressignificar o conhecimento produzido de modo a deixar um mundo melhor às gerações futuras. A universidade necessita criar novas formas de educar e produzir saberes necessários à formação social (NEZ; SILVA, 2012). Alterar as formas de aprender dos estudantes também requer alterar as formas de ensinar dos professores. A cultura vigente de aprendizagem demanda novos perfis de estudante e professor. Para tal, é necessária uma mudança de mentalidade sobre a aprendizagem e o ensino (POZO; PÉREZ ECHEVERRÍA, 2001).

Na lista das questões enfrentadas pelas universidades ainda se destacam: atender a um número crescente de matrículas; equilibrar as funções básicas de ensino, pesquisa e serviço;



melhorar a administração da educação preocupando-se com o planejamento estratégico; lidar com a cultura informática tendo a tecnologia como um recurso auxiliar e não como substituta do professor; gerar conhecimento; estabelecer relações entre a educação superior e o mundo do trabalho, de modo a atender as necessidades de todos os setores da sociedade e formar profissionais para o mercado de trabalho e para a atuação na sociedade em suas diferentes esferas (BERNHEIM; CHAUI, 2008). É fundamental que tais instituições busquem formas de ensino para inserir os indivíduos na sociedade de maneira crítica e criativa e para iniciar o indivíduo no rito de aprendizagem ao longo da vida.

A educação e a aprendizagem neste cenário, como frisa Bauman (2009), passam a ser baseadas em processos contínuos, permanentes e ao longo de toda a vida. "Nenhum outro tipo de educação e/ou aprendizagem é concebível; a *formação* do próprio eu, ou da personalidade, é impensável de qualquer outro modo que não seja aquele contínuo e perpetuamente incompleto" (BAUMAN, 2009, p. 673-674, grifo do autor). A aprendizagem ao longo da vida pressupõe o aprender após a formação, inclusive a aprendizagem e a aplicação do conhecimento ocorrem simultaneamente. Para Delors et al. (1998, p. 103),

as possibilidades de aprender oferecidas pela sociedade exterior à escola multiplicam-se, em todos os domínios" e as "noções de competência evolutiva e capacidade de adaptação" substituem a "noção de qualificação.

É neste sentido, da educação ao longo da vida, que Delors et al. (1998) expõem os quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver em comum e aprender a ser. Aprender a conhecer não foca na aquisição de um repertório de saberes codificados e sim no domínio dos instrumentos do conhecimento, pois "se pretende que cada um aprenda a conhecer o mundo que o rodeia, pelo menos na medida do que lhe é necessário para viver" (DELORS et al., 1998, p. 91); aprender a conhecer supõe aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento. Aprender a fazer está mais ligado à questão da formação profissional, visa adquirir competências amplas para enfrentar inúmeras situações e trabalhar em equipe, assim cultivando qualidades humanas mais amplas do que as transmitidas pelas formações tradicionais. Aprender a viver juntos implica em uma educação capaz de evitar conflitos, com o desenvolvimento da compreensão do outro e a participação em projetos comuns. Aprender a ser denota conferir liberdade de pensamento,

discernimento, sentimentos e imaginação; sem negligenciar as potencialidades de cada indivíduo (DELORS et al., 1998).

O ensino superior é um dos fomentadores da educação ao longo da vida. É tanto depositário como criador do conhecimento. É o principal instrumento de transmissão da experiência cultural e científica acumulada pela humanidade (DELORS et al., 1998). Cruz (2006, p. 42) lembra que a universidade é o local do conhecimento, “é o lugar que a sociedade constituiu, há séculos, para trabalhar com o conhecimento da maneira mais específica”. Embora não seja o único lugar na sociedade em que se trabalhe com o conhecimento, a universidade é especial, por ser a instituição na qual “existe um cuidado permanente para disseminar o trabalho com o conhecimento por toda a sociedade”. Logo, tem sua força “na capacidade de gerar um tipo especial de conhecimento, na habilidade em trabalhar com ele e, principalmente, na competência em formar e educar pessoas para continuarem a executar ambas as tarefas” (CRUZ, 2006, p. 42).

Os desafios da aprendizagem provocam processos de transformação da universidade e deveriam inspirar modelos educacionais e acadêmicos cujo núcleo denota:

a adoção do paradigma do aprender a aprender; a mudança da ênfase, na relação ensino-aprendizagem para os processos de aprendizagem; o novo papel dos docentes, face ao protagonismo dos discentes na elaboração do conhecimento significativo; a flexibilidade dos currículos e toda a moderna teoria curricular aplicada ao replanejamento dos planos de estudo; a promoção de maior flexibilidade nas estruturas acadêmicas; o sistema de créditos; a estreita inter-relação entre as funções básicas da universidade (docência, pesquisa, extensão e serviços); a redefinição das competências profissionais; a reengenharia institucional e a gestão como componente normal da administração universitária; a autonomia universitária responsável; o processo de vinculação com a sociedade e com seus diferentes setores (produtivo, de trabalho, empresarial etc.) (BERNHEIM; CHAUÍ, 2008, p.33-34)

Na ânsia de encontrar soluções, alguns autores arriscam indicar algumas direções. É fundamental ensinar a conviver na aldeia global e a desejar essa convivência; educar para a mudança e a incerteza (BERNHEIM; CHAUÍ, 2008); fomentar a criatividade e preparar os indivíduos para a busca incessante por informações que

darão suporte à aprendizagem e propiciarão a produção de novos conhecimentos. Existe a necessidade de “práticas de formação ao longo da vida para atualizar os conhecimentos, assim como oportunidades de aprendizagem adaptadas às necessidades de cada indivíduo” (FINQUELIEVICH; PRINCE, 2007, p. 2, tradução nossa). Afinal, como destaca Lévy (1999), é a primeira vez na história da humanidade que a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu caminho profissional já estarão desatualizadas logo em seguida.

Por conseguinte, formar cidadãos para uma sociedade aberta e democrática postula

dotá-los de capacidades de aprendizagem, de modos de pensamento que lhes permitam utilizar estrategicamente a informação que recebem, para que possam converter essa informação – que flui de maneira caótica em muitos espaços sociais – em conhecimento verdadeiro, em um saber ordenado (POZO, 2004, p. 1).

No que tange às competências básicas para o aprendizado contemporâneo, observa-se que são essenciais: capacidade reflexiva e crítica; capacidade de solução de problemas; capacidade de adaptação a novas situações; capacidade de selecionar a informação relevante nas áreas de trabalho, cultura e exercício da cidadania, que permita tomar decisões corretas; capacidade de continuar aprendendo em contextos de mudança tecnológica e sociocultural acelerada, com a permanente expansão do conhecimento; capacidade para buscar espaços intermediários de conexão entre os conteúdos das várias disciplinas, de modo a realizar projetos que envolvam a aplicação de conhecimentos ou procedimentos próprios de diversas matérias; capacidade de apreciar a leitura e a escrita, o exercício do pensamento e a atividade intelectual, de modo geral (BERNHEIM; CHAUI, 2008). A recente cultura da aprendizagem, além de competências interpessoais, afetivas e sociais, requer competências para a aquisição, a interpretação, a análise, a compreensão e a comunicação de informação (POZO; POSTIGO, 2000).

Como visto, a sociedade contemporânea é marcada por alguns dilemas. A utopia perdeu prestígio, as incertezas predominam, o domínio tecnológico é fato, a exigência de uma atualização permanente é um convite à amnésia, os desafios educacionais são constantes. É indispensável que as instituições como universidades e suas bibliotecas reiventem seus caminhos para enfrentar os desafios desta era. Para Santos (1994), vivem-se

inúmeros dilemas na pós-modernidade que geram perplexidades, angústias e desconfortos, contudo eles não devem levar ao desalento, devem ser vistos como desafios à imaginação, à criatividade e ao pensamento.

## 2.2 AS BIBLIOTECAS, SEUS SIGNIFICADOS E SUAS COLEÇÕES NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Para iniciar, revela-se que a palavra *biblioteca* em grego é formada por dois étimos: biblio-teca. Biblio era o nome que os gregos davam à entrecasca de um arbusto, uma espécie de cipreste, conforme explica Carneiro Leão (2000). Antes de significar livro significava entrecasca, pois dessa entrecasca era fabricado o papiro. O radical transmite a ideia básica de colher e recolher, para acolher e escolher. As funções do livro estão ligadas aos três verbos, recolher, acolher e escolher, todos derivados de colher. O étimo teca refere-se a estabelecer e instituir, no sentido de guardar e cuidar, de promover e expandir. A palavra *biblioteca*, para integrar todos esses sentidos, deve indicar um lugar que seja instaurador de vitalidade, um lugar que não apenas guarde e proteja os documentos, “mas, sobretudo, que acione todas as suas potencialidades de gerar transformações, de induzir mudanças de estrutura” (CARNEIRO LEÃO, 2000, p. 9).

A biblioteca, instituição secular do conhecimento e da memória, tradicionalmente coleciona, preserva e dissemina os saberes produzidos pela sociedade. Nas coleções de uma biblioteca é preservado

o conjunto dos elementos históricos que informam os sujeitos sobre seu passado, e que esses lhe conferem a possibilidade de projetar uma explicação para o presente, de divagar acerca do futuro (SILVEIRA, 2010, p. 83).

As bibliotecas, ao longo dos séculos, “têm sido o meio mais importante de conservar nosso saber coletivo. Elas foram e ainda são uma espécie de cérebro universal no qual é possível reaver o que esquecemos e o que ainda não sabemos” (ECO, 2003, p. 1). Ou, como ressalta Darnton (2010, p. 29, grifo do autor), “bibliotecas existem para promover o bem público: o *encorajamento do saber*, a educação *aberta a todos*”.

A biblioteca não é um lugar inerte, a acumulação de livros nela tem propósito, é um desses lugares nos quais a

convergência das informações sobre o mundo, dados locais e parciais, fragmentos de saber e de real, é produtora de efeitos intelectuais: generalização, síntese, totalização, estabelecimento de tipologias e taxinomias, tradução das diferenças qualitativas numa ordem homogênea de comparação e de cálculo, de medida e de seriação, processos de mediação fundamentando o conhecimento do que está distante no tempo e no espaço (JACOB, 2008a, p. 13).

Consciente de que o acúmulo de conhecimentos permite ao homem reviver outras épocas e tradições, as bibliotecas lutam contra a severidade do tempo, possibilitam trazer fragmentos do passado para o presente e ainda espelhar a identidade de uma sociedade ou de uma nação (MANGUEL, 2006). Então proporcionam “aos leitores uma visão de relance, mesmo que secreta ou distante, das mentes de outros seres humanos”, e, assim, permitem “que tenham, por meio das histórias conservadas para seu escrutínio, um certo conhecimento de sua própria condição” (MANGUEL, 2006, p. 34-35). “A biblioteca gera diálogos diferidos, reiterados e impossíveis. Ela permite justapor ideias, fatos e informações formulados outrora por autores diferentes, separados no espaço e no tempo” (JACOB, 2008b, p. 51).

As bibliotecas são espaços de memória, suas coleções armazenam a história da humanidade (JACOB, 2008). Como uma imensa base de dados, a biblioteca presta-se “à descontextualização dos enunciados e dos fragmentos, à sua circulação e às suas permutas” (JACOB, 2008b, p. 64). Segundo Nora (1993), as informações que eram memorizadas e transmitidas de pessoa a pessoa passaram a ser armazenadas, quando inscritas em suportes. Com o desaparecimento da memória tradicional tendese a acumular vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis dos acontecimentos. As bibliotecas, os arquivos e os museus são em tese os lugares de memória. Lugares de memória surgem do sentimento de que não há mais memória espontânea, de que é preciso criar espaços para guardá-la, lugares nos quais a “memória se refugia e se cristaliza” (NORA, 1993, p.9).

A memória, seja nossa memória individual ou a memória coletiva que é a cultura, tem a dupla função de conservar certos dados e de relegar ao esquecimento as informações que no momento não são úteis. Assim,

consiste em renunciar tacitamente a certos vestígios do passado e, portanto, em filtrar, e por outro lado em colocar outros elementos dessa cultura numa espécie de geladeira, para o futuro. Os arquivos, as bibliotecas são esses frigoríficos nos quais armazenamos a memória a fim de que o espaço cultural não fique abarrotado com toda essa quinquilharia, mas sem isso renunciar a ela. Poderemos sempre, no futuro, se o coração nos ditar, voltar a eles (ECO, 2010, p.59-60).

Bibliotecas são lugares nos quais se estabelece o equilíbrio entre a memória e o esquecimento, entre o que deve ser lembrado/guardado e o que deve ser esquecido/descartado (JACOB, 2008). Nora (1993) ressalta que os lugares de memória são necessários para permitir reconstituir a representação de um passado coletivo. Os lugares de memória surgem justamente para se criar memória que guarde vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi (NORA, 1993). É nesse sentido que Murguia (2009, p. 10) levanta a possibilidade de a biblioteca também ser "um espaço físico evocador de lembranças e simbolicamente como elemento fundamental de criação de identidades, sejam individuais ou coletivas".

As bibliotecas como lugares de memória possibilitam "reafirmar os saberes e a torná-los móveis, traduzíveis, permutáveis, enfim, [...] dar sentido ao saber e a fazer com que o mesmo se torne um instrumento de reafirmação da *identidade* individual ou coletiva humana" (SILVEIRA, 2010, p. 69, grifo do autor). São instituições que permitem, por meio de suas coleções, o acesso às "experiências comuns a toda humanidade, bem como as razões e os intentos de cada um de seus usuários em particular" (SILVEIRA, 2010, p. 79). Isto posto,

[...] o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações (NORA, 1993, p. 27).

As bibliotecas, ao guardar histórias, despertam o fascínio e o encantamento, como também permitem que tais elementos sejam transmutados, provocando medo e instigando reações. Tornam-se ao mesmo tempo lugares de sonhos e pesadelos, espaços de registro de angústias e esperanças de uma era (SILVEIRA, 2010).

Latour (2006) pondera que a biblioteca não é uma fortaleza isolada, mas um nó em uma vasta rede na qual circulam matérias que se tornam signos. Também

não se ergue como o palácio dos ventos, isolado numa paisagem real, excessivamente real, que lhe serviria de moldura. Ela curva o espaço e o tempo ao redor de si, e serve de receptáculo provisório, de *dispatcher*, de transformador e de agulha a fluxos bem concretos que ela movimenta continuamente (LATOURL, 2006, p. 21).

A conexão da biblioteca com o mundo exterior é realizada via registros de informação. A informação, segundo Latour (2006, p. 22), “não é um signo, e sim uma relação estabelecida entre dois lugares, o primeiro que se torna uma periferia e o segundo, que se torna um centro”, e entre os dois circula um veículo que o autor denomina de inscrição. Em uma expedição, os membros levam representações de modo que se possa fazer ideia do lugar, essa é a forma de registrar o que se viu e vivenciou e compartilhar com os outros. O que se leva das viagens como registro do conhecimento vivenciado são inscrições, que irão enriquecer a biblioteca, o gabinete, a coleção. A informação é “uma relação muito prática e muito material entre dois lugares” e “não é inicialmente um signo, e sim o *carregamento*, em inscrições cada vez mais móveis e cada vez mais fiéis, de um maior número de matérias” (LATOURL, 2006, p. 24, grifo do autor).

A representação dos lugares, fatos, pessoas permite a sua comparação como fontes de informação. Cada informação nova favorece as outras (LATOURL, 2006, p. 31). A ciência também expõe os fenômenos pelos quais ela se interessa numa superfície, numa inscrição, a partir das quais os pesquisadores podem discutir. Dessa maneira,

o controle intelectual, o domínio erudito, não se exerce diretamente sobre os fenômenos – galáxias, vírus, economia, paisagens – mas sim sobre as inscrições que lhe servem de veículo, sob condição de circular continuamente, e nos dois sentidos, através de redes de transformações – laboratórios, instrumentos, expedições, coleções (LATOURL, 2006, p. 32).

Nessa linha de raciocínio de Latour (2006), as publicações também remetem o leitor ao fenômeno pesquisado, ao laboratório, ao passo a passo da pesquisa. Permitem, assim, que o indivíduo interessado possa sentir-se vivenciando a realização do experimento, acompanhando o trabalho de campo, observando o fenômeno descrito. A riqueza dos livros e dos signos está na sua possibilidade de informar e ligar o leitor a outros mundos, de transportá-lo no tempo e espaço.

É necessário ligar os signos ao mundo, meditar sobre as relações entre as inscrições e os fenômenos, os signos não remetem a si próprios. A coleção de uma biblioteca não está ligada somente entre si pelas citações realizadas entre as obras, está ligada ao mundo exterior pela captura e registro do conhecimento. Latour (2006, p. 26) explica que:

A coleção, o gabinete, o livro ilustrado, o relato, a biblioteca servem, ao contrário, de interprete, de intermediário, de encruzilhada, de distribuidor, de central telefônica, de *dispatcher*, a fim de regular as relações múltiplas entre o trabalho de redução e o trabalho de amplificação. Todos esses lugares estão repletos de ligações com o mundo, e cada página puxa atrás de si tantas tomadas e fichas quanto a parte posterior de um computador. Ao falar de livros e signos, não esqueçamos a sua 'conéctica'.

A biblioteca liga-se a outros lugares via *conéctica*, “cada dado se liga, por um lado, a seu próprio mundo de fenômenos e, por outro lado, a todos aqueles com os quais se torna compatível” (LATOURE, 2006, p. 31). Nessa visão, a biblioteca pode ser infinita como a Biblioteca de Babel que se multiplica como num jogo de espelhos, “compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais” e “de qualquer hexágono, avista-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente” (BORGES, 1999, p. 38). Então, “a biblioteca é tão imensa que toda redução de origem humana resulta infinitesimal” (BORGES, 1999, p. 41).

Ao comparar uma biblioteca com a de Babel descrita por Borges, pode-se entendê-la em várias dimensões, assim pode ser um lugar de memórias, guardando os registros do conhecimento humano (NORA, 1993), um conector com o mundo exterior (LATOURE, 2006), um laboratório (LATOURE, 2006; MURGUIA, 2009) ou um teatro (MURGUIA, 2009). Da mesma maneira, Oliveira e Santos (2009) com inspiração em Borges e na sua Biblioteca de Babel, explicam que, em uma visita de um pesquisador a uma biblioteca, dependendo das escolhas que fizer para sua entrada, ele poderá ter diferentes experiências. Se, por exemplo, escolher três portas das muitas portas abertas, entreabertas e fechadas que estão no seu interior, ao entrar em cada uma dessas portas estabelecerá um determinado sentido para essa instituição, a primeira, um *lugar de maravilhas* o qual possibilitará experiências oníricas; a segunda, um *lugar de pesquisa* que permitirá a busca de informações sobre



todos os tempos e os não tempos; a terceira, um *lugar de semióforos*<sup>12</sup>, com uma coleção visível e invisível, um lugar de memória cujos objetos têm um passado de utilidades e um presente de significados.

As ideias expostas acima revelam alguns dos significados e percepções possíveis para as bibliotecas. Bibliotecas e coleções acompanham a história da humanidade e se transformaram juntamente com as sociedades. As bibliotecas surgiram em decorrência da escrita e da leitura (MARTINS, 2002; FISCHER, 2006) e foram compostas por diferentes materiais utilizados pelo homem para registrar o conhecimento: os livros gravados em argila na Mesopotâmia, os rolos de papiro em Alexandria, os pergaminhos em Pérgamo, as ripas de madeira ou bambu na China, as peles de veado e as fibras de agave utilizadas pelos Astecas na América e os códices utilizados na era cristã em Roma (BATTLES, 2003).

No final do segundo milênio a. C., formavam as bibliotecas, materiais tais como: tabuletas de argila, papiro, placas de madeira, varetas de bambu, seda ou couro, verdadeiros depósitos de informação que devido a sua importância para a administração das cidades-estados concediam poderes às sociedades da região da Mesopotâmia (FISCHER, 2006). As bibliotecas primitivas de Cnossos, Festos, Micenas, Atenas e outros locais também cumpriam apenas as exigências imediatas de arquivamento.

Até o final da Idade Média, a biblioteca tinha como função acumular os registros do conhecimento existentes e, em muitos casos, visava atender aos interesses da realeza (MARTINS, 2002). A Biblioteca de Alexandria é um exemplo, “foi um centro de estudos fundado pelos reis ptolemaicos no fim do século III a. C. para melhor preservar os ensinamentos de Aristóteles” (MANGUEL, 2006, p. 27). Tinha como objetivo “englobar a totalidade do conhecimento humano” (FISCHER, 2006, p. 54). A organização dos rolos de papiro por tema realizada na Biblioteca de Alexandria inicia a transformação da concepção da biblioteca de depósito de rolos de papiro para a de um centro de informações sistematizadas, na época era considerada o principal centro de aprendizado do Mediterrâneo (FISCHER, 2006).

---

<sup>12</sup> Na concepção de Pomian (1999) um objeto, um lugar pode ser identificado como um semióforo (do grego *semeion*, sinal, e *phoros*, expor, carregar, brotar), além do seu valor como coisa, a sua importância está relacionada com a sua representação simbólica, na perspectiva de vincular o visível e o invisível, o sagrado e o profano, o presente e o passado, os vivos e os mortos e destinados exclusivamente à visibilidade e à contemplação porque é nisso que realiza sua significação e sua existência.

As tabuletas de argila e as folhas de papiro atenderam as necessidades dos leitores por milhares de anos, até que os gregos orientais, para criar um novo material para a escrita e para a biblioteca de Pérgamo, aprimoraram uma técnica de estiramento de pele de ovelhas e cabritos e desenvolveram o pergaminho (FISCHER, 2006). O códice, páginas escritas em ambos os lados para que fossem viradas, foi criado por Júlio César, ao dobrar uma folha de papiro para enviar às suas tropas no campo de batalha (FISCHER, 2006).

Na Idade Média, as bibliotecas estavam sob a tutela da Igreja e o acesso aos conteúdos informacionais dos pergaminhos e códices era restrito aos que optavam pela formação na *universitas*, instituições ligadas à Igreja e precursoras da universidade e das bibliotecas universitárias. Nesse período, as bibliotecas eram uma extensão das ordens eclesiásticas (MARTINS, 2002), destinadas à conservação do saber e entendidas como uma entidade privada. A biblioteca mais antiga do cristianismo armazenava vários livros da Bíblia, comentários bíblicos, obras de apologistas gregos e um conjunto de clássicos gregos e latinos (FISCHER, 2006). As bibliotecas monásticas foram os locais nos quais o conhecimento permaneceu guardado, alguns textos eram considerados sagrados e o acesso era restrito a poucos (ANZOLIN; CORREA, 2008).

O início do processo de socialização, especialização, democratização e laicização da cultura contribuiu para as coleções tornarem-se mais acessíveis e, também, possibilitou a inclusão de obras científicas e filosóficas, contribuindo para a constituição das primeiras coleções de bibliotecas universitárias. As bibliotecas passam a desempenhar um papel essencial na vida das comunidades modernas, de modo que ao seu redor circulam os fluxos da existência social (MARTINS, 2002).

As primeiras tentativas de constituição de bibliotecas universitárias foram realizadas ao longo dos séculos XIII e XIV, conforme Battles (2003). Ainda na Idade Média, no século XIV, os estudiosos tentavam extrair o máximo de significado de um texto. Nas universidades os textos copiados por copistas profissionais com credibilidade garantida eram poucos devido ao preço, assim, um livro escolar para cada três alunos era o máximo possível (FISCHER, 2006). No século XV, a invenção de Gutemberg, uma prensa para reprodução em massa de páginas de papel impressas, possibilitou “a oferta ao público de cópias quase infinitas de textos idênticos”, assim, “transformou uma sociedade cujo acesso ao conhecimento era limitado em outra cujo acesso era quase ilimitado” (FISCHER, 2006, p. 196). Depois que os livros

finalmente se tornaram ‘adquiríveis’, graças à impressão (ainda eram raros, porém), seu uso adequado não era apenas recomendável: era obrigatório, uma vez que os livros eram a ferramenta de ensino e desenvolvimento mais importante da humanidade. Assim sendo, a leitura deveria ser da competência de todos, e não apenas da elite de eruditos e clérigos que, no decorrer da Idade Média, havia monopolizado tal prática (FISCHER, 2006, p. 199).

Em função da maior facilidade de acesso aos livros, no século XVII, “as bibliotecas das universidades e das escolas públicas multiplicaram o número de volumes” (FISCHER, 2006, p. 214) em suas coleções. No entanto, até a primeira metade do século XVII eram valorizados os aspectos religiosos ou relativos à raridade e luxo das obras do que o valor do conteúdo.

Gabriel Naudé, no século XVII, defendeu a ideia de biblioteca aberta para todos em seu livro *Advis pour dresser une bibliothèque* ou *Conselhos para organizar uma biblioteca*, obra já citada anteriormente nesta pesquisa, no qual abordou todos os aspectos da biblioteca, e também destacou que para iniciar uma biblioteca é preciso ler e consultar grandes colecionadores de livros,

e enquanto os primeiros volumes estão sendo adquiridos, os catálogos de todas as bibliotecas interessantes, antiga ou moderna, pública ou privada, no país do coletor ou no exterior – especialmente os de pequenas coleções devem ser transcritos, para tê-los disponível na biblioteca. Esta etapa serve para dois propósitos principais: fazer com que o conhecido esteja disponível, uma vez que nenhuma biblioteca pode ter tudo, e para documentar a história do conhecimento. (LEMKE, 1991, p. 32, tradução nossa).

A biblioteca ideal para Naudé era aquela em que todos os assuntos e pontos de vista estão representados. Assim, deve fornecer todos os principais autores, antigos e modernos, obscuros ou conhecidos, religiosos ou seculares, nas melhores edições. Em especial, deve dar atenção aos assuntos polêmicos, e nenhum esforço poupado para ter presente na biblioteca os prós e contras desses. A biblioteca deve informar e encantar a todos (LEMKE, 1991). Naudé dedicou especial atenção à seleção e à aquisição de livros, e destacou o desenvolvimento de coleções como uma importante função do bibliotecário (LEMKE, 1991).

Durante o século XVIII, reis, príncipes, condes e bispos em toda a Europa iniciaram a construção de enormes bibliotecas no

estilo de mausoléus clássicos para abrigar as obras lidas por eles. Nesse período surgiram as bibliotecas públicas, como a Biblioteca do Museu Britânico, inaugurada em virtude da aquisição de diversas coleções particulares do Parlamento. As bibliotecas e cafés iniciaram o costume de alugar livros mediante o pagamento de uma taxa (FISCHER, 2006).

A partir do século XIX, com a expansão do volume da produção editorial, a abordagem acumulativa e exaustiva em relação às coleções cedeu lugar à necessidade de selecionar as obras de relevância e de qualidade. No século XX, o grande volume de produção editorial, a especialização das áreas do conhecimento e os grandes investimentos em pesquisa agravaram a situação e culminaram em procedimentos mais avançados para lidar com a complexidade das coleções em bibliotecas (WEITZEL, 2012).

A concepção da biblioteca como instituição social também foi destacada por Ranganathan no século XX. O autor definiu *As cinco leis da Biblioteconomia* e abordou questões pertinentes à gestão das bibliotecas e suas coleções, e defendeu que a biblioteca deve possibilitar o acesso universal ao conhecimento e disponibilizar informações de acordo com as demandas (RANGANATHAN, 2009). A primeira lei, *os livros são para usar*, preconiza o acesso à informação, o acesso às coleções e ao livro como instrumento do conhecimento, em oposição às limitações no acesso à informação vistas desde a Antiguidade. A segunda lei, *a cada leitor o seu livro*, indica a importância de se conhecer a comunidade atendida, reconhecendo a diversidade de sujeitos que a biblioteca pode atender, considerando os diferentes perfis e necessidades. A terceira lei, *a cada livro o seu leitor*, busca tornar os materiais conhecidos pelos usuários, por meio da publicidade dos recursos e de estratégias para melhorar o uso das coleções, de modo que para cada livro sejam encontrados leitores. A quarta lei, *poupe o tempo do leitor*, destaca a organização da biblioteca, facilitando a identificação e a localização dos recursos informacionais pelos leitores. A quinta lei, *a biblioteca é um organismo em crescimento*, indica a atualização da coleção e a adequação às demandas da sociedade, coloca a biblioteca em uma visão sistêmica e de constante adaptação ao universo informacional (RANGANATHAN, 2009). As leis propagadas por esse autor indicam a constituição de uma biblioteca dinâmica, que promove e divulga as coleções; oferece acesso ao conhecimento e engloba a variedade de suportes e formatos em que a informação se apresenta; está atenta aos interesses dos usuários e considera suas preferências e hábitos de uso da informação. Em conformidade, a biblioteca estará em

crescimento, acompanhando as transformações tecnológicas e as mudanças nos registros do conhecimento, analisando as necessidades dos usuários, buscando a atualização de sua coleção e novas formas para possibilitar o acesso ao conhecimento como instrumento para a educação.

No século XX, as concepções indicavam que, para manter as bibliotecas como organismos vivos e atuantes, deveria mudar a ênfase da acumulação do material para acesso ao mesmo, de forma que o limite para uso das coleções seria o próprio limite do conhecimento recuperável e que as bibliotecas contemplassem todas as fontes de informação (VERGUEIRO, 1989). Em decorrência do crescimento exponencial das publicações, ocorrida após a Segunda Guerra Mundial, há um aumento na preocupação com o planejamento das coleções, assim, a partir da década de 60, o foco voltou-se ao desenvolvimento de coleções, com ênfase na seleção (JOHNSON, 2014), buscando desenvolver, selecionar, expurgar e transformar as coleções em algo atraente (VERGUEIRO, 1989), em resposta às prioridades institucionais e às necessidades e interesses da comunidade usuária (JOHNSON, 2014).

No século XXI, as bibliotecas, ao mesmo tempo em que lidam com a diversidade dos suportes informacionais disponíveis e diversificam serviços e produtos, também enfrentam restrições orçamentárias que limitam o processo de formação e desenvolvimento de coleções, por essas razões, é imprescindível optar pela flexibilidade, adaptabilidade, interdependência e cooperação (ANZOLIN; CORRÊA, 2008).

As bibliotecas virtuais e/ou digitais surgem como uma nova configuração de bibliotecas (ANZOLIN; CORRÊA, 2008). Implantadas em congruência com as transformações na sociedade, buscam incorporar os recursos tecnológicos às suas atividades e às suas coleções, sem deixar de se preocupar com a reunião, armazenamento, organização e disponibilização da informação, para suprir a busca de informações em todas as esferas da sociedade. As bibliotecas universitárias buscam estar em sintonia com as questões que influenciam a socialização do conhecimento e, assim, têm conseguido integrar diferentes modelos de funcionamento, como destacou Carvalho (2004, p. 90):

No decorrer da última década do século XX, as bibliotecas universitárias, acompanhando a dinâmica do seu macroambiente, entram numa fase de transição, buscando definir uma nova identidade, adaptar-se às mudanças sociais, econômicas e tecnológicas que influem na questão da socialização do conhecimento e

conviver com dois modelos, aparentemente antagônicos: o da biblioteca convencional e o da virtual, já que por muito tempo os átomos e os bits deverão estar presentes em nosso cotidiano. (CARVALHO, 2004, p. 90).

As mudanças nos registros do conhecimento, com a proeminência dos livros eletrônicos, as transformações impulsionadas pelo movimento do acesso aberto, a criação de bibliotecas digitais e de repositórios institucionais estão transformando as coleções das bibliotecas, que, segundo Darnton (2010, p. 69, grifo do autor), assumem também a responsabilidade de “coletar e preservar o material que *nasceu digital*”.

A preocupação com a preservação de materiais digitais está em consonância com a importância da preservação das coleções, que, segundo a Unesco (1999), representam uma parte da herança nacional e universal. As coleções são “pequenas junções sagradas de diferentes passados, fugas do presente, afirmações de personalidade, de saudade e esperança, missões de resgate destinadas a salvar da extinção algo que outros não hesitariam em jogar fora” (PEDRÃO; MURGUIA, 2013, p. 413). Os critérios adotados na sua constituição representam “escolhas intelectuais” (JACOB, 2008a, p. 13).

As bibliotecas universitárias diante do crescente volume de fontes de informação e sua diversidade de suportes e formatos, empenham-se para desenvolver ações para constituir uma malha rizomática, conectada a outros pontos que viabilizem o acesso, na qual transite o estoque de conhecimento necessário ao processo ensino-aprendizagem, à pesquisa e às atividades de extensão, sem rejeitar as formas tradicionais consolidadas, pois é preparando-se para as mudanças que as bibliotecas demonstram sua perenidade (CARVALHO, 2004). Em uma visão ideal, a construção de espaços comuns do conhecimento faz parte das expectativas das bibliotecas e das possibilidades existentes, assim como a congregação das potencialidades das tecnologias de informação e das energias reflexivas e produtivas em seus processos infocomunicacionais (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2011).

Nesta nova era, é fundamental que as bibliotecas universitárias amplifiquem a sua atuação, participem dos processos educacionais, transformem-se em lugares para a aprendizagem, valorizando a comunicação e a troca de informação. A Unesco, em 1999, ao propor uma política de mudança para o ensino superior, enalteceu o papel da biblioteca:

Uma área que deve receber uma atenção particular são as bibliotecas. O termo 'biblioteca' tomou um significado novo nas modernas instituições acadêmicas. Não é mais somente um lugar onde livros e outros materiais escritos, relevantes para o ensino e a pesquisa, são regularmente colecionados, catalogados e preservados. Está se tornando, cada vez mais, o centro nervoso para a interação entre aqueles que providenciam as informações e seus usuários, dos quais o ensino moderno e a pesquisa dependem. Juntamente com arquivos e museus as bibliotecas providenciam não somente um local físico, mas também um contexto intelectual para a guarda, preservação e troca de conhecimento (UNESCO, 1999, p. 73).

Historicamente, as bibliotecas dedicaram-se à formação de coleções, acompanhando a evolução dos registros do conhecimento e as transformações pelas quais as sociedades passaram. Na Antiguidade eram guardiãs do conhecimento da humanidade, na Idade Média se transformaram em centros de informação sistematizada, na Idade Moderna, com a invenção da imprensa, o acesso ao conhecimento torna-se quase ilimitado e a ideia de biblioteca aberta a todos foi difundida.

No ambiente da pós-modernidade, as bibliotecas enfrentam novos delineamentos e se esforçam para reconhecer que o conhecimento não existe separado da elaboração humana, é criado por seres humanos em busca de significado, e embalado em narrativas locais que variam de grupo para grupo. É imprescindível que as bibliotecas demonstrem que desempenham um papel crucial na vida da universidade (YODER, 2003). Ainda é oportuno fornecer informação aos usuários, mas agora tornou-se necessário capacitá-los para encontrar e avaliar as informações armazenadas em seus próprios equipamentos, pois a ideia de aprendiz ao longo da vida e o uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs) têm afetado a biblioteca em relação ao acesso à informação e ao papel do bibliotecário quanto aos usuários e à organização da informação (ROBERTSON, 2013).

Os processos de formação e desenvolvimento de coleções acompanharam a história do livro, da leitura e da biblioteca. Da biblioteca de Alexandria até as bibliotecas digitais, o desenvolvimento de coleções enfrentou questões como: o quê, o porquê, o para quê, o como e o para quem colecionar (WEITZEL, 2012).

Na atualidade, as bibliotecas universitárias, de acordo com Darnton (2010, p.11-12), enfrentam questões que certamente serão expandidas por todo o futuro da difusão do saber, quais sejam:

como sustentar os custos exorbitantes dos periódicos, preservar textos 'nascidos digitais', defender o *fair use* de textos por estudantes e incluir websites e e-mail entre as fontes armazenadas para futuras pesquisas. [...] como continuar adquirindo livros impressos ao mesmo tempo que se avança na frente digital? como desenvolver um novo modelo de negócios que liberte os periódicos científicos da especulação comercial de editoras? como legitimar monografias eletrônicas aos olhos de conservadores convencidos de que um livro só pode existir em forma impressa?

Quanto ao futuro das bibliotecas, embora possam parecer instituições arcaicas, segundo Darnton (2010, p.16),

ainda assim, seu passado guarda bons presságios para seu futuro. Bibliotecas nunca foram depósitos de livros. Sempre foram e sempre serão centros do saber. Sua posição central no mundo do saber as torna ideais para mediar os modos impresso e digital de comunicação. Livros também podem acomodar os dois modos. Impressos em papel ou armazenados em servidores, eles corporificam o saber, e sua autoridade deriva de algo que excede a mera tecnologia que os tornou possíveis.

Para o desenvolvimento de coleções de bibliotecas universitárias, o desafio passa, na visão desta pesquisa, pela necessidade de considerar essa organização e seus processos do ponto de vista multidimensional. Antes de qualquer parâmetro, é preciso pontuar que o alinhamento da biblioteca à missão da universidade é indiscutível e que ela possa se manter como uma instituição central na sociedade pós-moderna é um desafio a ser enfrentado, ao mesmo tempo que se idealiza que busque condições para ter uma função proativa nos processos de aprendizagem e na formação de pessoas nessa instituição. Em decorrência, em primeiro lugar, quanto a essa organização, é vital considerá-la ao mesmo tempo um lugar de memória científica, um lugar de expansão do conhecimento e um lugar de apoio ao ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos na universidade. Em segundo lugar, quanto à coleção requer que se tenha em conta que uma *boa coleção* considera a pluralidade das correntes teóricas e abordagens existentes, o equilíbrio entre o velho (obras clássicas), útil (obras



dos planos de ensino) e o novo (pesquisa de ponta), a multiplicidade dos formatos da informação e de acesso à informação da atualidade e o atendimento às necessidades informacionais dos usuários. Todos esses aspectos têm que ser tecidos em conjunto, reunidos como parcelas de naturezas diferentes com a finalidade de incluir elementos antagônicos e formar um uno múltiplo, que resulte em uma *boa coleção*.



### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A Teoria da Complexidade foi eleita para fundamentar teórica e metodologicamente esta pesquisa, visto que pensar em delinear diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias diante dos desafios da pós-modernidade requer um olhar multidimensional. Nessa perspectiva, busca-se associar e integrar diferentes elementos; lidar com a incerteza, com a ordem e desordem do ambiente; e reconhecer as interações entre indivíduo e sociedade. Esboçar caminhos para o desenvolvimento de coleções nessa linha conduziu para que esse processo fosse visto também na perspectiva social da Ciência da Informação, o que levou esta pesquisa a buscar interlocução com a análise de domínio.

#### 3.1 A TEORIA DA COMPLEXIDADE

Compreender o processo de desenvolvimento de coleções de forma aberta e multidimensional requer que se explore e explique os fundamentos da Teoria da Complexidade no sentido de Morin (1989, 1999, 1997, 2001, 2002a, 2003a, 2003b, 2005, 2010, 2011).

Pensar sob as lentes da Teoria da Complexidade é respeitar as diversas dimensões do fenômeno estudado, é contrapor concepções concorrentes e antagonônicas visando à complementaridade por meio de um movimento que as associa. Significa, igualmente, admitir que “o pensamento complexo comporta em seu interior o princípio de incompletude e de incerteza” (MORIN, 2005, p. 177). Nessa perspectiva, torna-se um dos caminhos possíveis para lidar com o ambiente em constante transformação, caracterizado pela incerteza, transitoriedade e flexibilidade da pós-modernidade no qual as bibliotecas estão inseridas. Nessa linha, o homem é visto na perspectiva da Complexidade como “um ser biológico-sociocultural e [...] os fenômenos sociais são, ao mesmo tempo, econômicos, culturais, psicológicos etc” (MORIN, 2005, p. 177).

A Teoria da Complexidade surge na vertente de questionamentos dos cânones tradicionais do pensamento científico ocidental, procurando anular alguns mitos do pensamento moderno de tradição cartesiana, vistos como reducionistas, e busca abandonar o padrão mecanicista/newtoniano convencional a fim de estabelecer novas maneiras de conceber e produzir o

conhecimento, bem como de perceber o mundo e a realidade (PADERES; RODRIGUES; GIUSTI, 2005).

A complexidade, epistemologicamente, já tinha sido timidamente reconhecida por Bachelard, quando admitiu que “não há nada simples na natureza, só há o simplificado” (MORIN, 2005, p.175).

Morin (2005, p. 178-179) ressignificou e consagrou esse conceito com base em alguns caminhos. O primeiro caminho referiu-se à *irreducibilidade do acaso e da desordem*. Na sua visão, “a desordem e o acaso estão presentes no universo e ativos na sua evolução”. Contudo, segundo o autor, por outro lado, não se pode “resolver a incerteza que as noções de desordem e de acaso trazem; o próprio acaso não está certo de ser acaso. A incerteza contínua, inclusive no que diz respeito à natureza da incerteza que o acaso traz”. O segundo diz respeito à *transgressão*, na perspectiva de que não se pode “trocar o singular e o local pelo universal”, ao contrário, deve-se “uni-los”. Como terceiro, o autor elegeu a *complicação*, no sentido da percepção de que “os fenômenos biológicos e sociais apresentavam um número incalculável de interações, de inter-retroações, uma fabulosa mistura que não poderia ser calculada nem pelo mais potente dos computadores”. O quarto caminho foi aberto quando começou a “conceber uma misteriosa relação complementar, no entanto, logicamente antagonista entre as noções de ordem, desordem e organização”, que emerge do fato de “fenômenos ordenados [organizados, para Morin] poderem nascer de uma agitação ou de uma turbulência desordenada”. O quinto caminho foi o da *organização*, quando observou que “a organização é aquilo que constitui um sistema a partir de elementos diferentes; portanto, ela constitui, ao mesmo tempo, uma unidade e uma multiplicidade”. Logo, não se deve transformar “o múltiplo em um, nem o um em múltiplo”. Morin (2005, p. 180) explica que “um sistema é mais e menos do que aquilo que poderíamos chamar de soma de suas partes”, visto que, segundo esse autor, a “organização provoca coações que inibem as potencialidades existentes em cada parte”, assim como:

o todo organizado é alguma coisa a mais do que a soma das partes, porque faz surgir qualidades que não existiriam nessa organização; essas qualidades são ‘emergentes’, ou seja, podem ser constatadas empiricamente, sem ser dedutíveis logicamente; essas qualidades emergentes retroagem ao nível das partes e podem estimulá-las a exprimir suas potencialidades (MORIN, 2005, p. 180).

Influenciado pelo *princípio de ordem a partir do barulho* de von Foerster<sup>13</sup>, pelo *acaso organizador* de Atlan<sup>14</sup>, *pela ordem por flutuação* de Prigogine<sup>15</sup>, Morin (2005, p. 216) explicou que a noção de complexidade não faz apologia à desordem, apenas não privilegia a ordem nem a desordem, mas mostra sua inseparabilidade, incluindo nessa associação a ideia até então subestimada de organização. Em decorrência, em um primeiro momento, pode-se considerar a complexidade como um tecido de “constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo”. E em seguida, a complexidade torna-se efetivamente o “tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomenal” (MORIN, 2011, p.13). O fenômeno que abarca grande quantidade de interações e de interferências entre um número volumoso de unidades não engloba apenas quantidades de unidades e de interações, mas compreende também incertezas, indeterminações, agentes aleatórios (MORIN, 2011). Assim, lida com a incerteza e consegue conceber a organização. Une, contextualiza, globaliza, ao mesmo tempo em que reconhece o singular, o individual e o concreto (MORIN, 2003a). Logo,

o pensamento complexo não se reduz nem à ciência, nem à filosofia, mas permite a

---

<sup>13</sup> O princípio de ordem a partir do barulho de Heinz von Foerster “pode ser entendido em dois sentidos diferentes, embora complementares. O primeiro é o da não degeneratividade, em que a auto-reorganização e a autopoeise permanentes precisam de ‘ruído’ para manter a ordem viva. [...] O segundo é o da geratividade em sentido criativo do termo, tal como se manifesta em toda evolução, quer seja biológica, quer, no plano humano, sociológica”. No caso da evolução biológica que opera por mutações, um fenômeno de desorganização da mensagem que suscita ‘erros’ em relação a esta, é por meio da ação desses ruídos e da ocorrência desses erros que a reorganização da mensagem em outra que pode ser mais rica e mais complexa é efetuada. Assim, o encontro do ruído e de um princípio auto-organizador provoca a constituição de uma ordem superior mais complexa. (MORIN, 2005, p. 301).

<sup>14</sup> Henry Atlan retoma os conceitos de ‘ordem pelo barulho’ de von Foerster e reconhece o princípio do acaso organizador em sua teoria da auto-organização. Para gerar complexidade pelo ruído, o sistema precisa ser parcialmente indeterminado, o processo resultante da interação ordem-desordem é pura criação e a evolução não pode ser totalmente prevista. O aumento da complexidade do sistema conduz à passagem para um nível de organização a outro mais elevado (SERVA, 1992).

<sup>15</sup> Ilya Prigogine desenvolveu uma extensão da termodinâmica ao demonstrar como a segunda lei da Termodinâmica (lei da entropia, relacionada ao grau de desordem em um sistema) permite a emergência de novas estruturas de ordem a partir do caos. Os sistemas descritos por Prigogine são sistemas auto-organizadores que geram estruturas denominadas estruturas dissipativas. Tais estruturas são criadas e mantidas através de intercâmbios de energia com o ambiente, em condições de não equilíbrio, e são dependentes de um novo tipo de ordem denominada de ‘ordem por flutuações’, que são processos auto-organizadores, nos quais surgem ‘flutuações gigantes’ estabilizadas pelas trocas com o meio, em que a estrutura é mantida por meio de uma dissipação de energia, e a energia se desloca gerando simultaneamente a estrutura, em um processo (DI BIASE, 2013).

comunicação entre elas, servindo-lhes de ponte. O modo complexo de pensar não tem utilidade somente nos problemas organizacionais, sociais e políticos, pois um pensamento que enfrenta a incerteza pode esclarecer as estratégias no nosso mundo incerto; o pensamento que une pode iluminar uma ética da religião ou da solidariedade. O pensamento da complexidade tem igualmente seus prolongamentos existenciais ao postular a compreensão entre os homens (MORIN, 2003a, p. 21).

Na ausência de certezas absolutas e longe de alcançar a completude, a complexidade traduz-se na incerteza das coisas. Cabe a ela, por conseguinte, enfrentar o desconhecido e ampliar o saber, que é inesgotável (MORIN, 2002a). A dificuldade do pensamento complexo

é que ele deve enfrentar o emaranhado (o jogo infinito das inter-retroações), a solidariedade dos fenômenos entre eles, a bruma, a incerteza, a contradição. Mas podemos elaborar algumas das ferramentas conceituais, alguns dos princípios para esta aventura, e podemos entrever o semblante do novo paradigma de complexidade que deveria emergir (MORIN, 2011, p. 14).

O pensamento complexo de Morin na busca do conhecimento multidimensional tem como ambição também articular campos disciplinares desmembrados pelo pensamento disjuntivo, aspecto do pensamento simplificador, que isola do que separa e oculta o que liga, interage, interfere. Também

é animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor, e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento (MORIN, 2011, p. 7).

A fragmentação impossibilita captar o complexo, ou o que foi tecido junto. A atitude de contextualizar e globalizar

é uma qualidade fundamental do espírito humano que o ensino parcelado atrofia e que, ao contrário disso, deve ser sempre desenvolvida. O conhecimento torna-se pertinente quando é capaz de situar toda a informação em seu contexto e, se possível, no conjunto global no qual se insere. Pode-se dizer ainda que o conhecimento progride, principalmente, não por sofisticação, formalização e abstração, mas pela capacidade de

conceitualizar e globalizar (MORIN, 2002a, p. 16-17).

Assim, a complexidade, no sentido atribuído por Morin (2011), não é sinônimo de complicação, confusão e desordem, mas reflete a dificuldade de se observar o conhecimento considerando somente uma dimensão.

Morin também pensou a complexidade a partir da Teoria dos Sistemas<sup>16</sup>, que contribuiu para a procura de uma teoria geral unificada da estrutura, do processo e da função de modelos capazes de representar os fenômenos físicos, biológicos, sociais e culturais (CAPRA, 2000). Para Morin (2011), a compreensão do enfoque sistêmico está na ideia de complexidade, em decorrência, o autor defende que a realidade pode ser compreendida pelo olhar da complexidade, entendendo as relações dinâmicas entre as partes que compõem essa realidade e a totalidade resultante da interação das partes.

Embora busque subsídios na Teoria dos Sistemas para pensar a complexidade, Morin (2003a; 2010) amplia tal teoria. Para o autor, o objetivo do pensamento complexo é ao mesmo tempo unir (contextualizar e globalizar) e aceitar o desafio da incerteza. E para tal estabelece alguns princípios, complementares e interdependentes, que funcionam como guias para pensar a complexidade.

- a) Princípio sistêmico ou organizacional: liga o conhecimento das partes ao conhecimento do todo de forma que não se pode conceber o todo sem conceber as partes e não se pode conceber as partes sem conhecer o todo (MORIN, 2003a; 2010). “A organização de um todo produz qualidades ou propriedades novas, em relação às partes consideradas isoladamente: as emergências” (MORIN, 2010, p. 94);
- b) princípio hologramático ou hologrâmico: evidencia o paradoxo dos sistemas complexos, não apenas a parte está no todo como o todo está inscrito na parte (MORIN, 2003a; 2010);
- c) princípio do circuito retroativo: rompe com o princípio de

---

<sup>16</sup> Teoria dos Sistemas fundada por Von Bertalanffy a partir dos anos 1940 ao procurar um modelo científico explicativo do comportamento de um organismo vivo. Um sistema é um todo organizado formado por elementos interdependentes, que está rodeado por um meio exterior (*ambiente*). Quando o sistema interage com o meio exterior é denominado de sistema aberto; as relações do sistema com o meio exterior processam-se através de trocas de energia e/ou informação (BERTALANFFY, 1979).

causalidade linear, a causa age sobre o efeito e o efeito age sobre a causa (MORIN, 2003a; 2010), num equilíbrio dinâmico que regula o sistema. Esse mecanismo de regulação permite a autonomia do sistema, é o círculo de retroação (*feedback*) que, na sua forma negativa, reduz o desvio e estabiliza o sistema, e, na sua forma positiva, é um amplificador;

- d) princípio do circuito recursivo: supera a noção de regulação com as de autoprodução e auto-organização. Os produtos e os efeitos são produtores e causadores daquilo que os produz (MORIN, 2003a; 2010). A sociedade é produzida pelas interações entre os indivíduos, e tal sociedade produzida também retroage sobre os indivíduos e os produz. “Os indivíduos humanos produzem a sociedade nas – e através de – suas interações, mas a sociedade, enquanto todo emergente, produz a humanidade desses indivíduos aportando-lhes a linguagem e a cultura” (MORIN, 2003a; p. 16);
- e) princípio de auto-eco-organização (autonomia/dependência): os sistemas têm uma dinâmica própria que se sustenta por uma relação de dependência com o ambiente. Os seres vivos são auto-organizadores, pois não param de se produzir e dependem de energia para manter a sua autonomia (MORIN, 2003a; 2010). “Como têm necessidade de extrair energia, informação e organização no próprio meio ambiente, a autonomia deles é inseparável dessa dependência, e torna-se imperativo concebê-los como auto-eco-organizadores”. (MORIN, 2003a, p. 17);
- f) princípio dialógico, que possibilita manter a dualidade na unidade, ou seja, associar termos complementares e antagônicos. A essência da complexidade é justamente a impossibilidade de homogeneizar e de reduzir. É o jogo dialógico que produz o complexo. “A dialógica permite assumir racionalmente a inseparabilidade de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo” (MORIN, 2010, p. 96);
- g) princípio da reintrodução daquele que conhece em todo conhecimento: opera a restauração do sujeito. Reconhece a interferência do sujeito, pois “todo conhecimento é uma reelaboração/tradução feita por uma mente/cérebro, em uma cultura e época determinadas” (MORIN, 2003a, p.18).



Morin (1999) dá ênfase aos princípios hologramático, dialógico e recursivo e afirma que “os três princípios recorrem uns aos outros, ao menos num certo nível de complexidade organizacional” (MORIN, 1999, p. 116), pois o princípio hologramático ao comportar a ideia do todo nas partes e das partes no todo, também comporta a ideia de dialógica reatrativa, isto é, “o todo se formando a partir das interações entre as partes e retroagindo sobre as partes para dirigir-lhes as interações” (MORIN, 1999, p. 116).

Vale reforçar que o pensamento complexo não elimina “a certeza com a incerteza, a separação com a inseparabilidade, a lógica para autorizar-se todas as transgressões” (MORIN, 2003a, p. 18). Pelo contrário, o que busca é um “ir e vir constantes entre certezas e incertezas, entre o elementar e o global, entre o separável e o inseparável” (MORIN, 2003a, p. 18). Os princípios de identidade<sup>17</sup>, de não contradição<sup>18</sup>, de dedução, de indução não são excluídos, mas são integrados em uma concepção mais rica. O holismo global vazio não é colocado como oposto ao reducionismo mutilante. As partes são repostas na totalidade, os princípios de ordem e de desordem, de separação e de união, de autonomia e de dependência são articulados em dialógica (complementares, concorrentes e antagonicos) no universo (MORIN, 2003a). A lógica que rege o pensamento complexo é dialógica. Morin (1999, p. 201) denomina de “dialógica pensante”, que “associa de modo permanente e complementar processos virtualmente antagonicos que tenderiam a se excluir”. Para tal, estabelece e atravessa fronteiras, abre e fecha conceitos, vai do todo às partes e das partes ao todo, duvida e crê, recusa e combate a contradição ao mesmo tempo em que a assume.

A Complexidade não afasta a clareza, a ordem e o determinismo, mas considera que os mesmos são insuficientes na pesquisa do universo. A Complexidade oscila entre ordem/desordem/organização a partir da constatação empírica de que fenômenos desordenados são necessários em algumas condições e casos, para a produção de fenômenos organizados, contribuindo para o aumento da ordem (MORIN, 2011). Apenas nas últimas décadas se deu conta de que “a desordem e a ordem, sendo

---

<sup>17</sup> Princípio de identidade indica que A é A (D'AGORD, 2006), ou seja, o ser é igual a si próprio.

<sup>18</sup> Princípio de não contradição é um dos princípios da lógica e indica que algo não pode, ao mesmo tempo, ser e não ser (D'AGORD, 2006). Desta forma, uma proposição verdadeira não pode ser falsa e uma proposição falsa não pode ser verdadeira.

inimigas uma da outra, cooperavam de certa maneira para organizar o universo” (MORIN, 2011, p. 61).

Como visto, segundo Morin (1997), o paradigma da Complexidade aponta uma junção das noções de ordem, desordem, interações e organização e essas foram representadas pelo autor no anel tetralógico<sup>19</sup> (Figura 2), cujos elementos não podem ser isolados e só adquirem “sentido na sua relação com os outros”, por isso, devem ser concebidos em conjunto, considerando que as interações entre eles são complementares, concorrentes e antagônicas (MORIN, 1997, 1999, 2001).

**Figura 2 - Anel tetralógico**



Fonte: Morin (1997, p. 58)

Segundo Morin (2011, p. 63), “a desordem está pois no universo físico, ligada a qualquer trabalho, qualquer transformação” (MORIN, 2011, p. 61) e “fenômenos desordenados são necessários em certas condições, em certos casos, para a produção de fenômenos organizados, os quais contribuem para o crescimento da ordem” (MORIN, 2011, p. 61). Igualmente, “a organização viva tolera a desordem, produz a desordem, combate essa desordem e se regenera no próprio processo que tolera, produz e combate a desordem” (MORIN, 2005 p. 219). Desse modo, “o anel tetralógico

<sup>19</sup> O anel tetralógico foi proposto por Morin (1997), originalmente como uma representação da complexidade, com junção das noções de ordem, desordem, interações e organização. Posteriormente foi denominado de tetragrama (MORIN, 1995, p. 204), com a modificação da sua representação gráfica, no entanto mantendo a concepção original que mostra “uma dialógica entre esses termos, cada um deles chamando o outro, cada um precisando do outro para se constituir”. Nesta pesquisa, optou-se por utilizar o anel tetralógico, representação original, por se acreditar que a disposição dos elementos é visualmente e conceitualmente adequada ao desenvolvimento desta pesquisa.

significa que as interações são inconcebíveis sem desordem, isto é, sem desigualdades, turbulências, agitações, etc., que os encontros provocam” e que “a ordem e a organização são inconcebíveis sem interações” (MORIN, 1997, p. 58). Portanto,

a organização precisa de princípios de ordem que intervenham através das interações que a constituem. O anel tetralógico significa também, como iremos ver cada vez mais claramente, que quanto mais a ordem e a organização se desenvolvem, mais se tornam complexas, mais toleram, utilizam e necessitam até da desordem. Ou seja, por outras palavras, estes termos ordem/organização/desordem, e é claro interações, desenvolvem-se mutuamente (MORIN, 1997, p. 58).

Outro ponto importante da Complexidade, é que não se pode compreender os seres humanos apenas a partir dos seus elementos constituintes. Os indivíduos fazem parte da sociedade, essa como um todo organizador “provoca coações que inibem as potencialidades existentes em cada parte” e também faz surgir qualidades emergentes que “retroagem ao nível das partes e podem estimulá-las a exprimir suas potencialidades”. Assim, na sociedade “a existência de uma cultura, de uma linguagem, de uma educação, propriedades que só podem existir no nível do todo social, recaem sobre as partes para permitir o desenvolvimento da mente e da inteligência dos indivíduos” (MORIN, 2005, p. 180).

Morin (2011) utiliza o conceito de processos auto-organizadores e auto-eco-organizadores para tratar da complexidade do real. Cada sistema cria suas próprias determinações e as suas próprias finalidades sem perder a harmonia com os demais sistemas com os quais interage. O autor retoma os conceitos de autonomia e de sujeito. Entende os sujeitos como autônomos e dependentes. Embora o ser humano seja autônomo, a sua autonomia depende do meio exterior. “A noção de autonomia é complexa já que ela depende de condições culturais e sociais” (MORIN, 2011, p. 66).

Portanto, é preciso um modo de conhecimento que possibilite “compreender como as organizações, os sistemas, produzem as qualidades fundamentais do nosso mundo” (MORIN, 2003a, p. 3). A Complexidade propõe abordar os problemas sem reduzi-los, contextualizando e multidimensionando as possibilidades. Morin (2010) alerta que uma inteligência que separa e fragmenta os problemas do mundo fraciona os problemas e atrofia as possibilidades de compreensão e reflexão, pois “uma inteligência

incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável” (MORIN, 2010, p.15).

O paradigma da Complexidade é uma nova forma de conceber o universo, pautado na ideia de que os fenômenos não podem ser investigados de maneira unidimensional, compartimentada e reducionista, visto que esse pensamento simplificador tem sido insuficiente para a compreensão de fenômenos da era atual. O pensamento complexo “integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e finalmente ofuscantes de uma simplificação que se considera reflexo do que há de real na realidade” (MORIN, 2011, p. 6).

Dois ilusões podem atrapalhar a reflexão acerca da complexidade, uma é acreditar que a complexidade conduz à simplicidade, a outra é confundir os conceitos de complexidade e de completude. A simplicidade impõe separar e reduzir e a complexidade busca reunir, ainda que se possa distinguir. Completude e complexidade são diferentes. “O problema da complexidade não é o da completude, mas o da incompletude do conhecimento”, sendo que apenas tenta resolver o que os tipos de pensamento mutilantes desorganizam e luta contra a mutilação, não contra a incompletude (MORIN, 2005, p. 176). Os defensores da Complexidade discordam em isolar os objetos uns dos outros, mas nem por isso pretendem ter visões completas das coisas (MORIN, 2011). “A consciência da multidimensionalidade conduz à ideia de que toda visão unidimensional, toda visão especializada, parcelada é pobre. É preciso que ela seja ligada a outras dimensões; daí a crença de que se pode identificar a complexidade com a completude” (MORIN, 2011, p. 69).

Acredita-se que o paradigma complexo traz “novas concepções, de novas visões, de novas descobertas e de novas reflexões que vão se acordar, se reunir”. (MORIN, 2011, p. 77). Morin (2011) alerta para a impossibilidade de um método fechado e indica pistas para a elaboração de um caminho. Como método, a Teoria da Complexidade proporciona um ir e vir, não é uma receita, mas uma resposta, não é um desafio, mas uma motivação para pensar (MORIN, 2005, p. 176).

O sujeito e sua participação no processo de conhecer são essenciais na Complexidade. Evita-se a disjunção e a anulação do sujeito e do objeto, ambos são inseparáveis (MORIN, 1999) e constitutivos um do outro (MORIN, 2011). Sujeito e objeto são necessários e inerentes um ao outro no mesmo circuito dialógico (MORIN, 1999). Somando a isso, Morin (1997, p. 345) destaca que

“[...] os objetos já não são unicamente objetos, as coisas já não são coisas; todo o objeto de observação ou de estudo deve doravante ser concebido em função de uma organização, do seu meio e do seu observador”.

Vale ainda destacar que o pensamento complexo ou a Teoria da Complexidade não devem ser confundidos com estudos do contexto. A Teoria da Complexidade busca conexões, relações, contradições formadoras do social. O global para essa teoria é mais que o contexto, refere-se ao conjunto das diversas partes ligadas a ele de modo inter-retroativo ou organizacional. A sociedade é vista como mais do que um contexto, ela é o todo organizador do qual fazemos parte. “O todo tem qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes, se estas estiverem isoladas umas das outras, e certas qualidades ou propriedades das partes podem ser inibidas pelas restrições provenientes do todo” (MORIN, 2003b, p.37).

Portanto, ao delinear a presente pesquisa sob as lentes da Complexidade, buscou-se entender a organização da biblioteca e o processo da formação e desenvolvimento de coleções contemplando princípios dessa teoria. “A epistemologia da complexidade incita o reconhecimento dos traços singulares, originais, históricos, dos fenômenos organizacionais, em vez de ligá-los pura e simplesmente a determinações ou leis gerais” (SILVA, 2000, p.12). A esfera organizacional é aquela na qual “os homens compartilhem, em maior grau, ambiguidades, paradoxos, conflitos, ambivalências, sendo essas marcas inelutáveis da pós-modernidade” (SILVA, 2000, p.12).

### 3.2 A ANÁLISE DE DOMÍNIO

Ao buscar na Ciência da Informação teorias que pudessem dialogar com a Teoria da Complexidade e ajudar a pensar o processo do desenvolvimento de coleções, elegeu-se o paradigma social que compreende a informação como um fenômeno social, cuja produção e uso estão vinculados com a dimensão social (CAPURRO, 2003). O paradigma social aplicado à análise de domínio visa à compreensão da informação perpassando pelo estudo dos domínios de conhecimento via comunidades discursivas, pois o entendimento é que o conhecimento é formado por meio de

relações dialéticas entre a comunidade e seus membros (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995).

Para dar início a esse processo, explica-se como se dá a inserção da análise de domínio na Ciência da Informação. Para tal, contextualiza-se como a informação e os processos de informação são vistos por esse paradigma social. Essa visão de mundo na CI teve início com Shera (1970), como o seu *paradigma pragmático e social* calcado no pressuposto de que esse campo do conhecimento é direcionado ao social e, como tal, precisaria de uma *epistemologia social* para tratar questões relacionadas ao seu objeto. Ao propor sua epistemologia social, Shera (1973, p.90) colocou ênfase “no ser humano e na sociedade como um todo, e todas as suas formas de pensar, conhecer, agir e comunicar” (SHERA, 1973, p. 90).

Mais adiante, Capurro (2003) evidenciou a existência de três paradigmas na CI: o físico, o cognitivo e o social. O paradigma social, segundo esse autor, surge da crítica de Frohmann à epistemologia baseada em conceitos como imagens mentais, mapas cognitivos, modelos de mundo, realidades internas, etc. O paradigma social no campo da informação é usado para a compreensão da informação como fenômeno de ordem social e cultural e dos muitos e variados aspectos a ele associados, e começou a ser empregado em estudos sobre os regimes de informação (por Frohmann) e sobre as comunidades discursivas, a partir da perspectiva da análise de domínio (apresentada inicialmente por Hjørland e Albrechtsen) (CAPURRO, 2003).

Pelo direcionamento do paradigma social, dá-se importância à influência das dimensões sociais, históricas e culturais presentes no indivíduo que produz e utiliza a informação. Dessa maneira, reconhecer o paradigma social implica em admitir que a individualidade do usuário ou grupo de usuários da informação é influenciada por fatores socioculturais. A história do indivíduo está inserida dentro de uma história coletiva, com variações e diferenças que caracterizam as possibilidades de diferentes percepções, trajetórias, propósitos e apreciações em cada domínio de conhecimento (NASCIMENTO; MARTELETO, 2004).

A abordagem da análise de domínio foi apresentada por Hjørland e Albrechtsen (1995) como uma forma de abordagem para os estudos e pesquisas em Ciência da Informação. Tal abordagem defende que a melhor maneira de compreender a informação é estudar os domínios de conhecimento via comunidades discursivas, entendidas pelos autores como partes da divisão do trabalho na sociedade (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995; HJØRLAND, 2004). Organização do conhecimento, estrutura, padrões de

cooperação, formas de linguagem e comunicação, sistemas de informação e critérios de relevância são reflexos dos objetos de trabalho dessas comunidades e de seu papel na sociedade (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995).

A análise de domínio não implica que a Ciência da Informação dissolva-se em estudos separados de vários domínios, mas expõe métodos gerais e princípios a serem explorados no campo (HJØRLAND, 2004b), exigindo um foco renovado sobre os problemas básicos. A abordagem de análise de domínio lida com problemas simples que são fáceis de explorar empiricamente e com problemas teóricos muito complexos (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995).

Empregada primeiramente no âmbito da Ciência da Computação por Neigbohrs em 1981, a expressão *análise de domínio* foi usada inicialmente por esse autor para identificar elementos significativos para as atividades desempenhadas em determinado domínio (KERR, 2003).

A análise de domínio enaltece a interação entre o individual e o social e tem sido utilizada na Ciência da Informação para o estudo de domínios a partir das comunidades discursivas, como já dito acima, assim, estuda as necessidades e estruturas de informação como moldadas em tais comunidades. O ponto de partida é o domínio de conhecimento, disciplinas e profissões e não os indivíduos em sua constituição biológica, fisiológica e psicológica. Os indivíduos são vistos como membros de grupos de trabalho, disciplina, pensamento, isto é, comunidades discursivas (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995).

Hjørland e Albrechtsen (1995) ressaltaram que a análise de domínio segue uma abordagem coletivista em oposição a uma perspectiva individualista – individualismo metodológico – voltada ao conhecimento como estado mental individual. Dessa maneira, os autores não consideram o domínio como assuntos autônomos com suas vontades e consciências próprias, mas reconhecem que os domínios compreendem comunidades discursivas compostas por atores, que possuem visões de mundo, estruturas individuais de conhecimento, preconceitos, critérios subjetivos de relevância e estilos cognitivos particulares. Portanto, há uma interação entre as estruturas de domínio e o conhecimento individual. Não é o indivíduo isolado e abstrato, tanto quanto a comunidade discursiva e seus indivíduos que constituem o foco da pesquisa atual em disciplinas aliadas à Ciência da Informação (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995). A análise de domínio sustenta-se na alegação de que “no princípio há uma comunidade”, bem como um

corpo de conhecimentos fundamentado; e procura situar processos interacionais em seu contexto estrutural social, bem como em seu contexto teórico-substancial. (HJØRLAND, 2004a).

Na análise de domínio, o estudo de campos cognitivos está em relação direta com comunidades discursivas (CAPURRO, 2003). Essas comunidades são grupos sociais e de trabalho distintos, mas que estão ligados pelo pensamento, linguagem e conhecimento, e se articulam e comunicam sobre o enfoque e tema de estudo (HJØRLAND, 2002a).

As ferramentas, conceitos, estruturas de informação, necessidades de informação e critérios de relevância são moldadas em comunidades discursivas, como, por exemplo, em disciplinas científicas, partes da divisão do trabalho da sociedade. A comunidade discursiva é aquela em que o processo de comunicação ordenado e limitado ocorre. Esse ponto de vista muda o foco da Ciência da Informação de indivíduos para o desenvolvimento social, cultural e científico (HJØRLAND, 2002b). Cabe reafirmar que a análise de domínio não se preocupa com sujeitos em particular, mas os vê como pertencentes a diferentes culturas, estruturas sociais e domínios de conhecimento. Enfatiza a exploração de ambientes sociais específicos, como ciências e humanidades e seus documentos, gêneros e sistemas simbólicos. Dá grande ênfase para questões qualitativas relacionadas à evolução histórico-cultural, bem como para sistemas de documentação dos diferentes domínios (HJØRLAND, 2004b).

A concepção de comunidades discursivas, central na análise de domínio, vale-se do fato de que a Ciência da Informação é influenciada por outros campos e advém de abordagens linguísticas mais específicas do domínio, uma abordagem que enfatiza o uso da linguagem em comunidades discursivas (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995), presente nos estudos de composição e análise de gênero, que são frutíferos para a CI não somente em nível concreto, mas também como inspiração em nível metodológico, devido à ênfase na dimensão social e cultural da comunicação. O conceito de comunidade discursiva está conectado com essa abordagem (HJØRLAND, 2002b)

Hjørland e Albrechtsen (1995) afirmaram que não pretendem estabelecer uma definição fechada de comunidade discursiva, mas recomendam definições realizadas em outras áreas, como, por exemplo, na linguística. A concepção de comunidades discursivas utilizada na análise de domínio foi baseada nos estudos de análise de gênero desenvolvidos por Swales (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995; HJØRLAND, 2002b). Swales (1990) arrola



seis características-chave para identificação de tais comunidades: 1) têm objetivos comuns que podem estar explícitos (documentados) ou tácitos; 2) dispõem de mecanismos de intercomunicação entre os seus membros, que podem ser reuniões, telecomunicações, correspondências, conversas, etc.; 3) usam seus mecanismos participativos principalmente para fornecer informações e *feedback*; 4) usam e possuem um ou mais estilos de comunicação para atingir seus objetivos, identificados por tópicos de discussão, forma, posição de elementos e mensagens; 5) usam vocabulário especializado e terminologia altamente técnica e muitas vezes de forma abreviada e codificada; 6) possuem um número pequeno de membros com um adequado grau de conteúdo relevante e experiência discursiva, a sobrevivência da comunidade depende do equilíbrio razoável entre novatos e experientes.

Os produtores de conhecimento, os usuários e os intermediários são organizados em comunidades discursivas. O domínio reflete a própria divisão do trabalho na sociedade e, por sua vez, em cada domínio existe uma divisão interna do trabalho desenvolvido, por exemplo, entre teórico e empírico, pesquisadores, assistentes, administradores, bibliotecários/especialistas da informação, tradutores, editores, profissionais, etc. E muitas vezes os profissionais são os usuários finais do conhecimento produzido pelos pesquisadores (SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003).

A perspectiva da análise de domínio considera os aspectos sociais, históricos e epistemológicos das comunidades discursivas, contribuindo para identificação da existência de diferentes entendimentos acerca da informação para grupos específicos que se relacionam com essa informação (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995). Em determinada comunidade discursiva há visões mais ou menos conflitantes sobre o que é necessário ou pertinente. A necessidade de informação é formada por diferentes pontos de vista teóricos sobre um tema específico produzido pelas pessoas de uma sociedade (HJØRLAND, 2002b).

Tal perspectiva vê diferentes objetos como sendo informativos em relação à divisão do trabalho na sociedade (CAPURRO; HJØRLAND, 2007), por isso os usuários deveriam ser vistos como indivíduos em situações concretas dentro de organizações sociais e domínios de conhecimento (CAPURRO; HJØRLAND, 2007; HJØRLAND, 2007). Logo, é importante entender a informação e seu significado em cada domínio e não apenas o que a CI considera informação (CAPURRO; HJØRLAND, 2007). Alguns domínios têm alto grau de consenso e critérios de relevância bastante explícitos,

outros têm paradigmas conflitantes e distintos pontos de vista sobre diferentes tipos de fontes de informação. (HJØRLAND, 2007). É importante considerar diferentes pontos de vista (HJØRLAND, 2003) e a análise de domínio também é capaz de descobrir esses diferentes pontos de vista ou "vozes" no domínio e avaliar as fontes de informação em relação a isso. Hjørland (2007) adverte que as generalizações são problemáticas. Segundo o autor, a função mais importante das bibliotecas e sistemas de informação é permitir aos usuários críticos questionar o conhecimento estabelecido e investigar visões alternativas (HJØRLAND, 2004a).

Diferentes domínios científicos, acadêmicos ou profissionais têm estruturas únicas de comunicação e publicação e tipos originais de documentos. Cada estrutura única é uma expressão de uma adaptação às necessidades especiais no domínio (SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003). Tal estrutura deve ser descrita empiricamente e explicada teoricamente. Ademais,

a estrutura de informação de um domínio difere do que no outro domínio por muitas causas. Alguns domínios podem ter melhores recursos econômicos para satisfazer as suas necessidades de serviços de informação. Alguns não têm bibliotecas adequadas ou bases de dados bibliográficas, mas devem contar com bibliotecas interdisciplinares ou bancos de dados. O que é de muito maior interesse é se existe uma diferença essencial, que é causada pelas diferenças inerentes à natureza dos campos. (SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003, p. 306, tradução nossa).

Alguns domínios obtêm o máximo de conhecimento de seu próprio domínio, enquanto que alguns domínios o obtêm de outros. Diferentes domínios podem ser sobrepostos, principalmente quando suas fronteiras são difíceis de identificar. Também diferentes epistemologias em um determinado domínio enfatizarão diferentes fontes de conhecimento. Além das diferenças disciplinares e geográficas, cada domínio tem variações no seu sistema de informação devido a diferenças paradigmáticas entre os atores no campo e aos diferentes paradigmas acerca das práticas e das disciplinas. Qualquer alteração nessas práticas implica em alterações nos documentos, nos sistemas simbólicos e nos conceitos que sustentam a prática existente (SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003). Por isso, as informações devem ser identificadas, descritas e representadas em sistemas de

informação para diferentes domínios de conhecimento (CAPURRO; HJØRLAND, 2007).

A análise domínio retoma a ideia de intersubjetividade e as pesquisas orientadas por tal abordagem indicam o *caráter construído da informação* e também consideram os sujeitos com atuação ativa no âmbito dos sistemas de informação. Com base na análise de domínio, Hjørland (2004a) defende a necessidade de as pesquisas no campo da Ciência da Informação voltarem-se ao domínio e não às percepções individuais. AD representa uma tentativa de evitar o individualismo metodológico na Biblioteconomia e Ciência da informação, no que se refere à relevância, à busca de informações, à recuperação de informações e à organização do conhecimento (HJØRLAND, 2004a). Hjørland (2004a) destacou que a maioria das atividades de pesquisa na Ciência da informação está sendo direcionada para as preferências e atitudes de usuários e não para o conhecimento representado nos sistemas de informação. Não se trata de opor subjetividade e objetividade, mas de compreender que a subjetividade pode ser uma condição para a objetividade, ou seja, opiniões, crenças, sentimentos do indivíduo e pluralização do conhecimento são algumas das pré-condições à objetividade (HJØRLAND, 2004a).

Hjørland e Albrechtsen (1995) não se preocuparam com a definição do domínio, mas apontaram caminhos para o levantamento de informações sobre esse em uma perspectiva filosófica e sociológica. Na perspectiva filosófica, é importante considerar teorias mais específicas sobre a natureza de diferentes domínios, como as ciências humanas, as ciências sociais, as ciências aplicadas e os estudos interdisciplinares, para desenvolver alguns princípios de relevância para a busca e organização da informação. A Ciência da Informação, como disciplina, deve prover conhecimento sobre paradigmas, metodologias, tendências na produção do conhecimento no contexto histórico, social, organizacional e político.

Entretanto, a análise filosófica não pode substituir estudos empíricos, mas pode guiar a interpretação desses. Assim, a CI pode usar pesquisas da sociologia do conhecimento como inspiração, a exemplo de Whitley (1984). Nesse sentido, Sondergaard, Andersen e Hjørland (2003) indicaram o modelo de canais de comunicação entre produtores e usuários de conhecimento científico, o *United*

*Nations International Scientific Information System*<sup>20</sup> (UNISIST), alterado para integrar os recursos da Internet às fontes impressas, como uma importante perspectiva sociológica para atividades de comunicação científica. O modelo destaca a comunicação entre o produtor e o usuário do conhecimento, como um sistema constituído por diversas unidades organizacionais e documentais contribuindo cada uma para a divisão do trabalho na comunicação acadêmica. Ao fazê-lo, o modelo permite examinar a comunicação dentro de domínios específicos ou comunidades de discurso e comparar as diferenças entre eles (SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003), permite prover modelos de atores (produtores, intermediários e usuários do conhecimento), instituições (instituições de pesquisa, editores e bibliotecas) e serviços de informação (primários, secundários e terciários) em diferentes comunidades discursivas. Ao introduzir os atores e as divisões do trabalho entre diferentes organizações e serviços, tais modelos são sociológicos por natureza e fornecem uma perspectiva específica sobre a organização do conhecimento. De tal modo, ajudam a compreender as diferentes funções de tipos de literatura e permitem estabelecer uma tipologia significativa da literatura acadêmica, incluindo a diferenciação bem conhecida entre literatura primária, secundária e terciária (HJØRLAND, 2003).

Ainda em uma perspectiva sociológica, Hjørland e Albrechtsen (1995) indicaram três principais facetas para o levantamento de informações sobre um domínio, que se articulam em torno do conceito de comunidade discursiva:

- a) A estrutura de comunicação em diversas disciplinas poderia ser investigada: Quem (e quantos) são os produtores? Quem são os grupos típicos de usuários? Quais canais de comunicação existem no domínio, e como grande parte da comunicação global ocorre pelos diferentes canais? Quando os canais foram criados? Podem ser reconhecidos padrões em desenvolvimento?
- b) Comparar os padrões de comunicação entre as diferentes áreas do conhecimento e tentar explorar por que diferentes padrões: diferentes escolas ou tendências podem ser identificadas em um domínio ou em domínios

---

<sup>20</sup> O modelo UNISIST foi desenvolvido em cooperação entre United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) e International Council of Scientific Unions (ICSU), sendo proposto, em 1971, como modelo generalizado das estruturas de informação no âmbito da Ciência e Tecnologia (C&T) e da organização da comunicação nesta área (SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003).

(como o positivismo, o estruturalismo e hermenêutica)? Há empréstimo de ferramentas de informação de um domínio para outros domínios? Como seriam estas diferentes abordagens? Implicam diferentes demandas ao sistema de informação? Quais ferramentas metodológicas foram emprestadas de outros campos? Quais são as bases filosóficas, as escolas, as correntes e as tendências na área e como elas interferem nas necessidades de informação? Como está o crescimento da área? E a organização da área, como se dá?

- c) Verificar o uso da linguagem em diferentes domínios: Que tipo de cultura existe sobre a forma de títulos, padrão de citações, etc.? Quais são as consequências para o valor informativo dos títulos, terminologia assunto, descritores, e citações na Recuperação da Informação? Quais tendências transdisciplinares importantes e conceitos existem nas disciplinas?

Hjørland e Hartel (2003) afirmaram que os estudos de domínios devem considerar a interação complexa de fatores ontológicos, epistemológicos e sociológicos que influenciam o desenvolvimento de campos de conhecimento. É fundamental perceber que os domínios são dinâmicos, pois, à medida que o conhecimento se desenvolve e evolui, a visão das estruturas do mundo e as relações entre diferentes conceitos mudam simbioticamente.

A dimensão ontológica indica o estudo dos tipos e estruturas de objetos, propriedades, eventos, processos e relações em todas as áreas da realidade. Quando questões de ontologia são abordadas dentro de domínios, muitas vezes envolvem a explicação de termos como estes: zonas, domínios, elementos, campos, tipos, objetos, problemas, assuntos (HJØRLAND; HARTEL, 2003).

A dimensão epistemológica está relacionada ao estudo do conhecimento e como obtê-lo, incluindo a observação, análise teórica, linguagens, tradições e valores na produção de conhecimento. Diversas visões epistemológicas influenciam um domínio, a cultura, as práticas e as formas de informação. Questões epistemológicas em domínios estão conectadas a termos como: abordagens, metateorias, movimentos, paradigmas, filosofias (da disciplina x), regimes, escolas (de pensamento e investigação), sistemas (de pensamento e investigação), tradições, tendências (num campo) e pontos de vista. As tentativas de classificar um domínio em organização do conhecimento sem levar em conta como

diferentes paradigmas são considerados no campo pode ser problemático (HJØRLAND; HARTEL, 2003). Hjørland e Hartel (2003) ressaltaram que mais importante do que uma definição clara de domínio, que seja facilmente compreendida por outros pesquisadores e possibilite um entendimento do objeto da análise de domínio, preocupação explicitada por Tennis (2003), é que a AD inicie com um estudo interpretativo de um assunto ou comunidade de interesse, para descobrir os interesses subjacentes e diferentes concepções da área e em seguida negociar uma definição ideal do domínio. Assim, o pesquisador entrelaça várias noções contemporâneas do domínio, bem como as suas histórias recentes, antes chegar a uma conclusão do conteúdo e fronteiras dos domínios.

Segundo os autores citados acima, a dimensão sociológica é central na análise de domínio e denota o estudo dos domínios de conhecimentos como pensamento ou comunidades discursivas, volta-se aos grupos de pessoas trabalhando com alguns objetos, aplicando algumas abordagens. Tal dimensão está relacionada a conceitos como: disciplinas, subdisciplinas, comunidades discursivas, comunidades epistêmicas, profissões, especialidades, sistema social de ciência, uma variedade de coleções da vida cotidiana (passatempos, amadores, entusiastas). Também ressaltaram que grupos de trabalho podem ser vistos como campos mais ou menos multidisciplinares, interdisciplinares ou transdisciplinares, e suas semânticas devem refletir o estágio atual de desenvolvimento do grupo de trabalho (HJØRLAND; HARTEL, 2003).

Capurro e Hjørland (2007) ressaltaram a importância de os profissionais da informação terem conhecimento mais amplo de filosofia da ciência e dos princípios do uso da linguagem para finalidades especiais e focarem na abordagem sociológica e epistemológica para a geração, coleta, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação.

Hjørland (2000) defendeu que a análise do domínio pode beneficiar a Biblioteconomia e bibliotecários generalistas que lidam com diferentes domínios, pois possibilita aos não especialistas no assunto terem conhecimento específico para realizar as atividades de informação. Na Ciência da Informação, a análise de domínio foi desenvolvida para enfrentar o problema central de como os especialistas em informação lidam com conhecimento do assunto (HJØRLAND, 2004a). Nesse sentido, Hjørland (2002a) propôs 11 abordagens para o estudo do domínio e o levantamento de

informações acerca desse: produção de guias ou portais de assuntos; produção de tesouros e classificações especializadas; indexação e recuperação especializadas; estudos empíricos de usuários; estudos bibliométricos; estudos históricos; estudos de documentos e gêneros; estudos epistemológicos e críticos; estudos terminológicos, linguagens para objetivos específicos, estudos do discurso e semântica em banco de dados; estruturas e instituições na comunicação científica; e cognição científica, conhecimento especializado e inteligência artificial.

A produção de guias ou portais de assuntos resulta em publicações que listam e descrevem os recursos do sistema de informação em uma ou mais áreas. Um guia é um tipo de bibliografia de documentos em um domínio e um tipo de interface entre o usuário e a literatura. Consiste em: levantar a literatura no domínio; classificá-la de acordo com papéis específicos ou funções em busca da informação, desenvolvendo uma taxonomia ou tipologia de documentos; descrever as características de obras de referência individuais (abordagem ideográfica); selecionar os recursos mais importantes; fornecer diretrizes de como usar os recursos informacionais. Embora não seja reconhecido como um método de pesquisa próprio, outros tipos de análise de domínio precisam desse tipo de conhecimento como base. Podem ser combinados com outras abordagens: produção de classificações especializadas, estudos de documentos e gêneros, estudos críticos e epistemológicos, estudos de estruturas e instituições na comunicação científica (HJØRLAND, 2002a).

A produção de tesouros e classificações especializadas focaliza nos conceitos centrais do domínio arranjados de acordo com as relações semânticas. Tesouros são principalmente vocabulários de domínios específicos, e a metodologia para desenhá-los pode ser vista como uma forma implícita de análise de domínio. Pode cooperar com outras abordagens: pesquisa em indexação e recuperação especializada, estudos bibliométricos, estudos históricos, estudos epistemológicos e críticos, estudos terminológicos e linguagens para objetivos específicos (HJØRLAND, 2002a).

A indexação e a recuperação da informação são sempre específicas, pois diferentes domínios têm diferentes demandas. O foco da Ciência da Informação em diferentes domínios pode tornar o campo mais realista e seus estudos mais relevantes em diferentes ambientes. A indexação e a recuperação da informação buscam organizar os documentos ou coleções para otimizar a recuperação e visibilidade de seu potencial epistemológico específico. Podem ser

combinadas com as seguintes abordagens: produção de classificações e tesouros especializados, estudos bibliométricos, estudos epistemológicos e críticos, estudos de terminologia e de discurso (HJØRLAND, 2002a).

Os estudos empíricos de usuários fornecem informações sobre as diferenças das necessidades de informação em diferentes comunidades, consideram o domínio e as tradições como fatores importantes no comportamento da informação. As teorias epistemológicas da Ciência da Informação têm um impacto fundamental em teorias sobre usuários, sua cognição e comportamento de busca da informação. São aplicadas em questões práticas da Biblioteconomia e Ciência da Informação, como seleção de fontes de informação. Entretanto, como tais estudos dependem das respostas dos usuários, nem sempre são confiáveis, pois em muitas situações os usuários não sabem o que realmente necessitam. Podem ser combinados com: estudos bibliométricos, estudos epistemológicos e críticos, estudos de estruturas e instituições em comunicação científica (HJØRLAND, 2002a).

Os estudos bibliométricos são utilizados como método e ferramenta da análise de domínio. É uma abordagem forte para a análise de domínio, porque é empírica e baseada na análise detalhada das conexões entre documentos. Devem-se considerar cuidadosamente os diferentes tipos de tendenciosidades. Para a interpretação desses estudos necessita-se de suporte de outros estudos, tais como: estudos históricos e estudos epistemológicos e críticos (HJØRLAND, 2002a).

Os estudos históricos não precisam ser combinados com as outras abordagens, embora possam enriquecê-las. O ponto de vista histórico possibilita entender documentos, organizações, sistemas, conhecimento e informação, é capaz de fornecer uma perspectiva mais profunda e coerente quando comparado com métodos não históricos (HJØRLAND, 2002a).

Os estudos de documentos e gêneros consideram que diferentes disciplinas e comunidades discursivas desenvolvem tipos de documentos especiais como adaptação às suas necessidades. Tais estudos indicam a organização e estrutura dos diferentes tipos de documentos em um domínio e podem contribuir com informações para o desenvolvimento de serviços de informação mais ricos e diferenciados. Tal abordagem pode ser combinada com: pesquisa em indexação e recuperação especializadas, estudos históricos e estudos epistemológicos e críticos.



Os estudos epistemológicos e críticos fornecem conhecimento sobre a constituição do domínio e uma avaliação crítica sobre seus conhecimentos específicos. Em todos os campos do conhecimento diferentes paradigmas, escolas ou abordagens podem ser identificadas e representam os princípios e teorias mais gerais que podem explicar o comportamento informacional. Estudos epistemológicos são importantes para que a Ciência da Informação seja capaz de explicar o fenômeno informação. As abordagens para análise do domínio ficam superficiais se desconsiderarem os estudos epistemológicos e críticos (HJØRLAND, 2002a).

Os estudos terminológicos, linguagem para objetivo específico, estudos do discurso e semântica em banco de dados partem do pressuposto de que a linguagem e a terminologia são objetos importantes para a Ciência da Informação porque afetam o pensamento e, portanto, as questões que colocamos nas bases de dados, bem como os textos que buscamos. Em diferentes áreas do conhecimento existem diferenças nos princípios da nomenclatura e da normalização por organizações. Podem ser combinados com: estudos bibliométricos, estudos históricos e estudos epistemológicos e críticos (HJØRLAND, 2002a).

Os estudos de estruturas e instituições da comunicação científica consideram a divisão interna do trabalho e de troca de informações dentro de domínios, fornecem informações úteis para o entendimento da função de tipos específicos de documentos e serviços de informação e para a elaboração de guias da literatura. Uma dada disciplina pode ser modelada como um sistema de instituições, serviços e fontes de informação (primária, secundária e terciária), intermediando usuários e produtores do conhecimento (HJØRLAND, 2002a).

Cognição científica, conhecimento especializado e inteligência artificial estabelecem modelos mentais de um domínio ou métodos para obter conhecimento para a produção de sistemas especializados. A informação usada no desenvolvimento de sistemas em um domínio é identificada, capturada e organizada para ser reusada na criação de novos sistemas (HJØRLAND, 2002a).

A análise de domínio provê uma fundamentação de forma sistemática para a organização do conhecimento (HJØRLAND, 2008). Para o autor, as atividades resultantes da organização do conhecimento devem refletir as necessidades de um determinado grupo de usuários ou um determinado propósito ideal. A organização do conhecimento no sentido amplo, conforme explicitado por Hjørland (2008), volta-se à divisão social do trabalho

mental, à organização de universidades e outras instituições de pesquisa de educação superior, à estrutura de disciplinas e professores, à organização social da mídia, à produção e à disseminação do conhecimento.

## **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS/ESTRATÉGIAS DA PESQUISA**

Os procedimentos metodológicos ou, como prefere Morin, as estratégias desta pesquisa, foram pensados, traçados e desenvolvidos em consonância com a Teoria da Complexidade de Morin (1989, 1997, 1999, 2001, 2002a, 2003a, 2003b, 2005, 2010, 2011). A teoria adotada possibilitou espaço para a incerteza e o diálogo e proporcionou a revitalização de pressupostos da pesquisa e, em decorrência, requereu uma metodologia aberta e flexível que, em síntese, permitisse buscar um caminho com a adoção de algumas estratégias que possibilitassem levantar reflexões para o delineamento de diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias, considerando os desafios da pós-modernidade, as relações interdependentes biblioteca-universidade-sociedade-comunidade usuária, as noções antagônicas e complementares e as diversas dimensões associadas ao desenvolvimento de coleções. Esse caminho metodológico, com suas diversas estratégias, foi traçado e revisto na caminhada.

### **4.1 CARACTERIZAÇÃO, DIMENSÕES DE ANÁLISE E ETAPAS DA PESQUISA**

A escolha do tipo de pesquisa está associada aos objetivos, questão de pesquisa e ao fundamento teórico-metodológico da pesquisa. A perspectiva do pensamento complexo requer que se leve em conta as diversidades, as pluralidades de referências, as múltiplas leituras e visões diferentes, e requer o entendimento de que a provisoriedade está sempre presente na dinâmica processual que permeia os fenômenos em geral. A realização de uma pesquisa que almeja entender determinado processo (desenvolvimento de coleções) em uma realidade social dinâmica e contraditória (pós-modernidade) implica na utilização de estratégias que consigam apreender essa realidade como uma totalidade complexa e em movimento e construir as mediações dessa com o objeto de estudo.

O processo é subjetivo, dinâmico e reflexivo, logo a pesquisa teve uma abordagem qualitativa do problema. A opção por uma abordagem qualitativa deveu-se ao fato de que se considerou a existência de “uma relação dinâmica entre o mundo real, objetivo, concreto e o sujeito, portanto uma conexão entre a realidade

cósmica e o homem, entre a objetividade e a subjetividade” (OLIVEIRA, 2007, p.60). Na abordagem qualitativa, o pesquisador é alguém que tenta “interpretar a realidade dentro de uma visão complexa, holística e sistêmica” (OLIVEIRA, 2007, p.60). A adoção de uma perspectiva ou de uma postura complexa leva o pesquisador a

voltar o olhar para dentro, para ele mesmo, antes de olhar o outro. Também suscita o reconhecimento de que não há um único método científico na elaboração do conhecimento e a ampliação da visão e da possibilidade de valorizar os sentidos e as interpretações dadas a tudo que é construído (COSTA; SOUZA; LUCENA, 2015, p.1).

A pesquisa desenvolvida na perspectiva da Complexidade tem a intenção de ampliar a compreensão dos fenômenos, por essa razão introduz a subjetividade no conhecimento e na sua explicação e, com isso, introduz o sujeito no conhecimento, como tradutor da realidade, o que coloca o pesquisador ativamente na cena da pesquisa. Conforme Morin (2002b, p. 200-201), “o conhecimento é sempre tradução e elaboração. Daí resulta que toda observação e toda concepção devem incluir o conhecimento do observador que concebe”. Então, cabe destacar que esta pesquisadora trabalhou por quatro anos em processos de desenvolvimento de coleção na Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina (BU/UFSC) e conhece esse processo.

Para Flick (2004, p. 20),

os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha correta dos métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção do conhecimento, e na variedade de abordagens e métodos.

No paradigma da complexidade, a teoria e o método estabelecem uma relação recursiva. A teoria é composta por características permanentes e o método precisa de uma estratégia inicial. “O método, gerado pela teoria, regenera a própria teoria” (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 24). Há “um constante ir e vir do referencial teórico à realidade durante a pesquisa e ressalta-se o caráter mediador da teoria nesse caminho” (PADERES; RODRIGUES; GIUSTI, 2005, p. 9). Em uma realidade que muda e se transforma, como ocorre na pós-modernidade, conforme já explicado nesta pesquisa, a concepção de método como um

conjunto de regras certas e permanentes, seguido mecanicamente, é insuficiente. Enfim, diante de

[...] situações complexas, nas quais, num mesmo espaço e tempo, não há apenas ordem, mas também desordem; não há apenas determinismos, mas também acasos; em situações nas quais emerge a incerteza, é preciso a atitude estratégica do sujeito [...] (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 18).

Por tal motivo, o pensamento complexo propõe o método como um caminho em que certas estratégias são colocadas à prova, o método como caminho, ensaio gerativo e estratégia *para* e *do* pensamento. O método como atividade pensante do sujeito vivente, não-abstrato. Um sujeito capaz de aprender, inventar e criar *em* e *durante* o seu caminho (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 19, grifos do autor).

A pesquisa qualitativa requer uma variedade de fontes de dados, por isso a presente pesquisa, realizada na perspectiva da complexidade, contará com variadas dimensões de análise, que serão as estratégias usadas para a consecução dos objetivos, conforme o Quadro 1.

**Quadro 1 - Dimensões e etapas da pesquisa**

Objetivos específicos	Dimensões de análise	Etapas da pesquisa
Extrair subsídios da Teoria da Complexidade e da análise de domínio para diretrizes norteadoras do processo de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias.	Epistemológica	Analogia entre os conceitos principais dos fundamentos teóricos da pesquisa: Teoria da Complexidade e análise de domínio
Sistematizar o pensamento registrado na literatura de Biblioteconomia e Ciência da Informação sobre o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias.	Pensamento registrado	Pesquisa bibliográfica sobre formação e desenvolvimento de coleções
Verificar o que está formalizado nas políticas de desenvolvimento de coleções nas bibliotecas das universidades federais brasileiras.	Pensamento institucionalizado	Pesquisa documental nas políticas de coleções de bibliotecas universitárias brasileiras
Levantar a visão dos atores envolvidos no processo decisório sobre o desenvolvimento de coleções nas bibliotecas universitárias federais brasileiras.	Pensamento vigente	Entrevistas com gestores do desenvolvimento de coleções das bibliotecas analisadas

Fonte: elaborado pela autora.

Cabe esclarecer que as escolhas das dimensões foram realizadas em função de se acreditar que as fontes utilizadas em cada uma delas forneceriam diferentes visões sobre o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias requeridas para o desenvolvimento desta pesquisa e para a tessitura do pensar sobre as diretrizes almejadas. Objetivamente, também, essas escolhas foram realizadas em função da necessidade de se atender aos objetivos desta pesquisa, o que não significa que sejam as únicas possibilidades de análise desse objeto de estudo.

A **primeira dimensão de análise** foi epistemológica, realizada por analogia entre os conceitos principais da Teoria da Complexidade de Morin e da análise de domínio de Hjørland, tendo como base a fundamentação teórico-metodológica da pesquisa. A analogia, explicada por Morin (1999, p. 153), é capaz de gerar “um conhecimento do semelhante pelo semelhante que detecta, utiliza, produz similitudes de modo a identificar os objetos ou fenômenos que percebe ou concebe”. Segundo Morin (1999, p. 157), “os múltiplos modos de reconhecimento e de conhecimento por analogia são inerentes a toda atividade cognitiva e a todo pensamento” e “são princípios fundamentais utilizados por todo conhecimento”. (MORIN, 1999, p. 188). Como “a analogia é iniciadora, inovadora, inclusive na invenção científica” é preciso reabilitar “os modos cientificamente nobres ou enobrecidos da analogia” (MORIN, 1999, p. 157).

A analogia como técnica de pesquisa permite a comparação entre dois temas para “ressaltar semelhanças ou diferenças” (VERGARA, 2005, p. 37). Vergara (2005, p. 39) explica que o emprego da analogia permite “um novo olhar sobre os fenômenos”, “requer do pesquisador criatividade no momento de elaboração e habilidade de argumentação” e, também, para comunicar as conclusões a que chegou.

A **segunda dimensão de análise** englobou o pensamento registrado na literatura e teve com fonte de dados a pesquisa bibliográfica, visando identificar o que foi veiculado sobre o desenvolvimento de coleção ou sobre aspectos relacionados a esses processos nos principais periódicos científicos da área.

A **terceira dimensão de análise** visou capturar o pensamento institucionalizado formalizado em políticas vigentes, constituída novamente pela análise de documentos configurados como políticas de formação e desenvolvimento de coleção de bibliotecas universitárias brasileiras. A política de desenvolvimento de coleções (PDC) é o documento que formaliza o posicionamento

da biblioteca e reflete a sua realidade; e os anseios da biblioteca quanto às suas coleções e ao atendimento das necessidades informacionais da comunidade acadêmica. É o documento que visa delinear as etapas do desenvolvimento de coleções realizado pelo bibliotecário. Deve expressar as aspirações informacionais da comunidade em que está inserida (WEITZEL, 2013).

A **quarta dimensão de análise** levantou a visão dos atores diretamente envolvidos e foi constituída pelo levantamento de dados via entrevistas, visando ao levantamento de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional dos gestores do desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias brasileiras. As entrevistas foram utilizadas para “recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito”, permitindo, no caso desta pesquisa, ao investigador “desenvolver intuitivamente uma ideia sobre como os sujeitos” (BOGDAN; BIRKLE, 1994, p.134), mais especificamente como os gestores das atividades do desenvolvimento de coleções nas bibliotecas universitárias, agem em determinadas situações do seu trabalho. Esta etapa cumpre a função de considerar o pensamento vigente sobre essa questão nas universidades brasileiras.

Algumas bibliotecas universitárias brasileiras atuaram como *locus* para o desenvolvimento da terceira e quarta dimensões de análise do processo de desenvolvimento de coleções. As bibliotecas são centros do saber e estão em constante simbiose com o ambiente universitário e as demandas da sociedade. O desenvolvimento de coleções deve ser representativo da interação da biblioteca com o ambiente da universidade, das funções dessa na sociedade, bem como das pessoas que participam da sua constituição e dos usuários das informações.

Os subsídios obtidos em cada dimensão estudada, na medida do possível, foram considerados como interdependentes, não foram vistos isoladamente e adquiriram sentido na sua relação com outros subsídios extraídos de outras dimensões. Buscou-se que fossem concebidos, sempre que possível, em conjunto, em um jogo retroativo/recorrente, no qual elementos de cada dimensão pudessem retomar ao anterior e vice-versa, assim, foram vistos como complementares, concorrentes e antagônicos. Dessa maneira, a análise tornou-se

um momento que volta incessantemente, isto é, que não se afoga na totalidade/síntese, mas que também não a dissolve. A análise apela para a síntese que apela para a análise, e isto

infinitamente num processo produtor de conhecimento (MORIN, 1997, p. 348).

Nesse contexto, a proposta de diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias foi delineada com base na interligação de elementos das dimensões estudadas, de forma que cada um desses pudesse agir e retroagir sobre os demais até atingir uma organização que sustentasse a proposta de diretrizes. Acredita-se que a Complexidade sensibiliza para evidências adormecidas ou ignoradas, reconhecendo a incerteza do conhecimento e a irrupção conjunta da ordem/desordem e da visão do observador, integrando profundamente a incerteza, a incompletude e a imperfeição na organização (MORIN, 2005).

#### 4.2A COLETA E A ANÁLISE DOS DADOS

A **primeira etapa** foi realizada tendo como fonte de dados o embasamento teórico-metodológico da pesquisa, visando, via analogia, verificar pontos confluentes e possíveis complementaridades entre a Teoria da Complexidade e a análise de domínio. Com base na revisão realizada no referencial teórico-modológico, os passos desta etapa incluíram a delimitação dos elementos a serem considerados (aproximações e complementaridades), seleção de dados congruentes e descrição conforme a delimitação estabelecida. O sentido da analogia, conforme Morin (1999), é organizacional e funcional, pois obedece a princípios de identificação e “permitem a formação de homologias que suscitam princípios organizadores” (MORIN, 1999, p. 157). Então, foram detectados princípios organizadores semelhantes, aproximações e relações entre a Teoria da Complexidade e a análise de domínio. Para tal, considerou-se que as relações concorrentes e antagônicas podem ser complementares.

Seguindo as recomendações de Vergara (2005), foram definidas a Teoria da Complexidade e análise de domínio como objetos da analogia, para amparar o olhar para as demais dimensões e subsidiar a proposição de diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. Assim, com base na revisão realizada no referencial teórico-modológico, os passos desta etapa incluíram a delimitação de aspectos dos elementos a serem considerados (aproximações e



complementaridades), seleção de dados congruentes e descrição conforme a delimitação estabelecida.

A **segunda etapa** desta pesquisa visou extrair pontos de vista dos autores sobre o desenvolvimento de coleções ou sobre aspectos relacionados a essa questão nos artigos publicados em âmbito nacional e internacional, no período de 2011 a 2015, inclusive. Os artigos do *corpus* desta etapa foram levantados nas principais bases de dados, especializadas em Ciência da Informação e Biblioteconomia, disponíveis no Portal de Periódicos da Capes, tais como *Library and Information Science Abstracts* (LISA) e *Library, Information Science & Technology Abstracts* (LISTA), e em outras bases multidisciplinares: *Web of Science*, *Wiley Online Library*, *Emerald* e *Scopus* (Elsevier) e na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI). Para tal, foram utilizados os descritores *collection development*, *collection building* associados com os descritores *academic library*, *academic libraries*, *university library* e *universities libraries*, de modo a restringir que o desenvolvimento de coleção estivesse sendo tratado no âmbito de bibliotecas universitárias. Tais descritores foram utilizados nos campos título e palavras-chave. Quando essa possibilidade de busca não estava disponível na base de dados, optou-se pela possibilidade mais similar e os resultados foram analisados para detectar os artigos com enfoque no desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. Vale esclarecer que, na literatura internacional, o termo *biblioteca acadêmica* é utilizado como sinônimo ao termo *biblioteca universitária*, por isso essa expressão foi utilizada também na estratégia para recuperação das informações desejadas.

Os resultados das buscas nas bases de dados, com os quantitativos de artigos recuperados de acordo com a estratégia de busca e o resultado final em cada base, após a leitura dos resumos e a exclusão de artigos nos quais o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias não era enfoque predominante, estão no Quadro 2.

**Quadro 2 - Protocolo de busca nas bases de dados**

Estratégia de busca <sup>21</sup>	Base de dados	Campo de busca	Resultado preliminar	Resultado final
("collection development" OR "collection building") AND ("academic librar*" OR "universit* librar*") <sup>22</sup>  Tipo de material: artigos de periódico (revisado por especialistas)  Incluiu: artigos de pesquisa e estudos de caso  Idiomas dos artigos: Inglês, Português, Espanhol  Período: 2011 a 2015	Library and Information Science Abstracts (LISA)	Título	7	4
		Assunto <sup>23</sup>	4	38
	Library, Information Science & Technology Aabstracts (LISTA)	Título	12	8
		Palavras-chave	50	33
	Web of Science	Título	7	5
		Palavras-chave	69	51
	Scopus	Título	11	8
		Palavras-chave	75	53
	Emerald	Título	6	4
		Palavras-chave	32	27
	BRAPCI	Título	1	-
		Palavras-chave	6	3

Fonte: elaborado pela autora.

Alguns artigos foram identificados em mais de uma base de dados, após a eliminação das duplicidades o *corpus* ficou constituído por 64 artigos. O levantamento foi realizado no período de 1º a 10 de maio de 2015, atualizado no período de 1º a 10 de março de 2016 e novamente entre 5 e 14 de setembro de 2016.

Na **terceira etapa** de pesquisa documental, foram levantadas e analisadas as políticas de desenvolvimento de coleções das bibliotecas de algumas universidades federais. A escolha das universidades ocorreu a partir dos dados do E-MEC, um sistema eletrônico de acompanhamento dos processos que regulam a educação superior no Brasil (BRASIL, ©2015). Assim, foram escolhidas duas bibliotecas de universidades federais por estado

<sup>21</sup> As estratégias de busca e o uso dos operadores booleanos e \* foram adaptados às recomendações de cada base de dados e, quando necessário, combinados diferentemente.

<sup>22</sup> Os termos foram utilizados no idioma inglês, português e espanhol, conforme as políticas de indexação das bases de dados utilizadas.

<sup>23</sup> Base de dados não disponibiliza busca por palavra-chave, somente busca por assunto atribuído pela própria base, e recupera editoriais, artigos de opinião, entre outros que foram excluídos individualmente.

brasileiro, uma universidade mais antiga e outra criada mais recentemente. Para selecionar a universidade mais consolidada entre as antigas, verificou-se a mais bem classificada no *Ranking Universitário Folha*, baseado no *ranking* no grupo *Quacquarelli Symonds* para estabelecer a que tem mais prestígio, procedimento igualmente adotado para a seleção das universidades criadas recentemente. Acreditou-se que tal escolha permitiu contrapor políticas de seleção de bibliotecas de universidades consolidadas e políticas de seleção de bibliotecas criadas recentemente, isto para se verificar se esses fatores refletiram nas políticas de desenvolvimento de coleções em tais bibliotecas universitárias. Como critério, também, ficou estabelecido que seriam incluídas bibliotecas de universidades de estados brasileiros nos quais constatou-se a presença de pelo menos duas universidades nas condições citadas acima. Os estados representados nesta etapa da pesquisa foram: Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Pará, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Dentre as bibliotecas das 26 universidades selecionadas, foram analisadas as políticas de desenvolvimento de coleções disponíveis na *homepage* das instituições ou obtidas por intermédio de solicitação via correio eletrônico, totalizando 23 políticas ou documentos que delineiam o desenvolvimento de coleções nas instituições analisadas.

Para análise dos dados obtidos nos 23 documentos foi empregada a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2004), cuja intenção “é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção” (BARDIN, 2004, p. 34), devido à possibilidade de realizar uma análise baseada nas interpretações e inferências retiradas dos conteúdos dos documentos. Na pesquisa qualitativa, a análise de conteúdo é válida para o entendimento acerca de um acontecimento ou uma variável de inferência precisa (BARDIN, 2004), nesta pesquisa a variável de inferência refere-se ao pensamento institucionalizado acerca do desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias brasileiras. Tal técnica fornece um caminho direcionado por três passos assim definidos: 1. Pré-análise; 2. Exploração do material; 3. Tratamento dos resultados, inferências e interpretações.

Na fase da pré-análise fez-se a leitura flutuante das políticas de desenvolvimento de coleções, visando a um primeiro contato para a obtenção das primeiras impressões a respeito do conteúdo das políticas. A escolha dos documentos foi realizada *a priori*, seguindo algumas normas: exaustividade (inclusão de todos os materiais compatíveis com os critérios de seleção adotados);

representatividade (realizada com base em uma amostra representativa do universo inicial); homogeneidade (todos os documentos são políticas de desenvolvimento de coleções de bibliotecas universitárias) e pertinência (todos os documentos foram considerados adequados para a análise requerida). Assim, os documentos passíveis de compor o *corpus* desta pesquisa foram os documentos susceptíveis de fornecer subsídios acerca do pensamento institucionalizado no que se refere à formação e ao desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias brasileiras.

A fase de exploração do material consistiu na “administração sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 2004, p. 95), ou seja, constituiu-se na leitura dos textos para a extração dos elementos para identificação, análise e descrição das categorias. Ainda durante a exploração do material, os dados foram codificados com a escolha das unidades de registro, isto é “unidade de significação correspondente ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base” (BARDIN, 2004, p. 98), assim foi eleito o tema como unidade de registro. A noção de tema é amplamente utilizada em análise temática e possibilita descobrir os núcleos de sentido que compõem o enunciado. Acredita-se que a identificação de tais núcleos possibilita a inferência do pensamento institucionalizado. As unidades de contexto foram determinadas como o parágrafo, pois são “unidade de compreensão para codificar a unidade de registro”. (BARDIN, 2004, p. 100). As unidades de registro (tema) foram reunidas em categorias ou sob um título genérico, conforme indicações de Bardin (2004). A categorização possibilita a classificação de elementos constitutivos de um conjunto. A escolha das categorias balizou-se por critérios semânticos, ou seja, nos temas, dessa maneira todos os temas que remetem às categorias ficarão agrupados sob essas.

A elaboração de índices e indicadores visou à escolha de elementos para explicitar o conteúdo em relação aos objetivos da análise, desta forma, foram realizados recortes do texto em unidades para a categorização. O tratamento dos dados e a interpretação possibilitaram elencar categorias e temas, escolhidos a partir da presença na maioria dos documentos analisados e captados durante a exploração e fichamento das políticas de desenvolvimento de coleções. As percepções obtidas foram registradas em fichas documentais, com o auxílio do *software* Excel (Apêndice B).

Na **quarta etapa** foram realizadas entrevistas com os gestores dos processos de desenvolvimento de coleções nas

bibliotecas universitárias das mesmas universidades já selecionadas na etapa anterior. Para tal, foram contatados os profissionais das instituições, e 19 gestores aceitaram participar da pesquisa, do total de 26 instituições selecionadas. Os estados representados nesta etapa da pesquisa foram: Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Pará, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Vale destacar que foram convidados para participar da entrevista, os gestores das instituições selecionadas na etapa anterior, mesmo daquelas que ainda não possuíam a política de desenvolvimento de coleções ou outro documento formalizado para delinear o processo estudado.

Um roteiro com questões abertas (Apêndice C) serviu de orientação para a realização das entrevistas e essas visaram captar a percepção dos profissionais sobre a coleção de uma biblioteca universitária, sua função e escopo dentro de suas organizações. A realização objetivou “a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos” (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 181), ou seja, buscou a obtenção de dados referentes à prática profissional, não explicitados nas políticas de desenvolvimento de coleções, e que pudessem elucidar o pensamento vigente dos profissionais sobre o desenvolvimento de coleções nas bibliotecas universitárias, tais como: a visão dos gestores do desenvolvimento de coleções acerca desse processo nas bibliotecas universitárias nos dias de hoje; as dificuldades com as reduções orçamentárias; os desafios enfrentados; os elementos que balizam a política de desenvolvimento de coleções, como as coleções contribuem para as atividades da universidade e que novas contribuições vêm sendo requeridas, como ocorre a seleção das obras, a detecção de necessidades de informação, a participação da comunidade acadêmica e a avaliação da coleção.

As entrevistas foram possíveis devido à utilização dos recursos tecnológicos de videoconferência do *Skype* ou do *Google Hangouts* para contato entre o profissional e o pesquisador. Buscou-se a fluidez da conversa entre as partes, de modo que os dados necessários emergissem naturalmente, conforme o andamento do processo, e para que a intermediação do pesquisador fosse tranquila e acolhedora. A entrevista foi gravada e posteriormente transcrita.

Com o intuito de esclarecer sobre os compromissos éticos na realização da pesquisa, seus objetivos e métodos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D) foi assinado por ambas as partes, isto é, pelos entrevistados e entrevistador. Assim,

assegurou-se o anonimato dos entrevistados e registrou-se que os dados coletados seriam utilizados para fins do relatório desta pesquisa e trabalhos relacionados a ela. Os dados que poderiam identificar os sujeitos participantes da pesquisa não foram revelados, isso para garantir o compromisso de manter em sigilo os participantes desse levantamento.

A **última etapa desta pesquisa** constituiu-se em pensar sobre possíveis aspectos que poderiam ser levados em conta para o delineamento de diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. Com base no anel tetralógico de Morin (1997), as diretrizes foram tecidas na perspectiva da Teoria da Complexidade, procurando levar em conta a multidimensionalidade dos fenômenos, representada aqui pelas diversas dimensões de análise definidas para o desenvolvimento desta pesquisa. O anel tetralógico (ver página 72 deste documento) forneceu a base para se pensar tais diretrizes, isto porque resume o pensamento complexo. O anel propõe a interação dialógica entre ordem, desordem e organização. Nesse processo permeado pela incerteza, devem-se respeitar as diversas coerências, trabalhando e aceitando o antagonismo, que são elementos de interação e reorganização de um sistema.

Na pesquisa qualitativa, a análise de dados é “processo permanente envolvendo reflexão contínua sobre os dados, formulando questões analíticas e escrevendo anotações durante todo o estudo” (CRESWELL, 2010, p. 217). A análise de dados ocorreu juntamente com a coleta de dados, a realização de interpretações e a redação de relatórios.

Além disso, é sempre bom lembrar que analisar os dados a partir das lentes da Complexidade implicou em reconhecer que não há uma receita pronta para a realização da pesquisa e que essa se desenvolveu num ir e vir. A análise empreendida foi “interativa, associativa, intencionando estudar as múltiplas dimensões do objeto de estudo sem, contudo, prender-se a quaisquer conclusões hermeticamente fechadas” (LIMA, 2003, p.74). Também levou a considerar as diferentes perspectivas inerentes ao desenvolvimento de coleções, admitir a complexidade desse processo na tessitura dos elementos analisados, tendo em mente sempre a necessidade de ampliação da visão do objeto de análise e a incompletude dos resultados obtidos. Objetivou-se, assim, perceber os elementos inerentes ao desenvolvimento de coleções em bibliotecas em universidades na pós-modernidade, para a obtenção de um resultado que reflita as contradições e ressalte as interconexões entre os fatores levantados, processos analisados e discursos

proferidos. O importante é que todos os aspectos “não sejam analisados separadamente, mas sim que concorram para uma visão poliocular” desse fenômeno, sempre que possível. O que estimula, nessa perspectiva de análise, é o desnudamento de toda a complexidade do real (MORIN, 1989, p.35). Portanto, pela união e junção dos dados das dimensões analisadas, foram obtidos subsídios para os fios do tecido das diretrizes para o desenvolvimento de coleções que permitam às bibliotecas das universidades atender às expectativas de ampliar sua atuação conforme explanadas nesta pesquisa.





## **5 RESULTADOS: O DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES VISTO EM VÁRIAS DIMENSÕES**

Nesta seção foram relatados os resultados das análises empreendidas nas dimensões escolhidas para o desenvolvimento desta pesquisa. Para começar, apresenta-se uma reflexão acerca dos pontos confluentes e das complementaridades existentes entre a Teoria da Complexidade e a análise de domínio, colocando em perspectiva o paradigma social da Ciência da Informação. Após, apresentam-se o pensamento e as ideias registrados na literatura de Biblioteconomia e Ciência da Informação sobre o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. A seguir, para detectar o pensamento institucionalizado formalizado nas políticas de desenvolvimento de coleções nas bibliotecas das universidades federais brasileiras, analisam-se tais políticas, procurando extrair os eixos norteadores nesses documentos. Igualmente, visando detectar o pensamento vigente, isto é, a visão do desenvolvimento de coleções dos gestores em tais bibliotecas, mostra-se o resultado das entrevistas realizadas com essa finalidade.

### **5.1 DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA: análise de domínio e teoria da complexidade, aproximações e complementaridades**

Há carência de estudos, no âmbito da Ciência da Informação (CI), que realizem menções ou busquem uma confluência direta entre aspectos cognitivos, sociais e culturais nos domínios de conhecimento para o estabelecimento de diretrizes para o desenvolvimento de coleções. Assim, esta pesquisa busca subsídios na Teoria da Complexidade e considera aproximações e complementaridades dessa teoria com a análise de domínio para vislumbrar um caminho que contemple essa perspectiva.

Ao buscar o estabelecimento de diálogos, relações e analogias entre a Teoria da Complexidade e a análise de domínio, foram evidenciadas aproximações, devido às semelhanças existentes entre elas e seus princípios organizadores. As relações entre a Teoria da Complexidade e análise de domínio também evidenciaram distanciamentos, que nesta pesquisa guiada pela Complexidade, foram harmonizadas e transformadas em complementaridades. A possibilidade de verificar as aproximações e

complementaridades supõe uma analogia organizacional e funcional.

Segundo Morin (1997), a ligação complementar e antagônica entre elementos diferentes possibilita o sentido de complexidade. “Complementaridade e antagonismo aparecem até como as duas faces do mesmo fenômeno” (MORIN, 1997, p. 248). Morin (1997, 1999, 2001) afirma que as interações são de caráter complementar, concorrentes e também antagonistas. Da mesma maneira que os antagonismos e concorrências compreendem complementaridades, as solidariedades compreendem concorrências e antagonismos. Tomando as afirmações do autor como inspiração, as complementaridades são associações entre aspectos da Teoria da Complexidade e da análise de domínio devido à pertinência para o objetivo desta pesquisa.

A multidimensionalidade é um aspecto presente tanto na Complexidade como na análise de domínio. A Complexidade aspira ao conhecimento multidimensional, e, similarmente, a análise de domínio propõe o estudo dos domínios considerando as dimensões ontológicas, epistemológicas e sociológicas e sua interação complexa no desenvolvimento dos campos de conhecimento (HJØRLAND; HARTEL, 2003). A análise de domínio, em consonância com o pensamento complexo, considera diferentes elementos que compõem o domínio de conhecimento. A multidimensionalidade também está presente ao considerar os aspectos sociais, históricos e epistemológicos das comunidades discursivas e os diferentes entendimentos acerca da informação (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995). Produtores de informação, intermediários e usuários são mais ou menos conectados em comunidades que formam linguagens comuns, gêneros e outras práticas de comunicação tipificadas (HJØRLAND, 2004b). Também dá grande ênfase a questões qualitativas relacionadas à evolução histórico-cultural (HJØRLAND, 2004b). A Complexidade admite que não se pode compreender os seres humanos apenas a partir dos seus elementos constituintes e devemos considerar que são integrantes da sociedade.

Outro aspecto presente é a interação entre o individual e o social. Na análise de domínio, assim como na Teoria da Complexidade, reconhece-se a interação do usuário individual e do ambiente social. Na análise de domínio entende-se que existe uma relação dialética entre a comunidade e seus membros, que é mediada pela linguagem e influenciada pela história do domínio (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995). Os indivíduos são vistos como membros de comunidades discursivas. Estudar os domínios

do conhecimento pela visão das comunidades discursivas é não se preocupar somente com os usuários e suas necessidades de informação, mas os compreender como inseridos em diferentes culturas, estruturas sociais e domínios de conhecimento. As necessidades de informação são moldadas nas comunidades discursivas, são influenciadas por fatores sociais e culturais. A Teoria da Complexidade amplia essa visão quando entende que os indivíduos fazem parte da sociedade, na qual existem uma linguagem e uma cultura que retroagem sob os indivíduos e tanto inibem como estimulam as potencialidades desses, a sociedade é um todo organizador (MORIN, 2005).

A relação entre subjetividade e objetividade também é um aspecto que permite a aproximação. Na Teoria da Complexidade a participação do sujeito no processo de conhecer é essencial, entende-se que o sujeito e objeto são constitutivos um do outro. Segundo Morin (1999), a realidade do ser sujeito é estabelecida na realidade do mundo objetivo. De modo complexo, há uma conjunção indissolúvel entre sujeito e objeto. De maneira semelhante, a análise de domínio retoma a intersubjetividade e reconhece o papel ativo dos sujeitos, mas não os enaltece em detrimento do domínio e dos sistemas de informação, de modo que busca a interação entre as estruturas de domínio e conhecimento individual (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995), pois entende que a subjetividade é uma condição para a objetividade, então não há oposição e sim continuidade nesse processo.

Outros aspectos que podem ser aproximados entre a Teoria da Complexidade e a perspectiva da análise de domínio são o reconhecimento da incerteza, a coexistência da ordem-desordem como componente para a transformação. Segundo a perspectiva da análise de domínio, apresentada por Hjørland e Albrechtsen (1995), não há uma ordem permanente de conhecimento, os domínios são dinâmicos e, à medida que o conhecimento se desenvolve e evolui, a visão das estruturas do mundo e as relações entre diferentes conceitos mudam simbioticamente (HJØRLAND; HARTEL, 2003); há muita incerteza em determinar se algo é informativo ou não para um domínio (HJØRLAND, 2007). Os domínios também se modificam conforme as fronteiras; estruturas e relações se transformam. Novos domínios surgem, outros se modificam em decorrência da transformação no conhecimento.

A análise de domínio também não se constitui por abordagens fechadas, está em aberto o seu desenvolvimento e a sua contribuição na Ciência da Informação (HJØRLAND, 2002a). A Complexidade postula que o método seja apenas o caminho inicial,

um caminho no qual as estratégias são colocadas à prova, assim o método não é fechado. Dessa forma, reconhece a presença da provisoriedade e do acaso, e que novas informações podem ser integradas durante a ação. A concepção da análise de domínio como uma abordagem aberta permeia as afirmações de Hjørland e Albrechtsen (1995), pois os autores não se preocupam com definições incontestáveis e indicam caminhos, tanto que não apresentam uma definição pronta para comunidades discursivas e para domínio, mas remetem para definições construídas em outros estudos e indicam caminhos para o levantamento de informações sobre o domínio. Hjørland e Hartel (2003) ressaltaram que a definição ideal de domínio deve ser negociada tendo como ponto de partida um estudo sobre o assunto ou comunidade de interesse. Tal afirmação se aproxima do ponto de vista defendido na Teoria da Complexidade que, indica a elaboração do caminho durante a caminhada. Ou mais especificamente, na análise de domínio, os domínios são definidos com base em estudos sobre eles.

Na tentativa de associar a análise de domínio com alguns aspectos do pensamento complexo, busca-se sintetizar, para lembrar os princípios dessa teoria já explanados neste documento, que são: o primeiro princípio é o sistêmico-organizacional, que promove a ligação do conhecimento das partes ao conhecimento do todo e concebe a organização; o segundo é o holográfico, que promove a percepção de totalidade, evidenciando o paradoxo em que o todo está nas partes, assim como as partes estão no todo; o terceiro é o circuito retroativo, que promove a noção de que tanto a causa age sobre o efeito, quanto o efeito age sobre as causas, rompendo com a linearidade da causa-efeito; o quarto é o circuito recursivo, que evidencia a capacidade de autoprodução (autogeração de seres vivos, autopoiese e auto-organização), na qual os seres são produtores e causadores daquilo que os produz (MORIN, 2003a; 2010), a sociedade é produto das interações entre os indivíduos, e a sociedade produzida também produz os indivíduos; o quinto é o da autonomia/dependência como condição relacional dos seres vivos para sua sobrevivência no meio ambiente, tornando-os auto-eco-organizadores; o sexto é o dialógico, que assume a inseparabilidades de coisas e noções contraditórias, são apenas aspectos complementares; o sétimo é a reintrodução do conhecimento em todo conhecimento, indicando que o conhecimento é reelaboração situada e histórica (MORIN, 2003a, 2010).

Ao aproximar os princípios da Teoria da Complexidade com a abordagem da análise de domínio, pode-se perceber que o princípio

sistêmico-organizacional na análise de domínio considera que os indivíduos são pertencentes a diferentes culturas, estruturas sociais e domínios de conhecimento e que não devem ser vistos independentemente disso, que se deve estudar as questões de informação considerando o todo organizado, ou seja, as comunidades discursivas, compostas pelos indivíduos com suas visões de mundo e sua trajetória social e histórica, bem como os diferentes elementos que estão presentes na organização do domínio.

O princípio holográfico está presente ao reconhecer a interação entre as estruturas de domínio e conhecimento individual, e ao considerar o indivíduo como membro de comunidades discursivas ligados pelo pensamento, linguagem e conhecimento. A análise de domínio também supera o reducionismo ao se tornar uma alternativa frente ao individualismo metodológico, que vê os indivíduos e os processos cognitivos isolados do contexto social. (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995).

O princípio de autonomia/dependência, que considera os seres vivos como auto-eco-organizadores, se apresenta na análise de domínio na noção de que o indivíduo tem sua identidade própria e capacidade para produzir conhecimento, mas está inserido em uma comunidade discursiva, da qual obtém informação para desenvolver o seu trabalho. De forma similar, alguns domínios também extraem informação de outros domínios para produzir conhecimento (SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003). A busca de informação em outros domínios está relacionada à interdisciplinaridade, ou ainda, a articulação, cooperação e troca entre campos do conhecimento compartimentados (MORIN, 2002a).

O princípio do circuito retroativo na análise de domínio está relacionado à ideia de os critérios de relevância e as necessidades de informação são moldados em comunidades discursivas e, influenciam e são influenciados pela informação produzida e utilizada no domínio.

O princípio do circuito recursivo ou da recursão organizacional indica o papel ativo dos membros da comunidade discursiva, pois participam da organização do domínio, são produtores e usuários da informação produzida no domínio. Assim, ao participarem do domínio de conhecimento, os indivíduos contribuem para a sua elaboração e expansão, mas, ao integrá-lo, se unem pelo pensamento, linguagem e conhecimento.

O princípio dialógico permite manter a dualidade no seio da unidade, associa noções contraditórias, e na análise de domínio está relacionado ao reconhecimento de que o conhecimento é

formado por meio de relações dialéticas entre a comunidade e seus membros. E também aponta que em uma comunidade discursiva existem visões conflitantes sobre o que é necessário e relevante. Cada domínio tem variações no sistema de informação devido aos diferentes paradigmas, e, mesmo que a tendência seja de buscar a visão dominante, é importante considerar diferentes horizontes (HJØRLAND; HARTEL, 2003) e associá-los para conceber a organização do domínio.

O princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento está relacionado ao caráter construído da informação, pois “o objeto do conhecimento comporta necessariamente as operações/construções/traduções do sujeito” (MORIN, 1999, p. 232). Na análise de domínio, o entendimento do que é informação varia em cada comunidade discursiva (CAPURRO; HJØRLAND, 2007) e cada domínio tem variações no seu sistema de informação (SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003). O usuário com sua visão de mundo é membro de uma comunidade discursiva, é influenciado pelas dimensões social, cultural e histórica, e a sua subjetividade está presente na elaboração do conhecimento dos domínios (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995).

No Quadro 3, apresenta-se a síntese das aproximações verificadas.

A análise de domínio tem como foco as comunidades discursivas, que segundo Swales (1990), possuem objetivos comuns, estilos de comunicação próprios, vocabulário especializado e são compostas por um número pequeno de membros com um adequado grau de conteúdo relevante e experiência. Essa visão coloca em foco a especialização, assim, ao estudar domínios específicos via comunidades discursivas, demonstra um olhar fragmentado e, de tal forma, uma visão reducionista, isto é, de que o “conhecimento da unidade de base era suficiente para conhecer os conjuntos e as totalidades” (MORIN, 2002a). Essa visão voltada para comunidades discursivas está relacionada à especialização, forma de divisão do trabalho e organização do conhecimento que, pode levar a conhecimentos compartimentados e isolados uns dos outros (MORIN, 2002a).

**Quadro 3 - Aproximações dos princípios do Pensamento Complexo com a abordagem da Análise de Domínio**

<b>Princípios Teoria da Complexidade</b>	<b>Aproximação com a Análise de Domínio</b>
<p><b>Princípio sistêmico-organizacional:</b> ligação do conhecimento das partes ao conhecimento do todo para conceber a organização que produz qualidades ou propriedades novas em relação às partes consideradas isoladamente.</p>	<p>A análise do domínio considera que diferentes abordagens influenciam o pesquisador individual e também a organização do domínio. Propõe estudar o conhecimento considerando o indivíduo como membro de comunidades discursivas, sem desconsiderar suas visões de mundo e sua trajetória social e histórica, bem como os diferentes elementos que estão presentes na organização do domínio.</p>
<p><b>Princípio holográfico:</b> o todo está nas partes, assim como as partes estão no todo. A ideia do holograma vai além do reducionismo, que só vê as partes, e do holismo, que só vê o todo.</p>	<p>Reconhece uma interação entre as estruturas de domínio e conhecimento individual, uma interação entre o individual e o social. É uma alternativa para o individualismo metodológico, pois reconhece que os domínios compreendem atores com suas visões de mundo.</p>
<p><b>Princípio circuito retroativo:</b> rompimento da causalidade linear: a causa age sobre o efeito e o efeito age sobre as causas. Uma ação exercida por algo também é afetada por este algo.</p>	<p>Os critérios de relevância e as necessidades de informação, moldados em comunidades discursivas, influenciam e são influenciados pela informação produzida e utilizada no domínio.</p>
<p><b>Princípio circuito recursivo:</b> abraça as noções de autoprodução e auto-organização, os seres são produtores e causadores daquilo que os produz. Os indivíduos produzem a sociedade nas e pelas interações, mas a sociedade lhes fornece a linguagem e a cultura.</p>	<p>Os membros da comunidade discursiva são produtores e usuários da informação produzida no domínio. Ao participarem do domínio de conhecimento, os indivíduos contribuem para a sua elaboração e expansão, mas, ao integrá-lo, se unem pelo pensamento, linguagem e conhecimento.</p>
<p><b>Princípio autonomia/dependência:</b> a autonomia dos seres vivos é inseparável da dependência do ambiente, do qual extraem energia, informação e organização, assim, seres vivos são auto-eco-organizadores.</p>	<p>O indivíduo tem sua identidade própria, visões de mundo, estrutura de conhecimento individual, preconceitos, critérios de relevância subjetivos e capacidade para produzir conhecimento, mas está inserido em uma comunidade discursiva com a qual partilha conceitos, termos e conhecimento, obtém informação que lhe possibilita desenvolver o seu trabalho e produzir conhecimento no domínio. Alguns domínios obtêm conhecimento de outros domínios.</p>
<p><b>Princípio dialógico:</b> Considera a inseparabilidade de coisas e noções contraditórias, buscando aproximar pontos de vista antagônicos.</p>	<p>O conhecimento é formado por meio de relações dialéticas entre a comunidade e seus membros. Em uma determinada comunidade discursiva há sempre visões mais ou menos conflitantes sobre o que é necessário ou pertinente.</p>
<p><b>Princípio de reintrodução do conhecimento em todo conhecimento:</b> todo conhecimento é uma reelaboração/tradução por um espírito/cérebro envolto em certa cultura e em um determinado tempo.</p>	<p>Considera o caráter construído da informação e o contexto sociocultural de produção.</p>

Fonte: elaboração da autora, baseado em Morin (2003a, 2010), Hjørland e Albrechtsen (1995) e Hjørland (2002a, 2002b, 2004a, 2004b, 2007).

A especialização proporcionou avanços científicos incontestáveis, mas hoje desmembra o conhecimento e leva a redução do mais complexo ao mais simples e restringe a comunicação entre as disciplinas. O risco da especialização, segundo Morin (2002a), é a separação e o isolamento dos conhecimentos. A especialização e hiperespecialização contribuem para a perda de visão ou de conjunto. O fechamento disciplinar impossibilita captar os vínculos que unem os conhecimentos e tudo que é exterior ao domínio especializado (MORIN, 2005). O foco em domínios do conhecimento e em comunidades discursivas demonstra um distanciamento, uma distensão, entre a análise de domínio e a Teoria da Complexidade, visto que, a Complexidade é o que é tecido em conjunto, aspira a articulação dos conhecimentos e Morin (2002a) questiona para que servem os conhecimentos parcelares se não forem confrontados uns com os outros?

Na abordagem da análise de domínio uma tentativa de afastar a visão fragmentada surge quando se propõe estudar e comparar diferenças entre os vários domínios de conhecimento e as suas estruturas de comunicação (SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003). Nesse sentido, Hjørland (2004b) destacou que a análise de domínio não implica em estudos separados de vários domínios, mas que se adote uma perspectiva comparativa para examinar como domínios de conhecimento diferem em alguns pontos e como são similares em outros pontos.

Tomando como ponto de partida as afirmações de Sondergaard, Andersen e Hjørland (2003) e Hjørland (2004b), nesta pesquisa, o estudo dos domínios via comunidades discursivas que, em um primeiro momento, poderia ser apontado como uma possível distensão entre a análise de domínio e a Teoria da Complexidade, foi visto de forma complementar, entendendo que os dados obtidos com os estudos dos domínios podem ser associados, norteando-se pelo pensamento complexo que, pede

para quebrarmos as esferas fechadas, para restabelecermos as articulações entre o que foi separado, para tentarmos compreender a multidimensionalidade, para pensarmos na singularidade com a localidade, com a temporalidade, para nunca esquecermos as totalidades integradoras (MORIN, 2005, p. 192).

Os estudos sobre as comunidades discursivas, no âmbito do pensamento complexo, devem considerar a multi, inter e transdisciplinaridade, para diminuir a fragmentação e a simplificação. O conhecimento, para ser desenvolvido na atualidade,



necessita de interlocução interdisciplinar ou multidisciplinar, pelo fato de serem requeridas muitas competências no desenvolvimento de determinadas pesquisas no âmbito da universidade, e essas extrapolarem o próprio campo do saber de cada comunidade discursiva. Nesse particular, o estudo de cada domínio pode ser considerado como o conhecimento da parte para gerar conhecimento para o todo, assim como possibilitar o movimento ao contrário, isto é, a compreensão do todo pelas partes. Aliás, é preciso lembrar que, segundo Nicolescu (2001 p.23), "a disciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são as quatro flechas de um único e mesmo arco: o do conhecimento", e essas, provavelmente, devem emergir nas atividades de cada comunidade discursiva.

A complementaridade dos aspectos anteriores torna-se frutífera no desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias, pois permite lidar com demandas disciplinares que podem tornar-se inter e multidisciplinares, aproximando os diversos campos do conhecimento da comunidade acadêmica por intermédio da coleção, em atividades como o ensino, a pesquisa e a extensão.

Além disso, tal complementaridade pode ser pensada com base no princípio circuito retroativo e circuito recursivo, podem-se compreender os indivíduos como construtores do domínio, cujos critérios de relevância e necessidades de informação são moldados pela comunidade discursiva e não são apenas influenciados por fatores sociais e culturais, mas constroem a sociedade, a cultura e também o domínio de conhecimento. E, com base no princípio sistêmico e dialógico, ao buscar no pensamento complexo caminhos para trabalhar com os diferentes domínios, buscando a "distinção/conjunção, que permite distinguir sem disjuntar" e "associar sem identificar ou reduzir" (MORIN, 2011, p. 15). Nesse aspecto, se buscaria a ligação do conhecimento das partes ao conhecimento do todo para conceber a organização. Portanto, trata-se de reconhecer a diversidade na unidade e a unidade na diversidade, buscando distinguir, opor e separar os diferentes domínios científicos, fazendo com que se comuniquem sem reduzi-los. Assim, se separa e se associa ao mesmo tempo.

A análise do domínio, como uma abordagem que possibilita estudar os domínios do conhecimento via comunidades discursivas, detectando o comportamento informacional e as necessidades de informação da comunidade, bem como as informações relevantes para aquele domínio, pode contribuir com o desenvolvimento de coleções, como uma metodologia voltada para o social, para as comunidades discursivas que utilizam e produzem a informação.

Hjørland (1998) destacou que o desenvolvimento de coleções vem sendo baseado em investigações de demandas e experiências dos usuários com coleções, bem como na capacidade da coleção de fornecer respostas satisfatórias às questões levantadas pelos usuários e nos dados de uso da coleção. A formação das coleções orientada por percepções, necessidades, preferências e demandas subjetivas e individuais dos usuários segue uma tendência na Ciência da informação criticada por Hjørland (2004a); o autor defende que, com base na perspectiva da análise de domínio, as necessidades e as demandas de informação seriam vistas em relação ao conhecimento produzido no domínio, ao conhecimento humano acumulado sobre o assunto, aos recursos disponíveis nos sistemas de informação, enfim, em relação, ao conhecimento organizado.

Outrossim, o desenvolvimento de coleções em bibliotecas gerais guia-se pela organização do conhecimento, no qual as partes devem vistas como componentes de um todo, e esse todo não pode ser dissociado das suas partes, conforme a visão de Morin (1997, 1999, 2011). Tais bibliotecas buscam na organização do conhecimento o norte para formar coleções que contemplem todos os ramos do saber já ordenados e organizados. No âmbito da biblioteca universitária, tal base está relacionada tanto à organização do conhecimento no mundo como na própria instituição, ou seja, na divisão acadêmica dos cursos, departamentos, disciplinas e profissões. Ademais, a análise de domínio, como metodologia empregada para obter dados do domínio e respaldar os processos de organização do conhecimento, também pode ser utilizada para respaldar o planejamento e as decisões acerca da coleção.

Vale enfatizar, que no desenvolvimento de coleções considera-se o meio em que o usuário utiliza a informação e produz conhecimento, bem como as questões sociais implícitas, as características dos diferentes domínios e o significado da informação em cada um deles. Hjørland (1998) sugeriu que o desenvolvimento de coleções esteja amarrado a estudos epistemológicos e sociológicos de produção e uso do conhecimento.

Um dos caminhos do emprego da análise de domínio para o desenvolvimento e a avaliação de coleções seria o levantamento de informações sobre a estrutura e padrões de comunicação e uso da linguagem dos domínios, desse modo detectaria como está estruturado o conhecimento nos determinados domínios e como esses, via inter ou multidisciplinaridade, interligam-se na formação de uma visão global do conhecimento, quem são os produtores do

conhecimento no domínio (autores clássicos e autores atuais), quem são os grupos típicos de usuários, quais canais de comunicação existentes no domínio, como grande parte da comunicação global ocorre pelos diferentes canais, quais são as bases filosóficas, as escolas, as correntes e as tendências e como interferem nas necessidades de informação, como estão o crescimento e a organização do domínio, qual a importância das relações da disciplina com outras áreas na formação de conceitos. Tais informações enriqueceriam o desenvolvimento das coleções em relação àquele domínio. E, em consonância com a Teoria da Complexidade, isso possibilita um olhar multidimensional, verificando várias dimensões inerentes ao domínio, à produção e ao uso da informação e conhecimento.

As abordagens elencadas por Hjørland (2002a) para bibliotecários, profissionais e/ou cientistas da informação realizarem a análise de domínio podem contribuir para identificar quais informações são valiosas em cada domínio, quais são as necessidades de informações e quais informações os usuários consideram relevantes. A produção de guias de literatura remete ao papel das bibliografias no desenvolvimento de coleções. Um guia, ao listar ou descrever os recursos de informação em um domínio, indica quais documentos e seus tipos são relevantes, assim, orienta a seleção de materiais. Também contribui para a avaliação das coleções. A produção de tesouros e classificações especializadas permite o entendimento dos conceitos centrais do domínio e de suas relações semânticas, assim, também permite compreender o que é pensando no domínio, e são úteis para a seleção de materiais. Os estudos sobre indexação e recuperação da informação em domínios específicos pode prover informação sobre as temáticas e assuntos predominantes com base nos termos mais utilizados para representar e buscá-los. Os estudos empíricos de usuários são ricos para detectar as necessidades de informação dos usuários, para o conhecimento do que os usuários necessitam em matéria de informação. Por meio dos estudos de documentos e gêneros, os diferentes tipos de documentos desenvolvidos e utilizados pelas comunidades discursivas são detectados. Os estudos históricos auxiliam no entendimento dos aspectos tradicionais, assim, dão base à compreensão da perspectiva histórica, à evolução do domínio e respaldam o processo de seleção. Os estudos epistemológicos e críticos fornecem conhecimento sobre a constituição do domínio e uma avaliação crítica sobre seus conhecimentos específicos, desta forma, fornecem subsídios para a seleção e para a formação de uma coleção núcleo. Os estudos

bibliométricos são úteis para rastrear o uso dos documentos e se a biblioteca os disponibiliza, bem como para mapear relações entre os documentos e obter informações do que é usado no domínio, possibilitando detectar documentos utilizados e a interdisciplinaridade. Os estudos de estruturas e instituições da comunicação científica fornecem informações de como os documentos estão sendo produzidos e utilizados, além das funções de tipos específicos de documentos, e são importantes para a seleção e a avaliação de materiais de informação. Segundo Hjørland (2004b), a aplicação de mais de uma das abordagens mencionadas em um mesmo domínio provê um entendimento profundo da sua dinâmica subjacente.

Para sistematizar, as diretrizes para o desenvolvimento de coleções sob o olhar da Teoria da Complexidade e da análise de domínio, em princípio considera-se os diferentes elementos e dimensões que as compõem; orienta-se por uma perspectiva social e os usuários são vistos como membros de comunidades discursivas, superando a concepção de analisar somente o usuário isolado na comunidade acadêmica, dessa forma promovendo a ligação do conhecimento das partes e do todo. Estudar cada domínio por meio de comunidades discursivas (cursos de graduação, pós-graduação e grupos de pesquisa) da universidade pressupõe levantar os objetivos e metas dessas comunidades; estudo da estrutura do conhecimento, levantamento de correntes teóricas proeminentes e alternativas; levantamento de autores expoentes, estudo do estado da arte da literatura produzida e de interesse da comunidade em questão; levantamento no contexto nacional e internacional de obras básicas, obras clássicas, periódicos inerentes às temáticas de interesse das comunidades discursivas; estudo do vocabulário técnico dessas comunidades, levantamento de estudos interdisciplinares e multidisciplinares realizados em cada comunidade. Tais estudos considerados isoladamente não fazem sentido e, assim, requerem associações com outras modalidades para se respaldar o desenvolvimento de coleções. Igualmente, é necessário ter em mente que os domínios são dinâmicos e evoluem consoante o desenvolvimento do conhecimento, implicando que tais estudos sejam realizados constantemente.

Como visto, foi possível aproximar a análise de domínio das concepções e princípios da Teoria da Complexidade e essas aproximações passarão a permear a elaboração das diretrizes propostas, nesta pesquisa, sempre que for constatada a sua pertinência.

Para finalizar esta subseção, cabe a colocação de que a informação no período contemporâneo ou pós-moderno, na reflexão de Francelin (2012, p. 87), está “intimamente ligada à complexidade que envolve as comunidades que formam o tecido social, a criação de dispositivos informacionais visa colocar a informação (cultura e conhecimento) como parte desse tecido, interagindo com suas comunidades constitutivas”. Portanto, nada pode “ser desenvolvido de maneira isolada, objetivando apenas a manutenção e organização de estoques de informação”.

## 5.2 DIMENSÃO DO PENSAMENTO REGISTRADO: subsídios para desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias extraídos da literatura

O desenvolvimento de coleções no âmbito das bibliotecas universitárias envolve vários aspectos e elementos, e as principais abordagens detectadas na literatura referem-se à prática do desenvolvimento de coleções em algumas instituições; à identificação das necessidades da coleção, da comunidade e dos usuários; às políticas de coleções; à gestão do orçamento; a fontes e instrumentos para seleção de materiais; à formação e manutenção das coleções; à avaliação da coleção; à cooperação e ao compartilhamento de recursos; à formação de coleções não exploradas anteriormente e à sua diversidade; e às tendências para a formação e a gestão das coleções no ambiente contemporâneo.

### 5.2.1 Práticas do desenvolvimento de coleções

O desenvolvimento de coleções é um processo de planejamento orientado pela análise das necessidades de informação dos usuários (ADEYOMOYE, 2011; KASALU; OJIAMBO, 2012), as coleções devem apoiar os estudos de graduação e pós-graduação e as atividades de pesquisa da universidade (ADEYOMOYE, 2011).

O desenvolvimento da coleção de materiais na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) foi investigado por Little (2011), em bibliotecas que não oferecem cursos credenciados pela *American Library Association* (ALA). Nessa condição, o autor identificou 81 instituições norte-americanas membros da *Association*

of *Research Libraries* (ARL), exceto a instituição em que atuava, para enviar questionários aos profissionais e diretores responsáveis pela seleção em BCI, e obteve retorno de 36 questionários (44,4%). O autor investigou as características dessas coleções, práticas de desenvolvimento de coleção, políticas e orçamentos, e que tipos de papéis e responsabilidades os profissionais de seleção em BCI tinham nas suas instituições. Detectou que, apesar do predomínio de planos de aprovação<sup>24</sup> em grandes bibliotecas de pesquisa, apenas 66,7% das instituições recebem materiais de fornecedores comerciais dessa maneira; todos aceitam pedidos de compras dos usuários e 2,8% afirmaram que o desenvolvimento de coleções é completamente orientado pela procura; 48,6% afirmaram que sua instituição possui uma política formal para esse processo e 22,2% indicaram que a política está acessível no *site* da instituição; 61,1% dos bibliotecários são responsáveis pelo desenvolvimento de coleções em outras áreas além da área investigada e 94,3% atuam em outras atividades, como referência, orientação e serviços técnicos. Como a prática de desenvolvimento de coleções varia entre as instituições e as coleções na área investigada parecem estar escondidas, o autor concluiu que para aumentar a visibilidade das coleções é necessário promovê-las.

A aplicação das TICs em seis etapas do desenvolvimento da coleção – análise das necessidades de informação, política de desenvolvimento de coleções, processo de seleção, processo de aquisição, avaliação e desbaste – em três universidades privadas em *Limuru, Kiambu*, no *Kenya*, foi investigada por Kasalu e Ojiambo (2012). Foram coletados dados por intermédio de 72 indivíduos selecionados intencionalmente para o estudo, incluindo bibliotecários, decanos do corpo docente e estudantes de pós-graduação das três universidades. Os dados coletados se basearam nas seis atividades do desenvolvimento de coleções: a análise das necessidades dos usuários segundo os respondentes ocorre em duas universidades, e o método mais mencionado (43% dos respondentes) foi a distribuição de questionários manuais; as três

---

<sup>24</sup> Um plano de aprovação é uma ferramenta de desenvolvimento de coleção usada por bibliotecas universitárias para formar coleções de forma eficiente. Um perfil é definido com o fornecedor detalhando as áreas/assuntos em que a biblioteca deseja adquirir, também são considerados preço, formato e os editores. Uma vez que o perfil foi definido, o fornecedor enviará automática e regularmente os livros para a biblioteca. No entanto, os perfis estão sob constante revisão e podem ser modificados a qualquer momento. Os bibliotecários avaliam e aprovam o material para ser incorporado na coleção (APPROVAL..., ©2016). Também foram denominados de carta branca por Figueiredo (1993).

instituições possuem políticas de desenvolvimento de coleções, uma universidade a atualiza frequentemente, outra, anualmente, e a terceira universidade nunca a atualizou, 64% dos respondentes indicaram que não tinham conhecimento da política e que essa não foi comunicada a eles; os bibliotecários, quanto à alocação de orçamento, declararam não ser suficiente para suportar o adequado desenvolvimento da coleção de recursos eletrônicos; 67% dos respondentes atribuíram a responsabilidade pela realização da seleção aos docentes, 33% dos entrevistados atribuíram a responsabilidade pela seleção à equipe da biblioteca, todos os respondentes indicaram ferramentas eletrônicas e impressas como suporte para selecionar materiais relevantes; 77% dos entrevistados disseram que fizeram avaliação da coleção e apenas 25% dos entrevistados das três universidades indicaram que eles usaram dados do sistema de busca *on-line* e análise de *logs* para avaliar a coleção, e o uso de inquéritos manuais realizados com os usuários que prevalecem sobre as demais modalidades; 25% dos respondentes indicaram usar o sistema de biblioteca para gerar estatísticas de uso para uso em desbaste. Os autores finalizam destacando a importância de aplicar e utilizar plenamente as tecnologias de comunicação e informação em atividades de desenvolvimento de coleção, a fim de responder às novas demandas de informações e utilizar os fundos disponíveis de forma eficaz.

Com os usuários das bibliotecas apresentando mudanças em suas expectativas em relações às coleções e serviços, em função das tecnologias de rede, das poderosas ferramentas de busca disponíveis, das tecnologias sociais e da digitalização crescente dos conteúdos, as bibliotecas procuraram transformar a sua organização e cultura, para buscar uma adequação aos novos tempos. Michalak (2012) descreveu o caminho seguido pela *University of North Carolina at Chapel Hill*, localizada em *Chapel Hill, North Carolina*, nos Estados Unidos da América, para reorganização e transformação das funções-chave e de sua cultura para servir aos estudantes e docentes da universidade com uma visão de futuro. As transformações foram favorecidas pelos relacionamentos colaborativos com outras bibliotecas, foram possíveis por conta do engajamento dos bibliotecários e demais profissionais da biblioteca e foram forçadas pelas flutuações orçamentárias. Nesse processo, a biblioteca caracterizada por estruturas organizacionais rígidas desapareceu e deu lugar a uma instituição na qual os limites entre setores internos tornaram-se permeáveis ou invisíveis. Os trabalhos dos profissionais mudaram na medida das necessidades dos

usuários da biblioteca, assim, novas tarefas reunindo novas equipes de trabalho foram formadas, as quais provavelmente mudarão novamente no futuro. O trabalho dos bibliotecários do setor de referência e bibliotecários do desenvolvimento de coleção se fundiu, eliminando uma linha organizacional anteriormente rígida entre os dois. As rubricas orçamentárias de aquisição foram racionalizadas e agrupadas em cinco grupos de fundos que representaram áreas disciplinares alargadas, tais como ciências sociais, ciências humanas, etc. Uma equipe de bibliotecários representantes de vários assuntos agora gerencia cada fundo. À medida que os limites entre fundos ficaram difusos, a visão interdisciplinar das coleções ficou favorecida. Nessa nova organização, todos podem ver todos os fundos e, com menos linhas divisórias entre os fundos, as equipes trabalham de maneira colaborativa e interdisciplinar para a alocação dos recursos existentes. Nessa reorganização foi adotado um modelo dinâmico de desenvolvimento de coleções voltado para o ambiente externo, considerando que o uso das coleções sofreu transformação, professores e alunos passaram a ter acesso remoto às obras digitais ou passaram a consultar e solicitar empréstimos dos recursos de suas casas, laboratórios e salas de aula e recebê-los no próximo dia. Nessa visão de organização, ficou acentuada a colaboração e o crescente *ethos* de flexibilidade e adaptabilidade, possibilitando à biblioteca antecipar-se aos ambientes em transformação, às novas necessidades dos usuários e às flutuações do financiamento, assim, as mudanças e ajustes eficazes ocasionaram uma nova forma para o funcionamento da biblioteca.

A mudança do paradigma de desenvolvimento de coleções baseado em disciplinas acadêmicas para uma visão holística nas bibliotecas da *University of Kansas* (KU), que tem sua sede principal em *Lawrence, Kansas*, nos Estados Unidos da América, foi descrito por Morris e Currie (2014). Em 2009, a universidade iniciou um processo de transformação com novos gestores. Tais mudanças na gestão e na política acadêmica da universidade encorajaram a cultura de autoavaliação. Nesse contexto, as bibliotecas da KU elaboraram um novo planejamento estratégico em resposta às novas aspirações da universidade. A partir do novo plano, todos os aspectos da organização da biblioteca foram analisados e foram traçadas recomendações para uma reorganização em grande escala, para que a biblioteca fosse transformada em uma instituição centrada no usuário. Uma das recomendações foi reduzir significadamente o número de bibliotecários com responsabilidade no desenvolvimento de coleções. Na nova estrutura organizacional, foi criado o Departamento de Desenvolvimento de Conteúdo, com



seis bibliotecários e um gestor da unidade. Os responsáveis pela seleção foram reduzidos de 30 bibliotecários para sete, dois especializados nas ciências sociais, dois, em ciências puras e três, na área de humanas. Com a nova estrutura, os bibliotecários têm mais tempo para atender a demanda crescente por serviços de suporte à comunicação acadêmica, ensino e pesquisa, e um grupo menor gerencia todos os aspectos da seleção de materiais. A redução do orçamento da KU também torna viável que um grupo reduzido de bibliotecários seja responsável pela seleção. Inicialmente os bibliotecários buscaram ter familiaridade com essas novas áreas temáticas e encontrar formas eficientes para desenvolvimento de coleção, começando com a revisão das políticas até então adotadas, pela análise das demandas departamentais para determinar os interesses de investigação do corpo docente. As mudanças foram positivas e a estrutura menor mostrou-se mais ágil e confiável para tomar decisões rapidamente e de forma mais eficiente. Um aspecto negativo da reorganização foi a diminuição da comunicação com bibliotecários em outros departamentos, inclusive com os outros bibliotecários. Para isso, estabeleceram que se deveria desenvolver um método de comunicação com professores e alunos que beneficie a todos.

Chaputula (2014) estudou as práticas de desenvolvimento de coleções em duas bibliotecas universitárias privadas: *University of Livingstonia* localizada em *Livingstonia, Rumphi*, no *Malawi* e *Adventist University Libraries*, localizada em *Nairobi*, capital do *Kenya*. O estudo demonstrou que as bibliotecas são financiadas pelas instituições de origem e a inadequação do financiamento para ambas as instituições afetou seriamente uma série de atividades de desenvolvimento de coleção, tais como: compra de livros, treinamento de pessoal, assinatura de periódicos impressos e eletrônicos, e a encadernação e reparos de livros. Com a Internet, os usuários são capazes de acessar revistas de acesso aberto e outros recursos de informação acadêmicos que estão disponíveis gratuitamente, mas existem desafios no fornecimento de acesso à Internet que acabam tornando tal instrumento limitado. O autor concluiu que as bibliotecas universitárias privadas nesse estudo estão lutando para sustentar suas operações devido às restrições financeiras, e sugere a intensificação de atividades geradoras de renda e a participação de consórcios locais e regionais para garantir o desenvolvimento de suas coleções de forma sustentável.

## 5.2.2 Estudos sobre a coleção em relação às necessidades da comunidade

O estudo da comunidade a ser atendida, a identificação das necessidades de informação, a verificação de preferência e possibilidades antecipadas de uso permitem prever demandas e detectar quais informações os usuários precisam e utilizariam, permite saber se a coleção está atendendo tais necessidades e o que deve ser incluído para dar suporte informacional à comunidade. Nesse sentido, foram detectados na literatura estudos que investigaram se as bibliotecas conseguem atender as demandas desde as mais específicas até as mais generalizadas, sejam relacionadas aos assuntos ou aos formatos dos materiais de informação.

A elaboração de declarações de impacto da biblioteca e verificação de quais recursos devem ser adquiridos para suportar um novo curso ou programa foi abordada por Miller e Harder (2014). Para tal, examinaram a aplicação das declarações de impacto da biblioteca na *Missouri State University* localizada em *Springfield* e *Southwest Baptist University* localizada em *Bolivar*, ambas em *Missouri* nos Estados Unidos da América. A declaração de impacto da biblioteca é um resumo das propriedades e recursos da biblioteca, com discriminação das áreas em que a coleção é fraca ou inexistente e os possíveis custos para adicionar materiais que apoiarão as propostas de revisões curriculares da instituição. Os autores indicaram que na *Southwest Baptist University*, a declaração de impacto faz parte do processo de revisão curricular, enquanto que na *Missouri State University* não há uma rotina formal para a graduação, mas já faz parte das rotinas de novas propostas na pós-graduação. A importância de uma ligação maior entre os bibliotecários e as faculdades foi destacada. Concluíram que as declarações de impacto são ferramentas para as bibliotecas acadêmicas identificarem as necessidades de informação de programas acadêmicos novos e em mudança, possibilitam ao bibliotecário obter um maior conhecimento das coleções da biblioteca e dos currículos, colaborando para a tomada de decisões de compra mais focadas e para o controle do orçamento com o planejamento de despesas. Logo, a instituição como um todo funciona de forma mais eficaz quando as várias partes interessadas se comunicam e cooperam.

A necessidade da disponibilidade de múltiplas cópias de um mesmo título foi estudada por Giri, Sen e Mahesh (2015), que se

preocuparam com a definição da quantidade de exemplares a ser adquirida para a formação de coleções em bibliotecas universitárias em *New Delhi*, capital da Índia. Os autores verificaram as políticas e práticas para a determinação do número de cópias de títulos de livros e constataram que não há uma coerência para tal decisão, geralmente, as bibliotecas baseiam-se na quantidade de alunos para um determinado curso e em recomendações da comunidade acadêmica, principalmente dos docentes. Com base em dados de uso, concluíram que como os estudantes de graduação utilizam alguns títulos de um assunto, somente para esses títulos seriam necessárias múltiplas cópias. Sugeriram que o número máximo de cópias a ser comprado seja decidido por meio de estatísticas de solicitações e uso antecipadas, considerando o número total de alunos de um curso para um determinado semestre e o limite máximo de empréstimos para os alunos. Outra possibilidade é a aquisição de livros em formato eletrônico, mas nem sempre os títulos solicitados estão disponíveis nessa versão. Recomendaram que sejam ampliados os canais de comunicação para estudantes e pesquisadores e que busquem reduzir a dependência do corpo docente, pois os bibliotecários podem contribuir intelectualmente para garantir a robustez da coleção.

Também foram verificadas as percepções, hábitos e preferências dos usuários sobre a coleção. Nesse sentido, Diers e Simpson (2012) realizaram um estudo na *University of British Columbia* (UBC), localizada em *Vancouver, British Columbia*, no Canadá. O estudo investigou os hábitos de leitura e as preferências de estudantes, professores, funcionários e membros da comunidade, a fim de determinar se uma coleção de leitura de lazer seria de interesse dos mesmos. Além de algumas informações demográficas, o questionário on-line com 19 perguntas levantou informações sobre hábitos de leitura, tendências e preferências dos participantes da pesquisa com relação a uma futura coleção de leitura de lazer na UBC Library. Da distribuição dos questionários foram obtidos 467 retornos válidos, 244 recebidos a partir de 1.500 convites referentes a uma amostra aleatória (uma taxa de retorno de 16,3%) e mais 229 retornos válidos decorrentes da participação aberta de outros convidados. Os resultados, indicaram que 94% dos respondentes usariam uma coleção de leitura de lazer; 48% dos alunos de pós-graduação, 62% dos estudantes de graduação e 85% dos professores e funcionários dedicavam duas ou mais horas semanais para esse tipo de leitura; 97% preferiram o formato impresso para uma coleção de leitura de lazer; 81% dos títulos e autores específicos mencionados pelos entrevistados já integravam

a coleção na biblioteca investigada. Concluíram que os hábitos desvelados com a pesquisa dão respaldo para a formação de uma coleção de lazer, criando uma oportunidade para que a biblioteca possa atrair os membros da comunidade, especialmente da comunidade externa, visando colocar em prática ações do plano estratégico que indicavam a necessidade de maior envolvimento nesse sentido.

A preocupação sobre a disponibilidade de títulos em literatura do gênero faroeste em bibliotecas norte-americanas mobilizou a investigação realizada por Perret (2012). Catálogos *on-line* de bibliotecas norte-americanas foram consultados para procurar os títulos fundamentais e atuais, e os vencedores do prêmio ou clássicos desse gênero perpetuados no tempo. Constatou que, nas bibliotecas acadêmicas analisadas, do total de 100 itens procurados: 74% dos clássicos de faroeste constavam; entre os títulos mais atuais, 32% estavam presentes; 55% dos filmes indicados ao Oscar incorporavam as coleções. O autor, contudo, constatou que apenas 10% dos itens identificados nessa pesquisa estavam classificados como faroeste, demonstrando ineficácia na identificação de gênero literário. Observou ainda que mesmo romances ocidentais e filmes premiados não foram incorporados à coleção. O autor concluiu seu estudo questionando a respeito da responsabilidade da biblioteca acadêmica em oferecer uma seleção de materiais básicos para uma gama de possíveis empreendimentos acadêmicos ou pessoais, igualmente se os estudantes devem ser limitados em seus temas de estudo com base na disponibilidade de materiais e se as bibliotecas universitárias devem ter preocupações acadêmicas além do apoio ao currículo básico.

A preferência pelo formato para leitura de quatro tipos diferentes de livros: livros didáticos, guias de *software* de computador, livros de desenvolvimento de carreira e títulos de negócios populares foi investigada por Costello (2014) em uma amostra de 325 alunos, professores e funcionários de uma escola de graduação, a *Fuqua School of Business* pertencente à Duke University em *Durham, North Carolina*, nos Estados Unidos da América. Os resultados da investigação mostraram que 54,9% dos respondentes estavam cientes de que a biblioteca possuía livros eletrônicos disponíveis e 60,9% indicaram que não os utilizavam; a primeira opção de formato para leitura de manuais de cursos foi impresso para 55,8% dos entrevistados e livro eletrônico em um computador para 24,3%; para guia de *software*, 52,6% indicaram que a primeira opção seria livro eletrônico acessado em um computador e 29,6% optaram pelo formato impresso; para um título

empresarial popular, 47,1% indicaram o livro eletrônico em um *e-reader* como a primeira escolha e 38,9% indicaram o impresso; para livro de desenvolvimento de carreira, 40,3% selecionaram o formato impresso e 37,8%, um livro eletrônico acessado em um *e-reader*. Na visão do autor, os resultados desse estudo podem ter aplicabilidade para o planejamento de coleções em bibliotecas cujos usuários sejam semelhantes em idade e nível educacional.

Link (2012) identificou os títulos impressos com circulação alta na biblioteca *College of New Jersey* localizada em *Trenton, New Jersey*, nos Estados Unidos da América, e procurou versões de livros eletrônicos disponíveis pelos editores ou agregadores. Constatou que 17% dos títulos verificados possuíam uma versão eletrônica disponível em pelo menos uma das fontes, e que títulos publicados mais recentemente têm uma porcentagem maior de equivalentes em formato eletrônico. Por fim, o autor ressaltou que estudos como esse possibilitam perceber como a coleção impressa pode ser suplantada ou complementada com equivalentes no formato eletrônico, colaborando com melhores práticas para a formação de coleções de livros eletrônicos.

Jindal e Pant (2013) estudaram se há um número suficiente de livros eletrônicos disponíveis para satisfazer a necessidade de uma biblioteca acadêmica no desenvolvimento de uma coleção de *e-book* na Biblioteca Central da *University of Delhi, New Delhi*, capital da Índia. Destacaram que tal biblioteca tem priorizado a seleção título a título para manter o conteúdo dos livros eletrônicos no âmbito dos critérios estabelecidos para o desenvolvimento de coleções com base nos currículos, nas necessidades dos usuários e nas restrições orçamentárias. A pesquisa realizada investigou se as coleções de 13 grandes editoras internacionais disponibilizavam os títulos de livros eletrônicos equivalentes aos impressos recomendados nos currículos de cursos de pós-graduação. Dos 1.004 títulos tomados para o estudo, apenas 172 títulos estavam disponíveis *on-line* como livros eletrônicos, sendo 17,13% dos títulos analisados e 10,58% dos títulos mencionados nos planos de estudos. Concluíram que a disponibilidade de livros eletrônicos equivalentes aos seus homólogos impressos não é satisfatória de acordo com a necessidade das várias disciplinas das ciências da *University of Delhi*, inviabilizando a transição da coleção em formato impresso para coleção em formato eletrônico em bibliotecas acadêmicas.

O desenvolvimento de coleções e serviços de livros eletrônicos foi investigado por Vasileiou, Rowley e Hartley (2012), a partir das percepções e previsões obtidas por entrevista

semiestruturada com 27 bibliotecários em 7 bibliotecas acadêmicas no Reino Unido. Os autores verificaram que há consenso sobre a coexistência de formatos impressos e eletrônicos, e a previsão de aumento do uso de coleções de livros eletrônicos em universidades nos próximos cinco anos, mas tal crescimento depende da disponibilidade de livros eletrônicos no mercado e do desenvolvimento de dispositivos portáteis, e é impulsionado pelas partes interessadas: disponibilizadores de livros eletrônicos (editores e agregadores), bibliotecas acadêmicas e suas comunidades de usuários. Destacaram a importância das políticas relativas à gestão de livros eletrônicos, à disseminação e à inclusão dos dados dos livros eletrônicos no catálogo da biblioteca para tornar o conteúdo mais visível e fácil de encontrar para os usuários. Concluíram que há um reconhecimento geral de que as bibliotecas acadêmicas precisam desenvolver suas coleções e serviços de livros eletrônicos, por conta da expectativa de aumento da demanda desses pelos usuários.

As preferências e as possibilidades de uso de livros eletrônicos pelos alunos de serviço social matriculados em cursos presenciais e a distância foram investigadas por Shepherd e Arteaga (2014), que utilizaram formulários *on-line* para a coleta de dados na California State University, localizada em *Los Angeles, California*, nos Estados Unidos da América. Verificaram que, entre os 302 alunos que receberam os formulários, 61 responderam (20%). Em relação às preferências e conscientização do uso de livros eletrônicos e impressos, 77% desses 61 respondentes afirmaram já ter procurado por livros eletrônicos, 51% dos alunos admitiram preferir livros impressos e 49%, livros eletrônicos; entre os alunos da graduação, 53% admitiram preferir livros eletrônicos e 47%, livros impressos; e, entre os alunos da pós-graduação, 36% escolheram livros eletrônicos e 67% escolheram livros impressos. Sobre o uso e a satisfação relacionados aos livros eletrônicos, 51% dos respondentes relataram já ter aberto livros eletrônicos de uma coleção disponibilizada pela biblioteca, enquanto que 39% afirmaram ter lido pelo menos um capítulo de um livro eletrônico, 25% copiaram um livro eletrônico e 25% citaram livros eletrônicos. Ainda em relação ao uso, 61% afirmaram nunca ter usado um livro eletrônico, demonstrando que esses respondentes não consideravam o fato de abrir um livro nesse formato como uso. Sobre a probabilidade de usar livros eletrônicos, para 46% era muito provável que lessem livros eletrônicos, para 41% era provável, enquanto que 8% não demonstraram ser suscetíveis a essa ideia. Para os alunos a distância, a principal razão para sua preferência

por livros eletrônicos foi a conveniência no acesso, tanto de tempo quanto de lugar (livros eletrônicos são acessíveis 24 horas nos sete dias da semana a partir de qualquer local). Nenhum dos alunos a distância indicou que livros eletrônicos eram um inconveniente, mas que preferiam ter disponível um livro impresso enviado pelo correio. Os autores concluíram que, no campo investigado, a maioria dos estudantes usaria livros eletrônicos, ainda que alguns parcialmente e não na íntegra, mesmo preferindo impressos, portanto, concluíram que pode ser adotada maior flexibilidade na escolha do formato ao desenvolver uma coleção.

A percepção e a preferência de uso entre recursos impressos e eletrônicos pelos membros da faculdade de humanidades da *Florida State University* (FSU), localizada em *Tallahassee, Florida*, nos Estados Unidos da América, foram estudados por Kachaluba, Brady e Critten (2014), para ajudar os bibliotecários na seleção e escolha entre recursos em formato eletrônico ou impresso. A pesquisa foi realizada com 200 professores com dedicação integral de oito departamentos de humanidades da FSU, desses, 101 colaboraram com o levantamento (50%). Para complementar os dados obtidos também foram entrevistados dois professores de cada departamento. Quanto à preferência pelos formatos, 48,5% responderam *depende*, 18,8% preferiram formato eletrônico, 16,8%, ambos e 15,8% elegeram o formato impresso. Os participantes da pesquisa indicaram uma preferência para livros, textos, comentários e materiais com imagens no formato impresso; e uma preferência para acesso eletrônico aos materiais de referência, dissertações e periódicos. Os participantes indicaram a vantagem do acesso remoto (97%) e a possibilidade de busca no documento (71,3%) oferecidas pelos formatos eletrônicos, e também o maior conforto de leitura (84,8%) propiciado pela versão impressa. Os docentes entrevistados destacaram que, embora haja uma grande quantidade de informação em formato digital, uma grande quantidade só está disponível no formato impresso. Por fim, o estudo realizado indicou que o suporte e o conteúdo da fonte de informação devem ser considerados em conjunto para a formação de coleções; e que na área de humanidades os usuários estão cientes da existência de livros eletrônicos, mas preferem ler versões impressas quando estão trabalhando com material acadêmico.

### 5.2.3 Políticas de desenvolvimento de coleções

As políticas de desenvolvimento de coleções direcionam o crescimento da coleção com base nas necessidades de informação atuais e futuras. Um dos principais componentes da política é a definição de critérios e passos a serem seguidos na seleção de materiais (CHAPUTULA; KANYUNDO, 2014). Também servem como um documento interno para treinar seletores e descrever as prioridades para aquisição da biblioteca e alocações de financiamento (MANGRUM; POZZEBON, 2012).

Pickett et al. (2011) relataram como a biblioteca da *Texas A&M University* (TAMU), localizada em *College Station, Texas*, nos Estados Unidos da América, tentou restaurar as políticas escritas de desenvolvimento de coleções, abandonadas no início de 1990. Na *Texas A&M University* existiam 55 políticas padrões por assunto e 15 políticas voltadas para coleções especiais. O Comitê de Desenvolvimento Coleção criou modelos para as declarações de política padrão e reconheceu a necessidade de criar um modelo para campos interdisciplinares. Decidiu-se pela redação de uma política abrangente, uma espécie de guarda-chuva, para orientar o desenvolvimento de coleções como um todo, e também a elaboração de políticas para assuntos específicos que tratam de forma mais estrita as questões relacionadas ao ensino, pesquisa e necessidades das comunidades a que servem. As declarações de políticas de desenvolvimento de coleções auxiliariam bibliotecários especializados em determinado assunto na compreensão do seu papel no plano estratégico da universidade, e escrever tais políticas exige avaliar recursos impressos e eletrônicos para a área em que atuam, em conjunto com a implementação de uma análise dos departamentos, ganhando conhecimento crítico sobre os cursos, pesquisas do corpo docente e parcerias. Por isso, o processo de criação e gestão das declarações de políticas de desenvolvimento de coleções faz parte da cultura organizacional das bibliotecas da TAMU.

Douglas (2011) também descreveu a revisão da política de desenvolvimento de coleções na biblioteca da TAMU, e, além do exposto por Pickett et al. (2011), acrescentou que a política de desenvolvimento da coleção anterior foi escrita durante uma época de prosperidade e deu pouca orientação sobre como lidar com cortes no orçamento, gerenciar uma coleção predominantemente eletrônica ou ajustar a coleção física para acomodar as demandas externas no espaço do edifício da biblioteca. Por isso, buscou-se



elaborar um documento flexível, para servir as necessidades atuais e facilmente se adaptar a um ambiente de informação em constante transformação. Destacou que mesmo uma política flexível não pode abarcar todas as mudanças, assim, as seções individuais seriam reformuladas conforme as necessidades, situações e circunstâncias. Por fim, a revisão da política proporcionou uma reflexão sobre as práticas atuais e tendências emergentes, e resultou em uma política que passou a fornecer orientações para formar uma coleção nesse ambiente em transformação.

O papel das políticas de desenvolvimento de coleção, passadas e presentes, e o desafio de coleções que se deslocam para um formato eletrônico foram discutidos por Mangrum e Pozzebon (2011). Os autores realizaram uma análise de conteúdo nas políticas de desenvolvimento de coleções nos sites de bibliotecas congêneres de *Middle Tennessee State University*, localizada em *Murfreesboro, Tennessee*, nos Estados Unidos da América, para descobrir como bibliotecas acadêmicas abordam o desenvolvimento da coleção de recursos eletrônicos. Averiguaram que a maioria das bibliotecas faz um excelente trabalho na definição do conteúdo de suas coleções eletrônicas, 78% especificam o âmbito e a profundidade de suas coleções; 52% mencionam brevemente problemas de licenciamento; 22% indicam direitos de rescisão, e 17% abordam considerações de empréstimo entre bibliotecas no licenciamento de material eletrônico. Alertaram que a pouca ênfase ou ausência de especificação sobre os critérios de classificação, avaliação, consórcios, e de licenciamento indicam que as bibliotecas não estão usando políticas de desenvolvimento de coleção para orientar funções internas do ciclo de vida de recursos eletrônicos. Concluíram que, para possuir coleções relevantes, é importante estabelecer critérios para a tomada de decisões sobre os recursos, explicitar as decisões tomadas e suas implementações e o que se espera dos fornecedores; ademais, a política pode informar aos clientes internos e externos sobre como a biblioteca cumpre a sua função na medida em que os recursos evoluem.

O processo de elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções compartilhada na área de neurociências nas bibliotecas da *Joyner Academic* e da *Laupus Health Sciences*, ambas na *East Carolina University (ECU)*, localizada em *Greenville, North Carolina*, nos Estados Unidos da América, com relação aos cortes orçamentais estaduais, foi discutida por Ketterman, Hoover e Cable (2012). Os autores ressaltaram que os bibliotecários examinaram as áreas temáticas e decidiram criar uma política de desenvolvimento de coleções como

um guia para evitar a duplicação nas compras e, assim, reduzir os gastos. Para tal, primeiro foram identificados os programas na área interdisciplinar da neurociência, posteriormente, foram analisadas as políticas de desenvolvimento de coleções diferentes para estudos interdisciplinares, e também foram revisados os pedidos de empréstimo entre bibliotecas para identificar as áreas que deixam a desejar nas coleções locais. Em continuidade à política, cada biblioteca gerencia o seu plano de aprovação e trabalha com fornecedores separados, mas o provedor de livros eletrônicos é compartilhado para eliminar a duplicação de compra de livros eletrônicos. Além dos planos de aprovação, as bibliotecas também se baseiam em fontes de revisão de livros, pedidos de professores ou estudantes, catálogos de editores, listas de títulos recomendados por sociedades profissionais e outras listas, para tomar decisões sobre a aquisição. Os autores destacaram que, com a política em prática, os bibliotecários estão planejando realizar a avaliação por intermédio de estatísticas de circulação para determinar a utilização dos materiais selecionados. Por fim, destacaram que os livros eletrônicos permitem reduzir a duplicação, desde que os acordos de licença para esses títulos abranjam o uso para todo o *campus*. Ainda, ressaltaram que o processo colaborativo e o estreitamento nos relacionamentos entre bibliotecários, faculdades e estudantes são vitais para a formação de coleções de qualidade, pois entender melhor as necessidades de informação dos usuários permite uma melhor compreensão das coleções.

A ausência de uma política de desenvolvimento de coleção e como essa afeta as práticas de desenvolvimento de coleções na biblioteca da *Mzuzu University*, localizada em *Mzuzu*, no *Malawi*, foi estudado por Chapatula e Kanyundo (2014). Para tal, concentraram-se em algumas questões: Quais práticas são utilizadas na seleção de recursos de informação? Como as decisões sobre a aquisição são tomadas? Como é feito o desbaste de materiais? Como são realizadas as atividades de preservação? Os autores constataram que, apesar da ausência de uma política, foram desenvolvidos alguns critérios pelos profissionais envolvidos na seleção de materiais para a aquisição, como exemplo, tacitamente está acordado que de materiais publicados nos últimos dez anos, deveriam ser comprados no máximo quatro cópias, apenas em inglês, francês ou uma das línguas locais. A ausência de política dificulta tanto a aquisição de recursos de informação como o desenvolvimento sistemático da coleção. De forma semelhante, os profissionais desenvolveram critérios para o desbaste, com base na disponibilidade de espaço, estado do material, custo, uso e número

de cópias decidem sobre a permanência de determinado título na coleção. Entretanto, embora realizado de tempos em tempos, esse procedimento não atinge o objetivo de maximizar o espaço físico, assim, a biblioteca ainda conta com proporção significativa de materiais desatualizados sem registro de uso nos últimos cinco anos. As atividades de preservação realizadas também são em grande parte ineficazes. Concluíram que a maioria das práticas de desenvolvimento de coleção foram muito afetadas pela ausência de uma política, pois, embora tenham desenvolvido critérios e orientações, esses não foram documentados e não poderiam ser aplicados de forma consistente em todas as atividades.

#### 5.2.4 Formação e manutenção das coleções

A seleção é a atividade fundamental para a formação de coleções, voltada às decisões acerca do que deve ou não integrar uma coleção. Exige aptidão dos profissionais, conhecimento das fontes de informação e dos campos de estudo para os quais serão selecionados materiais e a utilização de instrumentos auxiliares. A seleção foi abordada principalmente em relação aos elementos e instrumentos auxiliares do processo.

Taler (2011) indicou um método alternativo para formação de coleções de qualidade em pequenas e médias bibliotecas acadêmicas com orçamentos muito limitados, com a identificação e análise de fontes e prêmios literários como ferramenta para a seleção de materiais. Dessa forma, o autor identificou prêmios específicos, títulos concedidos e especificações da cobertura dos assuntos premiados e das fontes de assunto publicadas e listou títulos vencedores e finalistas. Para esse autor, as listas de prêmios podem ser facilmente utilizadas para a formação ou avaliação de coleções.

De forma similar, Spahr e Wiegand (2012) buscaram fornecer informações práticas para bibliotecários acadêmicos criarem coleções de apoio aos programas de gestão de esporte nos níveis de graduação e pós-graduação. Em decorrência, recomendaram bancos de dados essenciais, revistas, editoras acadêmicas, editoras da indústria e associações na área de gestão do esporte como fontes auxiliares à seleção. Para os autores, as listas anotadas de periódicos acadêmicos, editores acadêmicos, editores da indústria, bancos de dados e associações podem ser o ponto de partida para o desenvolvimento e avaliação da coleção.

Lawson, King e Matava (2012) investigaram o desenvolvimento de coleções interdisciplinares para verificarem quais ferramentas os editores e fornecedores disponibilizam para a identificação de materiais interdisciplinares. Os autores constataram que, das 54 instituições com programas interdisciplinares, selecionados a partir dos sites da ARL e das 80 bibliotecas participantes do *Oberlin Group*, um consórcio de bibliotecas de arte de *colleges* americanos, apenas nove têm bibliotecário atuando no desenvolvimento de coleção ou têm equipe claramente designada para atuar em estudos interdisciplinares. A maioria dos bibliotecários depende de recursos externos para ajudar a identificar materiais interdisciplinares, devido, principalmente, à ausência de especialistas nas disciplinas dedicadas às áreas interdisciplinares ou de políticas de desenvolvimento de coleções que abordem essas questões, e também ao fato de os modelos tradicionais com base nas classificações por assunto não serem muito eficazes para a identificação de materiais interdisciplinares.

As coleções tradicionais estão sendo mescladas com novos recursos de informação requeridos e valorizados no ambiente acadêmico. Também é lançada a discussão sobre a disponibilidade de títulos em versão eletrônica e a influência da cultura popular nas coleções em bibliotecas universitárias e se as bibliotecas universitárias devem formar coleções com materiais alternativos e/ou populares.

A utilização e a percepção da *podcasts*<sup>25</sup> como fonte de informação no ensino superior e sua inclusão em coleções de bibliotecas acadêmicas foram analisadas via revisão de literatura por Peoples e Tilley (2011). Os resultados dessa análise indicaram que *podcasts* estão se tornando uma fonte de informação confiável, podendo ser uma publicação individual ou parte de uma série com um autor e título. O estudo permitiu a constatação de que o formato *podcast* apresenta desafios para a identificação e acesso no ambiente da biblioteca, que deve decidir se irá arquivar ou fornecer *links* para acesso, dependendo dos tipos de *podcasts*. A literatura analisada também indicou que a avaliação de *podcasts* como fonte de informação implica no desenvolvimento de políticas específicas e discussões acerca dos critérios de seleção e avaliação e que para o

---

<sup>25</sup> O termo de *podcast* entrou em uso comum em 2004 para descrever programas de rádio com base na Web destinados a serem transferidos para um computador ou mp3 *player*. É hoje reconhecido que, no nível mais básico, *podcasts* são arquivos essencialmente de áudio (mp3) ou vídeo (mp4) disponíveis para *download* sob demanda ou via inscrição em sites pelo usuário (PEOPLES; TILLEY, 2011).

desenvolvimento de procedimentos que assegurem a utilidade da coleção no futuro, envolvendo questões de curadoria e preservação digital. Por fim, permitiu considerar que é imperativa a resposta das bibliotecas acadêmicas ao uso de *podcasts* por seus usuários, com adequada instrução bibliográfica, aquisição e políticas de acesso.

A formação de coleção de *graphic novels*<sup>26</sup>, ou romance gráfico, na biblioteca da *West Virginia University* (WVU), localizada em Morgantown, *West Virginia*, nos Estados Unidos da América, foi investigada por Toren (2011), que buscou informações sobre o uso de *graphic novels* em sala de aula e o aumento de títulos em bibliotecas de pesquisa norte-americanas. O autor verificou que mais de 25 cursos utilizaram tais materiais como fonte de informação, encorajando a análise das coleções em bibliotecas, cujo resultado indicou que, mesmo com as restrições orçamentárias – primeiro obstáculo à formação de uma nova coleção – houve um aumento de 40% de títulos com o assunto *graphic novels*, demonstrando que tais materiais estão estabelecendo um lugar importante na academia e atraindo o interesse de um público cada vez maior. Finaliza sua investigação defendendo que as bibliotecas acadêmicas precisam servir tanto às necessidades curriculares como às de leitura dos alunos, e que a inclusão de uma coleção de *graphic novels* pode ir ao encontro desse objetivo.

Morris (2012) explicou como deve ser o processo de formação de coleção de música eletrônica, incluindo recomendações específicas e recursos para compras, considerando lacuna existente nas bibliotecas universitárias. Enfatizou que a emergência desse tipo de coleção tem feito com que bibliotecários atuem na sua formação com pouca experiência ou conhecimento do gênero, assim, indica a busca por compositores específicos, rótulos e catálogo como um ponto de partida, associado às indicações de prêmios recentes, comissões, comentários em periódicos e festivais de música. Também destacou a necessidade de a biblioteca ter um repositório digital, visto que frequentemente os álbuns de música eletrônica podem ser comprados apenas digitalmente, de estabelecer políticas específicas para circulação e fornecer equipamentos especiais para escuta. Concluiu que disponibilizar recursos musicais traz novas experiências aos usuários, levando-os a se aproximarem das bibliotecas de novas maneiras.

---

<sup>26</sup> *Graphic Novels* apresenta uma longa história através de arte sequencial (banda desenhada ou quadrinhos) no formato de um livro. O termo também é utilizado para referir-se a qualquer forma de quadrinho ou maná de longa duração, é o análogo na arte sequencial a uma prosa ou romance (TOREN, 2011).

As coleções de videogames em bibliotecas acadêmicas foram discutidas por Thomas e Clyde (2013). Ressaltaram que as práticas de desenvolvimento de coleções de videogames focaram no formato, enquanto que deveriam voltar-se ao conteúdo. Para a avaliação de jogos em vídeo como obras disciplinares ou acadêmicas é necessário jogar o jogo, verificar se esse cria novos conhecimentos com base em uma disciplina e se os transmite de forma eficaz. Tomando a disciplina da história, como exemplo, os autores examinaram quatro videogames comerciais da Segunda Guerra Mundial para ver quão bem esses jogos comunicavam conhecimento específico dessa disciplina. Embora os quatro videogames avaliados não pudessem ser identificados como eruditos, dois deles poderiam ser considerados fontes de informação de história. Para os autores, os videogames podem potencialmente comunicar informação relacionada às disciplinas em uma coleção de biblioteca acadêmica. Portanto, concluem que os videogames deveriam ser tratados de forma semelhante a outros tipos de materiais nas coleções.

Os processos envolvidos em disponibilizar livros eletrônicos de literatura para professores e alunos na *University of Wyoming Libraries*, localizada em *Laramie, Wyoming*, nos Estados Unidos da América, foram abordados por Proctor e Barstow (2013). Os autores consideraram que a falta de padrões e as diferentes plataformas disponíveis são desafios ao desenvolvimento de coleções. Os sistemas e as plataformas de livros acadêmicos eletrônicos supõem que os usuários não utilizem esse tipo de recurso de capa a capa. A solução proposta foi a implementação de um modelo no qual os usuários possam descobrir os conteúdos por intermédio do catálogo ou *site* da biblioteca e, assim, fazer o *download* para um *e-reader*. Consequentemente, embora a missão da biblioteca acadêmica seja apoiar as necessidades de ensino e pesquisa de estudantes e professores, podem-se encontrar maneiras para disponibilizar livros eletrônicos de literatura para os usuários.

Marshall (2014) estudou a formação de coleção especializada de conteúdo eletrônico ou *on-line* em biblioteca de curso de medicina veterinária na *Mississippi State University (MSU)*, em *Oktibbeha County, Mississippi*, nos Estados Unidos da América. O autor ressaltou que a biblioteca deve colecionar materiais de todos os tipos e formatos que pertençam à grade curricular. Verificou que a biblioteca adquire uma lista básica de títulos recomendados e que não há dúvida de que os alunos irão utilizá-los, independente do formato. A compra de livros eletrônicos melhorou o acesso e uso dos materiais bibliográficos, levando a biblioteca a preferir as

versões eletrônicas quando ambos os formatos estão disponíveis. Defendeu que a aquisição de livros eletrônicos com acesso ilimitado é rentável, mais econômica em termos de espaço físico e possibilita o acesso imediato e remoto. Desse modo, livros e outros recursos eletrônicos oferecem uma vantagem única para servir aos usuários que estão fora do *campus*, comprometidos com o trabalho de laboratório ou de investigação no campo.

O desbaste consiste na retirada de itens da coleção, pode ser a transferência ou remanejamento de materiais para armazenamento em outros espaços, no próprio edifício da biblioteca ou não, ou o descarte, com a eliminação definitiva dos materiais. É uma seleção negativa realizada posteriormente. Entre as principais razões para as bibliotecas desbastarem as suas coleções, Thomas e Shouse (2012) consideram duas: criar espaço para outro uso, e formar uma coleção mais usável, atualizada e atraente.

Estratégias específicas para um projeto de desbaste de periódicos em grande escala foram recomendadas por Thomas e Shouse (2012). Os autores destacaram as pressões para converter o espaço usado com coleções em outros usos e a necessidade de repensar as práticas acerca da coleção na biblioteca da *East Carolina University*, localizada em *Greenville, North Carolina*, nos Estados Unidos da América. Os autores mostram um fluxo de trabalho e criaram regras baseadas na completude da coleção, na relevância para o currículo universitário, acesso *on-line*, atualidade da coleção, valor significativo para a instituição, divididas em três grupos:

- a) descarte: retirar periódicos adequadamente representados em arquivos *on-line*, coleções incompletas de títulos não correntes, títulos não relevantes para currículos universitários;
- b) envio para armazenamento em outro espaço: grandes tiragens de revistas não recebidas mais no formato impresso que possuem acesso *on-line* e o assunto é significativo ou é de valor para a instituição, coleções mal digitalizadas não recebidas mais no formato impresso e cujo acesso está disponível *on-line*;
- c) manter na coleção de circulação local: revistas impressas com assinaturas correntes na coleção geral, títulos impressos sem acesso *on-line* com mais de 30 volumes e último fascículo recebido em menos de dez anos, títulos importantes para as suas áreas e significativos para a instituição.

Desse modo, os autores destacaram que as regras descritas mostraram uma forma mais eficaz de gerenciar coleções impressas, pois a pressão para utilizar espaços menores com coleções físicas e a crescente preferência por recursos *on-line* tornam a tomada de decisão e o planejamento acerca da coleção difícil, mas não menos importante, principalmente para manter a pertinência de conteúdo para os currículos atuais e em evolução na universidade.

O processo de desbaste de uma coleção de referência impressa na *Ekstrom Library* da *University of Louisville* (Uofl), localizada em *Louisville, Kentucky*, nos Estados Unidos da América, foi descrito por Detmering e Sproles (2012). Nesse estudo, foi evidenciada a questão da necessidade de desenvolvimento de uma coleção focada e orientada aos materiais eletrônicos. Para tal, uma nova política foi redigida e foram estabelecidas diretrizes mais precisas e menos dependentes de formatos, destacando a atualidade, abrangência do tema e relevância ao apoio dos currículos da instituição como os critérios primários para seleção, além de buscar uma visão mais cooperativa e flexibilidade para se adaptar à evolução das necessidades dos usuários e ainda respeitar a preferência por formatos eletrônicos e a natureza cada vez mais interdisciplinar de suas pesquisas. O projeto de desbaste resultou em redução substancial da coleção de referência para metade do seu tamanho original.

Consequentemente, uma política de desenvolvimento de coleções mais flexível assegura que a coleção de referência permanecerá oportuna e relevante para os próximos anos. Johnson, Finley e Sproles (2015) também descreveram o processo de revisão título a título para a redução da coleção de referência na *Ekstrom Library* da *University of Louisville's*. A coleção de referência impressa era típica de bibliotecas criadas antes da Internet, com uma grande variedade de materiais (30.000 volumes e quase 11.000 títulos), incluindo enciclopédias, bibliografias, índices, diretórios, manuais, etc. Os autores destacaram que os títulos podiam ser removidos por não cumprirem os critérios estabelecidos na política de desenvolvimento de coleções. Como resultado indicaram que foi mais difícil justificar a manutenção de títulos ao repensar as fontes consideradas essenciais, assim, foram retidos apenas 14% dos volumes e 10% dos títulos da coleção original. Então, títulos que estavam escondidos por materiais desatualizados ficaram mais fáceis de serem localizados. Os autores defenderam que a revisão da política de desenvolvimento de coleções facilita a manutenção de uma coleção relevante para os usuários.



Considerações acerca do desbaste de uma coleção de música foram apontadas por Smith (2012). O autor enalteceu que, embora as políticas escritas possam guiar o processo, também é importante pensar na cultura da organização para o planejamento e execução de um projeto de remoção bem-sucedido. Devem ser considerados: dados de circulação, quantidade de livros em determinado assunto; quantidade de cópias; condição física; autor local ou da instituição; doador ou existência de inscrição de doação; autor proeminente; obras clássicas; livros didáticos; edições (mais antiga, mais atual ou ambas); disponibilidade de versão eletrônica; conteúdo (atualidade, interesse histórico, cobertura, trabalho acadêmico); qualidade; público-alvo; questões de armazenamento; custo e possibilidade de empréstimo entre bibliotecas. Assim sendo, concluiu que o desbaste deve ser um processo contínuo e a análise da coleção, realizada periodicamente. Também aconselhou rever as políticas existentes ou criar uma específica para a coleção de música.

### 5.2.5 Meios para aquisição de recursos informacionais

A aquisição propicia que os materiais selecionados venham a compor a coleção da biblioteca, tanto por compra, doação ou intercâmbio. A literatura levantada indica que o foco está nos programas de aquisição sob demanda ou *demand-drive acquisition* (DDA) e orientados ao usuário ou *patron-drive acquisition* (PDA), pautados na ideia de que os materiais devem ser adquiridos de acordo com a demanda expressa pelas solicitações ou uso dos materiais, suprimindo a realização da seleção. Também se destaca a contribuição das doações para a formação de coleções em bibliotecas universitárias.

Para verificar se a aquisição orientada por usuário é uma ferramenta de desenvolvimento de coleção bem-sucedida, Schroeder, R. (2012) mediu o custo, uso e uma média de custo por uso para comparar a aquisição de livros impressos e eletrônicos orientada pelo usuário com a aquisição tradicional na *Harold B. Lee Library* (HBLL) da *Brigham Young University's* (BYU), localizada em *Provo, Utah*, nos Estados Unidos da América. O autor detectou que o modelo de aquisição por demanda de livros impressos foi 11% mais caro do que a seleção tradicional, mas rendeu mais do que o dobro de circulações; já os livros eletrônicos adquiridos sob demanda foram 26% mais baratos e usados 13,75 mais vezes do

que os adquiridos pelos métodos tradicionais. Assim, dessa forma, os livros da coleção adquiridos por métodos tradicionais possuem uma média de custo por uso maior do que os livros adquiridos sob demanda. A partir do estudo, o autor concluiu que, embora as aquisições impulsionadas por usuários possam ser vistas como o método mais bem-sucedido para a formação de coleção, isso porque os itens adquiridos têm demanda assegurada considerando a rentabilidade, ainda é importante usar múltiplos métodos e ferramentas para compra.

Visando compreender os desafios do programa PDA em consórcios de bibliotecas, Davis (2012) descreveu um projeto piloto de aquisições impulsionado pelos usuários no *Ontario Council of University Libraries (OCUL)*<sup>27</sup>, consórcio esse das bibliotecas universitárias de *Ontario*, no Canadá. Detectou que o primeiro obstáculo poderia ser a diversidade das instituições do consórcio e o acesso aos títulos do programa PDA por todas as instituições devido à inexistência de um catálogo comum. Também verificou que o valor atribuído aos títulos variou entre as instituições, e houve uma preocupação menor com a duplicação de material nas universidades pequenas. Em algumas situações, o material adquirido também estava fora do âmbito das atividades de pesquisa e ensino da instituição. Assim, em programas PDA para consórcios devem-se escolher editores específicos ou coleções por assunto para limitar a lista de títulos e evitar a duplicação em instituições com grandes coleções de livros eletrônicos.

O programa PDA foi verificado por Tynan e Mccarney (2014) como um novo ponto de partida para o desenvolvimento da coleção. Descreveram e analisaram o projeto de aquisição impulsionada pelo usuário para livros impressos e eletrônicos na *University College Dublin (UCD)*, localizada em *Belfield, Dublin*, na Irlanda. O PDA foi um novo ponto de partida para a Biblioteca no desenvolvimento da coleção na República da Irlanda, foi a primeira biblioteca a usá-lo como uma ferramenta de desenvolvimento de coleção. Os resultados mostraram que não houve grande diferença na gama de assuntos nos pedidos de livros impressos e eletrônicos; os níveis de utilização foram maiores para os materiais adquiridos via PDA, tanto

---

<sup>27</sup> Ocul é um consórcio de 21 bibliotecas de universidades de Ontário, com o compromisso de trabalhar em conjunto para maximizar a experiência e os recursos coletivos. Busca melhorar os serviços de informação em Ontário por meio da compra coletiva e infraestrutura de informação digital compartilhada, planejamento colaborativo, defesa, avaliação, pesquisa, parcerias, comunicação e desenvolvimento profissional (ONTARIO COUNCIL OF UNIVERSITY LIBRARIES, ©2014).

para livros eletrônicos como impressos, do que os comprados fora desse programa. Entre as preocupações iniciais foram colocadas: o programa PDA poderia resultar em aumento de solicitação de livros não acadêmicos e empobrecimento da coleção; seriam deixados de lado livros de editoras pequenas e locais; como poderia ser divulgado o programa; os estudantes saberiam como proceder; teria impacto no fluxo de trabalho da biblioteca; o catálogo receberia no catálogo registros incorretos dos livros PDA. Três delas se concretizaram, pois houve um enorme impacto no Departamento de Serviços de Coleção e exigiu uma grande quantidade de tempo dos funcionários, os usuários pediram explicações sobre o programa, e outro problema foi a inserção de registros fora do padrão MARC no catálogo da biblioteca. Por fim, os autores destacaram a necessidade de educar os usuários acerca do programa PDA, pois almejam chegar a um ponto em que os usuários estejam esperando pela implantação do programa, não com dúvidas em relação a ele. Muitos acadêmicos foram positivos sobre PDA e aproveitaram a oportunidade para pedir livros para os seus próprios interesses de pesquisa ou para preencher lacunas percebidas.

Preocupações semelhantes às de Tynan e Mccarney (2014) em relação ao conteúdo dos materiais adquiridos por meio de programa PDA inspiraram o estudo de Tyler et al. (2014), realizado na *University of Nebraska-Lincoln* (UNL), localizada em *Lincoln, Nebraska*, nos Estados Unidos da América. Baseado nas preocupações generalizadas de que a opção pelo PDA levaria a aquisições desequilibradas, os autores compararam as compras impulsionadas pelos usuários a partir dos pedidos de empréstimo entre bibliotecas e as compras decididas pelos bibliotecários de acordo com os assuntos, com apoio na classificação da *Library of Congress*, em que foram formadas coleções nos últimos cinco anos. O estudo foi guiado por quatro questões: Os usuários do PDA compram livros ou gastam grandes quantias em classes ou subclasses em que a biblioteca não coleciona materiais? E deixam de comprar em classes/subclasses importantes? Compram ou gastam significativamente mais do que os bibliotecários em classes/subclasses nas quais a biblioteca coleciona poucos materiais? Compram livros em perfis de assuntos diferentes dos bibliotecários? Os resultados demonstram que os usuários do programa PDA compraram livros em cinco classes/subclasses nas quais a biblioteca não colecionava materiais; deixaram de comprar ou gastar quantias significativas em 76 classes/subclasses nas quais bibliotecários haviam comprado materiais, houve diferenças significativas entre os materiais adquiridos e gastos feitos pelos

usuários PDA e pelos bibliotecários; a comparação entre o perfil de compras dos bibliotecários e usuários PDA indicou que a correlação foi positiva. Concluíram que, embora os usuários participantes do PDA não deixassem de formar coleções em todas as áreas importantes localmente, esse programa deve ser visto como um complemento para os métodos de desenvolvimento de coleções, como uma forma de atender rapidamente as necessidades expressas e imediatas dos usuários, e não como um método substituto.

Os programas de aquisição orientada pela demanda (DDA) que requerem pagamento antes de os materiais serem efetivamente adquiridos foram analisados por Proctor (2015). Em uma tentativa de evitar a seleção título a título, a biblioteca da *University of Wyoming's*, localizada em *Laramie, Wyoming*, nos Estados Unidos da América, participou de um programa de compra com seleção baseada em evidência, assim, teve acesso à coleção de livros eletrônicos e, após um ano, baseando-se nos dados de uso, poderia escolher uma quantidade de materiais para acesso permanente. O autor comparou os pacotes de livros eletrônicos com a coleção impressa da biblioteca e verificou que havia uma quantidade de sobreposição. Entre os 880 livros eletrônicos disponibilizados aos usuários com o referido programa DDA, verificou que 45 títulos receberam de oito a 121 utilizações, dos quais 15 títulos tinham mais de 20 usos, e 194 títulos receberam pelo menos um uso, demonstrando que um pequeno número de títulos foi mais utilizado. Concluiu que o DDA é atraente para as bibliotecas por possibilitar a compra de conteúdo que já se mostrou como de uso e devido à suposição de que continuarão utilizados por um período de tempo. O autor advertiu que um programa DDA que obriga as bibliotecas a pagar uma quantia inicialmente e essencialmente adivinhar a quantidade de conteúdo que será usada nega o valor próprio do DDA e levaram os bibliotecários a adquirir materiais que não foram utilizados para justificar o valor pago inicialmente. Embora o programa funcione em benefício de uma biblioteca específica se o conteúdo e o custo se alinharem, as bibliotecas devem considerar cuidadosamente todos os componentes antes de utilizar essa forma de aquisição, segundo conclusão do autor.

As aquisições baseadas na procura e o mercado de livros eletrônicos transformaram os processos de formação de coleções em uma biblioteca acadêmica, *St. Edward's University Library*, localizada em *Austin, Texas*, nos Estados Unidos da América, como visto no relato de Ferris e Buck (2014). Os autores destacaram que as coleções objetivam apoiar o currículo e não buscam ser

abrangentes em qualquer área, assim, o acesso a materiais de que os usuários precisam agora é priorizado, ao invés de se construir coleções para necessidades futuras e desconhecidas. Atualmente o programa DDA é o principal meio de aquisição de livros, tanto eletrônicos como impressos, garantindo que os recursos financeiros sejam gastos em livros que serão úteis aos usuários. Também destacaram que os livros eletrônicos têm sido o elemento principal para o crescimento da coleção da biblioteca nos últimos anos. Constataram que, dos 256.000 títulos da coleção de livros eletrônicos, 34% não são títulos de propriedade do programa DDA, 43% são títulos assinados, e os restantes 23% são de propriedade da biblioteca. Cerca de 80% dos 256.000 títulos foram adicionados nos últimos três anos. Logo, a adoção do programa DDA relacionado aos livros eletrônicos possibilita que os itens desejados sejam disponibilizados aos usuários, mas a biblioteca adquire somente aquilo que é requerido e, conseqüentemente, utilizado, dessa maneira, o uso impulsiona as aquisições e as necessidades são supridas rapidamente.

As doações como uma contribuição para a formação de coleções com livros atuais e relevantes foi abordada por Adeyomoye (2011), com foco na contribuição da *Nigerian Book Foundation* (NBF)<sup>28</sup> para a constituição das coleções das bibliotecas das universidades privadas do Sudoeste da Nigéria. O estudo foi realizado em 15 bibliotecas e constatou que, em 91,67% das bibliotecas, o fundo disponível para o desenvolvimento de coleções é insuficiente; 58,33% estão cientes de que a NBF existe; 25% receberam acima de 300 volumes de livros da NBF, enquanto que 8,33% receberam entre 100 e 300 volumes; 33,33% confirmaram a relevância das publicações; 8,33% formaram as coleções da biblioteca com livros recebidos da NBF. Observou que a NBF é vista como uma boa fonte de doação de livros para bibliotecas. Por fim, constatou que, como as bibliotecas de instituições privadas não se beneficiam de ajuda financeira do governo, devem explorar as possibilidades de recebimento de doações, e utilizar doações e intercâmbio para formar suas coleções.

Grgic (2011) buscou informações acerca das doações em bibliotecas universitárias e públicas na Croácia, com o envio de questionários para 212 bibliotecas (139 universitárias e 73 públicas). Obteve retorno de 44 bibliotecas universitárias e 40 bibliotecas

---

<sup>28</sup> A NBF é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, com um compromisso irrevogável com o desenvolvimento de coleções de livros nativos cercado da convicção de que livros constroem a nação (ADEYOMOYE, 2011).

públicas. Levantou que em 59% das bibliotecas universitárias mais de 10% dos itens adquiridos (qualquer tipo de material) a cada ano são de doações; 45,5% recebem mais de cinco itens por doação; 24,4% receberam itens valiosos nos últimos dois anos; 34,1% aceitam todas as doações; 31,7% escrevem uma carta para explicar por que as doações não podem ser aceitas; 34,1% possuem um documento escrito que define como as doações são aceitas; e 11,4% possuem um documento independente que define a política de doações. Alerta que, para minimizar todos os possíveis problemas causados pelo recebimento de doações não solicitadas, as orientações devem basear-se na política de desenvolvimento de coleções. Concluiu que as doações são uma forma importante para a formação de coleções em bibliotecas universitárias croatas, com contribuições valiosas para coleções com materiais antigos e históricos, e que a falta de uma política explícita pode ser um problema.

#### 5.2.6 Avaliação da coleção

A avaliação da coleção é um componente-chave do desenvolvimento da coleção, para a alocar recursos e justificar a formação das coleções nas bibliotecas (KELLY, 2014). Tem sido uma parte importante do desenvolvimento de coleção e o cenário em constantes mudanças torna ainda mais importante esse processo nas bibliotecas (BORIN; YI, 2011). Na literatura, foi possível detectar que as avaliações vêm sendo realizadas predominantemente com o foco no uso dos materiais e na capacidade das bibliotecas para fornecerem os materiais requeridos, mais especificamente, com estudos da disponibilidade de títulos, testes de entregas de documento e estudos de citações.

A capacidade e o uso foram o foco do estudo de Borin e Yi (2011), pautado no modelo multidimensional de indicadores para avaliação da coleção proposto por eles em 2008, no qual relacionaram indicadores para a avaliação da capacidade e do uso. A capacidade é convencionalmente avaliada e descrita a partir dos volumes totais ou quantos volumes foram adicionados em um período. Com a promoção de consórcios e ofertas de pacotes ou grandes conjuntos de materiais, a biblioteca tem menos controle do conteúdo que adquire. Como não há clareza entre propriedade e acesso, os autores sugerem utilizar as despesas com coleções como uma unidade de medida comum, assim o montante de

despesas pode indicar o que é gasto em recursos para dar apoio informacional aos alunos e professores. O uso pode ser dividido em três níveis: nível I – leva em conta o acesso, como o usuário acessa a coleção (contagem da entrada de usuários na biblioteca, *logins* no catálogo da biblioteca ou pesquisas, visitas ao banco de dados); nível II – leva em conta o interesse dos usuários em utilizar os materiais (estatísticas de circulação para itens tangíveis, estatísticas de reservas, estatísticas de uso, empréstimo entre bibliotecas); e nível III – analisa evidências de uso da informação pelos usuários para fins de aprendizagem ou investigação (por meio de análise de citações). Logo, avaliar a coleção utilizando um modelo multidimensional permite usar diversos fatores para manter a coleção apropriada e relevante para os usuários. No geral, esse método fornece dados baseados em evidências para avaliar uma coleção de biblioteca acadêmica.

O uso dos livros eletrônicos em uma biblioteca acadêmica de enfermagem na *Michigan State University* (MSU), localizada na cidade *East Lansing, Michigan*, nos Estados Unidos da América, foi investigado por Schroeder, H. (2012). Averiguou que 84,7% dos 184 livros selecionados nas plataformas dos fornecedores tiveram pelo menos um acesso, e em um dos editores esse percentual foi de 27,4%; 55 títulos em todas as quatro plataformas tiveram 10 ou mais consultas de conteúdo, 16 títulos tiveram mais de 100 consultas, e dois títulos tiveram mais de 1.000 consultas. O autor destacou que a comunicação pessoal com usuário tem sido um método eficaz de promoção ao torná-los cientes da disponibilidade de livros eletrônicos. Concluiu que as estatísticas de uso não forneceram uma visão das experiências e opiniões dos usuários sobre os livros eletrônicos, o que torna necessário aprofundar outros aspectos do uso desses recursos.

Em busca de fornecer uma estrutura para uma avaliação holística do desenvolvimento de coleção, Danielson (2012) apresentou uma abordagem dupla para explorar as coleções e seu uso, e também o que não foi incorporado à coleção e que deveria ter sido. O estudo realizado, na *B.L. Fisher Library of Asbury Theological Seminary* (campus principal *Kentucky*, na cidade de *Wilmore, Kentucky*, e campus *Florida* em *Orlando, Florida*) nos Estados Unidos da América, apresentou duas partes realizadas em conjunto: uma das abordagens deteve-se nos dados de circulação de livros e a outra, na análise das estatísticas de empréstimo entre bibliotecas. O estudo revelou que de seis a sete, em cada 10 livros adquiridos, não estavam sendo usados; e que, das solicitações para empréstimo entre bibliotecas, 4% eram itens constantes de listas

para aquisição e 61% eram títulos novos não encontrados no catálogo da biblioteca. Por fim, destacou que os estudos revelaram importantes pontos fortes e fracos para desenvolvimento de coleção e tendências que não poderiam ter sido conhecidas a partir de apenas uma das abordagens.

O uso de diferentes tipos de coleções foi analisado por Hussain e Abalkhail (2013) na biblioteca da *King Saud University*, localizada em Riade na Arábia Saudita, por meio da aplicação de questionários, entrevistas e observação. Apuraram que 80,14% dos usuários usaram os livros gerais; 76,07% usaram livros didáticos; 75,17%, livros de referência; e 67,27%, revistas/jornais. Constataram que 97,78% dos pesquisadores acadêmicos consultaram livros de referência, bem como consultaram trabalhos de investigação. Os autores afirmaram que, para satisfazer as expectativas e necessidades dos usuários, a formação de coleções deve ser reforçada, com atenção especial para as coleções de pesquisa.

Os estudos a seguir mostram que os livros eletrônicos estão se tornando mais conhecidos e que seu uso está aumentando. Usando estatísticas de uso disponibilizadas pelos fornecedores de e-books de negócios e economia, os autores procuraram determinar se alguns títulos representavam uma grande porcentagem de uso. Tal comprovação favoreceria o desenvolvimento de estratégias para formação de coleções para maximizar o uso do e-book, segundo os autores que se interessaram por essa abordagem.

As estatísticas de uso disponibilizadas pelos fornecedores de livros eletrônicos de economia e negócios foram analisadas por Lannon e Mckinnon (2013) na biblioteca da *McGill University* em *Montreal*, Quebec, no Canadá, para identificar se alguns títulos foram responsáveis por uma ampla utilização e desenvolver estratégias para maximizar o uso de livros eletrônicos. Usando estatísticas de uso fornecidas pelo fornecedor para e-books de negócios e economia, os autores procuraram determinar se alguns títulos representavam uma grande porcentagem de uso. Se comprovada, os autores esperavam ser capazes de desenvolver estratégias de coleções para maximizar o uso do e-book. Concentrando-se em três fornecedores, *SpringerLink*, *NetLibrary* e *Ebrary*, os resultados desse estudo mostraram que anualmente, um pequeno número de títulos representaram uma grande porcentagem de uso. No entanto, durante a vida útil da coleção, uma maior porcentagem de títulos foram utilizados. Uma pequena coleção de livros PDA e de audiolivros também foi examinada. Os autores averiguaram que o uso indicado pelos fornecedores teve uma



variação expressiva, e que pode estar relacionada ao conteúdo disponibilizado; cerca de 25% dos títulos da *NetLibrary* foram utilizados, os títulos desse fornecedor foram selecionados um a um com base nas leituras indicadas nos cursos; enquanto que 15% dos títulos da *Springer* foram utilizados, cuja aquisição ocorreu por planos de aprovação; e 2% dos títulos *Ebrary*, adquiridos principalmente como parte de pacotes grandes para toda a biblioteca, não correspondiam aos planos de aprovação. Portanto, como muitos títulos adquiridos em grandes pacotes nunca foram acessados, não está claro se tal modelo de compra pode ser justificado. As bibliotecas que buscam selecionar materiais que serão muito utilizados na versão eletrônica devem comprar materiais para apoio ao ensino e ao currículo, com acesso multiusuário.

A investigação acerca do uso em diferentes áreas foi realizada na *Hesburgh Libraries* da *University of Notre Dame*, em *South Bend, Indiana*, nos Estados Unidos da América por Ladwig e Miller (2013), que testaram a hipótese de que o padrão da primeira circulação difere por assunto, visando encontrar respaldo para as decisões acerca do armazenamento de coleções e manutenção de bibliotecas departamentais. Os autores verificaram que o percentual não cumulativo de primeira circulação diminui ao longo do tempo em todas as disciplinas. Constataram que, embora as porcentagens da primeira circulação mudassem de ano para ano para uma determinada área temática, eles foram razoavelmente consistentes e o comportamento da primeira circulação é geralmente semelhante (embora não estatisticamente) nas humanidades, ciências e ciências sociais. Destacaram que um livro que circula 25 anos desde a sua aquisição é um clássico, enquanto que livros que não circularam em dez anos é improvável que o façam. Concluíram que itens com baixa circulação são bons candidatos a serem armazenados em outros espaços fora da coleção geral, independentemente da área temática.

O uso de livros impressos adquiridos por plano de aprovação (perfil pré-definido para aquisição) e de livros eletrônicos adquiridos pelo programa de aquisição orientado à demanda (DDA) na biblioteca da *Kent State University Libraries* (KSUL), localizada em *Kent, Ohio*, nos Estados Unidos da América, foi comparado por Downey et al. (2014). Nesse estudo, verificaram que 99,8% dos livros eletrônicos DDA rastreados durante o projeto piloto teve o uso repetido no primeiro ano, enquanto que 62,5% dos livros impressos foram utilizados no período de um a 2,5 anos depois de incorporados à coleção. Os livros impressos têm maior percentual (37,5%) de nenhum uso ou de um único uso (12,7%). Os livros

eletrônicos se destacaram nas categorias de uso mais frequente, com mais de 30 usos, demonstrando o uso mais ativo de livros eletrônicos comprados via programa DDA. Portanto, o estudo constatou que o programa DDA alinha a coleção da biblioteca com as necessidades atuais dos usuários. O crescimento do ensino a distância aumenta a demanda por livros eletrônicos e a aquisição pelo programa DDA possibilita acesso rápido a partir do momento do pedido, entretanto, segundo esses autores, é preciso considerar questões como os custos ocultos de serviços técnicos e desafios inerentes à disponibilidade de acesso aos livros eletrônicos.

Pedersen, Arcand e Forbis (2014) relataram a implementação de um modelo de avaliação na biblioteca da *Iowa State University*, localizada em Ames, Iowa, nos Estados Unidos da América. O modelo utiliza dados de custo por uso e os custos do empréstimo entre bibliotecas para determinar o custo benefício global de dois grandes pacotes de recursos eletrônicos ou *big deal*<sup>29</sup>. Os dados de uso foram reunidos e os autores verificaram que níveis mais baixos de utilização em um pacote inflaram o uso por custo a um nível quase duas vezes maior que o dos outros pacotes. Foi estabelecido que as revistas com custo de utilização maior do que US\$ 17.50 e cujo uso não chegou a 100 vezes ao longo de um período de três anos, seriam descartadas. Apenas 16% do total de títulos do pacote foram retidos. O custo médio do empréstimo de uma cópia de outra biblioteca foi US\$ 7,93, menos da metade do custo definido como valor limite para o projeto, o que culminou na decisão final de encerrar a assinatura do pacote. Constatou-se que a preocupação inicial de que a demanda do empréstimo entre bibliotecas cresceria não se concretizou, portanto estudos de uso associados a dados do empréstimo entre bibliotecas podem desempenhar papéis importantes na avaliação de grandes pacotes de recursos, tanto para a sua aquisição, desmembramento ou cancelamento, contribuindo para o desenvolvimento de coleções em série ou em grande escala.

Spence, Mawhinney e Barsky (2012) examinaram quanto material é necessário para cobrir 90% das obras citadas pelo corpo docente em engenharia civil e ciência da computação nas bibliotecas de três universidades canadenses: *University of Toronto*,

---

<sup>29</sup> Uma agregação *on-line* de revistas que os editores oferecem a um preço e tamanho único, como um pacote. No modelo Big Deal as bibliotecas concordam em comprar o acesso eletrônico a todos, ou uma parte definida, de revistas de editoras comerciais por um preço com base em pagamentos correntes para essa editora, além de alguns incrementos, e por um período de tempo especificado, normalmente 3 ou 5 anos (NABE; FOWLER, 2012).

*University of British Columbia* e *McGill University*, a partir de dados da base *Web of Science*. As obras tinham uma média de 12 anos de idade nos dados combinados nas três universidades de engenharia civil e 10,6 anos na ciência da computação. Em engenharia civil, 10 anos de literatura são necessários para cobrir 56% da literatura citada, e cerca de 30 anos, para cobrir 90%. Em ciência da computação, mais de 64% das citações foram cobertas em 10 anos de literatura, e 90% das citações foram cobertas em 25 anos. Os autores consideraram as implicações da idade dos materiais citados pelos pesquisadores no desenvolvimento de coleções, pois servem para respaldar as decisões acerca dos planos de retenção e para determinar quais os materiais deverão ser mantidos na biblioteca e quais serão transferidos para armazenamento externo.

Os dados dos materiais eletrônicos indicados pelos professores para leitura foram considerados por Behr e Hill (2012), para verificar se a biblioteca estava comprando o que os usuários precisavam. Analisaram itens do *e-reserva*<sup>30</sup> das universidades *Central Michigan University* (CMU) localizada em *Mount Pleasant* e *Western Michigan University* (WMU), localizada em *Kalamazoo*, ambas no *Michigan*, nos Estados Unidos da América, para identificar: que tipos de materiais acadêmicos estavam sendo usados; porcentagem de coleções eletrônicas ou cópia das bibliotecas; e se artigos de periódicos colocados no *e-reserva* eram resultantes de publicações acadêmicas. Verificaram que a maioria dos materiais foi de artigos de periódicos (48%), seguidos por capítulos de livros (38%); 83% dos materiais vieram de coleções das bibliotecas, tanto em formato impresso como eletrônico; a média de data de publicação para seções de livros foi 2000 na WMU e 1999 na CMU, e para artigos de periódicos foi 2004 na WMU e 2003 na CMU; 43% dos itens foram digitalizados a partir de originais impressos da biblioteca na WMU e 33% na CMU. Destacaram que, mesmo com a conveniência dos livros eletrônicos para alunos a distância, no momento ainda não são muito utilizados pelos instrutores. Finalizaram afirmando que as políticas de coleção nos últimos anos voltaram-se para materiais menos tradicionais, incluindo livros eletrônicos, revistas de acesso aberto e materiais

---

<sup>30</sup> Reserva eletrônica ou e-reservas são materiais em formato eletrônico selecionados por professores que são obrigatórias ou recomendadas leituras do curso. Estas cópias digitais de leituras de curso disponíveis através de uma interface *on-line* permitem ver realmente que materiais os membros da faculdade querem que seus alunos usem. E-reservas fornecem dados de alunos a distância, em particular (BEHR; HILL, 2012).

multimídia, mas esses itens não parecem representar um número significativo dos materiais *e-reservas* e, portanto, não são os indicados pelos professores para uso dos alunos.

Kohn (2013) propôs uma avaliação da coleção impressa na *Landman Library at Arcadia University, localizada em Glenside*, no estado norte-americano da Pensilvânia, com base no uso, avaliando como foram usados segmentos selecionados dessa coleção. Para medir o quanto a coleção de livros impressos serve à própria instituição, a avaliação foi atrelada aos currículos de cursos específicos da universidade. Primeiramente foi gerada uma lista de cursos do catálogo da universidade, voltada para disciplinas do segundo e terceiro anos dos cursos, para as quais foi atribuído um intervalo de números de classificação, assim, a quantidade de livros para cada disciplina e o percentual de empréstimos feitos de tais obras pelos estudantes matriculados foram verificados. Os resultados da avaliação indicaram que, das 380 disciplinas incluídas nesse estudo, para 35 a biblioteca não possuía livros, embora não se pudessem coletar estatísticas de uso para esses, a informação foi levada aos bibliotecários para verificação. Nas demais, 345 disciplinas, o número médio de livros mantidos para cada curso foi de 175,17, e 34,35% estavam sendo usados. Os números variaram significativamente de acordo com as disciplinas. Portanto, a avaliação gerou uma riqueza de dados para respaldar a tomada de decisão sobre compra e desbaste; e, no futuro, a ideia é criar planos de desenvolvimento de coleções para cada departamento, em complementação ao referido estudo, que possibilitou verificar mais apuradamente a coleção e como essa estava servindo cada departamento.

A avaliação abrangente da coleção é complexa devido à quantidade de assuntos a serem verificados e é vulnerável ao emprego de ferramentas individuais. Estudos experimentais têm tentado projetos de avaliação sistemática utilizando ferramentas ou métodos múltiplos. Nesse sentido, Kelly (2014) descreveu a implementação de um modelo de avaliação piloto testado na *George Mason University, localizada em Fairfax, Virginia*, Estados Unidos da América. O estudo foi baseado em ferramentas múltiplas e em uma abordagem sistemática por assunto em três níveis de profundidade: básica, com o uso de ferramentas para verificação de bibliografias, listas de recursos eletrônicos e testes de força da coleção; intermediária, com análise de estatísticas de empréstimo entre bibliotecas, análise de citação de periódicos para determinar preferências dos pesquisadores, dados de uso de revistas eletrônicas e bases de dados, e levantamento com estudantes de

graduação e pós-graduação; avançada, com a análise de citação dos recursos e verificação das diretrizes para reconhecimento formal pelos órgãos competentes<sup>31</sup>. O autor constatou que a abordagem holística permite que cada assunto da coleção seja visto por muitos ângulos, e também permite desenvolver uma imagem da coleção como um todo. Portanto, a alternativa apresentada é uma estratégia eficaz para a avaliação da coleção e pode beneficiar bibliotecas universitárias variadas.

Um modelo para avaliação flexível, composto por um conjunto de ferramentas na tentativa de expressar de forma mais consistente e eficaz o valor holístico de coleções de biblioteca para administradores, professores e alunos, foi explicitado por Duncan e O'Gara (2015). Os autores usaram dados coletados nas bibliotecas da *James Madison University* localizada em *Harrisonburg, Virginia*, Estados Unidos da América, para verificar como as coleções estão respondendo às metas institucionais. No estudo foi destacado que as coleções se transformaram e são compartilhadas em plataformas variadas, mas a avaliação dessas ainda é primária. Para otimizar o orçamento e examinar as alocações atuais foram produzidos vários projetos: mobilização de fundos em domínios interdisciplinares, com a divisão dos profissionais selecionadores em quatro grupos; revisão estruturada dos recursos contínuos, com a análise dos custos de assinatura inicial, atual e projetada e de dados de uso; implementação de uma ferramenta para conversa com o corpo docente a fim de identificar quais coleções apoiaram as atividades nas disciplinas e como estavam sendo utilizadas; e alinhamento das atividades de desenvolvimento e avaliação de coleções à estrutura da instituição. Concluíram que, em ambiente em transformação, é necessário avaliar as coleções de forma consistente, holística e ágil. A avaliação deve ser baseada em um amplo conjunto de dados qualitativos e quantitativos, e considerar fatores adicionais como o apoio às disciplinas curriculares, necessidades de usuários, práticas emergentes de comunicação acadêmica, atividades consorciais e questões de espaço e orçamento.

---

<sup>31</sup> No Brasil, as diretrizes de acreditação ou para reconhecimento formal, mencionadas por Kelly (2014), estão explícitas nos instrumentos para avaliação de cursos do SINAES/MEC.

## 5.2.7 Cooperação e compartilhamento de recursos

A proeminência do trabalho em rede, associada às restrições orçamentárias e à dificuldade das bibliotecas para oferecerem todos os recursos, vem culminando na busca da cooperação e do compartilhamento de recursos, tanto com a implantação de consórcios, formação de coleções coletivas ou ajuda mútua para a obtenção de recursos com serviços como o empréstimo entre bibliotecas.

A adoção de uma abordagem colaborativa para a constituição de coleções impressas em universidades foi o foco de abordagem de Kieft e Payne (2012), que, a partir de programas de compartilhamento existentes em 2012 nos Estados Unidos da América, projetaram para 2020 sua visão referente às coleções impressas. O estudo pressupõe que em 2020 as bibliotecas estarão redirecionando o seu espaço físico para a criação de espaços de trabalho para os usuários, especialmente de acordo com as necessidades dos estudantes: espaços de estudo, ensino, eventos, galerias, consulta, observação, produção e colaboração. Destacaram que, em 2012, os acordos de impressão compartilhadas são regionais e separados; principalmente para periódicos; geralmente descentralizados; de longo prazo, mas não permanentes; fornecem acesso e entrega; e não são suportados por orçamentos coletivos. Esperam que nos próximos anos tais iniciativas sejam transformadas com o surgimento de acordos megarregionais; aumento do escopo e abrangência; melhoria da conectividade, aumento da visão sistemática dos materiais para ampliar o contexto das decisões acerca do gerenciamento e compartilhamento de coleções (padrões de metadados, registros dos acordos de coleções compartilhadas e análise da coleção); e custos compartilhados, com o estabelecimento de partilhas para apoiar a sustentabilidade a longo prazo. Os autores também afirmaram que uma abordagem mais profunda para a criação de coleções impressas compartilhadas é intrigante, pois a remoção de grandes quantidades de livros para fora do espaço da biblioteca ou para acesso por consórcios pode representar uma prática contrária à necessidade de acesso e ao papel cultural que a biblioteca vem desempenhando. Justamente por isso, as bibliotecas devem trabalhar para desenvolver um programa de manutenção e preservação de materiais impressos que permita às bibliotecas atender às exigências das necessidades de informação dos usuários e das metas institucionais.

Booth e O'brien (2011) voltaram-se à integração do desenvolvimento de coleções cooperativas e à aquisição orientada à procura, assim, descreveram as estratégias adotadas pelas bibliotecas da *University at Buffalo* (UB) em *New York City, New York*, nos Estados Unidos da América. Os autores ressaltaram que o objetivo dos projetos cooperativos de desenvolvimento de coleções impressas é reduzir a duplicação por intermédio da cooperação e aumentar a amplitude de coleções agregadas. Analisaram três programas de desenvolvimento de coleções cooperativas orientadas pela procura. O primeiro, o projeto *UB-Empire State College* (ESC), que é acionado por meio de um pedido de empréstimo entre bibliotecas. O segundo, o projeto piloto diversificando coleções *The State University of New York* (SUNY<sup>32</sup>) também trabalha com a aquisição de itens solicitados pelo empréstimo entre bibliotecas, seguindo alguns critérios pré-estabelecidos. O terceiro projeto analisado é *just-in-time*<sup>33</sup> não *just-in-case*<sup>34</sup>, do *Western New York Library Resources Council*<sup>35</sup>; nesse projeto, quando um título é solicitado por um usuário de uma das instituições participantes, o livro é comprado, ao invés de solicitado por empréstimo a uma biblioteca de fora da região. Também foram atribuídos alguns critérios para aquisição e os itens adquiridos são disponibilizados aos membros do consórcio. Constataram que os três programas descritos atenderam às metas esperadas, com a expansão da coleção, redução de custos de empréstimo entre bibliotecas, aumento da circulação e o fortalecimento do sentido de coleção agregada. Os autores ainda acrescentaram que as bibliotecas vêm sendo reimaginadas como entidades multi-institucionais e o desenvolvimento de coleções cooperativas seguindo o modelo orientado pela demanda, ou DDA, pode desempenhar um importante papel nesse sentido.

---

<sup>32</sup> SUNY é maior sistema de universidades públicas abrangente do país, a Universidade Estadual de New York (SUNY), que foi criada em 1948. Desde a sua fundação, o sistema SUNY evoluiu para atender as necessidades dos alunos, comunidades, e força de trabalho de Nova York. A *University at Buffalo* é integrante do SUNY (SUNY, [2016]).

<sup>33</sup> *Just-in-time* visa adquirir o material apenas quando solicitado.

<sup>34</sup> *Just-in-case* visa dispor do material necessário, na quantidade necessária, antes mesmo de ser requerido.

<sup>35</sup> O Conselho de Recursos Biblioteca Western New York (WNYLRC) é um consórcio sem fins lucrativos de bibliotecas e sistemas de bibliotecas que servem seis municípios: Cattaraugus, Chautauqua, Erie, Genesee, Niagara, e Orleans (WESTERN NEW YORK LIBRARY RESOURCES COUNCIL, [2016]).

## 5.2.8 Divulgação e atividades de interação

O contato com a comunidade acadêmica também propicia a participação mais efetiva do bibliotecário nas atividades da instituição, como na divulgação dos recursos da coleção e no acompanhamento das mudanças curriculares e atualização das bibliografias.

A colaboração para compartilhamento de coleção na área de artes cênicas foi estudada por Boudewyns e Klug (2014). O levantamento foi realizado na *University of Minnesota Twin Cities*, com localização em *Minneapolis e Saint Paul, Minnesota*, nos Estados Unidos da América. O estudo concentrou-se em quatro fatores críticos do desenvolvimento de coleções: gestão cuidadosa do perfil para o plano de aprovação, alinhamento desse com outros esforços de aquisição, visibilidade e uso da coleção, propósito de uma coleção específica para atender o usuário atual que a utiliza de maneiras criativas e interativas. Os autores destacaram que o uso da coleção depende da visibilidade, então, a identificação de termos e palavras-chave adequadas para descrever o assunto é fundamental para minimizar obstáculos para a identificação, localização e acesso aos materiais. A especificação dos materiais de interesse para a biblioteca garante a seleção dos materiais em tempo hábil; a utilização de vários fornecedores favorece a formação de coleções complementares; e o caminho para atender os usuários de hoje é o compromisso entre bibliotecários e a comunidade. Assim, os bibliotecários, que atuam como ponto de contato entre o departamento e a biblioteca, podem se concentrar em seleções para um grupo de usuários-alvo e na ajuda aos educadores no uso de recursos de biblioteca, com sua integração às aulas ministradas. Logo, o desenvolvimento de coleções deve ser cuidadosamente concebido e complementado por estratégias criativas para favorecer a visibilidade das coleções e o compromisso entre a biblioteca e a comunidade. Em síntese, uma coleção concebida, catalogada, apresentada e promovida adequadamente revela-se como uma ferramenta colaborativa fundamental para a aprendizagem em sala de aula e o envolvimento com a comunidade.

Fought, Gahn e Mills (2014) utilizaram a política de desenvolvimento de coleção da *Health Science Library (HSL)* da *The University of Tennessee Health Science Center (UTHSC)*, localizada em *Memphis, Tennessee*, nos Estados Unidos da América, como o impulso para criar um novo programa de *marketing* para a biblioteca. Os autores afirmaram que, com mais conteúdo



disponível digitalmente por meio da Internet, as bibliotecas enfrentam a concorrência de fontes de informação alternativas. A HSL passou por um período prolongado de orçamento quase estagnado para coleção e acreditava que uma nova abordagem de *marketing* para desenvolver a sua coleção iria fortalecer as relações da biblioteca e ajudar a demonstrar o seu valor à universidade para garantir apoio contínuo. Em 2012, a HSL atualizou a política de desenvolvimento de coleções para estar em consonância com a nova ênfase da universidade em pesquisa, analisou rigorosamente as estatísticas de uso e práticas de desenvolvimento da coleção e introduziu níveis de cobertura em coleções de várias áreas que deviam ser fortalecidas: nível de pesquisa –abrangente que inclui todos os principais materiais necessários para a investigação e instrução em profundidade; nível de apoio clínico e instrucional – que coleciona os materiais necessários para apoiar a assistência ao paciente e tomada de decisão clínica; nível de instrução e de pós-graduação, que inclui apenas os trabalhos mais básicos para determinada área. A pesquisa, realizada em 2012, 2013 e 2014, recebeu indicações dos estudantes e professores sobre a coleção e como essa apoiava as suas atividades. Os resultados mostraram que os professores apreciavam os novos recursos adicionados à coleção e o uso das coleções aumentou, o que, conseqüentemente, passou a facilitar a justificativa de aumento do orçamento junto à administração pela biblioteca. Os autores concluíram que um programa de *marketing* usando todos os recursos disponíveis, inclusive a política de desenvolvimento de coleções, não só aumentaria a visibilidade da biblioteca, como promoveria a utilização da coleção da biblioteca, e também enviaria uma mensagem clara para os administradores do *campus* e partes interessadas sobre o valor duradouro de uma biblioteca.

A importância do processo de desenvolvimento de coleções na universidade e a necessidade de acompanhamento constante dos projetos pedagógicos e das ementas de disciplinas pelo bibliotecário, em uma universidade federal brasileira, foram destacadas por Souza (2015), de modo a viabilizar a aquisição adequada à avaliação dos cursos pelo Ministério da Educação (MEC) e à necessidade da comunidade atendida. O autor relatou que, segundo a política atual, a seleção do material bibliográfico a ser adquirido é feita por cada colegiado do curso. A metodologia para acompanhamento dos projetos pedagógicos e das ementas de disciplinas englobou: diagnóstico, com a solicitação dos projetos pedagógicos e ementas de disciplinas às coordenações de cursos para verificação da disponibilidade na biblioteca; apresentação dos

resultados aos coordenadores de cada curso; e execução com a disponibilização dos dados aos colegiados para que os professores considerem os projetos pedagógicos ao efetuar as indicações de material. Por fim, constatou que o bibliotecário deve assumir a gestão bibliográfica dentro da instituição, procurando comandar e participar ativamente de todos os processos que envolvam o desenvolvimento de coleções.

### 5.2.9 Tendências para o desenvolvimento de coleções

O cenário da sociedade contemporânea tem mostrado novos caminhos para as bibliotecas e suas coleções, na literatura foram detectadas algumas tendências e também desafios para a formação de coleções.

Lewis (2013) enalteceu que as bibliotecas acadêmicas estão prestes a passar por uma transformação em suas práticas de colecionar. Isso será impulsionado por uma série de desenvolvimentos específicos, incluindo: digitalização dos conteúdos; desenvolvimento de repositórios; disponibilização de leitor de livros eletrônicos e publicação impressa sob demanda; crescimento do acesso aberto; desafios para estabelecer organizações de publicações acadêmicas; e o crescimento de novas formas registro do conhecimento acadêmico. Defendeu que, para serem bem-sucedidas, as bibliotecas acadêmicas precisam: desconstruir legados de coleções impressas; passar de item por item de seleção de livro para comprar sob demanda e assinaturas; gerir a transição para periódicos de acesso aberto; focar na criação de itens exclusivos; e desenvolver novos mecanismos para o financiamento de infraestrutura nacional.

Levine-Clark (2014) ressaltou que a natureza das coleções mudou radicalmente conforme entramos na em conformidade com a era digital. Como as bibliotecas continuam a evoluir, elas vão se concentrar fortemente em coleções especiais, ao adotar uma meta de prover acesso a todo o conteúdo possível. A coleção será tudo o que a biblioteca pode identificar para atender às necessidades curriculares e de investigação locais, e os meios de acesso serão impulsionados pelo custo. A mudança para livros eletrônicos como formato monográfico preferido está começando a mudar a maneira como as bibliotecas pensam sobre a disponibilidade a longo prazo de livros em suas coleções, e uma tendência muito mais ampla é o crescimento de uma cultura de aquisição sob demanda. Os

orçamentos menores e quantidades crescentes de conteúdo digital para adquirir farão as bibliotecas centrar os seus esforços em coleções especiais e na curadoria de coleções em áreas-chave.

Dempsey, Malpas e Lavoie (2014) abordaram a evolução da concepção acerca das coleções em um ambiente em rede. Destacaram que os registros do conhecimento acadêmico compostos de textos publicados estão cada vez mais sendo complementados por materiais adicionais, como vídeos, programas interativos e imagens de visualização complexa<sup>36</sup>. Apresentaram uma grade acerca das coleções das bibliotecas baseando-se na originalidade e guarda dos materiais, e dividiram os recursos em: materiais publicados, recursos livres na Internet, coleções especiais e materiais de pesquisa e aprendizagem. Nesse sentido, os autores argumentaram sobre as facilidades de obtenção de recursos no ambiente em rede e a redução da centralidade da coleção local, e que as bibliotecas se envolverão com criação, curadoria e acesso, e também participarão de redes de colaboração e cooperação. Concluíram que uma orientação de dentro para fora traz mais atenção aos ativos institucionais e as bibliotecas irão se concentrar em coleções especiais, *preprints* de pesquisa e recursos pedagógicos.

San Jose Montano (2014) enfocou a evolução da gestão da coleção e defendeu a gestão cooperativa da coleção como um novo paradigma. Indicou que as coleções estão se transformando em consequência da valorização da produção científica institucional; da disponibilidade de informação útil gratuitamente na rede; da diversidade de fontes; da inclusão na coleção de materiais por assinatura ou acesso perpétuo; do aumento do tamanho das coleções em decorrência da compra de pacotes de recursos informacionais, do crescimento com base na demanda e em novos tipos de recursos; do ciclo de vida diferente entre papel e formatos digitais. Ressaltou que as atividades relacionadas à coleção também incluirão digitalização, preservação digital, criação de repositórios institucionais e publicações em acesso aberto. Elencou a cooperação como elemento central para a coleção e sua gestão. Desse modo, considerou que as bibliotecas se adaptam ao contexto histórico. A coleção continuará a ser uma propriedade tangível depositada em algum lugar e tornar-se-á um equipamento de rede

---

<sup>36</sup> Um exemplo de imagens de visualização complexas são as utilizadas por meteorologistas, seu uso exige conhecimento para decidir que informações visualizar e quais extrair, em geral, utilizam a informação para deduzir, generalizar e prever situações (TRAFTON, 2009)

com serviços de valor agregado, e as bibliotecas universitárias ampliarão a sua missão de conservar e preservar coleções do ensino e pesquisa para se tornarem mais competitivas, facilitando a aprendizagem e comunicação acadêmica, e a adaptação para o mundo digital.

Wells e Sallenbach (2015) testaram, por meio da trajetória da biblioteca da Curtin University, localizada em Bentley, Perth na Austrália Ocidental, a declaração da *Australian Library & Information Association* (ALIA) de que as coleções de livros eletrônicos irão estabelecer um equilíbrio de 50/50 em relação às coleções impressas até 2020. Os autores indicaram que a aquisição de documentos em formato eletrônico iniciou em 1990, com os periódicos, e no final de 2014 os periódicos mantidos no formato impresso eram os que não possuíam versão eletrônica; em 2002 o primeiro livro eletrônico foi adicionado à coleção, esses foram adquiridos por títulos individualmente com base em solicitações de usuários e sistematicamente com a compra ou assinatura de pacotes de livros eletrônicos em áreas selecionadas. Ressaltaram também a existência de compra desses materiais via PDA, cujo registro do material é disponibilizado no catálogo e adquirido somente se solicitado pelo usuário. Devido a tais medidas, em 2014 a coleção de livros eletrônicos assinados já abrangia 37% da coleção total. Portanto, mesmo com o crescimento menor nos próximos anos, é provável que até 2020, os livros eletrônicos ultrapassem significativamente os 50% previstos da coleção total de livros. Para os autores, é fácil imaginar que até 2050 a coleção de livros será de 80% ou 90% em versão eletrônica, seguindo a tendência de disponibilizar as informações aos estudantes o mais rápido possível, independentemente da localização física.

### 5.2.7 Síntese, considerações e subsídios

Com base na literatura analisada, constatou-se que as bibliotecas universitárias destacaram o papel das coleções para as atividades desenvolvidas na universidade e reconheceram o desenvolvimento das coleções como um processo contínuo e complexo, que requer a consideração das necessidades de informação e das transformações nos registros do conhecimento e da comunicação científica, o envolvimento com a comunidade acadêmica em todas as áreas de atuação da instituição e o uso das tecnologias para facilitar as atividades envolvidas no processo.

A inadequação do financiamento e as restrições orçamentárias também foram destacadas, implicando na necessidade de as bibliotecas encontrarem maneiras para utilizar com eficiência os recursos financeiros disponíveis, entre as quais destacaram a aquisição dos materiais quando solicitados, o compartilhamento de recursos, com o desenvolvimento de consórcios locais e regionais; e alternativas para a escassez desses recursos, com os programas de doações e intercâmbio de materiais. Essas constatações aparecem em estudos publicados em diversas partes do mundo (EUA, Canadá, Índia, Malawi, Kenia), o que se pode deduzir que esse é um problema global.

Os estudos sobre as coleções em relação às necessidades da comunidade tiveram como foco a disponibilidade de versões eletrônicas de documentos colecionados, os hábitos de leitura, as preferências pelos formatos impresso ou eletrônico e os usos de livros eletrônicos, demonstrando uma crescente preocupação com o formato.

A seleção foi abordada em relação às fontes e instrumentos auxiliares à atividade, inclusive para auxiliar na identificação de materiais interdisciplinares. Dessa maneira, evidenciam-se a carência de critérios de seleção voltados para áreas específicas e interdisciplinares e a diminuição na ênfase dada à seleção título a título e realizada pelo bibliotecário, com a adoção de programas de aquisição impulsionados pela demanda ou orientados ao usuário, para atender as necessidades mais imediatas dos usuários e formar uma coleção útil e atraente. A avaliação da coleção baliza-se principalmente no uso, contribuindo para que o descarte resolva o problema do espaço físico, mesmo quando considerada a preocupação com a manutenção e preservação das coleções em longo prazo.

As coleções estão se transformando como consequência da diversidade de recursos, do incremento das tecnologias e da valorização de recursos não tradicionais no meio acadêmico. Verifica-se o destaque dados aos livros eletrônicos, embora nas pesquisas para detectar as preferências dos usuários não fique evidente que esses preferem prioritariamente o formato eletrônico, visto que as escolhas variam entre as instituições, áreas do conhecimento e tipos de documento. Também foi detectado que não há disponibilidade abrangente de títulos em formato eletrônico para substituir totalmente as versões impressas. Em algumas situações, evidenciou-se o formato eletrônico como fator predominante para aquisição, como pode ser visto com os grandes pacotes de recursos

informativos, principalmente de livros eletrônicos, em que a escolha do formato prevalece em relação ao conteúdo.

A importância da existência de políticas de desenvolvimento de coleções para orientar o processo e formar coleções relevantes foi ressaltada, juntamente com a necessidade de flexibilidade e a atualização constante para acompanhar as transformações da sociedade atual. As políticas garantem consistência aos processos, expressam as intenções da biblioteca sobre a coleção e são um mecanismo para aproximação com a comunidade acadêmica e divulgação da biblioteca e suas coleções. Também foram apontadas a elaboração de políticas para o desenvolvimento de coleções compartilhadas em áreas específicas, e a necessidade de planos para desenvolver coleções para cada departamento ou área específica.

O papel do bibliotecário também foi destacado, bem como a necessidade de conhecer as áreas e assuntos nos quais as coleções precisam ser formadas. Tal conhecimento pode ser obtido com a aproximação e participação da comunidade a que serve. Aumentar a visibilidade das coleções com ações de promoção e divulgação é igualmente oportuno para instigar o seu uso.

O cenário atual no desenvolvimento de coleções, visto por meio da literatura levantada, desponta para uma cultura de aquisição sob demanda. Devido à variedade de recursos e mudanças nos registros do conhecimento acadêmico, detecta-se a tendência ao predomínio de coleções eletrônicas e aos materiais institucionais disponibilizados em repositórios e coleções especiais. Acompanhar as transformações no ambiente informacional e atender as diferentes e cambiantes demandas, sem perder a sua essência de conservar o conhecimento para as futuras gerações, é um desafio para as bibliotecas e suas coleções. A missão das bibliotecas de conservar e preservar as coleções é vista como uma maneira de se tornarem mais atuantes e competitivas. O desenvolvimento de programas para manutenção e preservação das coleções de materiais impressos é associado ao atendimento das exigências dos usuários e das metas institucionais e ao reconhecimento do valor significativo das coleções locais.

Diante do exposto, observou-se que o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias prima pelo imediatismo, consumismo e utilitarismo. O uso se tornou o principal fator para a formação das coleções, associado com a ideia de que o que é requerido pelo usuário deve ser disponibilizado em um clique. Ademais, as necessidades de informação estão sendo vistas apenas pelo prisma do uso e das percepções individuais dos

usuários, sem se voltarem para um enfoque mais social e sem considerar as necessidades de informação e os critérios de relevância imersos no ambiente de produção de conhecimento em determinado campo de pesquisa.

Os processos são simplificados em função da busca pela eficiência e eficácia. A busca por apoio em recursos externos e a aquisição sob demanda e de grandes pacotes transformam a seleção em um processo mecânico ou até ausente. É a seleção como um trabalho intelectual que garante a formação de coleções harmoniosas, valiosas e que também serão bem utilizadas, afinal, faz parte do papel da biblioteca disponibilizar informações relevantes para seus usuários.

Ademais, o desenvolvimento de coleções baseadas no uso ou no que é fornecido pelos editores em grandes pacotes conduz a coleções cujo valor pode tornar-se efêmero em longo prazo. Como enfocado na literatura, a formação e o desenvolvimento de coleções é um processo complexo e a tentativa de simplificação algumas vezes constatada em abordagens de alguns autores pode se tornar um problema para a formação de uma coleção identificada com a missão da instituição.

Com base na dimensão do pensamento registrado, foi possível extrair os seguintes subsídios para a proposição de diretrizes para o desenvolvimento de coleções:

- a) coleções formadas para diferentes usos acadêmicos, com a inclusão de recursos variados que apoiem as demandas acadêmicas e propiciem novas experiências aos usuários;
- b) intensificação de atividades de captação de recursos financeiros, a aquisição de materiais somente quando solicitados, a participação em consórcios e a utilização dos programas de doações e intercâmbio de materiais estão entre as alternativas para driblar as restrições orçamentárias;
- c) formação das coleções respaldada em estudos sobre a comunidade (hábitos, preferências, demandas e necessidades de informação) e sobre a disponibilidade de materiais eletrônicos;
- d) políticas de desenvolvimento de coleções garantem consistência ao processo, auxiliam no planejamento estratégico e informam a comunidade sobre como a biblioteca cumpre a sua função;
- e) seleção baseada em fontes e instrumentos auxiliares;

- f) programas PDA e DDA considerados como um meio complementar para processos de aquisição e para a obtenção rápida do material almejado pelo usuário;
- g) avaliação pautada em modelos multidimensionais, com a associação de amplo conjunto de dados quantitativos e qualitativos e de fatores adicionais; e estudos que aprofundem outros aspectos do uso dos recursos;
- h) desbaste considerando critérios como as estatísticas de uso, mas também o papel cultural da biblioteca e a pertinência das coleções para as atividades da instituição;
- i) visibilidade das coleções ampliada com a sua promoção e divulgação, e também com a ampliação dos canais de comunicação com os usuários;
- j) flexibilidade, cultura organizacional e visão mais ampla considerados na elaboração da política de desenvolvimento de coleções;
- k) ações para digitalização de conteúdos, criação de repositórios institucionais, curadoria e formação de coleções especiais consideradas no desenvolvimento de coleções, assim como os formatos eletrônicos, os ativos institucionais e as novas formas de apresentação do conhecimento acadêmico;
- l) a cooperação e o compartilhamento de recursos, bem como o aproveitamento adequado dos recursos financeiros são previstos;
- m) conservação e preservação das coleções considerando o atendimento aos usuários e as metas institucionais;
- n) a coleção é formada por diferentes materiais que possam ser identificados como úteis para atender as necessidades curriculares e institucionais.



### 5.3 DIMENSÃO DO PENSAMENTO INSTITUCIONALIZADO:

subsídios para o desenvolvimento de coleções extraídas das políticas de formação e desenvolvimento de coleções das bibliotecas universitárias brasileiras

Para a sistematização das abordagens das políticas de seleção, como previsto e detalhado nos procedimentos metodológicos, foi realizada uma análise de conteúdo baseada em Bardin (2004). Assim, nesta etapa, foram estabelecidas categorias: eixos norteadores, objetivos da política, seleção, aquisição, avaliação e desbaste, os quais foram agrupados em temas (unidades de registro) que possibilitam descobrir núcleos de sentido e, conjuntamente com a especificação de recortes de texto (unidades de contexto) das políticas, indicaram aspectos do pensamento institucionalizado sobre o processo estudado nas bibliotecas universitárias federais brasileiras. A descrição dos conteúdos resulta de uma síntese baseada nas informações coletadas e registradas na ficha documental, e que foram escolhidas pela presença nos documentos, ou seja, podem não se repetir em todos os documentos, mas apresentam dados de relevância para o estudo.

O pensamento que norteia as políticas analisadas volta-se ao atendimento às necessidades de informação da comunidade acadêmica, à formação de coleções atualizadas e que contemplem a diversidade das fontes de informação em inúmeros suportes, à preservação da produção científica e memória da instituição e à racionalização e dimensionamento dos recursos financeiros (Quadro 4). Observou-se que não há diferenças significativas nos eixos norteadores presentes no desenvolvimento de coleções em bibliotecas de universidades mais consolidadas e as criadas mais recentemente, exceto pelas questões relacionadas aos recursos financeiros, não mencionados por essas últimas.

**Quadro 4 - Eixos norteadores das Políticas de Desenvolvimento de Coleções das Bibliotecas Universitárias Brasileiras**

Categoria de análise	Temas (Unidade de Registro)	Conteúdo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções de Bibliotecas Universitárias Brasileiras	
		Universidades Antigas	Universidades Recentes
Eixos Norteadores	<b>Necessidades de Informação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- atender às necessidades informacionais da comunidade acadêmica (corpo docente, discente, pesquisador e técnico-administrativo);</li> <li>- prover informações necessárias ao desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão da Universidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- atender à comunidade acadêmica e demais usuários considerando suas necessidades como um dos focos principais;</li> <li>- colaborar para o trinômio ensino, pesquisa e extensão da Instituição/ apoio informacional às atividades de ensino, pesquisa e extensão da instituição.</li> </ul>
	<b>Formação de Coleções</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- contemplar os diversos tipos de materiais em seus variados suportes;</li> <li>- servir de apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão;</li> <li>- manter a produção científica e a memória da instituição;</li> <li>- fornecer obras de referência em áreas de assunto específicas, gerais e/ou afins;</li> <li>- atualizar constantemente a coleção.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- contemplar os diversos tipos de materiais em seus variados suportes;</li> <li>- possibilitar o crescimento da coleção de forma racional e equilibrada;</li> <li>- atualizar e manter a coleção das bibliotecas.</li> </ul>
	<b>Orçamento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- racionalizar o uso de recursos;</li> <li>- dimensionar os recursos necessários para o atendimento das demandas das comunidades das diversas bibliotecas com base em dados da coleção e demanda potencial;</li> <li>- constituir coleções de acordo com os recursos orçamentários.</li> </ul>	

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Os objetivos demonstram o que a biblioteca almeja com a elaboração e formalização da política e qual a intenção da biblioteca sobre a formação das coleções. Os dados analisados permitem considerar que, nas bibliotecas universitárias federais, as políticas são um instrumento para planejamento, organização, orientação e acompanhamento do processo e atividades do desenvolvimento de coleções. Assim, buscam por meio da política definir o que vai ser realizado, tal como: planejar o processo para desenvolver de

maneira sistemática, consistente, racional e contínua coleções equilibradas em todas as áreas do conhecimento, considerando os objetivos educacionais, currículos acadêmicos e recomendações do MEC, as necessidades dos usuários reais e potenciais da instituição e comunidade em geral, a demanda por títulos específicos, a disponibilidade orçamentária, a preservação e memória e o uso otimizado do espaço físico (Quadro 5).

**Quadro 5 - Planejamento do desenvolvimento de coleções como objetivo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras**

Categoria de análise	Tema (Unidade de Registro)	Conteúdo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções de Bibliotecas Universitárias Brasileiras	
		Universidades Antigas	Universidades Recentes
Objetivo	Planejamento do desenvolvimento de coleções	<ul style="list-style-type: none"> <li>- servir como instrumento para planejar de forma padronizada e segura o desenvolvimento da coleção;</li> <li>- permitir o crescimento racional e equilibrado das coleções em todas as áreas do conhecimento;</li> <li>- nortear os procedimentos de desenvolvimento de coleções;</li> <li>- adequar a coleção aos objetivos educacionais e às recomendações do Ministério da Educação;</li> <li>- diagnosticar a situação das coleções de livros para graduação;</li> <li>- identificar a demanda potencial por títulos específicos a ser atendida pelas diversas bibliotecas;</li> <li>- possibilitar a formação de coleções de acordo com os objetivos e a disponibilidade dos recursos financeiros;</li> <li>- subsidiar a tomada de decisões sobre a distribuição dos recursos entre as bibliotecas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- servir como instrumento para planejar o desenvolvimento das coleções;</li> <li>- propiciar a formação e o desenvolvimento sistematizado, consistente, racional e contínuo de toda a coleção;</li> <li>- propiciar o crescimento racional e equilibrado da coleção nas áreas específicas;</li> <li>- viabilizar a formação de coleções de obras raras ou valiosas, com intuito de preservação e memória;</li> <li>- atualizar constantemente a coleção, de acordo com os currículos acadêmicos dos cursos do <i>campus</i>;</li> <li>- desenvolver a coleção de acordo com a finalidade de atender às necessidades reais e potenciais dos usuários da instituição e comunidades circunvizinhas;</li> <li>- incrementar programas cooperativos e de intercâmbio (permuta) de publicações;</li> <li>- garantir a incorporação de materiais bibliográficos segundo razões objetivas predeterminadas;</li> <li>- viabilizar a formação de coleções retrospectivas e inativas, possibilitando a liberação de espaços nas bibliotecas.</li> </ul>

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

As políticas também visaram à organização do processo e das atividades, o que foi visto com o estabelecimento e definição de critérios para as atividades de seleção, aquisição, avaliação e desbaste; indicação de instrumentos auxiliares para seleção; definição de prioridades e procedimentos para aquisição; direcionamento do uso dos recursos financeiros; indicação das responsabilidades dos envolvidos no processo; estabelecimento de meios para intercâmbio de publicações; e medidas para a conservação e recuperação da coleção (Quadro 6).

**Quadro 6 - Organização do desenvolvimento de coleções como objetivo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras**

Categoria de análise	Tema (Unidade de Registro)	Conteúdo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções de Bibliotecas Universitárias Brasileiras	
		Universidades Antigas	Universidades Recentes
Objetivo	Organização do desenvolvimento de coleções	<ul style="list-style-type: none"> <li>- organizar as atividades de desenvolvimento de coleção da biblioteca de forma equilibrada e racional;</li> <li>- determinar as responsabilidades dos envolvidos no processo de desenvolvimento de coleções;</li> <li>- direcionar o uso racional dos recursos financeiros;</li> <li>- estabelecer os critérios de seleção de materiais;</li> <li>- disciplinar o processo de seleção, tanto em quantidade como em qualidade;</li> <li>- indicar fontes para a seleção do material;</li> <li>- estabelecer os critérios e atribuições para a formação e funcionamento das Comissões de Seleção;</li> <li>- determinar critérios para duplicação de títulos;</li> <li>- estabelecer prioridades e definir critérios para a aquisição de materiais;</li> <li>- apresentar os procedimentos para aquisição por compra, conforme legislação vigente;</li> <li>- estabelecer formas de intercâmbio de publicações;</li> <li>- traçar diretrizes e critérios para avaliação da coleção;</li> <li>- determinar critérios e diretrizes para o desbaste e descarte de materiais;</li> <li>- assegurar a manutenção de medidas preventivas de conservação da coleção;</li> <li>- sugerir condições para recuperação da coleção;</li> <li>- definir e implementar critérios para o desenvolvimento das coleções;</li> <li>- servir de instrumento de gestão dos recursos para a aquisição de livros;</li> <li>- estabelecer as diretrizes de atualização e expansão, aquisição e seleção positiva e negativa da coleção das bibliotecas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- definir e implantar critérios para o desenvolvimento de coleções e sua atualização de acordo com os objetivos da instituição e a distribuição dos recursos financeiros;</li> <li>- estabelecer responsabilidades dos agentes envolvidos no processo de formação da coleção;</li> <li>- estabelecer critérios para o crescimento equilibrado e racional da coleção;</li> <li>- direcionar o uso racional dos recursos orçamentários;</li> <li>- determinar os responsáveis pela tomada de decisão;</li> <li>- estabelecer critérios para seleção;</li> <li>- sugerir instrumentos auxiliares para a seleção dos materiais bibliográficos;</li> <li>- estabelecer critérios para a execução das atividades da Comissão de Seleção;</li> <li>- identificar fontes para seleção da coleção;</li> <li>- estabelecer prioridades e prazos para a aquisição de material;</li> <li>- determinar critérios para duplicação de títulos;</li> <li>- definir critérios quanto à incorporação de material doado;</li> <li>- traçar diretrizes para avaliação da coleção;</li> <li>- estabelecer diretrizes para o desbaste e descarte de documentos;</li> <li>- assegurar a aplicação e manutenção de medidas de conservação das coleções;</li> <li>- sugerir condições para recuperação das coleções;</li> <li>- servir de apoio para a formação de coleções apropriadas para portadores de necessidades especiais;</li> <li>- direcionar as solicitações de doações de periódicos científicos para complementar a coleção já existente.</li> </ul>

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

A preocupação com a orientação do processo também se manifestou entre os objetivos das políticas analisadas, mais especificamente orientar a tomada de decisão, as atividades e os bibliotecários no trabalho diário das bibliotecas (Quadro 7).

**Quadro 7- Orientação do desenvolvimento de coleções como objetivo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções de Bibliotecas Universitárias Brasileiras**

Categoria de análise	Tema (Unidade de Registro)	Conteúdo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções de Bibliotecas Universitárias Brasileiras	
		Universidades Antigas	Universidades Recentes
Objetivo	Orientação do desenvolvimento de coleções	<ul style="list-style-type: none"> <li>- orientar as atividades de desenvolvimento de coleção da Biblioteca de forma equilibrada e racional;</li> <li>- orientar a tomada de decisão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- orientar a tomada de decisão quanto ao que deve ser adquirido e/ou mantido pela biblioteca;</li> <li>- atuar como instrumento de trabalho no fazer diário das bibliotecas;</li> <li>- orientar o processo de seleção, tanto em quantidade como em qualidade;</li> <li>- guiar o bibliotecário no trabalho periódico da seleção;</li> <li>- orientar as bibliotecas nas diferentes etapas e procedimentos que se referem à manutenção e atualização da coleção.</li> </ul>

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

O acompanhamento do desenvolvimento de coleções, buscando assegurar que as ações planejadas estejam se realizando dentro do previsto, constou como objetivos das políticas, considerando que tais documentos visam guiar esse processo, para mantê-la atualizada e possibilitar o seu crescimento nas áreas de atuação da instituição (Quadro 8).

**Quadro 8 - Acompanhamento do desenvolvimento de coleções como objetivo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras**

Categoria de análise	Tema (Unidade de Registro)	Conteúdo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções de Bibliotecas Universitárias Brasileiras	
		Universidades Antigas	Universidades Recentes
Objetivo	Acompanhamento do desenvolvimento de coleções	<ul style="list-style-type: none"> <li>- servir como instrumento para acompanhar de forma padronizada e segura o desenvolvimento da coleção, orientando a tomada de decisão;</li> <li>- acompanhar a atualização da coleção, possibilitando o crescimento e o seu equilíbrio nas áreas de atuação da instituição.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- acompanhar o desenvolvimento das coleções;</li> <li>- manter a coleção atualizada;</li> <li>- manter a coleção atualizada, buscando atender aos padrões de qualidade exigidos pelo MEC e conforme os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) e a previsão de crescimento presente no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI).</li> </ul>

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Logo, evidencia-se que a redação dos objetivos explicita a preocupação com a normatização da atividade e com a orientação do trabalho do bibliotecário, e em alguns documentos extrapola a concepção de política como o fio condutor do trabalho do bibliotecário e se assemelha a um manual de procedimentos.

Na categoria seleção, foram reunidos os temas detectados via análise das políticas: adequação às atividades institucionais, características do recurso informacional, necessidades da coleção, demanda, parâmetros externos e responsabilidade. Miranda (2007, p. 8) ressalta que “uma das etapas mais importante da política de desenvolvimento de coleções é o processo de seleção, pois por intermédio dele são estabelecidos os critérios que garantem a qualidade e o ajustamento para atender a contento as reais necessidades dos usuários”. Os critérios de seleção são os itens mais importantes de qualquer política de desenvolvimento de coleções, especificam as razões pelas quais os materiais são adquiridos. Os critérios podem ser divididos conforme os diferentes tipos de materiais, formatos ou assuntos específicos e controversos (FUTAS, 1995).

A seleção é pensada considerando a relação com as atividades e as necessidades da instituição, os currículos acadêmicos, as linhas de pesquisa e os projetos de extensão (Quadro 9). O atendimento às atividades de ensino observa as bibliografias dos cursos em implantação, em fase de

reconhecimento, credenciamento ou recredenciamento, tendo em vista os parâmetros estabelecidos pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), conduzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), vinculado ao Ministério de Educação (MEC).

**Quadro 9 - Seleção baseada nas atividades institucionais nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras**

Categoria de análise	Tema (Unidade de Registro)	Conteúdo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções de Bibliotecas Universitárias Brasileiras	
		Universidades Antigas	Universidades Recentes
<b>Seleção</b>	<b>Relação com a instituição</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- objetivos, atividades e nível educacional da universidade e da comunidade acadêmica;</li> <li>- currículo acadêmico, linhas de pesquisa e projetos de Extensão;</li> <li>- relevância/interesse acadêmico-científicos;</li> <li>- linhas de pesquisas da unidade acadêmica à qual a biblioteca está vinculada;</li> <li>- cursos em implantação, em fase de reconhecimento, credenciamento ou recredenciamento;</li> <li>- sugestões do corpo docente;</li> <li>- atualização pelos docentes das bibliografias básicas das disciplinas.</li> <li>- periódicos: indicação de docentes, pesquisadores e comunidade, após análise de qualidade e interesse; solicitação da assinatura por curso de graduação e/ou de pós-graduação; novo título em decorrência de alteração de currículo; títulos necessários ao desenvolvimento de pesquisa; sugestões de assinatura de periódicos eletrônicos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- objetivos e necessidades da instituição;</li> <li>- currículo acadêmico, projeto pedagógico de curso e linhas de pesquisa;</li> <li>- projetos de pesquisas e extensão desenvolvidos pela universidade;</li> <li>- cursos em implantação, em fase de reconhecimento, credenciamento ou recredenciamento;</li> <li>- reformulações curriculares;</li> <li>- sugestões dos usuários;</li> <li>- atualização das bibliografias básicas e complementares indicadas nos projetos pedagógicos.</li> <li>- periódicos: renovação de assinaturas de periódicos científicos que já façam parte da lista básica.</li> </ul>

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

O conteúdo dos recursos informacionais também é considerado na seleção, como: autoridade, cobertura do assunto, atualidade do assunto e da obra, relevância histórica. A menção a



cobertura e ao tratamento do assunto parece indicar uma preocupação em se ter na coleção variados pontos de vista sobre determinado assunto. Alguns recursos como periódicos e coleções especiais pautam-se em características específicas do recurso (Quadro 10). Vale destacar a menção à produção institucional, como os periódicos editados pela instituição, e as coleções especiais de materiais antigos e manuscritos, o que certamente denota a preocupação com a memória institucional e da humanidade.

**Quadro 10 - Seleção baseada no conteúdo dos recursos informacionais nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras**

Categoria de análise	Tema (Unidade de Registro)	Conteúdo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções de Bibliotecas Universitárias Brasileiras	
		Universidades Antigas	Universidades Recentes
Seleção	Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- autoridade e reputação do autor e/ou editor;</li> <li>- cobertura/tratamento do assunto;</li> <li>- atualidade do assunto;</li> <li>- atualidade das obras;</li> <li>- atualidade técnico-científica dos conteúdos;</li> <li>- imparcialidade do conteúdo;</li> <li>- valor efêmero ou permanente;</li> <li>- relevância histórica;</li> <li>- áreas de abrangência do título;</li> <li>- <b>Periódicos:</b> produção da universidade; autoridade do editor e do corpo editorial; e títulos com conteúdos de caráter informativo e jornais.</li> <li>- <b>Coleções especiais:</b> publicações impressas dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII, XIX; livros datados de mais de 100 (cem) anos; manuscritos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- relevância, autoridade e reputação do autor, editor ou responsável pela obra;</li> <li>- cobertura/tratamento do assunto;</li> <li>- qualidade e atualização do conteúdo;</li> <li>- atualidade da obra;</li> <li>- atualização das edições;</li> <li>- imparcialidade do conteúdo;</li> <li>- valor efêmero ou permanente;</li> <li>- publicações originais;</li> </ul>

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

A relevância dos documentos para os usuários considerando idioma e conveniência do formato, bem como aspectos adicionais referentes aos documentos (Quadro 11) estão delineados como elementos para seleção, como: custo, estado de conservação e disponibilidade on-line.

**Quadro 11- Seleção baseada na relevância para os usuários e aspectos adicionais dos documentos nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras**

Categoria de análise	Tema (Unidade de Registro)	Conteúdo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções de Bibliotecas Universitárias Brasileiras	
		Universidades Antigas	Universidades Recentes
Seleção	Relevância para o usuário	<ul style="list-style-type: none"> <li>- idioma acessível;</li> <li>- conveniência do formato e compatibilização com equipamentos necessários para acesso ao conteúdo;</li> <li>- formatos acessíveis às pessoas com deficiência;</li> <li>- qualidade visual e auditiva de materiais especiais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- idioma acessível;</li> <li>- relevância do assunto para os cursos;</li> <li>-conveniência do formato e compatibilidade com equipamentos existentes.</li> </ul>
	Aspectos adicionais do documento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- custo justificável;</li> <li>- estado de conservação física.</li> <li>- fotocópias apenas para obras comprovadamente esgotadas.</li> <li>- <b>Periódicos:</b> custo da assinatura; disponibilidade em versão <i>on-line</i> com acesso gratuito.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- custo justificável;</li> <li>- estado de conservação física.</li> <li>- fotocópias apenas para obras comprovadamente esgotadas e para as quais não exista material que a substitua satisfatoriamente.</li> <li>- <b>Periódicos:</b> disponibilidade em versão <i>on-line</i> com acesso gratuito.</li> </ul>

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

A coleção, seu estado atual e necessidades também balizam a seleção, conforme análise das políticas investigadas (Quadro 12). Nesse sentido, a escassez de materiais na coleção, a possibilidade de atendimento por coleções em outra biblioteca e a necessidade de atualização das obras são levadas em consideração.

**Quadro 12 - Seleção baseada na coleção atual nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras**

Categoria de análise	Tema (Unidade de Registro)	Conteúdo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções de Bibliotecas Universitárias Brasileiras	
		Universidades Antigas	Universidades Recentes
Seleção	Necessidade da coleção	<ul style="list-style-type: none"> <li>- escassez de material sobre o assunto na coleção da biblioteca;</li> <li>- disponibilidade do material na coleção de outro serviço de informação da Universidade;</li> <li>- atualização de formatos e suportes;</li> <li>- atualização das obras de referência impressas ou eletrônicas.</li> <li>- <b>Periódicos:</b> áreas de interesse da biblioteca; disponibilidade em outras bibliotecas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- escassez de material sobre o assunto na coleção;</li> <li>- atualização das obras existentes na coleção.</li> </ul>

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

A demanda pelos materiais e a quantidade de usuários que poderá utilizar os materiais também é considerada na seleção (Quadro 13).

**Quadro 13 - Seleção baseada na demanda nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras**

Categoria de análise	Tema (Unidade de Registro)	Conteúdo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções de Bibliotecas Universitárias Brasileiras	
		Universidades Antigas	Universidades Recentes
Seleção	Demanda e Uso	<ul style="list-style-type: none"> <li>- número de usuários;</li> <li>- número de alunos matriculados;</li> <li>- a duplicação de títulos que não sejam da bibliografia básica será determinada pelo uso de cada item em particular;</li> <li>- utilização.</li> </ul> <p><b>Periódicos:</b> títulos cuja temática tenha o maior potencial de alcance entre os usuários da biblioteca; estatísticas de uso de periódicos correntes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- usuários potenciais;</li> <li>- grupos de pesquisa e extensão;</li> <li>- utilização.</li> </ul>

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Os parâmetros externos são utilizados na seleção. Para a formação de coleções que atenderão ao ensino de graduação, pauta-se nos parâmetros estabelecidos no instrumento do SINAES/MEC; e para pós-graduação considera parâmetros estabelecidos pelos Programas, quando existentes. A seleção da coleção de periódicos orienta-se pela classificação no sistema Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (Capes), no fator de impacto<sup>37</sup> atribuído pelo *Journal Citation Report* e pela indexação em bases de dados (Quadro 14).

<sup>37</sup> O fator de impacto é calculado pelo número de itens citáveis em um ano dividido pelo número de citações recebidas nos dois anos anteriores.

**Quadro 14 - Seleção baseada em parâmetros externos nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras**

Categoria de análise	Tema (Unidade de Registro)	Conteúdo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções de Bibliotecas Universitárias Brasileiras	
		Universidades Antigas	Universidades Recentes
Seleção	Parâmetros externos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- quantidades mínimas recomendadas pelos órgãos de avaliação e credenciamento dos cursos da instituição;</li> <li>- parâmetros do Ministério da Educação (MEC) para os cursos de graduação;</li> <li>- parâmetros estabelecidos pelos Programas de Pós-Graduação/resolução das normas de pós-graduação.</li> <li>- citação em bibliografias nacionais e/ou internacionais.</li> <li>- periódicos: fator de impacto do título; - preferencialmente títulos cujos qualis sejam A1, A2, B1, B2 e B3; presença em índices e bases de dados de indexação de revistas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- critérios definidos pelo INEP/MEC;</li> <li>- citação em bibliografias nacionais e/ou internacionais.</li> <li>- periódicos: títulos indexados em alguma base de dados; boa conceituação Qualis (Capes).</li> </ul>

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

A responsabilidade pela seleção consta nos documentos das políticas como dos bibliotecários de diferentes setores da biblioteca, dos especialistas, ou de Comissões compostas com participação de vários setores da universidade estabelecidas para essa finalidade (Quadro 15).

Segundo as políticas analisadas, a seleção baseia-se tanto nas atividades da instituição, como nos documentos (critérios relacionados ao conteúdo e qualidade dos materiais, reputação dos responsáveis pela obra, adequação do formato e idioma, abrangência do assunto), usuários, coleção existente e parâmetros externos. Entretanto, nas políticas analisadas não está claro como esses elementos são contrapostos e se realmente são associados, ou utilizados isoladamente conforme as circunstâncias, como no caso dos cursos em implantação, em fase de reconhecimento, credenciamento ou recredenciamento, cuja ênfase parece voltar-se aos parâmetros estabelecidos pelo Ministério da Educação para disponibilidade das bibliografias básicas e complementares nas quantidades necessárias para obter o conceito máximo. As especificações das responsabilidades de seleção demonstram a preocupação com a participação da comunidade ou a dependência dos pareceres dos especialistas no assunto.

**Quadro 15 - Responsáveis pela seleção nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras**

Categoria de análise	Tema (Unidade de Registro)	Conteúdo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções de Bibliotecas Universitárias Brasileiras	
		Universidades Antigas	Universidades Recentes
Seleção	Responsáveis	<ul style="list-style-type: none"> <li>- equipe formada por bibliotecários, membros dos Comitês de Usuários e corpo docente;</li> <li>- Comissão de Desenvolvimento de Coleções;</li> <li>- Comissões de Biblioteca em cada Unidade/Órgão;</li> <li>- Comissão Consultiva da Biblioteca de caráter interdisciplinar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Comissão de Seleção composta por bibliotecários dos Setores de Tratamento da Informação e Circulação;</li> <li>- Comissão local de seleção e avaliação;</li> <li>- docentes, coordenações de curso, comissões de biblioteca (constituídas por bibliotecários, docentes e discentes), chefia da biblioteca ou bibliotecário responsável, Seção de Desenvolvimento de Coleções em ação conjunta;</li> <li>- responsabilidade dos bibliotecários, em conjunto com os coordenadores de cursos;</li> <li>- responsabilidade consensual dos especialistas da área de conhecimento e dos bibliotecários.</li> </ul>

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Na aquisição são executadas as decisões tomadas na seleção (ANDRADE; VERGUEIRO, 1996; MIRANDA, 2007). Os itens selecionados são localizados (WEITZEL, 2013), obtidos (MIRANDA, 2007) e incorporados na coleção por meio de compra, permuta ou doação (ANDRADE; VERGUEIRO, 1996; MIRANDA, 2007; WEITZEL, 2013). Nas políticas analisadas, a categoria aquisição foi pensada em relação às prioridades de aquisição. Nesse sentido, prioriza-se a aquisição das bibliografias básicas e complementares dos cursos novos e em fase de avaliação, considerando os parâmetros estabelecidos no instrumento do SINAES/MEC, outras necessidades da instituição, as indicações da comunidade universitária, a demanda e as lacunas da coleção (Quadro 16). A suspeita levantada nos dados analisados da categoria seleção sobre a prioridade para as recomendações do MEC se confirmam com a análise da categoria aquisição. Vale destacar que nas políticas das universidades criadas recentemente a diversidade de títulos se sobrepõe a preocupação com a quantidade de exemplares quando se trata de estabelecer prioridades para aquisição.

**Quadro 16 - Prioridades para aquisição nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras**

Categoria de análise	Temas (Unidade de Registro)	Conteúdo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções de Bibliotecas Universitárias Brasileiras	
		Universidades Antigas	Universidades Recentes
Aquisição	<b>Atendimento à instituição em conformidade com os parâmetros SINAES/MEC</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- obras da bibliografia básica e complementar dos cursos de graduação e pós-graduação novos e/ou em fase de reconhecimento;</li> <li>- obras para atualização de bibliografias básica e complementar dos cursos de graduação reconhecidos;</li> <li>- bibliografias básicas dos cursos de graduação cadastradas no e-MEC;</li> <li>- bibliografia indicada no Projeto Pedagógico dos Cursos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- obras que façam parte das listas de bibliografias básica e complementar dos cursos de graduação incluídos na avaliação do MEC, considerando quantidade de vagas/anuais por curso;</li> <li>- obras que atendam cursos em fase de implantação;</li> <li>- materiais bibliográficos básicos presentes no Projeto Pedagógico Curricular.</li> </ul>
	<b>Necessidades institucionais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- títulos que atendam mais de um curso;</li> <li>- material destinado a atender às linhas de pesquisa e de extensão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- obras solicitadas por vários cursos;</li> <li>- coleção multimídia para atender plenamente aos usuários;</li> <li>- obras demandadas já existentes na coleção.</li> </ul>
	<b>Indicação da comunidade universitária</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- indicação dos docentes e discentes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- indicação dos docentes quanto à pertinência do assunto.</li> </ul>
	<b>Demanda</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- obras com maior demanda pelos usuários.</li> </ul>
	<b>Necessidades da coleção</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- atualização das obras;</li> <li>- reposição de obras desaparecidas e/ou danificadas;</li> <li>- obras editadas em língua portuguesa e, no caso de traduções, na língua dominante do curso;</li> <li>- obras de referência, dando-se ênfase aos dicionários de línguas e enciclopédias especializadas e normas técnicas;</li> <li>- periódicos não disponibilizados no Portal de Periódicos da Capes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- atualização das obras;</li> <li>- coleções eletrônicas;</li> <li>- obras publicadas nas línguas portuguesa e espanhola;</li> <li>- periódicos não disponibilizados gratuitamente em meio eletrônico;</li> <li>- periódicos especializados nacionais impressos;</li> <li>- preferência para a diversidade de títulos, em vez de número de exemplares.</li> </ul>

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

A avaliação de coleções tem como real intenção medir a utilidade da coleção ou quão bem está satisfazendo seu objetivo

(JOHNSON, 2014). Ao avaliar as coleções, é possível gerenciar melhor o desenvolvimento de coleções. O conteúdo analisado nas políticas referente à categoria avaliação foi visto em relação à análise quantitativa, análise qualitativa e indicadores. As políticas analisadas incluíram breves considerações sobre a avaliação das coleções, com indicações sobre indicadores e métodos voltados principalmente ao tamanho e à distribuição da coleção, seu uso e correspondência com as bibliografias dos cursos (Quadro 17). A idade do material, qualidade do conteúdo, demanda e julgamento por especialistas também constam nas políticas no que se refere à avaliação das coleções.

Em relação aos métodos utilizados para avaliação, há uma aplicação limitada dos métodos existentes, pois nas políticas são mencionados os métodos quantitativos baseados na coleção, como o acompanhamento do tamanho e crescimento da coleção e dados de uso fornecidos pelas bases de dados; e os métodos qualitativos também baseados na coleção, como julgamento por especialistas e uso de bibliografias para verificação, e baseados no uso, com a análise do uso real.

A avaliação auxilia na identificação de itens que deverão ser desbastados. Para Miranda (2007, p. 16), o desbaste é “um processo contínuo e sistemático, para conservar a qualidade da coleção, ocorrendo sempre devido à necessidade de um processo constante de avaliação da coleção”. O desbaste da coleção ocorre para que a coleção possa alcançar “a plenitude de seu desenvolvimento” (VERGUEIRO, 1989, p. 74). O desbaste é uma seleção negativa, realizada posteriormente. É uma eliminação responsável e necessária para a biblioteca, pautada na eficácia e eficiência da coleção como um espelho da cultura de uma época. É tão importante como a seleção positiva, pois sem o desbaste a coleção pode tornar-se imóvel, morta, e, portanto, inútil (GÓMEZ HERNÁNDEZ, 2002).

**Quadro 17 - Avaliação nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras**

Categoria de análise	Temas (Unidade de Registro)	Conteúdo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções de Bibliotecas Universitárias Brasileiras	
		Universidades Antigas	Universidades Recentes
Avaliação da coleção	<b>Tamanho e crescimento da coleção</b>	- tamanho e crescimento da coleção; - distribuição percentual da coleção; - quantidade de exemplares por aluno matriculado; - proporções de áreas de cobertura e tipo de material por usuário potencial e real.	- tamanho e crescimento da coleção; - distribuição percentual da coleção.
	<b>Uso da coleção</b>	- estatística de uso; - análise do uso real; - dados estatísticos fornecidos pelo sistema.	- estatística de uso.
	<b>Relação com Bibliografias</b>	- bibliografia atualizada dos cursos.	- bibliografias básicas e complementares dos cursos; - bibliografias publicadas; - bibliografias elaboradas para fins específicos.
	<b>Idade do material</b>	- idade da coleção por assunto.	
	<b>Conteúdo</b>	- qualidade do conteúdo.	
	<b>Estudos de comunidade e de usuários</b>	- número de professores e pesquisadores por nível de ensino e por área de conhecimento; - opiniões dos usuários.	- estudo com usuários.
	<b>Demanda</b>		- registro da demanda reprimida; - relação entre o solicitado e o inexistente.
	<b>Executores</b>	- julgamento por especialistas.	- julgamento por especialistas, bibliotecários, no caso.

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Nas políticas analisadas, o desbaste foi pensado considerando o uso, atualização e conteúdo do material, adequação as atividades da instituição, estado físico e quantidade de exemplares. Para os periódicos também considerou demanda e interesse temporário como elementos para pensar o desbaste (Quadro 18).



**Quadro 18 - Desbaste nas Políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias brasileiras**

Categoria de análise	Temas (Unidade de Registro)	Conteúdo das Políticas de Desenvolvimento de Coleções de Bibliotecas Universitárias Brasileiras	
		Universidades Antigas	Universidades Recentes
Desbaste	<b>Adequação as atividades da instituição</b>	- inadequação das obras aos interesses da instituição.	- inadequação do conteúdo à instituição.
	<b>Conteúdo</b>	- desatualização; - obsolescência; - manter um ou dois exemplares de títulos atualizados por novas edições (pelo valor histórico);	- desatualização; - obsolescência; - limitação geográfica, - sem relevante valor histórico, político e cultural, - livros didáticos de ensino fundamental e médio; - manter títulos históricos de interesses para outras bibliotecas.
	<b>Relevância para os usuários</b>	- idiomas inacessíveis à comunidade.	
	<b>Uso</b>	- material nunca circulado; - descartar de obras já remanejadas e não consultadas.	- baixo uso / inatividade.
	<b>Estado físico</b>	- obras danificadas em condições físicas irreversíveis.	- materiais danificados ou desgastados pelo uso e irreversíveis.
	<b>Idade</b>	- idade do documento.	
	<b>Excesso de exemplares</b>	- excesso de duplicatas.	- duplicatas ou número excessivo de cópias de um mesmo título.
	<b>Suporte</b>	- descarte de materiais em suporte obsoleto.	
	<b>Coleções de periódicos incompletas</b>	- periódicos com aquisição interrompida e sem registro de uso, de divulgação geral e interesse temporário; - periódicos não correntes e sem demanda, coleções com fascículos esparsos e isolados, considerados menos relevantes pelos especialistas da área e/ou disponíveis on-line gratuitamente ou com garantia de acesso perpétuo.	- periódicos cujo conteúdo tenha valor informativo temporário; - coleções de periódicos de publicações encerradas e que não tenham possibilidade de serem reativadas; - periódicos não correntes, que não apresentem demanda, com falhas de coleção, disponibilizados na Internet e/ou de divulgação e interesse temporário.

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

O descarte está sendo pensado com base na inadequação aos interesses institucionais, desatualização, muitos exemplares de uma mesma obra, obsolescência e falta de uso. Entretanto, apesar

dos critérios mencionados, as políticas também especificam que o valor histórico e a possibilidade de atendimento a outras bibliotecas (empréstimo entre bibliotecas) são considerados para evitar o descarte dos materiais. Em alguns casos, os materiais são transferidos para espaços de armazenamento alternativos nos quais estão itens pouco utilizados de coleções.

Outro ponto destacado é a preocupação com o excesso de exemplares ou duplicatas do mesmo título, provavelmente, associado às aquisições para atender aos parâmetros do MEC, que especificam o quantitativo de exemplares da bibliografia básica e complementar em proporcionalidade à quantidade de alunos. Entretanto, com a mudança e atualização das bibliografias, o quantitativo necessário também muda e deixam de ser necessários tantos exemplares de um mesmo título. No que se refere às coleções de periódicos, observa-se que os critérios estão relacionados a coleções incompletas e principalmente à disponibilidade gratuita de conteúdo *on-line*, tanto em decorrência das iniciativas de acesso aberto, como também do Portal de Periódicos da Capes. E, provavelmente, pelo conteúdo desse último ser assinado e depender de renovações entre a entidade e fornecedores, algumas políticas especificam que a coleção de periódicos somente deve ser descartada se houver garantia de acesso perpétuo.

O desbaste (descarte e remanejamento) de materiais gera dúvidas e polêmicas, por isso, seu delineamento adequado nos documentos das políticas e amarrado com os objetivos globais da biblioteca e da instituição a que atende é fundamental, tendo em vista que o papel da biblioteca ultrapassa a concepção de banco de bibliografias básicas e de atendimentos imediatos de necessidades de informação. Salienta-se também, por se tratar de uma seleção negativa, que a necessidade da sua realização diminui se a seleção realizada para a formação da coleção e os critérios para tal forem delineados adequadamente.

Sabe-se que a elaboração de um documento oficial é um benefício, pois contribui para a aquisição de conhecimento sobre o valor das coleções existentes e faz com que a equipe reflita sobre as metas da biblioteca. Soma-se a isso que uma política oficial respalda os objetivos estabelecidos pela organização e demonstra que a biblioteca está disposta a atingir as metas traçadas. (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 2001).

Com base na análise das políticas, é possível indicar que o desenvolvimento de coleções nas bibliotecas universitárias federais

está sendo pensado visando à adequação aos interesses institucionais e ao atendimento das necessidades de informação da comunidade acadêmica, contemplando diversos tipos de materiais. As políticas de desenvolvimento de coleções têm buscado servir como instrumento de planejamento e acompanhamento ao processo, ao estabelecer diretrizes, definir e implantar critérios para desenvolvimento e atualização da coleção de acordo com a instituição, orientar as bibliotecas nas diferentes etapas e procedimentos, estabelecer responsabilidades para a formação das coleções e prioridades e procedimentos para aquisição, orientar o que deve ser adquirido e/ou mantido pela biblioteca, traçar diretrizes e critérios para avaliação da coleção, e determinar critérios e diretrizes para o desbaste e descarte de materiais.

Uma política de desenvolvimento de coleções adequada inclui informações para a tomada de decisões, tais como: âmbito de cobertura (linguagens, foco geográfico, períodos cronológicos); disciplinas relacionadas e relações interdisciplinares; tipos de materiais (monografias, publicações em série, anais de congressos, enciclopédias, dicionários, guias, índices, materiais audiovisuais, dissertações e teses, microformas e recursos eletrônicos), pois tão importante quanto o que é colecionado é o que não é colecionado (HERSOG, 2004). Também abrangem aspectos dos recursos eletrônicos e outros formatos para a coleção. Os recursos eletrônicos são vistos como partes importantes das coleções, não apenas com um complemento (VOGEL, 2013). Outro ponto que merece atenção nas políticas é a concepção das bibliotecas como espaço de memória científica da humanidade.

Os documentos elaborados nas universidades federais mais consolidadas e nas criadas recentemente são similares na sua abrangência, enfoque e inclusive na redação, o que denota que o desenvolvimento de coleções está sendo pensado de maneira semelhante nas instituições investigadas, voltado principalmente para a formação de coleções para atender aos cursos de graduação recém-criados, o que também se tornou uma realidade em universidades mais antigas com a expansão do ensino superior. Diferem em alguns pontos, pois as políticas das bibliotecas mais consolidadas apresentam alguns elementos ausentes nas políticas de bibliotecas criadas mais recentemente, tais como: referência à constituição da coleção de acordo com o orçamento e à preservação da produção científica e memória da instituição, seleção de periódicos considerando indicações de docentes e custo da assinatura, explicitação de critérios para formação de coleções especiais, preocupação com a atualização de formatos e suportes,

avaliação considerando a idade dos materiais da coleção e qualidade do conteúdo, desbaste considerando a idade do documento, suporte obsoleto e idioma inacessível. Em contrapartida, as políticas de bibliotecas criadas recentemente são instrumentos para o planejamento da formação de coleções retrospectivas e o acompanhamento das coleções em relação aos padrões do MEC, a seleção de periódicos considera uma lista básica, a prioridade para aquisição considera obras com mais demanda e a avaliação da coleção baseia-se na demanda reprimida e na relação entre os materiais solicitados e os existentes na coleção. Portanto, as diferenças entre as políticas demonstram que enquanto as bibliotecas de universidades mais antigas contam com uma coleção mais abrangente formada ao longo dos anos e se preocupam com a preservação da memória institucional, formação de coleções especiais e atualização dos suportes, as bibliotecas de universidades criadas mais recentemente ainda trabalham para a formação de uma coleção básica e atendimento da demanda.

A seleção é direcionada, predominantemente, à adequação aos objetivos da instituição. Embora critérios como autoridade e reputação do autor e/ou editor, cobertura/tratamento do assunto, atualidade do conteúdo, idioma acessível sejam explicitados como critérios para seleção, a maior ênfase é dada às bibliografias dos cursos de graduação, devido aos parâmetros estabelecidos pelo SINAES para avaliação dos cursos de graduação. A responsabilidade da seleção é atribuída a comissões que contam com a participação de bibliotecários, docentes e discentes. Também vale ressaltar a ausência, na maioria das políticas analisadas, de critérios específicos para diferentes tipos de materiais, como os documentos eletrônicos, e para áreas do conhecimento específicas devido às suas peculiaridades e à variação nas fontes de informações consideradas relevantes.

As prioridades para aquisição confirmam a ênfase dada aos parâmetros do SINAES, pois é prioritária a aquisição de obras da bibliografia básica e complementar dos cursos de graduação e pós-graduação novos e/ou em fase de reconhecimento, demonstrando que embora as políticas mencionem que as coleções visam ao atendimento às atividades de ensino, pesquisa e extensão, há uma prioridade para o ensino.

A avaliação quantitativa da coleção considera o tamanho e o crescimento da coleção, e os dados estatísticos de uso. A avaliação qualitativa baseia-se no julgamento por especialistas, nas bibliografias recomendadas atualizadas e em estudos de uso real.

Entretanto, as políticas não especificam a associação ou combinação de métodos.

O desbaste orienta-se prioritariamente pelo critério de uso. A desatualização, a inadequação aos interesses da instituição e a duplicação de títulos de periódicos ou excesso de exemplares também constam como critérios para o desbaste. Em alguns casos, há critérios específicos para remanejamento ou descarte, mas em geral são conduzidos por questões de uso e otimização de espaço físico. A inadequação aos interesses da instituição requer verificação criteriosa e não apenas interpretada a partir da ausência de uso dos materiais.

A conservação dos materiais foi mencionada como importante para manutenção das coleções, sem especificações de procedimentos para tal, restringindo-se à conscientização dos usuários por meio de campanhas e orientação à equipe sobre manuseio, armazenamento, segurança, transporte e limpeza.

Outro ponto que merece destaque é a ausência de políticas para o compartilhamento de recursos e formação de coleções cooperativas. Os documentos analisados que citaram o incentivo à cooperação referiam-se ao intercâmbio de publicações. Sabe-se que, diante dos recursos financeiros escassos, o compartilhamento de recursos, seja por consórcios ou definição de áreas prioritárias para formação, guarda e conservação de coleções, é um caminho para ampliar a rentabilidade dos recursos financeiros e ampliar o acesso à informação em instituições mantidas pela mesma fonte financiadora.

A atualização das políticas tem previsão nos documentos analisados, entretanto foi comum encontrar instituições que não realizaram a atualização. Em síntese, o desenvolvimento de coleções está sendo predominantemente pautado por critérios de uso dos materiais, pelo que é requerido nas bibliografias básicas e complementares, indicado pelos docentes ou sugerido pelos usuários, sem a realização de estudos mais aprofundados e voltados para a estrutura dos campos do conhecimento. A ideia de biblioteca como espaço para memória coletiva e preservação do conhecimento produzido pela humanidade não consta como eixos norteadores das políticas, e embora esteja explicitada como objetivos ou associada à seleção, está em segundo plano ou até ausente nas políticas analisadas, possibilitando inferir que o utilitarismo e o imediatismo se sobressaem na formação de coleções em bibliotecas universitárias.

Portanto, com base na análise realizada na dimensão do pensamento institucionalizado foi possível extrair os seguintes

subsídios para a proposta de diretrizes para o desenvolvimento de coleções:

- a) política de desenvolvimento de coleções como instrumento de planejamento, organização, orientação e acompanhamento do desenvolvimento de coleções;
- b) coleções formadas com fontes diversificadas, em vários suportes e atualizadas para atender a comunidade acadêmica e dar suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão;
- c) coleções formadas com produção da instituição, documentos históricos e raros com o intuito de preservação e memória científica da humanidade;
- d) utilização dos recursos financeiros adequadamente;
- e) seleção baseada na adequação aos objetivos da instituição, no conteúdo, na adequação ao usuário, demanda, lacunas da coleção e parâmetros externos;
- f) bibliografias básicas e complementares dos cursos de graduação como prioridade para aquisição;
- g) participação da comunidade acadêmica, com o envio de sugestões e composição de comissões;
- h) avaliação considerando tamanho, distribuição e uso da coleção, correspondência com as bibliografias dos cursos, estudos da comunidade e julgamento por especialistas;
- i) desbaste baseado na obsolescência, uso, idade e estado de conservação dos materiais e associado ao valor histórico e possibilidade de atendimento a outras bibliotecas.

#### 5.4 DIMENSAO DO PENSAMENTO VIGENTE: subsídios para desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias brasileiras, extraídos de falas dos gestores

O pensamento vigente acerca do desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias brasileiras, conforme definido nesta pesquisa, foi detectado por meio das falas dos gestores do desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias obtidas via entrevistas. Observou-se que o pensamento vigente sobre o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias está

relacionado com as ações cotidianas, com a prática e com o que cada profissional lida ao desempenhar as suas atividades. Os gestores foram numerados para permitir a individualização das falas sem identificá-los. As falas foram transcritas ao longo desta seção com destaque em itálico e com recuo de dois centímetros para diferenciá-las das citações diretas.

Na visão do gestor 1, o desenvolvimento de coleções é importante para as bibliotecas universitárias e tem necessidade de ser tratado como prioridade. Também ficou destacado na sua fala as influências dos parâmetros do SINAES e a possibilidade de medir e acompanhar os resultados como segue:

*O processo de desenvolvimento de coleções deve ser prioridade não só nas BUs, mas em qualquer tipo de biblioteca. Em se tratando das BUs, o processo se faz ainda mais necessário, já que temos um público específico, recomendações em que devemos nos pautar (INEP) e ainda podemos mensurar o resultado.*

A distribuição do orçamento, a falta de conhecimento sobre os processos de avaliação e parâmetros pelos docentes e as dificuldades de comunicação foram apontadas como desafios ao processo pelo mesmo gestor. Segundo seu relato:

*Estamos atrelados ao orçamento destinado à aquisição bibliográfica, que deveria ser melhor distribuído. Tratando-se de BUs públicas federais, especificamente em minha experiência, o desconhecimento do corpo docente em relação às recomendações do Inep causa impacto negativo. Os professores e coordenadores, com raras exceções, não se comunicam com a biblioteca, ou seja, os planos de curso nos quais se encontram as bibliografias não são enviados à biblioteca.*

De acordo com esse gestor, a coleção ideal deve atender às bibliografias dos cursos de graduação e, para tal, a seleção baseia-se nos planos de ensino dos cursos e na quantidade de alunos, e também considera-se as indicações dos docentes. A comunidade acadêmica participa do processo e expressa as necessidades de informação, com o envio de sugestões por meio do sistema de gerenciamento da biblioteca e de uma comissão composta por bibliotecários, especialistas e alunos, como destacado na fala desse gestor:

*a coleção ideal é aquela que atende prioritariamente à bibliografia básica e complementar dos cursos de graduação oferecidos pela instituição. O ideal é que a seleção se pautar nos planos de cursos, considerando o número de alunos matriculados, mas ainda existem as "listas" dos professores. Para as necessidades de informação possuímos uma ferramenta de comunicação com*

*os usuários, via sistema de gerenciamento da coleção (Pergamum), também são feitas solicitações feitas na recepção e levantamento das bibliografias (quando são enviadas). Ainda possuímos uma "comissão de bibliotecas" formada por: bibliotecário, especialista na área (docente), e representante discente.*

Em relação às coleções, na sua opinião, representam subsídios centrais para a produção de conhecimento na universidade e as universidades são reflexo de suas bibliotecas. Para consolidar esse ponto de vista, a política deve contar com a participação da comunidade acadêmica, apresentar procedimentos para a avaliação e considerar as recomendações do SINAES. Nas palavras do mesmo:

*as coleções são o cerne do produto oferecido pelas universidades: "o conhecimento", independente do suporte, trabalhamos com informação e conhecimento. As universidades são o que são suas bibliotecas. A nossa política de desenvolvimento de coleções possui procedimentos voltados à avaliação das coleções. E é balizada pelas recomendações do INEP e solicitações da comunidade. A política deve ser apresentada à comunidade acadêmica para ser entendida e atendida, deve ser objetiva, clara e cumprida.*

Portanto, na perspectiva desse profissional, o desenvolvimento de coleções deve ser encarado como prioridade e as coleções são centrais para o conhecimento na universidade, mas ainda vinculadas primordialmente às bibliografias básicas de graduação e às indicações da comunidade acadêmica, o que pode ser limitador considerando-se as inúmeras possibilidades de produção de conhecimento no ambiente universitário.

No ponto de vista do gestor 2, o desenvolvimento de coleções está vinculado às solicitações dos docentes e às bibliografias dos cursos, e em seu relato ficam evidenciadas as dificuldades com a atualização das bibliografias o que, conseqüentemente, tem reflexo na atualização da coleção. Na opinião desse gestor, conceber coleções com base nas demandas dos cursos não é adequado e destaca a tentativa de melhorar o processo, como especificado a seguir:

*o desenvolvimento de coleções atualmente depende da manifestação dos professores em solicitar o material bibliográfico a ser adquirido, pois devemos contemplar a bibliografia básica e complementar para que possamos ser bem avaliados numa possível avaliação do MEC. Contudo, não há por parte dos professores e coordenadores dos cursos de graduação uma responsabilidade em atualizar tais bibliografias na ementa dos cursos, causando por vezes uma compra ineficiente de títulos*



*devido a não termos todas as bibliografias atualizadas. Então, o critério de formar uma coleção por meio da demanda dos cursos não é eficaz, para isso seria necessário políticas de ajuste entre as coordenações dos cursos de graduação ou entre Pró-Reitoria de Graduação e bibliotecas universitárias. [...] Solicitamos anualmente das coordenações dos cursos de graduação uma planilha com as bibliografias básicas dos currículos vigentes, após essa etapa, verificamos no catálogo on-line o que temos desses títulos na coleção e compramos a quantidade segundo os critérios do instrumento de avaliação do MEC.*

A concepção de coleção ideal, para esse gestor, está atrelada ao significado dado pelo usuário e ao seu uso. Para esse profissional, a bibliografia básica nem sempre indicam os materiais mais utilizados pelos usuários, pois

*o ideal é que na coleção estejam todos os títulos que realmente façam sentido para o usuário, aqueles exemplares que são verdadeiramente emprestados, o que vemos hoje é a compra de uma bibliografia básica que não é utilizada pelo usuário.*

O pensamento acerca das necessidades de informação restringe-se aos pedidos feitos pelos usuários, considerados a expressão das suas necessidades de informação. A avaliação é descentralizada e realizada pelo pessoal da linha de frente, ou seja, pelos bibliotecários que trabalham diretamente com a coleção para atendimento aos usuários, e busca mantê-la atualizada e equilibrada. Na visão desse gestor,

*a comunidade universitária se utiliza da presença física nas bibliotecas ou por meio de e-mails para manifestar a sua necessidade de informação. As necessidades são supridas através de um pedido de compra especial para aquele fim. A avaliação das coleções ocorre separadamente por cada setorial, devendo ser realizada periodicamente, detectando lacunas, possibilidades de substituição, duplicações, obsolescência, etc., com a finalidade de manter a mesma atualizada e equilibrada de acordo com as necessidades da comunidade acadêmica que atende, assim como suas mudanças de interesse.*

As coleções contribuem para a aprendizagem e para as atividades da instituição. A política de desenvolvimento de coleções norteia os procedimentos e delinea critérios, mais especificamente, conforme expressa sua fala abaixo:

*as coleções visam garantir as condições necessárias de aprendizagem para a comunidade acadêmica em suas diferentes categorias com foco à cobertura das necessidades dos programas de ensino, pesquisa e extensão. A política de desenvolvimento de coleções deverá acompanhar as exigências do SINAES. As novas contribuições requeridas são as*

*informações adicionais em mídias e as novas tecnologias digitais, e esse é o maior desafio. A nossa política de desenvolvimento de coleções baliza todas as nossas rotinas atinentes a esse tema. Ela deve identificar procedimentos comuns e estabelecer critérios a todas as bibliotecas do sistema, orientando para a formação, manutenção e atualização das coleções.*

Logo, verificam-se a importância dada às bibliografias e a ênfase no uso da coleção. Também se percebe a preocupação com a normatização de procedimentos, e isso sendo considerado como o ponto central das políticas.

De acordo com o gestor 3, o desenvolvimento de coleções é um assunto importante para as bibliotecas porque se vive em período de mudanças do paradigma da posse para o acesso à informação, visto que acumular em um lugar tudo o que é produzido na humanidade para atender aos usuários tornou-se impossível, assim expressa:

*eu vejo um assunto muito importante na nossa área, porque o atendimento ao usuário depende disso, do desenvolvimento das coleções. E nós estamos num período, chegamos num ponto em que está tendo muito material bibliográfico on-line, às vezes está de acesso livre e o material que foi adquirido. A gente sabe que houve aquela mudança de paradigma, no começo era só acumular e hoje não é só acumular, hoje é você procurar atender o usuário, mesmo que você não tenha o material, você procurar empréstimo entre bibliotecas. A tendência tem sido as novas mídias que o usuário tem acesso.*

Os desafios para o processo apontados por esse gestor são “*não ficar guardando material que não será usado porque não há espaço para isso*” e “*ter uma coleção que atenda o usuário, que seja selecionada, que seja formada de forma criteriosa*”. Para lidar com as restrições orçamentárias, “*vive muito de doação, tem essas verbas de projetos, do governo mesmo não tem, mas verbas da própria unidade, um projeto eles destinam verba para livros*”. Também percebe-se que está preocupado com critérios de prioridade visando a formação de uma coleção adequada aos usuários, com base na observação do trabalho realizado pela instituição, como exposto na sua fala a seguir:

*aqui não se aplica critérios de prioridade, o que é demandado pelos professores é repassado para a biblioteca e centralizado para aquisição. Ter uma coleção que atenda ao usuário, que seja selecionada, que seja formada de forma criteriosa e que realmente tenha na estante aquilo que seja de interesse é desafiador, não ficar guardando material que não será usado porque não há espaço para isso, as bibliotecas reclamam muito disso, a gente não tem espaço, espaço custa, tem custo. Para*

*formar a coleção ideal deve observar bem o trabalho da reitoria, da direção à qual ela está vinculada, então assim, prestar atenção nos cursos, bibliografias básicas e suplementares. A gente busca atender basicamente alunos de graduação, de pós-graduação, servidores, terceirizados, professores, é o público. Tentar atender a esse público, fazer estudos de usuários, sendo biblioteca universitária é até mais simples, porque a gente sabe quem atende, são os cursos, professores.*

A seleção orienta-se pelas indicações dos docentes. Para detectar as necessidades de informação baseia-se nos relatórios gerenciais e no contato dos usuários com a equipe da biblioteca. A comunidade acadêmica participa da formação de coleções pela constituição de comissão e pelas sugestões realizadas via sistema de gerenciamento de bibliotecas de acesso público. Para a avaliação da coleção estão iniciando um trabalho de readequar a coleção e diminuir os materiais impressos com similares eletrônicos disponíveis. No relato desse gestor,

*na seleção considera-se primeiramente as solicitações de professores, trabalhamos com bibliografia básica e complementar e solicitação de professor. Não tenho estudo com usuário mais recente, nós temos um sistema e tem forma de tirar relatórios. Estamos tentando colocar na política a necessidade de se retirar esses relatórios com regularidade para observar que livros não foram emprestados, não saem, ficam parados, e trabalhar junto com o pessoal da referência para ver se tem demanda por algo que não temos, temos a coleção de consulta, se tem muita procura. A gente trabalha nesse sentido, relatórios e contato com o pessoal do atendimento. O sistema permite ao usuário fazer as suas sugestões, ele pode participar. A participação na hora de desfazer é aquela dificuldade, algumas unidades fizeram desbastamento, separaram em salas, a gente só pega material quando alguém procura, para ganhar espaço, mas a gente não tem dado destinação final, separa, faz um desbaste, a decisão final depende de comissão. Aqui nós temos, que ajuda a diretora, composta por professores, alunos, funcionários, eles têm que dar o aval, assinar, é muito difícil. A avaliação a gente não faz formalmente, começamos a fazer um trabalho agora de ver itens que estão repetidos, ver se aquele título serve para outra área, às vezes uma parte está em uma biblioteca e outra parte em outra, e coisas que estão on-line, estamos tentando tirar o impresso e deixar o on-line. Fizemos um estudo e vamos partir para a aquisição de e-books, tem uma comissão que está estudando.*

As coleções são essenciais para as atividades realizadas na instituição, na sua opinião. A política deve incluir critérios e parâmetros para as atividades e englobar os diversos recursos para

acompanhar as novas solicitações dos usuários, conforme a fala desse gestor.

*as coleções são essenciais, temos que dar esse subsídio para as atividades, é a biblioteca que dá esse subsídio suporte de material bibliográfico, seja de qual formato for, para o desenvolvimento das atividades da universidade. A política deve englobar critérios, parâmetros para seleção de material a ser adquirido, tem que pensar o caso de materiais especiais e raros, parâmetros para seleção, para aquisição. Tem que ser flexível, revista de tempos em tempos, pois pode mudar algo que a política não esteja atendendo. Como essas novas formas, as novas mídias, são elas que vão fazer a biblioteca acompanhar o desenvolvimento, no lugar de esperar o usuário, ir ao encontro das necessidades do usuário.*

Desse modo, para o referido gestor, o desenvolvimento de coleções está relacionado ao atendimento ao usuário. A formação das coleções considera a disponibilidade de espaço físico, baseia-se nas bibliografias e solicitações de professores e deve resultar de seleção criteriosa.

Para o gestor 4, o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias é influenciado pelas recomendações e parâmetros do SINAES. No entanto, expressa que discorda dessa postura e de *“alguns pontos das políticas do MEC para o desenvolvimento de coleções para essa categoria de bibliotecas”*, pois levam à aquisição de *“obras com indícios de nunca terem sido lidas ou sequer retiradas das estantes”*. Para ele, *“a falta de espaço físico, a mão de obra deficitária, a falta de verbas e o crescente desinteresse dos usuários pelo suporte impresso”* são desafios para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. O meio encontrado para superar as restrições orçamentárias *“volta-se para as doações e, conta também com a restauração de obras já existentes”* na coleção.

A coleção ideal deve dispor de *“um sistema de substituição que evita o acúmulo de material que não atende a demanda”*. A seleção é baseada *“nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas dos cursos existentes; nos cursos em fase de implantação e/ou reconhecimento e renovação de reconhecimento pelo MEC”*, e para as doações baseia-se em *“parecer do professor da área”*; no *“estado de conservação; ser atual; estar, de preferência, no idioma de nosso país; haver um número de usuários potenciais”*. A comunidade participa do processo com *“sugestões de material bibliográfico”* e *“análise por uma comissão de seleção de material bibliográfico, formada por professores e bibliotecários”*. As sugestões também foram apontadas como a forma pela qual as

necessidades de informação são detectadas, conforme a fala do gestor quando expressa que é *“através das sugestões de material bibliográfico que a biblioteca recebe no seu sistema automatizado”*. A avaliação orienta-se pelo *“estado de conservação, atualidade do material, idioma, autoria e número de usuários possíveis”*. Em relação à contribuição das coleções, no seu relato ficou evidente que

*na conjuntura atual, em que o público faz cada vez menos uso da coleção impressa e, ainda, do espaço físico encontrar-se bastante reduzido nas bibliotecas, a instalação e ampliação de salas informatizadas são as contribuições requeridas pelo público atualmente.*

Segundo seu ponto de vista, a política deve prever o *“crescimento da coleção coerente com as áreas de atuação da instituição [e] atualização permanentemente”*, incluir *“prioridades de aquisição de material, critérios para duplicação de títulos, metas para a avaliação e para o descarte da coleção”* para que a biblioteca possa participar do processo pedagógico.

Resumindo, para esse gestor, a adequação aos parâmetros do MEC como condutor do desenvolvimento de coleções é questionável, pois está conduzindo a formação de coleções não utilizadas pelos usuários. Observa-se na sua fala a preocupação com o espaço físico e a concepção de que a coleção não deveria crescer, assim, obras pouco utilizadas seriam substituídas; revela também que a implantação de salas informatizadas para acesso à informação é considerada como prioritária, o que coloca a biblioteca como local de consumo imediato de informação.

De acordo com o gestor 5, o desenvolvimento de coleções requer que os bibliotecários tenham visão do futuro, pois

*no momento atual, em que as novas tecnologias transformam rapidamente o cenário da informação, no contexto das universidades, formar e desenvolver coleções exige dos bibliotecários uma visão de futuro na composição de coleção impressa e eletrônica/digital, tentando responder à pergunta crucial: priorizar o acesso ou adquirir a informação?*

Os *“recursos financeiros limitados, burocracia imposta pela legislação; morosidade no processo licitatório; modelos de negócios presentes no mercado nacional ainda não disciplinados ou definidos pelos órgãos de controle federais”* foram apontados por esse gestor como desafios. Segundo seu relato, a biblioteca trabalha com a definição de prioridades como uma alternativa às restrições orçamentárias, dessa forma, *“prioriza a bibliografia básica dos*

*cursos recém-criados, títulos de disciplinas básicas não existentes na coleção, preferência às obras editadas em português”.*

Na visão desse gestor, a coleção ideal é composta por

*coleção de referência, coleção didática formada pela bibliografia básica/complementar constantes dos Projetos Pedagógicos, coleção corrente para consulta e estudo, e coleção institucional no repositório institucional.*

A seleção tem como base as *“bibliografias básicas das disciplinas indicadas nos Projetos Pedagógicos”, o “atendimento aos novos cursos/faculdades e seu reconhecimento”, a “demanda detectada pela equipe de atendimento da biblioteca” e a “sugestão da comunidade de usuários”.*

O contato com as unidades acadêmicas e o programa de capacitação são utilizados para identificar as necessidades de informação, como informado por esse gestor:

*além das questões demandadas à equipe de referência, todo início do ano letivo é realizado contato com todas as unidades acadêmicas para que apresentem as sugestões bibliográficas (básicas e complementares) para aquisição, bem como informações sobre outros recursos disponíveis em outros suportes informacionais. A Biblioteca também mantém um programa de treinamento para uso de diversos recursos de informação mantidos pela Biblioteca, no qual são também discutidas as necessidades informacionais daquela área do conhecimento.*

Em seu relato, a principal maneira como a comunidade participa do desenvolvimento de coleções é enviando *“sugestões de bibliografias a serem adquiridas”.* A coleção é avaliada com emprego de *“análise do uso real da coleção através de estatísticas de uso dos materiais informacionais e em relação à bibliografia básica recomendada nos projetos pedagógicos” e “identificação do tamanho e do crescimento da coleção [...] por área do conhecimento e [em relação] à quantidade de alunos potenciais e/ou matriculados”.*

As coleções na sua visão contribuem como *“complemento às atividades de ensino e pesquisa e para a formação profissional e desenvolvimento da pesquisa”, e “coleções digitais e facilidade de acesso eletrônico às diversas ferramentas disponíveis”* são as novas contribuições requeridas. A política é balizada pela *“necessidade e demanda à instituição, recursos financeiros e tecnológicos, oferta do mercado e modelos de negócios”* e, para contribuir para a atuação mais ativa da biblioteca, deve ser *“pautada em objetivos claros, orientando na formação, atualização, manutenção, conservação e*

*completeza de coleções, visando a guiar o trabalho de seleção no alcance da compatibilização com os programas curriculares”.*

Em síntese, para esse gestor, a abrangência da coleção, a memória institucional, o atendimento às diferentes atividades da universidade e as transformações no ambiente informacional mereceram destaque, mas, como os demais gestores, as bibliografias recomendadas nos projetos pedagógicos receberam mais ênfase como critério a ser seguido.

O desenvolvimento de coleções, segundo o gestor 6, deve voltar-se para o atendimento de demandas das bibliografias dos cursos de graduação pois nenhuma biblioteca irá suprir todas as demandas de informação. Na sua opinião, o conhecimento da coleção já existente é um importante condutor desse processo. Para esse gestor,

*é importante no desenvolvimento de coleções a gente primeiro saber o que nós temos em cada biblioteca, o que está muito alinhado aos programas de graduação, às bibliografias básicas, nenhuma biblioteca do mundo vai suprir todas as demandas, todas as necessidades dos usuários, então, por isso, a política é muito importante. Eu acho que o grande problema do desenvolvimento de coleção é querer comprar tudo, querer receber tudo como doação, o que eu quero para minha biblioteca, [...] é importante e a política porque define isso.*

As dificuldades com o orçamento são gerenciadas com o emprego de *fórmulas*, estabelecidas na política de desenvolvimento de coleções, para o cálculo de como será a distribuição dos recursos a fim de melhor utilizá-los, como explica. A Comissão também decide sobre a distribuição dos recursos, conforme a sua fala,

*na PDC a gente colocou que tem vários estudos sobre essa fórmula de ver a redução de recursos em relação a aluno matriculado, cursos, o orçamento, as áreas. Mas, como tem a comissão de seleção e descarte, então ela pode definir os recursos.*

O ideal para as coleções seria o usuário encontrar nelas o que estivesse buscando, o que mostra uma concepção de biblioteca direcionada para uma coleção abrangente e diversificada. O local e a coleção da biblioteca devem ser no futuro um espaço de memória, segundo sua previsão. Também, a sua fala mostra preocupação com a abrangência das coleções devido às necessidades crescentes de espaço físico para salas de estudos, como exposto:

*a tendência é a biblioteca virar um espaço de memória. A diferença da gente aqui é porque as setoriais têm os cursos, aquela biblioteca tende a ser mais rotativa, mais dinâmica,*

*porque ali os livros não estar mais atualizados. A biblioteca central é um espaço [que] vai abranger mais literatura, as grandes obras de literatura, a coleção, muito espaço, porque eles querem espaço para estudar, e a gente vai criando com as novas demandas. Acredito assim, o usuário que chegasse aqui, o que ele estivesse procurando ele achasse, não que fosse aquele livro próprio, o assunto, ele encontrasse várias opções, isso a gente até coloca na política, tentar equalizar os assuntos, as áreas do conhecimento.*

A seleção baseia-se nos dados enviados pelos bibliotecários das bibliotecas setoriais e/ou do atendimento ao usuário, sugestões dos usuários, indicações dos docentes e nos dados da reserva de materiais, e também considera os critérios especificados na política de desenvolvimento de coleções. As necessidades de informação são detectadas pelo bibliotecário de referência e os docentes também sugerem materiais, essa é a principal maneira pela qual participam do desenvolvimento de coleções, mais especificamente, como sugere sua fala abaixo:

*a seleção não é feita aqui na aquisição. Os chefes das setoriais e o pessoal de apoio ao usuário, os professores preenchem uma planilha com os dados dos livros, cada setorial tem a sua caixa de sugestão, ou usa o Pergamum. As setoriais têm um setor reserva, embora o professor não tenha indicado, a biblioteca pode indicar um título para esse setor, alegando que o livro está tendo uma demanda muito grande. Na PDC tem esses critérios: bibliografia básica ou complementar, usuários, assuntos muito procurados, atualização de edição. [...] O dia a dia, o bibliotecário de referência, aquele com mais contato com o usuário e com a comunidade, como falei, quando a bibliotecária viu que muitas pessoas estavam procurando livros para concurso, ela chegou a um consenso e vamos comprar livros necessários. Os professores, quando chegam aqui, já chegam sugerindo, justamente porque são livros que estão trabalhando, em projetos, querem que tenham aqui na biblioteca ou da bibliografia básica.*

A avaliação, para esse gestor, não é realizada sistematicamente e, quando acontece, prevalecem critérios ligados à experiência dos profissionais. Pela sua fala também se pode constatar que esse processo não ocorre sob a coordenação do setor responsável pelo desenvolvimento de coleções e nem em conjunto entre as bibliotecas do sistema, indicando uma tendência para se realizar essa atividade isoladamente. Nas palavras desse gestor,

*houve um tempo que se avaliou a coleção, as setoriais eu não sei se fazem a avaliação, o Pergamum gera números, a gente vai no olhometro, pelo dia a dia [...] a gente sabe quem em área x está bem servido, mas na área y não está, então vamos tentando equilibrar a coleção, não usando qualquer fórmula, desconheço*



*isso aqui. Existe a coleção de demanda reduzida, esses livros que não são muito consultados, mas são essenciais para área, são transportados para outra área [...], fora da biblioteca.*

As coleções contribuem com a disponibilização de conteúdo atualizado e que atendam aos interesses dos usuários, inclusive relacionados às novas de formatos de materiais de informação. A política deve respaldar as atividades, o profissional e a instituição, e resultar de um trabalho em equipe entre a biblioteca e a comunidade da instituição em que está estabelecida, isto é, segundo esse gestor

*a política representa o respaldo que a gente tem para dar satisfação à sociedade e ao usuário. Ela respalda todos, até a universidade como instituição para fazer os cortes de investimento, quando necessário. Todas as instituições estão tentando usar os recursos da melhor forma, estão tentando publicar. Antigamente a sociedade não cobrava, era muito do nosso achar, por isso a política respalda o profissional e a instituição por ela ser pública. As bibliotecas e a divisão de apoio ao usuário poderiam se unir com o diretório acadêmico e ver o que estão querendo, trabalho em equipe. Eu acho que dessa forma, a biblioteca fazendo grupo de estudo com os alunos, a política poderia ajudar e enriquecer tanto de um lado como do outro.*

Portanto, para o desenvolvimento de coleções, pela óptica desse gestor, a existência de uma política tem grande importância, e as coleções estão muito associadas ao atendimento das demandas dos cursos de graduação, mas devem oferecer diferentes opções e visões sobre um mesmo assunto aos usuários. A concepção de biblioteca como espaço de memória também foi defendida por esse gestor.

Para o gestor 7, o desenvolvimento de coleções não recebe o devido valor e há muitas dificuldades durante o processo, tais como selecionar, verificar as necessidades de informação e lidar com a escassez de recursos. Para ele:

*a gente não dá o devido valor para a formação de coleções, para a seleção e para todos os procedimentos que envolvem o desenvolvimento de coleções. Eu acredito que às vezes a gente tem dificuldades de selecionar, de ver as necessidades dos usuários, dos próprios professores, enquanto bibliotecário, a gente deixa a desejar quanto a isso. Selecionar os materiais digitais, como fazer isso, como incluir esses materiais, como receber, como tratar? Acho que as pessoas têm muitas dúvidas, sobre os materiais impressos, inclusive. Como selecionar e-books, como manter esses materiais? Esses são os desafios. Tem cada vez menos dinheiro para comprar os materiais, livros. Nesta biblioteca é só por projeto que entra dinheiro para compra*

*de livros, ou o professor faz projeto ou não entram livros na coleção daquela área.*

A coleção deve ser ampla, assim o gestor destaca a abrangência e diversidade da coleção. Na sua visão,

*para ter uma coleção ideal, a gente imagina o que o usuário deseja. Eu acredito que, se a gente tivesse que oferecer tudo, reconheço que não teria espaço físico para colocar todos os títulos necessários. Contudo, eu acho que o ideal seria ter uma biblioteca que tivesse uma coleção maior reunida.*

Para esse gestor, a seleção deve considerar o usuário, evitar a subjetividade ao buscar conciliar os pontos de vista de um grupo de profissionais ou de uma comissão. Embora esse gestor tenha indicado a importância de conhecer o usuário para realizar a seleção, essa atividade na sua instituição é realizada pelo bibliotecário do processamento técnico, mostrando uma preocupação com o conhecimento do assunto que esses profissionais adquirem com a sua prática no tratamento da informação. Os estudos sobre a comunidade, devido ao tamanho da universidade, não são realizados na sua instituição. Os docentes, segundo ele, procuram os bibliotecários para obter instruções de como poderiam incluir o desenvolvimento de coleções em seus projetos. A avaliação da coleção é descentralizada nas setoriais e realizada ou coordenada pelos bibliotecários do atendimento, com a indicação de considerar as estatísticas de uso. A explanação a seguir ilustra os principais pontos de sua fala:

*cada pessoa que seleciona às vezes ela acaba, em vez de pensar mais no usuário, ela acaba pensando mais no que ela colocaria, e às vezes ela acaba restringindo títulos que podem ser interessantes porque ela não os considera importante. O certo seria ter uma comissão que selecionasse. No caso da doação, vem um bibliotecário de cada setorial selecionar, normalmente é o bibliotecário que faz a catalogação, que eu não sei se é realmente quem conhece o usuário da biblioteca. Nós não fazemos estudo de usuário, nós sugerimos quando fizemos a atualização da política, mas os outros colegas acham que fazer esse tipo de pesquisa é muito difícil, por causa da dimensão da universidade, por causa dos muitos campi das muitas bibliotecas. Acabou que não se faz, eles acabam utilizando como instrumento os relatórios de atividades, dados de ingressos de alunos. Eu sei que ali no setor de aquisição, às vezes, quando professores estão montando o projeto para solicitar recursos, eles vão conversar com o bibliotecário do setor de aquisição para obter orientações. A avaliação eu não tenho certeza, porque eu não trabalho em setorial e não sei como cada uma trabalha. Sugere-se que façam estatísticas de uso, de empréstimo, do que é*

*consultado na biblioteca mesmo. Aqui a gente adotou a política que não se desfaz do título, se desfaz de exemplares, então você acaba permanecendo com pelo menos um exemplar, mesmo que seja um título mais antigo, ficando com um exemplar sempre, para memória, pelo menos esse é o acordo.*

Na visão desse gestor, as coleções especiais são a grande contribuição, pois as coleções contribuem na medida em que abrangem materiais únicos e a produção da própria universidade. A política de desenvolvimento de coleções deve incluir todas as atividades do processo e deve visar padronizar as ações dos bibliotecários, conforme expressa a fala desse gestor:

*as coleções são extremamente importantes, a gente tem nas coleções algumas obras raras que não existem em outras instituições. Uma coleção que tem crescido bastante é a coleção em meio digital da produção científica da universidade, relacionada à memória institucional, do RDI [Repositório de Dados Institucionais] como eles chamam aqui. A política deve abranger todos os processos: aquisição, seleção adequada, como fazer o descarte, a gente elaborou uma política para que todos os profissionais do sistema trabalhassem da mesma forma. O ideal é colocar em prática o que realmente se coloca na política e se conseguisse uma parceria com ou professores, essa ligação departamento, professores e biblioteca eu acho que ela seria um instrumento forte nesse processo.*

Então, na concepção desse gestor há muitas dificuldades no desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias, principalmente no que se refere à seleção, e esse gestor acredita que as decisões deveriam envolver mais de uma pessoa. Uma coleção ampla, diversificada e reunida no mesmo local seria o ideal, assim como considerar as transformações para o meio digital e buscar parcerias com a comunidade acadêmica. A preservação da coleção também foi destacada por esse gestor, pois na instituição em que atua há um cuidado em manter ao menos um exemplar de cada título para memória. A memória institucional é preservada por meio do repositório institucional.

A fala do gestor 8 indicou as dificuldades em conciliar a quantidade de informações disponíveis, a variedade das demandas dos usuários e a falta de recursos, acrescentando a tal cenário a obrigatoriedade de atender às bibliografias dos cursos de graduação tendo em vista as avaliações realizadas pelo MEC. Na visão desse gestor,

*o desenvolvimento de coleções, vivencio que tem muito a fazer. Hoje em dia, a quantidade de informações disponíveis no mercado, o universo que nós temos para poder desenvolver nossas coleções é gigantesco, porém, o que acontece é a crise*

*que nós estamos vivenciando, o corte de gastos, que no momento de crise afeta de cara a educação. Então, nós estamos trabalhando da melhor forma possível com os nossos cortes, tentando direcionar e aplicar os recursos [...] da melhor forma, para o que a gente esteja adquirindo seja informação a ser utilizada pelo usuário. Existem os mais variados tipos de materiais que são demandados pelas unidades, mas infelizmente o nosso recurso só nos possibilita atender à bibliografia, e, ainda, não conseguimos atender toda a bibliografia, então o recurso financeiro é um grande desafio. Eu acho que o desafio seria escolher da melhor forma, nós temos hoje bastante material eletrônico já, como está sendo o feedback? Eu sinto falta de estudos de usuário para ter esse retorno, para saber se e como todo o material que estamos comprando on-line está sendo utilizado.*

Como visto, a preocupação volta-se para desenvolver uma coleção 'que seja utilizado pelo usuário. Na visão desse gestor, a coleção ideal deve ser variada, considerando as especificidades de cada biblioteca do sistema para atender diversas demandas, como visto na sua fala:

*Olha, a coleção ideal para mim, no meu entendimento, seria uma coleção supervariada, não só em tipos específicos de materiais. São 32 bibliotecas e cada uma tem suas especificidades, tem bibliotecas que precisam de materiais educacionais diferenciados, a biblioteca precisa atender essa demanda e oferecer esses materiais que são variados para o ensino, conseguir atender a demanda em seus mais variados tipos de materiais. A gente não deve se prender em bases de dados e livros. Periódicos, então, não temos recursos, contamos só com o que está no Portal Capes.*

Embora existam diferentes demandas, a prioridade é dada para a indicação dos docentes e das unidades acadêmicas, como ocorre em relação às bases de dados, e às bibliografias básicas e complementares, indicando que a seleção se restringe ao escopo de tais prioridades, pois

*a seleção é feita por meio da indicação dos professores, das bibliografias básicas e complementares, bases de dados para pesquisa é a indicação da unidade, do instituto, das faculdades, das bases que eles necessitam também. E nós deixamos quanto aos livros impressos, nós deixamos uma cota de 5 a 10% para os bibliotecários adquirirem outras obras que são demandadas pelos usuários. Em relação às bases de dados, utilizamos as estatísticas de uso, então, durante o ano, quando aparece o período de renovação, nós avaliamos como foi o acesso àquela base de dados.*

A aquisição, na sua visão, também segue essa linha, “tanto é que a aquisição é realizada só em cima do que eles indicam, é o indicador número um, é o que o especialista está indicando”. E as necessidades de informação também são vistas sob esse prisma, segundo esse gestor

*o bom seria que os recursos permitissem atender outras demandas, mas infelizmente não conseguimos, enquanto biblioteca universitária, porque se tem um avaliador que é o MEC, por conta da escassez de recurso não se consegue abrir o leque para atender às necessidades que vão além disso.*

As coleções são vistas como o “coração da universidade”, tanto que as bibliotecas têm “*dado atenção quanto à coleção, a alocação de recurso vem crescendo*”. Na sua fala, destaca que

*pesquisas realizadas por professores, precisam encontrar na biblioteca a informação, o material de informação necessário, porque eu a vejo como coração, centro de pesquisa, é o local onde alunos e professores recorrem quando precisam.*

A política de desenvolvimento de coleções é balizada pela “*bibliografia da graduação e da pós-graduação, porque a gente prioriza essa necessidade, que é a necessidade do aluno, e após isso temos a avaliação do MEC*”. E também por

*essa questão do impresso e eletrônico, questão de espaço físico, livro importado enfrentamos tanta dificuldade para importar, então, o que pudermos comprar em e-book priorizamos, por conta de espaço, custo e praticidade.*

Ademais, a política deve estar, segundo suas palavras

*em constante atualização, ela tem que atender, estar pronta a atender às diversas demandas, ela tem que determinar as prioridades, elencar os critérios para a compra, para a seleção, fazer uso das estatísticas de uso para ter a visão de como está sendo usado o material adquirido, como você está investindo e como esse conteúdo está sendo atualizado. Pode ter estudos de usuário, estudos que identifique qual é a opinião deles, o que se sente falta e o que já está sendo atendido. E é um ciclo desenvolvimento de coleções, é um ciclo, não é uma linha reta, tem que estar sempre em constante atualização, o mercado editorial, o universo de informação, ele continua trazendo novidades, a gente tem que se atualizar.*

Portanto, na fala desse gestor fica patente a vontade de atender diversas demandas e a limitação imposta pelos recursos financeiros, que possibilitam atender somente às bibliografias dos cursos de graduação e pós-graduação, e ainda destacando a influência do especialista no assunto na formação das coleções.

Também fica evidente a tendência de orientar o desenvolvimento de coleções pela percepção do usuário.

Segundo o gestor 9, o desenvolvimento de coleções “*sempre foi atividade muito importante para o bibliotecário*”, pois “*uma coleção que tenha sido pensada considerando a pertinência e relevância para seu público-alvo é fundamental para o sucesso dos serviços que a biblioteca virá a prestar*”. Também a importância de conciliar as ofertas do mercado, a relação com a coleção existente, as bibliografias dos cursos e os custos aparecem com destaque, pois

*temos que nos adequar e estudar detalhadamente o que está sendo oferecido no mercado, solicitando demonstrações, orçamentos e verificando a compatibilidade dos títulos com a parte mais importante da coleção, no nosso caso, [...] livros da bibliografia básica dos cursos ofertados na universidade.*

Para esse gestor, o desafio no cenário atual é “*ser flexível sem perder a diretrizes estruturantes, se adequando às transformações tecnológicas e sociais pelas quais passam as universidades, o ensino e a sociedade*” e “*que as bibliotecas do ensino superior público sejam também agentes de transformação social na medida em que são abertas à sociedade em geral e permitam acesso à informação*”.

A concepção de coleção ideal está atrelada às atividades da universidade e a ainda respaldada pelo uso efetivo, conforme consta na fala desse gestor:

*é aquela que possa oferecer ao ensino, à pesquisa e à extensão apoio nos seus títulos da bibliografia básica, complementar e recomendada pelos usuários e profissionais. Aquela que possa aparecer citada nas bibliografias da produção acadêmica.*

A seleção, segundo informa, é associada com tal concepção, tanto que é baseada nas “*bibliografias básicas das disciplinas, cursos oferecidos, solicitação dos professores, dos usuários, dos bibliotecários*”. As necessidades de informação acompanham as atividades acadêmicas e são detectadas

*mantendo contato com os coordenadores dos cursos, representantes dos alunos, sugestões diretas. Os meios para isso variam, mas a tendência crescente é o uso de redes sociais.*

As decisões acerca da coleção também são compartilhadas com a comunidade acadêmica, conforme relatado a seguir:

*nossa normativa solicita a criação de uma comissão de biblioteca, a qual, dentre suas funções, deve avaliar junto a especialistas selecionados e convidados a avaliação da pertinência dos títulos*

*para a área em que atuam. Dessa forma, a decisão de manter ou doar fica compartilhada.*

A avaliação considera *“pertinência, uso, relevância em relação à tríade, ensino, pesquisa e extensão”*. As obras são avaliadas e, se consideradas *“importantes para a área, ficam na biblioteca”*, obras clássicas pouco utilizadas também *“permanecem nas bibliotecas, no entanto, havendo recursos, ficam em estantes especiais que reduzem o espaço físico que ocupam”*.

As coleções *“contribuem atendendo de forma eficiente o ensino, a pesquisa e a extensão da IES”*. A política deve ser *“adequada e que considere as políticas pedagógicas dos cursos que sua IES oferece”*. Além disso,

*a política de desenvolvimento de coleções vem para normatizar as ações empreendidas para manter, aumentar ou diminuir a coleção de uma biblioteca. Deve estar alinhada com a missão e política da instituição à qual pertence e atende. Torna-se muito importante para ajudar e orientar os bibliotecários nas tomadas de decisões.*

Em resumo, para o gestor 9, diferentes elementos devem ser considerados no desenvolvimento de coleções, processo importante e voltado ao público das bibliotecas e às atividades desenvolvidas na universidade. Na sua visão, a flexibilidade nesse processo é requerida, com a ressalva que não se deve perder o fio condutor previamente estabelecido.

Na visão do gestor 10, o desenvolvimento de coleções

*sempre foi relegado a segundo plano, existe muita boa vontade, mas pouco método, sistematização, sabem que precisam ter uma coleção, atender bibliografias básicas e complementares porque o MEC vai vir inspecionar.*

E na política, em que uma das suas metas *“é fornecer suporte informacional à questão do ensino, parece ser muito óbvia, essa obviedade trouxe o automatismo e a falta de pensar no processo”*.

A dificuldade com os recursos financeiros também foi apontada na sua fala: *“a verba que foi orçada este ano ainda está sendo usada para pagar material do ano passado. A gente fez uma projeção e o que sobra só dará para comprar material do primeiro período”*. E também foi relatada a tentativa de buscar mais recursos: *“nós tentamos captar recursos de outras fontes, mas é um desafio quase impossível, as fontes secaram, às vezes acontece de sinalizar um valor e vir um pouco a mais, o que resulta em alegria”*. A solução encontrada, conforme seu relato, foi fazer uso racional da verba e trabalhar com prioridades, aproveitar as doações e intercâmbio, como expõe:

*nós estamos tentando fazer uso racional desta verba pequeníssima, no sentido do que vamos priorizar, levando em consideração a política” e a “doação e intercâmbio, e estamos focando nessas modalidades de aquisição, no sentido de aproveitar mesmo.*

Para esse gestor, a escassez de verbas, a mudança do formato do material do impresso para o digital, a relação entre a biblioteca e os fornecedores, a necessidade de atender à pesquisa e à extensão, e de a política acompanhar a mudança de formato são os desafios enfrentados, conforme sua fala a seguir:

*o principal desafio do cenário atual, estamos passando por mudança de formato de material do impresso para o digital. Isso não é recente, por exemplo, como está a situação das coleções eletrônicas, das coleções de livros eletrônicos, será que já existe, será que já foi implantado, como está a relação da biblioteca com o mercado editorial envolvendo os fornecedores, está existindo algum tipo de dificuldade nesse diálogo ou não, as próprias bibliografias dos cursos estão contemplando esses materiais ou não? Eu vejo isso como entraves e também precisa ser pensado. Outro desafio, é obvio até, é escassez de verbas da qual fomos atingidos agora. Aqui tivemos uma queda considerável, nos reunimos muito para ver o que vamos priorizar e nunca a doação foi tanto importante como neste momento, agora que a aquisição por compra deu uma caída. Na nossa política atual nós já colocamos coleções eletrônicas, hoje já temos repositórios, tem a biblioteca digital de teses e dissertações, temos a parte do repositório de informação acessível, já trouxemos essa realidade para a política, acho que esse é um desafio, pensar nisso. Os desafios estão aí, precisamos estar atentos às necessidades dos usuários, muito mais na pesquisa e extensão, porque no ensino já cuidamos, temos as bibliografias. É preciso ter a reflexão que o mundo do desenvolvimento de coleções não se restringe somente ao ensino e às bibliografias.*

A função da biblioteca universitária é prestar suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão, e nesse sentido a visão de coleção ideal desse gestor é que

*além dos materiais das bibliografias, uma boa coleção de referência é importantíssimo para dar complementaridade à coleção circulante, com bons dicionários, boas enciclopédias, catálogos e demais obras de referência, tradicionais e da atualidade. Acredito que também o que complementa as coleções especiais, com obras raras ou literaturas regionais de cada local, a questão de manter a memória, da produção bibliográfica do local, de autores do local, isso também é uma excelente fonte complementar à coleção circulante. Não podemos deixar de, esquecer as coleções eletrônicas, esse novo suporte que vem*



*ganhando força, credibilidade e adeptos, a nossa comunidade é totalmente adepta.*

Para a seleção quantitativa os critérios utilizados estão relacionados com os objetivos em nível educacional da instituição, tal como expressa seu relato:

*edição atualizada, relevância do autor ou editor para o assunto, relevância do assunto para a área do conhecimento, escassez de material sobre o assunto na coleção para atender critérios máximos de avaliação do MEC, seleção do título em bibliografias, catálogos e índices, idioma acessível, custo justificável. A partir dessa atualização, nós colocamos mais estes critérios: disponibilidade do item em formato eletrônico com livre acesso, demandas específicas da comunidade acadêmica, aquilo que eu te falei, compatibilidade do suporte e do formato do material com as tecnologias disponíveis na instituição.*

As necessidades de informação são detectadas pelas bibliografias e também pelo contato com o usuário. A comunidade acadêmica participa com a sugestão de materiais e, mais especificamente, os professores na seleção e avaliação, como exposto pelo gestor:

*a primeira fonte de detecção são as bibliografias, além disso a entrevista diária, o contato diário com o usuário, sobretudo no setor de circulação, no qual diretamente tem a entrevista de referência, o contato com o usuário de receber sugestões. Em especial, o aluno e o professor podem solicitar obras, qualquer membro da comunidade de usuários pode participar do processo, fazer indicações. Claro que as indicações dos alunos passam pelo crivo do coordenador de curso. Outra forma também é o levantamento de material da área de literatura. Quando tem uma situação que suscite dúvida, a gente sempre recorre à comunidade, em especial aos professores. Isso é fundamental na etapa de avaliação da coleção, nas decisões do material, no destino desse material, nós tentamos ter esse cuidado de consultar algum especialista. No que se refere à inclusão do material, a própria contribuição já vem automaticamente da indicação do professor.*

As coleções dão suporte para as atividades de ensino, pesquisa e extensão, e estão se diversificando para atender diferentes demandas, como especificado a seguir na sua fala:

*As coleções, nosso objetivo é dar suporte informacional às atividades de ensino, pesquisa e extensão, temos percebido que isso tem sido cumprido. Claro que precisamos melhorar quanto às coleções eletrônicas, às bases que temos, à biblioteca digital de monografia, à biblioteca de teses e dissertações, o portal de periódicos, o repositório de informação acessível. Nós atendemos o usuário com necessidades especiais, como forma de inclusão*

*desse usuário para dar suporte ao ensino, pesquisa e extensão. Os pesquisadores contam com o Portal de Periódicos Capes, contam com serviços complementares. Mas a coleção em si, a contribuição que tem dado é valiosa sim, livros que são de valor mais expressivo.*

A política de desenvolvimento de coleções é balizada pelas necessidades da comunidade acadêmica e pelos interesses da instituição mantenedora, pois segundo seu relato:

*a comunidade é totalmente ligada aos processos. Eu acho que o principal que norteia são as necessidades da comunidade, porque, se não fosse assim, nós não teríamos razão de ser. Mas também temos que considerar os interesses da instituição mantenedora, os interesses vão refletir na política. No sentido da política estar também ligada aos documentos oficiais. Ela deve ser coerente com os interesses da instituição mantenedora e a comunidade a que deve servir. A coleção é esse reflexo da sua instituição mantenedora, a coleção enquanto biblioteca. A gente tem que buscar o nosso lugar, fazendo essa ponte. A política ideal é que faz a política da boa vizinhança entre estas duas instâncias.*

Logo, na fala desse gestor ficaram evidenciadas que as coleções não se restringem somente aos materiais para o ensino de graduação, mas também voltam-se ao atendimento da pesquisa e extensão. A variedade da coleção, com boas obras de referência, coleções especiais, raras e a preservação da memória e da produção local também foram destacadas por esse gestor. A política deve considerar a instituição e a comunidade atendida e, ainda, as questões trazidas pelos livros eletrônicos.

De acordo com o gestor 11, o desenvolvimento de coleções mudou devido às coleções eletrônicas e as novas formas de aquisição; as restrições orçamentárias e a ausência de orçamento definido também afetaram esse processo. O desafio, segundo esse gestor, é ter informações sobre as bibliografias básicas e complementares para atender aos curso de graduação, como exposto a seguir:

*o desenvolvimento de coleções mudou um pouco o foco da questão. Antigamente se pensava somente na coleção física e hoje o mercado disponibiliza diversos tipos de coleções, eletrônicas, diversas modalidades de aquisição e possibilidades, então os bibliotecários estão tendo que se adaptar a essas novas realidades. Com os cortes feitos no orçamento do ano passado, a gente teve que optar por cancelar algumas assinaturas, aí a gente avaliou em cima de conteúdo, de uso de conteúdo, basicamente foi isso. A gente está com projeto em outros setores para conseguir recursos. Eu acho que, pensando em bibliotecas*

*universitárias, um desafio interno muito grande é o levantamento das bibliografias básicas e complementares, a gente sempre tem que correr atrás para ter essas informações. E quanto ao restante da coleção, seria essas diversas modalidades que se oferecem no mercado e as formas de contratação do serviço público. A gente não tem orçamento próprio, então, cada vez que uma demanda surge, a gente precisa convencer os gestores da universidade da importância daquela contratação.*

A coleção deve atender às atividades de ensino, pesquisa e extensão e não se limitar a disponibilidade local de materiais informacionais, ser abrangente e conter materiais de diversas áreas do conhecimento. Também é importante divulgar a coleção. Segundo esse gestor,

*a gente busca a coleção ideal para atender aos três pilares da universidade, atender ao ensino, à pesquisa e à extensão. Eu acho que hoje não tem como pensar só em uma coleção física, é necessário pensar também em coleção eletrônica, e é necessário trabalhar e divulgar essas coleções. Pós-graduação, por exemplo, não existe requisição do MEC quanto ao quantitativo, então a coleção para pós-graduação poderia ser somente o eletrônica, diferente da graduação, que se reduz um pouco ao quantitativo. Acho que é um fator bem importante dar cobertura máxima aos assuntos existentes, não só para atender aos cursos, mas também à comunidade de um modo geral, então tem que ser uma coleção bem multidisciplinar.*

Ainda segundo esse gestor, para a seleção na sua instituição tem diretrizes previstas na política de desenvolvimento de coleções, pois

*a gente atende o resto da comunidade, por isso a gente também procura manter uma coleção bem ampla e atender o máximo de assuntos possíveis, aí tem uma PDC que delinea algumas questões.*

O usuário pode expressar e registrar suas necessidades de informação no sistema de gerenciamento e por intermédio dos bibliotecários, em contatos face a face. A Comissão de Desenvolvimento de Coleções composta por representantes da comunidade acadêmica participa da tomada de decisões acerca da coleção. Na fala do gestor:

*a gente escuta bastante e recebe requisição para compra dos bibliotecários, da circulação, referência ou bibliotecas setoriais, de quem está na linha de frente, mais em contato com o usuário, e tem sempre o canal aberto no Pergamum que possibilita a gente receber indicação de obras dos usuários. A gente tem uma comissão de desenvolvimento de coleções na biblioteca, que tem um representante de cada unidade de ensino que atua nessas*

*questões. Então, sempre que a gente vai fazer alguma avaliação de coleção eles são chamados, convocados, participam dessa avaliação e decidem ou não pela contratação do serviço. Isso em relação às bases de dados e livros eletrônicos, com relação a coleção impressa eles também participam.*

A relação da coleção com o desenvolvimento de todas as atividades da instituição é estreita, segundo a fala desse gestor, pois *“uma biblioteca universitária contribui em todas as funções que são as atividades fins da universidade, atender os cursos de graduação, pós-graduação, extensão, os interesses dos alunos de modo geral”*. E também estão crescendo as solicitações de livros eletrônicos, e essas trazem novas situações. Nesse sentido, a política de desenvolvimento de coleções deve dar suporte às decisões e também pode ser um meio de comunicação entre a biblioteca e a comunidade, de modo que os bibliotecários participem mais de questões relacionadas às bibliografias e planos de ensino. O gestor ainda ressalta que

*está chegando bastante solicitação de livros eletrônicos, aí a gente entra naquele ponto tanto do MEC, e se existe a possibilidade de aquisição de e-book institucional, que não são todos os e-books que a gente consegue comprar. A política tem que cobrir todas as possibilidades de gestão, e às vezes, quando monta o documento não consegue elencar todos. Isso tem que ser visto, as normas dizem que a cada dois anos, mas acho que tem que estar sempre mudando para dar cobertura máxima às decisões do bibliotecário, porque lidar com a coleção é uma coisa muito ampla e gera certa insegurança, porque envolve patrimônio público, envolve várias questões. Eu acho que precisaria um pouco mais da inserção dos bibliotecários nessa questão da elaboração dos planos de ensino, que a gente tivesse uma voz mais ativa com relação a isso dentro da universidade. Quando o diálogo está aberto, as avaliações do MEC são positivas, quando tem essa interação entre a biblioteca e a coordenação, os cursos são melhores avaliados. Eu acho que é necessário manter esses canais abertos, do usuário com a biblioteca, visando tornar a biblioteca mais próxima do usuário.*

Portanto, nessa visão, as coleções atendem o ensino, a pesquisa e extensão e ser ampliadas e não se restringem mais a coleção física, com ampla cobertura de assuntos e abordagens multidisciplinares. A política respaldará aos bibliotecários e desses é desejável que estejam envolvidos em outras ações na universidade, conectados com os cursos participem, sempre que possível, da elaboração dos planos de ensino.

O gestor 12, ao falar sobre o desenvolvimento de coleções, expressou que é preciso avançar, melhorar a prática que ainda é

guiada pela disponibilidade de recursos, e trabalhar mais próximo dos docentes. Também seu relato indicou que é necessário buscar meios para lidar com as restrições financeiras e para compor coleções mais amplas e diversificadas, para além das bibliografias básicas, evitando que se restrinjam às atividades de empréstimo de livros para os cursos de graduação. Conforme palavras desse gestor:

*nós ainda estamos muito aquém quanto a essas novas tecnologias. De modo geral, as bibliotecas universitárias estão começando a caminhar, quando a gente lê, é claro que está todo mundo tentando, mas a prática, o dia a dia, por mais que nos planejem com base nos critérios, na missão da instituição, na missão da biblioteca universitária, na verdade o que determina é a disponibilidade de verba. Temos que buscar alternativas na questão de verba, o orçamento e a burocracia da universidade pública causam dificuldades para ir além da bibliografia, de atender só esse caminho da graduação. A gente também pensa na formação do aluno como cidadão, como indivíduo, e você ter uma coleção diversificada, [...] a gente pensa em ter uma coleção que complemente a formação do aluno e que atenda à comunidade de alguma forma. Há uma sensibilização maior para que os professores participem de alguma forma, ajudando, porque eles têm diversos projetos. Vamos batalhar que esse material, essa verba possa vir também desses projetos, que vem em parceria com os docentes para poder complementar a coleção de alguma forma. Na verdade, a biblioteca e os bibliotecários têm que estar inseridos no universo acadêmico, no dia a dia da universidade, trabalhando muito proximamente dos docentes. As reitorias têm que ver a biblioteca, o sistema de bibliotecas, como o órgão complementar mais importante na lista de prioridades da universidade. Nosso objetivo maior é que não seja um espaço somente para empréstimo e devolução de livros da graduação, ela é muito mais do que isso.*

Na visão desse gestor, com a coleção almeja-se atender diferentes necessidades e englobar variadas fontes de informação, voltadas tanto à comunidade acadêmica como à comunidade externa, logo, a coleção ideal seria aquela que

*que conseguisse conciliar as necessidades propriamente acadêmicas e da pesquisa científica, envolvendo desde os livros impressos, as bases de dados, os e-books, todos os materiais necessários para isso e, conseqüentemente, todos os serviços que a biblioteca e os bibliotecários podem prestar para a comunidade, envolvendo a disponibilidade dessa coleção. Tem a questão da acessibilidade, softwares para os usuários com necessidades especiais e que atenda também à comunidade e à formação de todos de um modo geral. Então assim, deveria ser rica na qualidade e na quantidade na medida do possível, porque*

*espaço é sempre um problema, e a gente tem que conquistar isso também, tanto com a produção acadêmica como com os livros impressos, não só atender demanda como criar demanda formando uma coleção rica de literatura e outros serviços.*

A seleção orienta-se pelos planos de ensino e bibliografias, esses são vistos como manifestação das necessidades de informação, juntamente com sugestões de usuários. A biblioteca busca interagir com docentes, coordenadores e há uma comissão que trabalha nesse sentido. A avaliação é regida por questões de espaço físico e considera estatísticas de uso para arquivar materiais menos demandados. Conforme fala desse gestor:

*as primeiras seleções foram totalmente baseadas nos planos de ensino dos projetos pedagógicos para aquisição das bibliografias básicas e complementar dos cursos de graduação, então ainda estamos tentando fazer valer que outros aspectos, sensibilizar os professores para incluir na aquisição materiais que não sejam só bibliografia básica. As necessidades primeiras são determinadas pelos planos de ensino dos cursos de graduação. As demais necessidades são avaliadas por demanda de solicitação, seja pessoalmente, por sugestões vindas dos diversos canais de comunicação da biblioteca com os usuários, das reuniões com docentes, da participação da biblioteca em projetos da universidade, do contato diário dos bibliotecários com os usuários de maneira geral. É papel da Comissão da Biblioteca o contato próximo com os coordenadores de cada curso de graduação, a nossa coordenadora participa de todas as reuniões da Câmara de Graduação. Nosso diretor é bastante democrático, então ele quer que todas as decisões sejam levadas para a comunidade. O critério principal para a nossa avaliação foi questão de espaço, de retirar materiais para colocar novos. Nós fizemos um desbaste com análise de uso, demanda e levantamento das estatísticas do sistema de consulta, de empréstimo, para saber os materiais que foram utilizados uma vez, duas vezes, e que a gente tem em grande quantidade, então metade foram retirados da coleção, deixamos arquivado, para dar espaço para novos que estão chegando.*

A sintonia da política de desenvolvimento de coleções com a missão da instituição e com a comunidade acadêmica, poderia ser alcançada como a busca de interação entre coleção/biblioteca/membros da comunidade com o objetivo de obter parâmetros para formação de coleções, conforme palavras desse gestor:

*se a biblioteca conseguisse realmente ser um membro integrante, participante da universidade, aí obviamente a sua coleção vai ser o reflexo de tudo aquilo que a universidade está planejando, propondo para os seus alunos de graduação e pós-graduação, e*

*tudo aquilo que ela espera, tem que ser mesmo um trabalho contínuo e conjunto de avaliação e reavaliação. O objetivo primeiro da PDC é justamente dar o norte segundo a missão da instituição e daquela biblioteca, é formar uma coleção que atenda às necessidades de informação dessa comunidade acadêmica, de um modo equilibrado, fazendo sempre uso inteligente da verba disponível. Buscar estabelecer critérios de análise de demanda, avaliação e reavaliação para tentar construir uma coleção atendendo esses objetivos maiores de atender à graduação e à pós-graduação e à comunidade do entorno, visando sempre um equilíbrio. A política precisa ser construída com base nos estudos da literatura científica da área, na interação com outras bibliotecas universitárias, e principalmente na interação da Biblioteca com sua comunidade; uma interação que não deve se basear somente em uma metodologia formal, mas especialmente na interação cotidiana verdadeira que deve se estabelecer entre a biblioteca, bibliotecários e a comunidade.*

Então, na visão do referido gestor, conciliar as necessidades acadêmicas e da pesquisa científica, englobando os diversos recursos informacionais existentes é o ideal para as coleções. Os pontos-chave para o desenvolvimento de coleções são a interação com a comunidade acadêmica visando o atendimento às suas necessidades de informação.

De acordo com o gestor 13, o processo acaba mutilado para atender aos parâmetros do SINAES, que trazem um dilema em relação à quantidade de exemplares a ser adquirida. As dificuldades com armazenamento e disponibilização das coleções, a falta de recursos humanos e financeiros são destacados por esse gestor. As doações são uma contribuição importante, assim como incentivo financeiro por meio de projetos. O seu ponto de vista é ilustrado na sua opinião apresentada a seguir:

*é que muitas vezes todo o processo acaba truncado por conta de fatores como, por exemplo, as diretrizes do MEC. Muitas vezes, a instrução passada para a obtenção do material bibliográfico não é adequada à realidade de cada universidade e, por isso, acaba comprometendo alguns serviços que poderiam facilitar a formação da coleção, principalmente por conta da quantidade de exemplares sugerida. Às vezes, o próprio espaço físico não comporta, e as necessidades quanto às coleções digitais e virtuais, a instituição pública nem sempre dispõe das ferramentas para o acesso. Temos problemas de servidores, falta pessoal especializado e, por isso, não conseguimos elaborar toda a documentação que serve de diretriz para as ações. Tem as metas impostas pelo MEC e ao mesmo tempo os cortes do orçamento, que deixam claro que não temos meios de atingir a meta proposta. Temos realizado um trabalho e optamos em priorizar os títulos antes dos exemplares, assim podemos atender*

*a todas as áreas dos cursos, o objetivo é não deixar nenhuma área carente de material. Uma fonte que não é diretamente financeira, mas acaba ajudando, são as doações, além de solicitar materiais que precisamos para outras universidades, eu também procuro estabelecer vínculos com instituições que oferecem incentivo financeiro através de projetos.*

O gestor vincula a coleção ideal ao atendimento de todos os usuários potenciais da biblioteca na universidade. De acordo com suas afirmações, é importante que

*o aluno consiga acessar o que precisa, o professor tenha material para oferecer, que os servidores administrativos possam fazer uso e que, principalmente, os usuários que possuem necessidades especiais consigam o acesso de maneira igualitária. Eu ainda acredito que a diversificação de materiais e títulos é muito mais importante do que grandes quantidades de material repetido.*

As indicações dos docentes e coordenadores balizam a seleção. Os estudos sobre a comunidade e as necessidades detectadas também dão base para o processo. A comunidade pode participar e indicar o que considera suas necessidades de informação por meio de envio de *e-mail* com suas sugestões e opiniões. O uso é o principal indicativo para avaliação e principalmente para melhorar a utilização do espaço físico, como percebido na sua fala:

*as obras selecionadas são indicadas pelos professores e coordenadores, tendo sempre em vista os objetivos do curso. Os livros comprados são escolhidos através dos professores e coordenadores dos cursos, somente doações permitem a autonomia da biblioteca. A biblioteca realiza estudo de usuários anualmente com toda comunidade e, a partir das necessidades colocadas, pensamos em como atender aquelas que realmente são pertinentes, oferecer um canal bem acessível para contato, justamente para receber e-mails com opiniões e sugestões que são consideradas em conjunto com as necessidades apresentadas. Além das estatísticas de uso, solicitamos as sugestões dos alunos e professores na biblioteca através de questionários ou mesmo caixas de sugestões. Estatística de uso e empréstimo é utilizada para avaliação, se o material fica um ano sem movimentação, ele sai da coleção e fica congelado por mais um ano; caso haja procura, ele volta para a coleção, caso não, é pensado o desbaste.*

As coleções são importantes para garantir a obtenção de conhecimentos. Para tal, a política deve ser um instrumento para a gestão, ao deixar claros os objetivos da coleção e estabelecer diretrizes e critérios para o processo. Na opinião do gestor:



*a importância das coleções é a de garantir que os conhecimentos sejam atingidos integralmente, muitas obras são complementares às outras. A política gira em torno dos PPCs e visa criar diretrizes e estabelecer os critérios para se aplicar nas diversas situações que envolvem as compras e doações. A política tem que deixar claro que serve para criar essas diretrizes e, assim, mostrar que o processo de formação de coleção não se resume apenas em comprar livros e tudo mais, é preciso um acompanhamento criterioso, uma gestão que requer muito cuidado e que as coleções precisam ter objetivos. Não é só comprar um monte de material que não se complementa, se os professores atuarem em conjunto com os bibliotecários, essa questão se resolveria de maneira bem mais justa.*

Em síntese, para esse gestor, o desenvolvimento das coleções é regido com base nos parâmetros do MEC, o que dificulta a composição de uma coleção ampla e diversa de títulos, seguindo a mesma opinião de alguns gestores.

O processo do desenvolvimento de coleção está começando a ser estudado na instituição do gestor 14, por isso, esse processo ainda está relacionado com a aquisição das bibliografias para os cursos de graduação e a indisponibilidade no mercado livreiro é um problema sério enfrentado na aquisição. A crise financeira também foi destacada na sua fala e, para utilizar melhor os recursos, trabalham com divisões entre os cursos a serem atendidos. Conforme palavras do gestor:

*a gente trabalha bem alimentando todos os recursos que são disponibilizados e indicados lá na bibliografia básica e complementar, adquirindo esses recursos, e trabalhamos também com a sugestão de aquisição do nosso usuário. A maioria deles são os acadêmicos. Os professores não participam muito, embora seja aberto a toda a comunidade acadêmica, o professor não contribui muito com essas sugestões do que é livre. A gente está passando por essa crise financeira do governo federal, que tem feito um vasto corte de aquisições de várias ordens nas instituições públicas federais, e a gente tem "cotas", [...] a gente tem um valor que vai ser rateado entre os cursos do campus. Então a gente tem deparado muito com a questão de livros esgotados, de livros que não se encontram mais para publicação, a gente não pode atender [...] aos requisitos MEC, então esse tem sido o maior desafio. O desafio maior é a disponibilização [...] no mercado livreiro, pois às vezes são obras clássicas, são obras importantíssimas para aquele conteúdo, mas o mercado livreiro já não tem mais disponível e a editoras não estão mais publicando.*

A coleção, para esse gestor, deveria abranger o conhecimento humano, buscando a universalidade do

conhecimento, mas o essencial é que atenda à bibliografia constante nos projetos pedagógicos, o que nem sempre é possível, conforme exposição a seguir:

*de uma maneira bem geral, se fosse uma grande biblioteca, eu diria assim, o ideal seria a abrangência universal, vamos dizer do conhecimento humano, porque a universidade também vai por esse caminho, de universalizar o conhecimento. Mas, na realidade, o que a gente ainda está trabalhando para esse início da aquisição de toda a bibliografia básica dos PPCs dos cursos. O conteúdo que deve ter uma biblioteca universitária deve ser bem amplo, claro que atendendo prioritariamente o conteúdo dos cursos, o que está dentro da bibliografia básica e complementar deles, e a partir dali poder ter um outro leque de possibilidades, que se possa ter acesso a todas as bases de dados. A gente tem alguns recursos pelo Portal Capes, mais atualizado possível e com maior possibilidade de ação e diversidade de conteúdos.*

A seleção ainda segue basicamente os projetos pedagógicos, assim, a biblioteca adquire o que já foi selecionado pelos docentes. Para outros materiais considera-se a atualidade, o idioma e, quando tem dúvidas, recorre-se aos especialistas da área. No momento considera-se essas bibliografias encaminhadas pelos professores como a necessidade de informação a ser atendida. Como a coleção foi formada recentemente, ainda não foi realizada avaliação, apenas uma triagem para transferir materiais menos utilizados para outro espaço. Segundo esse gestor,

*para que esse primeiro conteúdo, que é bem referencial ao PPC do curso, a seleção é feita lá pelo colegiado do curso. A gente faz uma seleção daquilo que é mais dentro da atualidade, dentro da língua, procuramos dentro daqueles critérios de seleção e aquisição. Mas o acadêmico, a gente percebe que ele vem muito focado naquilo que está no PPC do curso ou no plano de ensino. As doações, a gente passa por triagem, e o que a gente tem dúvida, chama os especialistas da área. Agora, com a montagem dessa Comissão de Desenvolvimento de Coleções, se o professor não conseguir avaliar, a gente tem o respaldo da comissão, para dar o aval final sobre a questão do livro ficar ou não, e a seleção do livro pode ser finalizada. Não foi feito estudo de demanda, a gente ainda está na obrigação do atendimento dos cursos de graduação. A coleção, a gente ainda não começou a avaliação, está completando agora cinco anos, está prevista nas nossas ações futuras. Teve algumas obras que a gente já retirou da coleção e colocou num espaço temporário, retirou da estante tudo aquilo que tinha demais e que não era usado, quando precisa mais exemplares daquele livro a gente traz para a biblioteca, foi por uma questão de espaço físico.*

A coleção ainda é voltada para o ensino e, desse modo, contribui para os cursos de graduação de sua instituição. A política de desenvolvimento de coleções é norteadada pela busca de qualidade referente ao conteúdo e pelo suporte proporcionado ao ensino, pesquisa e extensão; a biblioteca é o local no qual o conhecimento é conservado. Também, na sua visão, a política deve ser atualizada e avaliada constantemente para acompanhar as transformações no mercado informacional. Mais detalhadamente, no seu ponto de vista:

*a coleção contribui muito para a atividade acadêmica, não para o labor, daí fica bem esporádico na dissertação ou tese que vão defender sobre o serviço público. A política, a gente se baseou bem na questão da atualidade, qualidade do conteúdo, toda a questão do respaldo, do estado físico, a gente foca na questão dela atender todas as áreas do conhecimento humano, a prioridade é o atendimento à bibliografia de curso. A gente pretende, com a nossa PDC, atingir essa qualidade de conteúdo, trazer elementos que sejam sempre de suporte para o ensino, para pesquisa, pra toda a questão da extensão, que a universidade trabalha dentro desse tripé. É bem esse norte, a gente ser esse ancoradouro, o local de coleta e conservação de todas essas informações que vão futuramente se transformar em conhecimento, para essas pessoas que vão estudar, vão assimilar, vão trazer tudo isso para a sua vida futura, vida profissional e crescimento pessoal. É bastante importante a política promover a autoavaliação, autorrevisão, até porque essa mudança tão grande que a gente tem de fontes de informação, as diversas formas da informação chegar até a gente, eu acho que nesse contexto, é uma necessária também autoavaliação constante da política.*

Para esse gestor, a coleção deve ser ampla, abrangendo materiais além das bibliografias e conteúdos dos cursos, e a biblioteca deve ser o local no qual os usuários vão buscar informação para sua vida profissional e crescimento pessoal.

Segundo o gestor 15, o desenvolvimento de coleções, “*tem um valor muito grande, infelizmente, às vezes, para a instituição não é dada tanta atenção, tanto é que a gente tem uma equipe reduzida de bibliotecários*”. Esse processo é voltado para suprir as bibliografias de cursos, como exposto por esse gestor:

*aqui na universidade, as bibliotecas procuram adquirir, no caso, o plano político pedagógico, são as referências de livros de cada curso, então está sempre procurando adquirir baseado nessas referências. Mas a gente encontra ementa de cursos com referências muito defasadas e antigas, e isso termina prejudicando a aquisição, que é uma etapa importante do desenvolvimento. A gente enfrenta um outro percalço que é a*

*questão da falta de recurso, enquanto a gente tinha o recurso, tentava adquirir ao máximo, no momento a estratégia é junto com a pró-reitora tentar a liberação de mais recursos para compra.*

Assim, a concepção de coleção é vinculada ao atendimento dos parâmetros indicados no instrumento do SINAES, dessa forma,

*seria uma coleção que ela contemplasse pelo menos o que o MEC, o que diz a normativa do MEC. A priori, hoje, aqui para a nossa realidade, seria isso. Claro que uma biblioteca universitária, além de tudo, ela é uma biblioteca pública. Ela tem que atender várias demandas, além da comunidade acadêmica, ela pode atender também a comunidade externa. Mas, como nós somos novos, eu acredito que a princípio o ideal seria tentar atingir essa meta, que seria atender minimamente as demandas dos cursos de graduação e pós-graduação também.*

De acordo com esse gestor, a seleção prioriza “*materiais para os cursos que estão em fase de reconhecimento, revalidação e reavaliação, então a gente prioriza esses cursos para então iniciar o processo de aquisição*”. Para as doações, é feita “*uma triagem e se recebe o que é de interesse para os cursos*”. As necessidades de informação são detectadas pelas sugestões dos usuários e pelos relatórios de reserva de materiais, o que permite “*identificar os livros que estão com maior demanda por parte da comunidade, e tentar melhorar a quantidade desse material*”. A biblioteca “*forma a coleção de acordo com que cada curso exige. Então essa é a participação da comunidade, mais por parte dos professores*”. Em relação à avaliação da coleção, na sua instituição e a atividade ainda não é realizada, contudo tem consciência que é preciso “*avaliar a coleção*”.

A importância das coleções está relacionada ao papel da biblioteca na universidade, conforme sua fala:

*a biblioteca é o coração. Então se a biblioteca, a universidade, eu acredito, que não consegue caminhar, pois você precisa de material informacional para dar prosseguimento à pesquisa, à extensão. E sem biblioteca não tem como fazer isso, você tem que ter a biblioteca minimamente montada e com uma coleção formada para dar suporte aos pesquisadores e aos alunos de pesquisa em geral.*

O desenvolvimento de coleções e a política, conforme informado, orientam-se pelos planos pedagógicos dos cursos de graduação, por isso, para esse gestor, a biblioteca e os profissionais que nela atuam deveriam “*ter uma maior ligação, até de maneira institucional com esses centros, no sentido de que, sempre que você criar ou modificar algo relacionado aos cursos, sempre consultar a biblioteca, algo institucionalizado*”, afinal, “*se você tem uma parceria*

*com centros, professores e coordenadores, você irá melhorar o que você disponibiliza de informação para o usuário final*". Portanto, para esse gestor o processo deve ser baseado na interação com a comunidade acadêmica.

Na opinião do gestor 16, o desenvolvimento de coleções vem sendo direcionado pela avaliação dos cursos, embora o gestor reconheça a necessidade de construir uma coleção variada, para que os alunos possam ter um leque mais amplo do que as bibliografias dos cursos e também de criar demandas para uso da coleção. Obter recursos financeiros e entender o que deve formar a coleção são desafios apontados pelo gestor. Nas suas palavras:

*o foco principal do desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias tem sido usado como argumento na avaliação do MEC para formar uma coleção focada em avaliações de cursos de graduação e pouco foge disso. A intenção é aumentar a variedade de títulos na coleção e não se preocupar tanto com a quantidade de itens, porque na universidade os livros não são apostilas de sala de aula, os alunos têm muitas atividades de pesquisa e eles têm muita autonomia para ir além da bibliografia de curso, então a gente tem que ofertar essas ferramentas também para eles, essas outras opções. Um desafio, aqui na nossa realidade, é entender o que deve formar a coleção, estamos dependendo dos professores dizer que livros comprar. Eu acho que outro grande desafio é criar demandas de uso para materiais, acaba que foge da disciplina de desenvolvimento de coleções, que às vezes fica focado na demanda inicial como a bibliografia de curso. Para mim, o desafio é entender outras maneiras de descobrir as necessidades da comunidade, esse desafio traz junto o desafio de conseguir o dinheiro para isso. Tentamos procurar outras fontes de financiamento, que infelizmente se mostraram infrutíferas. No momento está bem difícil, e o que a gente fez foi conseguir convencer a nossa reitoria da importância de desenvolver a coleção, conseguimos manter o orçamento como nos anos anteriores, o que no contexto atual já foi uma grande vitória.*

A formação de uma coleção que seja utilizada é outra dificuldade a ser superada, segundo esse gestor:

*o ideal é a gente conseguir fazer uma coleção que tenha uso, eu sei que é algo muito difícil falar qual que é o uso ideal. A gente sabe que o papel da biblioteca é tentar enriquecer a experiência da pessoa dentro da universidade, e a gente também tem que atender pesquisadores, outros níveis da instituição e não só a graduação e, para isso, a gente tem que ter variedade na coleção e oferecer serviços por meio dela. A coleção ideal é aquela que permita para a gente utilizar de outras ferramentas e prestar serviços com eles. Nesse sentido, a variedade é muito importante para a gente poder promover serviços tematicamente, incentivar*

*outros usos do acerv, o que você não consegue ter no caso de se ter uma coleção simplesmente funcional para a graduação.*

Como a seleção é focada nas bibliografias dos cursos ofertados na sua instituição, neste momento está sendo realizado um mapeamento para detectar lacunas e esse gestor tem participado desse processo. Também está envolvido na busca de participação dos docentes nesse processo e no Comitê de Bibliotecas. A avaliação, na sua visão, volta-se para o uso dos materiais e a questão do espaço físico, uma vez que

*a gente vinha atendendo às necessidades do MEC, ainda não foge muito de atender bibliografias, mas a gente está fazendo um mapeamento, estamos olhando as bibliografias de todos os cursos de graduação e verificando a existência desses itens na coleção. Então, no momento o que estamos fazendo é tentar atender isso com a seleção, mas também está previsto atender à pesquisa e à extensão, e as demandas deles às vezes não são tão claras. A ideia é levar a biblioteca até os pesquisadores para trabalhar junto a essa necessidade, ao invés de propor títulos específicos, a gente precisa melhorar tematicamente em que áreas? No momento, a gente tem trabalhado com essa necessidade espontânea que chega, ela não é ideal, mas, como eu falei, a gente tem tentado resolver a situação da graduação. A gente consegue que a biblioteca seja muito integrada com as atividades da universidade, temos acesso fácil aos professores, a gente já trabalhou bastante de maneira sistemática com isso através do Comitê de Bibliotecas. Outra parte da avaliação da coleção que a gente faz é o uso da coleção que já está disponível, se está tendo uso ou não, inclusive por questões de espaço. Estamos com um plano de fazer um desbaste grande, a gente tem feito esses estudos, material com pouco uso, deixar menos cópias, armazenar de uma maneira que otimize o espaço, tudo isso é novidade.*

O valor da coleção é associado ao uso e aos serviços oferecidos. O uso também é considerado o principal elemento norteador da política, juntamente com a interação com a universidade e uma atitude proativa, mais especificamente,

*a coleção contribui na medida em que a gente consegue transformar ela em serviços e produtos, ter uma coleção bonita na estante não ajuda, a coleção faz pouco sentido se a biblioteca não tem um trabalho proativo de gerar demanda de uso para ela. Eu acho que estudar o usuário, prestar serviço ao usuário é o que dá valor à coleção, que faz ter uso a coleção, e nesse sentido, uma política de desenvolvimento de coleções fechada hermeticamente nela mesma não traz uso para a coleção, a gente tem que levar isso para o usuário, é importante uma biblioteca que as pessoas tenham vontade de estar nela, tenha vontade de usar, dê autonomia para a pessoa estudar. O*

*principal elemento que deve nortear a política de desenvolvimento de coleções é o uso, tanto a gente descobrir possíveis demandas implícitas, que a unidade não percebe, quanto as explícitas. Essas são as mais fáceis, temos cursos, temos linhas de pesquisa, temos áreas demandantes, mas também cabe à gente identificar fontes de informação que às vezes não estão tão óbvias para a comunidade. O que tem que nortear é um trabalho proativo de a gente participar da elaboração da universidade no momento da criação dos objetivos dela, e também ficar antenado no mundo, que tecnologias novas estão surgindo, novos serviços e essas demandas reprimidas. O desenvolvimento de coleções tem buscar agregar, trazer novidade, descoberta de conhecimento para a comunidade e para a biblioteca ser relevante.*

A fala desse gestor revelou a preocupação com a variedade de títulos e em entender o que a coleção deve conter, para ele é o usuário a razão da coleção existir, é quem a utiliza, e uma coleção utilizada é a ideal. Novamente, verifica-se o desenvolvimento de coleções balizado pelo uso e pelas percepções dos usuários.

Segundo o gestor 17, a compra de itens relacionados nas bibliografias básicas dos cursos de graduação também é associada ao desenvolvimento de coleções, porém a elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções, a escassez dos recursos financeiros, a atualização dos currículos são vistos como desafios nesse processo. Em sua opinião:

*o desenvolvimento de coleções é voltado especificamente para compra de bibliografia básica e complementar dos cursos da universidade, devido à pouca verba existente. A gente não tem disponibilidade de verba para contemplar a informação e o usuário diferente desse tipo de coleção, isso não é de agora, já tem alguns anos que a gente vem identificando isso, principalmente pela quantidade de cursos que estão sendo criados dentro da universidade. A única verba que temos é do PDI da universidade, de capital, que era direcionada para a compra especificamente, não visando a coleção, mas para atender às coordenações, bibliografia básica e complementar, e periódicos a gente nem está conseguindo assinar. Com a nossa verba nós não conseguimos comprar e-books, estamos querendo comprar. Estou fazendo a política que não é política ainda desde 2013, apesar de ter o documento acessível, ter feito reuniões com as bibliotecárias, porque elas que estão nas bibliotecas, mas de políticas de planejamento eu não vi esse retorno, só de poucas bibliotecas. Tudo é de imediato, elas não conseguem pensar em planejar, da importância daquele instrumento, parece que eu não tenho um retorno, a não ser quando começamos a trabalhar com a Pró-Reitoria e as bibliografias, trabalhar com o instrumento, a gente vê que as coordenações também não*

*tinham essa informação, os currículos são muito antigos, chegam coisas aqui que não existiam mais no mercado.*

Como percebido na sua fala, a coleção “é voltada para a bibliografia básica, para o currículo, eu acho que as áreas hoje em dia estão muito afins, então acredito que uma bibliografia dita complementar está cada vez sendo mais valorizada também”. A seleção é feita considerando compra e doação, segundo esse gestor, “tenho que comprar para bibliografia, para atender aos cursos, para avaliação do MEC, a seleção de material que chega para doação tem aqueles critérios que a gente já sabe dentro da biblioteconomia, autoridade e aquelas coisas todas”. Além disso, na sua opinião

*a biblioteca precisar ter essa visão quando selecionar esse material que chega, que a maioria não é bibliografia, então você tem que trabalhar com isso para complementar. E tem que pensar também em expandir o universo de conhecimento dentro daquela coleção, as visões que tem que ter enquanto bibliotecário. Estudo de usuário para detectar as necessidades de informação do usuário, eu não vejo mais isso, de uma forma sistemática, e isso aí de uma forma sistemática, como se fosse uma rotina. Quando você aprende: vamos fazer estatísticas, você tem que aplicar isso de acordo com o seu ambiente. Eu acredito que seja muito importante, às vezes você está comprando bibliografia básica e complementar, e eles estão usando outro tipo de material, é necessário dar esse feedback para as coordenações. Então, tem que fazer esse estudo de usuário e esse estudo da coleção, do uso também, para você ter esse feedback. As bibliotecas participam de comissões, têm acesso às unidades, acredito que elas tenham condições, tem bibliotecas que têm acesso e tem outras que não. É encargo de cada biblioteca fazer a avaliação.*

A aproximação com a comunidade e a realização de estudos sobre essa para entender o que realmente o usuário necessita. E também destaca a autonomia do usuário e o papel do bibliotecário, e defende que a política de desenvolvimento de coleções deve ser dinâmica e se nortear pela coleção em si, pelo usuário e pela demanda por essa coleção, pois segundo esse gestor:

*as coisas estão tão imediatas, as pessoas estão buscando elas mesmo as informações, o papel do bibliotecário influencia muito, a biblioteca universitária de graduação é mesmo para dar suporte ao estudo e ensino. Eu acredito que procuram outros tipos de suporte, a gente vê que a biblioteca vem sendo muito utilizada para espaço para leitura, para espaço de estudo, e claro que usa a coleção da biblioteca também. Eu acho que o que norteia a política de desenvolvimento de coleções é a coleção em si, o usuário, a demanda [...], você se preocupar com os*



*procedimentos que devem ser feitos em relação aquela coleção. A política tem que ser voltada para a realidade do ambiente em que a biblioteca está inserida, isso é muito importante, hoje existem vários tipos de alunos, várias formas do aluno entrar na universidade. Eu penso em uma política abrangente para o sistema de bibliotecas, que não seja detalhada, que seja mais para colocar os pontos que sejam homogêneos, que sejam comuns ao sistema, ela tem que refletir a realidade da biblioteca, da comunidade, dos serviços, dos procedimentos, dos serviços que ela presta. Estar sempre atualizada, ser muito dinâmica, a gente lida muito com coisas normatizadas e precisa estar no papel para dar respaldo ao bibliotecário.*

A fala do gestor 18 coloca em evidência os diferentes elementos que compõem o desenvolvimento de coleções. Também revela a prioridade dada às bibliografias dos cursos de graduação de sua instituição. Para esse gestor, as rápidas transformações, a variedade de informações disponíveis e a diversidade cultural são desafios ao processo, conforme sua fala:

*o desenvolvimento de coleções é um processo de difícil execução. Em linhas gerais, lida com extremos, de orçamento às concepções políticas e ideológicas de formação dos profissionais diretamente envolvidos, as estatísticas de uso e com a participação de agentes externos à instituição biblioteca, como os coordenadores da área acadêmica. Temos optado por garantir a bibliografia básica dos cursos em fase de avaliação. A rapidez das atualizações, hoje nos parece que os conceitos se perdem em dezenas de abordagens. As múltiplas possibilidades em que a informação se apresenta e os múltiplos usuários que a biblioteca necessita servir. A universidade está tomada pela diversidade de sujeitos que formam a sociedade.*

Ainda, segundo esse gestor, “o ideal é uma coleção que contemple os muitos formatos, as diversas abrangências de pensamento com a qualidade intelectual que a ciência precisa para avançar e desenvolver este país”. Entretanto, a seleção volta-se para “as bibliografias dos cursos, as solicitações dos setores administrativos”. E as quantidades “são determinadas a partir do número de estudantes (por curso), além dos critérios para obtenção de nota mínima estipulada como meta pela instituição”. As necessidades de informação “são detectadas por meio de pesquisa, demanda espontânea e indicação de bibliografia presente nos projetos pedagógicos dos cursos”, essa é a forma como a comunidade acadêmica participa do desenvolvimento de coleções. E a avaliação baseia-se em “critérios estatísticos de uso, de qualidade das publicações, quantidade de material e assuntos mais solicitados orientam a avaliação da coleção”.

As coleções devem requerer qualidade e atualização e esse deve ser o norte da política para o seu desenvolvimento, considerando a diversidade de materiais e a adequação aos currículos. Também deve considerar o diálogo entre os indivíduos em seus diferentes papéis na universidade. Nas palavras do gestor, as coleções

*contribuem fornecendo material informacional de qualidade e atualizado, e informes à comunidade das obras novas cuja temática está fortemente em debate na instituição. A política de desenvolvimento de coleções é norteadada pela manutenção de uma coleção atualizada e diversificada em formatos, com crescimento racional e otimização de espaço físico, fornecendo informação precisa e confiável; por publicações bibliográficas baseadas nos projetos pedagógicos dos cursos/programas de ensino existentes na Universidade; adequação ao currículo acadêmico e às linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação; qualidade do conteúdo; e número de usuários potenciais que poderão utilizar o material. A política deve contemplar os diversos atores que fazem parte da comunidade acadêmica, com espaço para diálogo entre os profissionais docentes, bibliotecários, pedagogos, técnicos educacionais e o interessado fim, o discente.*

Em relação ao desenvolvimento de coleções nos dias de hoje, a fala do gestor 19 lembrou a influência das tecnologias e as mudanças no formato dos recursos bibliográficos da coleção. A instituição encontra desafios na definição de orçamento para aquisição, na oferta de acesso conforme as necessidades e na criação de redes de compartilhamento de recursos. Na opinião do gestor, as coleções devem considerar as atividades das instituições às quais estão vinculadas, como exposto a seguir:

*as TICs trouxeram novas possibilidades para expansão das coleções nas universidades, os e-book estão sendo muitos utilizados e isso facilita muito para o usuário. Nossa coleção é bastante escassa para a quantidade de cursos e alunos, na verdade, estamos em crescimento, buscando alcançar os melhores índices de qualidade nas avaliações do Ministério da Educação e atender aos nossos usuários com qualidade. Também estamos tentando criar uma política na instituição que inclua no orçamento anual um valor para aquisição de materiais informacionais. Enfrentamos desafios em oferecer acesso físico e eletrônico atendendo às necessidades de cada público, integrar as diferentes tecnologias, atender à diversidade e criar redes de colaboração e compartilhamento. As universidades são instituições de ensino que trabalham com o tripé: ensino, pesquisa e extensão, para sua coleção ser ideal deveria seguir o mesmo princípio.*

As bibliografias dos cursos da instituição balizam a seleção, juntamente com as indicações dos bibliotecários de referência e dos docentes. A comunidade participa do processo por meio de uma Comissão e a avaliação segue o que foi especificado na política. Essa orienta-se pelas necessidades da instituição, recursos orçamentários e parâmetros do SINAES, e deve ser elaborada com a participação da comunidade. Ainda, segundo esse gestor,

*a biblioteca é um dos alicerces do processo de ensino, o embasamento teórico dos aprendentes está nos materiais informacionais impressos ou on-line como: livros, periódicos, manuais, relatórios, projetos, teses, dissertações, entre outros. As novas contribuições são, justamente, a produção da universidade que deve estar voltada para atender à comunidade. A pesquisa científica acadêmica e a criação de produtos e serviços precisam atender às necessidades da sociedade e, para tanto, é necessário que seja disponibilizado a todos, o papel das unidades de informação, que é difundir conhecimento. A política de desenvolvimento de coleções é baseada nas necessidades dos cursos ofertados pela instituição, considerando as disponibilidades orçamentárias e recomendações do Ministério da Educação. Para favorecer a atuação ativa da biblioteca, deve ser concebida fundamentalmente com a integração do sistema de biblioteca em todas as etapas do processo pedagógico.*

Em síntese, esse o gestor enfatiza a difícil execução do desenvolvimento de coleções devido a diferentes fatores que devem ser considerados. Igualmente, sua fala revela que é importante o atendimento às demandas do ensino e que se deve levar em conta às transformações ocasionadas pelas tecnologias.

Com base nas falas dos gestores do desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias, pode-se constatar que eles reconhecem a importância do desenvolvimento de coleções para a qualidade dos serviços prestados pelas bibliotecas, e também estão cientes de que esse processo requer mais atenção e que a falta de recursos financeiros e de pessoal qualificado trazem dificuldades ao processo.

O pensamento dos gestores quanto ao desenvolvimento de coleções visa ao atendimento as necessidades de informação da universidade, especificamente ao tripé formado pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão desenvolvidos em seu âmbito. Entretanto, nas falas destaca-se o atendimento às bibliografias dos cursos de graduação, com vistas a conseguir bom conceito em indicador relativo ao material bibliográfico existente no instrumento de avaliação de cursos de graduação do Brasil. A ênfase atribuída ao atendimento às bibliografias básicas e complementares para os

cursos de graduação indica a preocupação com o desempenho, em mostrar resultados, em consonância com as ideias de Lyotard (2004) já expostas nesta pesquisa. Como somente os cursos de graduação são avaliados pela disponibilidade de material nas bibliotecas, a aquisição de materiais para esses cursos destaca-se em relação à aquisição de materiais para a pós-graduação, atividades de pesquisa e extensão. Em decorrência dessa situação, a variedade de títulos e diversidade de assuntos é substituída pela aquisição de exemplares nas quantidades exigidas para a obtenção de um bom conceito nos processos avaliativos do órgão acima indicado. Esse critério de avaliação, por ser quantitativo, acaba criando alguns problemas para as bibliotecas, pois nem sempre são necessários tantos exemplares de um mesmo título, o que prejudica a formação de uma coleção mais diversificada em títulos com abordagens e pontos de vistas diversos.

Dessa maneira, embora os profissionais reconheçam a importância de uma coleção abrangente e diversificada com várias opções para os usuários, priorizam a aquisição das bibliografias dos projetos pedagógicos, base para a seleção e, também, considerada como necessidade de informação básica da comunidade acadêmica. Além das bibliografias, as indicações da comunidade acadêmica, como os pedidos dos docentes e as sugestões dos alunos, são consideradas para a seleção de materiais em algumas instituições. Para detectar as necessidades de informação, os profissionais indicam os estudos sobre a comunidade, dificuldades em realizá-los, levando a um quadro em que tais necessidades são detectadas por meio dos relatórios gerenciais e do contato com o usuário. A comunidade acadêmica participa da formação das coleções com o envio das suas demandas e, mais especificamente, os docentes participam de comissões e comitês e são requisitados em tomadas de decisões devido ao conhecimento específico do campo de conhecimento. A avaliação da coleção, quando realizada, baseia-se em dados de uso e na distribuição da coleção, visando à liberação de espaço físico.

É almejado que a política de desenvolvimento de coleções englobe as necessidades de informação dos usuários, a atualização e crescimento da coleção, o orçamento, as diretrizes para a instituição e externas, como as do MEC e do mercado informacional, com a diversidade de recursos e modelos de negócios. A elaboração da política de desenvolvimento de coleções com a participação da comunidade acadêmica, de modo que possa explicitar suas necessidades, foi apontada como um caminho para a biblioteca participar ativamente do processo pedagógico.

O pensamento dos gestores das universidades mais consolidadas e das universidades criadas recentemente tem se balizado pela formação de coleções adequadas às atividades institucionais, pelas preocupações com as restrições financeiras e influenciado pelo atendimento aos parâmetros do MEC. Nas universidades criadas recentemente, o dilema entre formar coleções para atender à graduação de acordo com os parâmetros mencionados, devido à maioria dos cursos estarem em fase de avaliação, e formar coleções mais abrangentes para atender também as outras atividades da instituição é mais evidente.

Com base na dimensão do pensamento vigente, foi possível extrair os seguintes subsídios para a proposta de diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias:

- a) desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias como um processo que engloba diferentes elementos e enfrenta dificuldades, tais como limitações de espaço físico, orçamento e pessoal, e nem sempre recebe a devida importância e prioridade nas bibliotecas e suas instituições;
- b) a formação das coleções considera a abrangência, diversidade e universalidade do conhecimento, bem como a coleção já existente, a comunidade atendida e as demandas;
- c) coleções formadas para dar suporte as atividades de ensino, pesquisa e extensão e englobando as diferentes formas de apresentação da informação, incluindo as mudanças do meio impresso para o digital;
- d) políticas de desenvolvimento de coleções alinhadas à missão da instituição, elaboradas em interação com a comunidade acadêmica e atualizadas constantemente;
- e) seleção orientada ao atendimento das demandas institucionais;
- f) definição de prioridades, captação de outros recursos e recebimento de doações como alternativas para lidar com as restrições orçamentárias;
- g) manutenção e preservação das coleções, especialmente dos materiais produzidos na instituição, como parte do entendimento das bibliotecas como locais de memória;
- h) envolvimento e participação da comunidade acadêmica no processo, o que já ocorre pelo envio de sugestões ou composição de comissões;

- i) estudo da comunidade para detectar necessidades de informação além das indicadas por sugestões ou detectadas por relatórios gerenciais, e buscar conciliar as diferentes demandas da comunidade acadêmica e da comunidade externa.

### 5.5 SÍNTESE COMPARATIVA DAS DIMENSÕES: subsídios para a proposta de diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias

Os resultados das dimensões analisadas revelam que o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias é voltado para o atendimento aos usuários e balizado por restrições financeiras. Ao comparar os aspectos levantados nas quatro dimensões observou-se que apresentam singularidades, que na composição das diretrizes, propostas nesta pesquisa, foram vistas de forma complementar.

A dimensão do pensamento epistemológico (Teoria da Complexidade e análise de domínio) possibilitou considerar o desenvolvimento de coleções como um processo repleto de elementos e interações, permeado por incertezas, indeterminações e agentes aleatórios e que ordem e desordem coexistem e são necessárias para a transformação e para a emergência de fenômenos organizados. Olhar o desenvolvimento de coleções sob o prisma da Teoria da Complexidade implica em abandonar uma visão reducionista e em contrapor noções antagônicas visando à complementaridade. E orientá-lo por uma perspectiva social, considerando o indivíduo que produz e utiliza a informação como membro de uma comunidade discursiva. Pelo prisma desta dimensão o desenvolvimento de coleções é visto em relação à organização do conhecimento, considerando as necessidades e demandas de informação em relação ao conhecimento produzido no domínio.

A dimensão do pensamento registrado (literatura) evidenciou uma cultura sob demanda, com o foco no uso dos materiais e nas necessidades individuais. As coleções são formadas por materiais diversificados para atender demandas imediatas, com destaque para os livros eletrônicos. A seleção vem sendo substituída por programas de aquisição orientados ao usuário ou à demanda, demonstrando a busca pela simplificação.

A dimensão do pensamento institucionalizado (políticas adotadas nas bibliotecas universitárias brasileiras) demonstrou que o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias tem por preocupação a adequação aos interesses institucionais e visa ao atendimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão. As políticas são instrumento de planejamento e organização do processo. Também se observou a ausência de estudos de comunidade e de iniciativas para compartilhamento de recursos.

A dimensão do pensamento vigente (gestores das bibliotecas universitárias brasileiras) indicou que os gestores reconhecem o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias como um processo complexo e envolto em dificuldades. O processo é voltado para as necessidades de informação da instituição, mas influenciado sobremaneira pelos parâmetros de avaliação de cursos de graduação realizado pelo INEP no Brasil. Nesse sentido, os gestores destacaram o dilema entre formar coleções abrangentes e o atendimento às bibliografias dos cursos de graduação. A diversidade de opções para o usuário e a formação de coleções compostas por vários materiais (bibliografias dos cursos de graduação, obras de referência, coleções especiais, materiais em formato eletrônico, materiais produzidos na instituição) bem como a biblioteca como espaço de memória foi ressaltada por alguns gestores.

Na dimensão do pensamento registrado e do pensamento vigente o desenvolvimento de coleções foi considerado como um processo complexo, que considera o ambiente e suas transformações e lida com dificuldades, especialmente, com as limitações orçamentárias. Na dimensão do pensamento institucionalizado tal processo foi visto como atrelado as demandas institucionais.

As políticas, na dimensão do pensamento registrado, foram vistas como elementos do planejamento estratégico e para informar a comunidade acadêmica. Visão semelhante foi detectada na dimensão do pensamento vigente, no qual evidenciou-se que as políticas consideram a missão da instituição e a interação com a comunidade. Na dimensão do pensamento institucionalizado, as políticas foram consideradas como documentos para planejar e organizar o desenvolvimento de coleções.

Na dimensão do pensamento registrado, as coleções são formadas por diferentes materiais que possam atender as demandas curriculares e institucionais, assim, englobam diferentes materiais. Nessa dimensão, o formato foi visto como fator decisivo para a aquisição de materiais. Na dimensão do pensamento

institucionalizado, a variedade de fontes de informação e a preservação do conhecimento também foram consideradas, bem como foi destacada a formação de coleções abrangentes e contendo várias opções e diversidade de visões em um mesmo assunto para o usuário. Em consonância com as dimensões mencionadas, a dimensão do pensamento vigente, evidenciou que as coleções consideram as diferentes formas de apresentação da informação, o atendimento ao ensino, pesquisa e extensão e outras demandas informacionais que possam surgir, buscando contemplar a diversidade do conhecimento, a produção institucional e garantindo a preservação do conhecimento e da memória.

Portanto, as dimensões estudadas evidenciaram que as bibliotecas por meio das coleções subsidiam as atividades de ensino, pesquisa e extensão, possibilitam a ampliação e a preservação do conhecimento. As coleções consideram a atualização constante da informação e as transformações nos formatos, procurando conciliar os diferentes recursos informacionais disponíveis, englobando a coleção física, eletrônica e digital, materiais produzidos na instituição, coleções especiais, obras de referência, obras clássicas, diferentes pontos de vista sobre determinado assunto, materiais recém-publicados ou de valor histórico.

Os aspectos sobre o desenvolvimento de coleções nas bibliotecas universitárias evidenciados nas dimensões analisadas demonstram alguns antagonismos, que para a tessitura das diretrizes foram contrapostos e associados, de modo que ideias contrárias ou divergentes se complementassem, pois as interações retroativas entre elementos divergentes ou antagônicos dão origem a novos elementos, a fenômenos organizados, são os movimentos perturbadores modificam o anel e “ao introduzirem a transformação na recorrência, fazem a evolução” (MORIN, 1997, p. 300).



## 6 PROPOSTA DE DIRETRIZES PARA O DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

As diretrizes propostas têm o objetivo de levar à reflexão sobre as possibilidades e as diversidades de aspectos que podem interferir no desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias brasileiras, e está relacionada à noção de que as instituições são dinâmicas e estão inseridas no ambiente de instabilidades e incertezas da pós-modernidade. As diretrizes foram norteadas pelos objetivos desta pesquisa e são reflexões construídas a partir de premissas evidenciadas pelas dimensões estudadas (Quadro 19). As diretrizes poderão ser redefinidas e/ou adaptadas sempre que necessário.

**Quadro 19 - Diretrizes propostas para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**

<b>Diretrizes propostas</b>	
<b>I</b>	Recomenda-se que o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias seja considerado um processo complexo
<b>II</b>	Recomenda-se que o desenvolvimento de coleções seja delineado por uma política de desenvolvimento de coleções flexível e por estratégias de auto-eco-organização
<b>III</b>	Recomenda-se que o desenvolvimento de coleções leve em conta a comunidade universitária e a comunidade externa
<b>IV</b>	Recomenda-se que o desenvolvimento de coleções leve em conta o levantamento de informações da comunidade acadêmica na perspectiva do paradigma social
<b>V</b>	Recomenda-se que o desenvolvimento de coleções busque apoio e cooperação com outras bibliotecas universitárias
<b>VI</b>	Recomenda-se que o desenvolvimento de coleções conte com formas alternativas de se obter recursos financeiros e com procedimentos para o uso desses com eficiência
<b>VII</b>	Recomenda-se que o desenvolvimento de coleções abranja a diversidade de fontes de informação, seja quanto à abordagem, ao formato e à idade dos recursos informacionais
<b>VIII</b>	Recomenda-se que, no desenvolvimento de coleções, a seleção seja fundamentada na associação de diferentes elementos e critérios
<b>IX</b>	Recomenda-se que, no desenvolvimento de coleções, a avaliação oriente-se por uma visão multidimensional
<b>X</b>	Recomenda-se que, no desenvolvimento de coleções, a seleção, a avaliação e o desbaste sejam orientados pelo paradigma social via análise de domínio e pela manutenção da identidade da biblioteca

Fonte: elaboração da autora

Como já exposto, a dimensão epistemológica que contempla a Teoria da Complexidade foi usada como alicerce e direcionadora do olhar voltado ao desenvolvimento de coleções e a análise de domínio foi usada para aproximar esse olhar da perspectiva social

da Ciência da Informação. Do pensamento registrado obtido na literatura da área, do pensamento institucionalizado detectado nas políticas de desenvolvimento de coleções formalizadas e do pensamento vigente dos profissionais que coordenam o processo nas universidades federais brasileiras, foram extraídos aspectos influenciadores do processo de desenvolvimento de coleções, tanto positivamente como negativamente.

Com base no exposto, as seguintes diretrizes são propostas:

**Diretriz I - Recomenda-se que o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias seja considerado um processo complexo.**

Considerar o desenvolvimento de coleções como um processo complexo refere-se à intenção de conceber que existe uma relação entre ordem e desordem e organização, isto é, reconhecer que a biblioteca é uma instituição dinâmica no contexto instável e mutável da pós-modernidade, resultando que esse processo será permeado por imprevistos e incertezas e modulado pelo embate entre forças que se contradizem, e requer que se considerem os diferentes elementos e dimensões que o compõem e o influenciam, bem como as interações entre eles (MORIN, 2011).

A interdependência entre as atividades do desenvolvimento de coleções foi defendida por Evans (1979), as etapas têm o mesmo peso no processo e interagem entre si, bem como com os profissionais que as desenvolvem e a comunidade a que servem. Além de reconhecer a interdependência entre as atividades, entender o desenvolvimento de coleções como um processo complexo denota considerar que todas as atividades – estudo da comunidade; identificação das necessidades da coleção e da comunidade; seleção de materiais; elaboração de políticas para a coleção; gestão do orçamento; avaliação; desbaste; divulgação; preservação; e compartilhamento de recursos – comportam inúmeros elementos, que interagem e retroagem, levando à evolução do processo. As atividades mencionadas levam em consideração a missão e as atividades das instituições a que estão vinculadas, a coleção, as necessidades de informação da comunidade, os usuários em relação aos domínios do conhecimento, a informação utilizada e produzida pelas comunidades discursivas, as diferentes visões sobre o assunto ou sobre o que é relevante para tal comunidade, as questões ligadas à informação, como a variedade das fontes de informação disponíveis no mercado, a evolução dos registros do conhecimento e sua

preservação, o orçamento e suas restrições, o espaço físico, as tecnologias e suas dinâmicas, o ambiente em evolução, as percepções e conhecimento dos profissionais bibliotecários, os desafios advindos do cenário da sociedade pós-moderna.

De maneira similar, recomenda-se que decisões sobre coleções impressas ou digitais, para uso ou para preservação do conhecimento voltada para a manutenção da memória científica da humanidade, focadas no atendimento de demandas institucionais ou abrangentes e diversificadas visando ampliar o universo informacional dos usuários, e questões sobre aquisição sob demanda, acessar ou adquirir os materiais, manter coleções retrospectivas ou otimizar o espaço físico sejam pensadas de forma multidimensional, buscando a complementação e a organização de uma rede complexa de elementos para sustentar o desenvolvimento de coleções. Assim, visto como um projeto intelectual que, acima de visões sectárias, ideológicas e dogmáticas, possa constituir um todo organizado que contemple discursos contraditórios, visões de mundo diversificadas sobre as pessoas, a vida, a ciência e o mundo e formatos diversos de recursos informacionais. Como lembrou Milanesi (1986, p.32), a "ordem da biblioteca é construída", e "é a intenção e o esforço de organização que se faz em torno dela que torna possível concretizar a função pensada".

Ao considerar o desenvolvimento de coleções como um processo complexo que engloba ordem-desordem-interações-organização, entende-se que a ordem está na estrutura, no funcionamento e procedimentos do desenvolvimento de coleções da forma como planejado nas instituições. Assim, pode ser representada pelo orçamento definido; pelos currículos dos cursos; pelos projetos pedagógicos e suas bibliografias básicas; nos dados levantados da comunidade; nas demandas conhecidas; nos critérios para seleção, avaliação e desbaste e nos procedimentos para aquisição estabelecidos na política de desenvolvimento de coleções, nas fontes e instrumentos auxiliares para seleção, ou ainda nas próprias políticas e documentos como o instrumento de avaliação do SINAES que delineiam os procedimentos padrões e parâmetros a serem seguidos.

A desordem apresenta-se nas não linearidades, nas situações não previstas inicialmente, tais como cortes no orçamento, dificuldades com recursos humanos e espaço físico, variações no mercado editorial e mudanças na forma de apresentação da informação, novas e diferentes demandas, criação de cursos e atualização de bibliografias, transformações e dinâmica dos domínios de conhecimento, paradigmas conflitantes e distintos

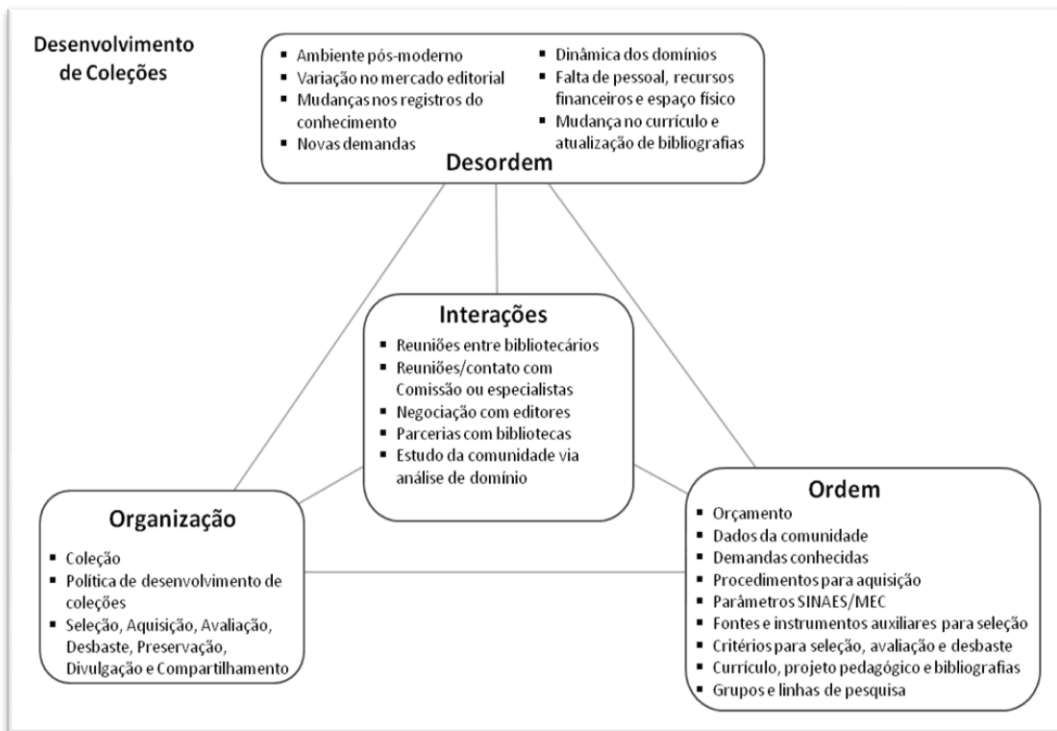
pontos de vista sobre diferentes tipos de fontes de informação, entre outros. A desordem implica em uma nova situação, está relacionada à transformação, e as interações precisam da desordem para que os encontros ocorram, assim como a ordem e a organização precisam de interações.

Nesse processo, as interações possibilitam que seja dada intenção à organização, e o estabelecimento da ordem ou de uma nova ordem. As interações podem ser vistas como ações para o estabelecimento de novos procedimentos e fundamentos para o desenvolvimento de coleções. Podem, em certas condições, tornar-se inter-relações, ou seja, associações, ligações, combinações e/ou comunicação, e dão origem a fenômenos de organização. Nesse sentido, a comunicação com os gestores e com a comunidade acadêmica, as negociações com os fornecedores, a constituição de Comissões e Comitês, a realização da análise de domínio, de estudos da comunidade e de uso da informação contribuem para a organização. Assim como a articulação e associação de elementos que estão presentes ou influenciam direta e indiretamente o desenvolvimento de coleções, e a combinação dos critérios traçados (ordem) e sua associação com outros elementos (desordem) são inter-relações que ocorrem no processo de desenvolvimento de coleções com o intuito de conceber a organização.

A organização é o que possibilita constituir um sistema a partir de elementos diferentes, por isso, o todo organizado é mais do que a soma das partes e faz emergir qualidades que são possíveis somente devido a essa organização. No desenvolvimento de coleções, a organização é expressa na coleção formada; na realização das atividades de seleção, aquisição, avaliação, desbaste e preservação para a formação e manutenção das coleções; nos materiais selecionados, adquiridos, avaliados e desbastados; e na política de desenvolvimento de coleções, que resulta da organização e também contribui para que essa ocorra.

O anel tetralógico da Figura 3 representa a ordem-desordem-interação-organização presentes no desenvolvimento de coleções. Vale destacar que a figura objetiva mostrar os elementos mais evidentes detectados por meio das dimensões estudadas na presente pesquisa. Os elementos ora apresentados relacionam-se e estão ligados a inúmeros outros elementos, alguns dos quais estarão nas representações do anel tetralógico relacionadas a atividades do processo apresentadas nas demais diretrizes delineadas.

**Figura 3 - Anel tetralógico do desenvolvimento de coleções**



Fonte: desenvolvida pela autora com base em Morin (1997).

Os princípios sistêmico-organizacional, hologramático e circuito recursivo estão presentes nesta diretriz de desenvolvimento de coleções, tendo em vista que é uma representação global desse processo, que depende da integração das suas partes para ser possível uma visão do processo como um todo conforme apresentada. Os elementos presentes no todo também influenciam e estão nas partes, assim como os elementos das partes influenciam o estão no todo, que retroage sobre elas. Da mesma forma, essa representação está comprometida com uma organização cujas coleções subsidiam atividades em diferentes domínios e em diferentes comunidades que integram a universidade. O princípio dialógico pode ser percebido quando elenca-se elementos antagônicos da ordem e da desordem em interações com a organização.

Tais princípios, juntamente com os princípios circuito retroativo, autonomia/dependência e de reintrodução do conhecimento em todo conhecimento, em aproximação com a análise de domínio, também estão presentes nesta diretriz, pois indicam que para desenvolver coleções levando em consideração as atividades da universidade em diferentes domínios e suas comunidades discursivas, recomenda-se considerar seus membros como indivíduos pertencentes a diferentes culturas, com necessidades de informação moldadas, como produtores e usuários da informação, com diferentes trajetórias, visões de mundo e entendimentos do que é informação. As subjetividades desses indivíduos contribuem para a constituição do domínio, no qual compartilham conhecimento e também são usuários de informação

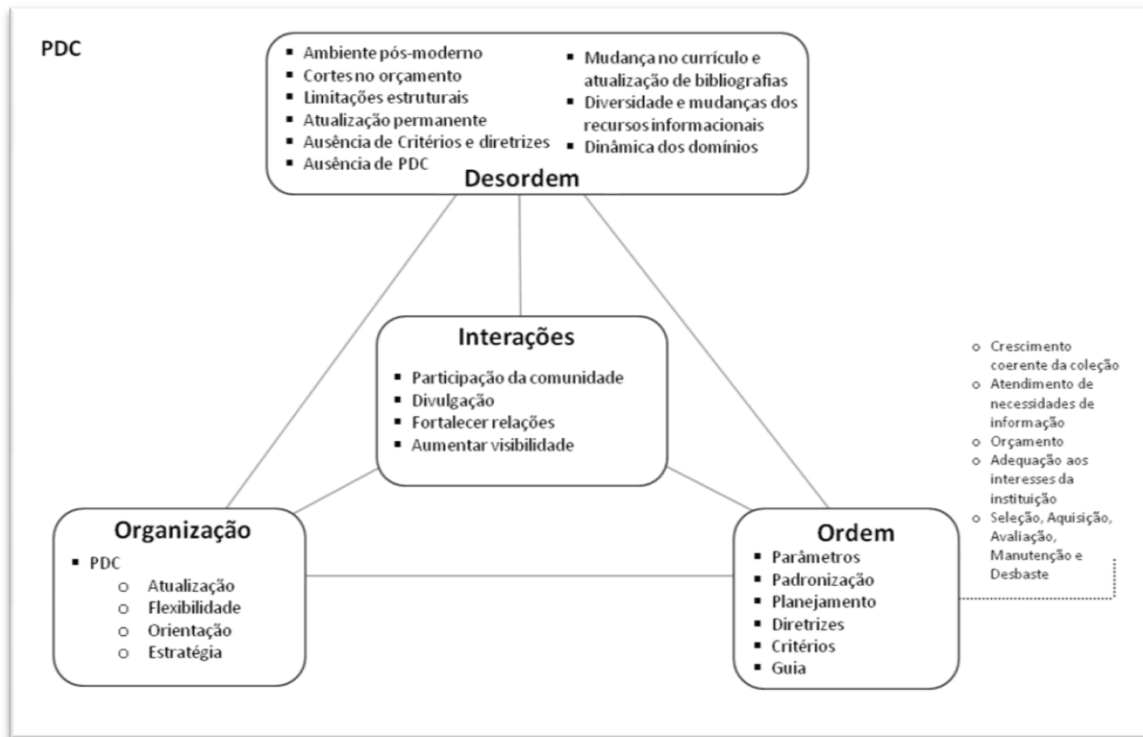
**Diretriz II - Recomenda-se que o desenvolvimento de coleções seja delineado por uma política de desenvolvimento de coleções flexível e por estratégias de auto-eco-organização.**

A política é um instrumento de planejamento para a formação de coleções que atendam às necessidades informacionais da comunidade acadêmica e aos objetivos institucionais; direcionando o crescimento da coleção e sua atualização permanente e o dimensionamento da distribuição de recursos financeiros. É o documento que aponta o caminho e explicita o que a biblioteca pretende em termos de coleção para colocar à disposição da comunidade acadêmica. As políticas de desenvolvimento de coleções das bibliotecas universitárias federais brasileiras são instrumento de planejamento, organização, orientação e acompanhamento para o desenvolvimento da coleção, com o

estabelecimento de diretrizes e procedimentos, definição de critérios e parâmetros relacionados aos interesses institucionais, prevendo atualização frequente e flexibilidade para acompanhar as transformações no ambiente acadêmico e social.

Como um elemento do planejamento das coleções, das ações e atividades relacionadas ao desenvolvimento de coleções, as políticas de desenvolvimento de coleções incorporam elementos da ordem ao estabelecerem parâmetros, padrões, diretrizes e critérios para o crescimento da coleção, atendimento às necessidades de informação, utilização do orçamento, adequação das coleções aos interesses da instituição e às atividades de ensino, pesquisa e extensão, considerando a preservação da memória científica e a expansão do conhecimento, e também para a condução da seleção, aquisição, avaliação, desbaste, preservação, divulgação e compartilhamento de recursos. Mas também se recomenda incluir delimitamentos para lidar com a desordem e conceber a organização. A desordem está presente na mudança nos currículos, implantação de cursos e atualização de bibliografias; mudanças nos registros do conhecimento; dinâmica e evolução dos domínios de conhecimento; a pluralidade das correntes teóricas e abordagens existentes e os paradigmas e pontos de vista conflitantes sobre diferentes tipos de fontes de informação; redução do orçamento ou sua inexistência; limitações de espaço físico; atualização permanente dos materiais disponíveis no mercado editorial, das coleções e das necessidades e demandas. As interações estão presentes via inter-relações, pela comunicação entre equipe da biblioteca e comunidade, e pela associação dos elementos da ordem e da desordem (Figura 4). Desse modo, a política fornecerá subsídios para a organização, indicará caminhos a serem seguidos preferencialmente, considerando a multidimensionalidade e a articulação de diferentes elementos e atividades, contudo recomenda-se que seja flexível para responder ao imponderável e às incertezas que rondam as instituições na atualidade.

Figura 4 - Anel tetralógico da Política de Desenvolvimento de Coleções



Fonte: desenvolvida pela autora com base em Morin (1997).



A expressão clara dos objetivos a serem seguidos e o alinhamento à missão e política da instituição, considerando as transformações no ambiente interno e externo, as recomendações e parâmetros do MEC e a interação com a comunidade a que atende constituem algumas das reflexões importantes para o delineamento de uma política de desenvolvimento de coleções. Essa política busca dar uma identidade para as coleções e guia a continuidade das ações do desenvolvimento de coleções, fornecem mecanismos para enfrentar mudanças no cenário e elencam alternativas para maximizar os seus efeitos positivos e minimizar os seus negativos. A política flexível não elimina a definição de objetivos e propósitos claros para o desenvolvimento de coleções, pois, para sobreviver em ambientes instáveis ou turbulentos como o cenário da pós-modernidade, o desenvolvimento de coleções será gerado por estratégias de auto-eco-organização. A auto-eco-organização de Morin (2005) expressa uma nova maneira de enxergar a indissociabilidade entre o sujeito e mundo e se refere à condição do sistema, concebido como uma organização viva, de poder transformar-se e se reorganizar sempre. O desenvolvimento de coleções nessa concepção entende que, embora o processo possua sua autonomia, com sua política, definições, procedimentos e critérios, também depende do ambiente externo para estabelecê-los, dessa maneira, coloca em cena os agentes (no caso os bibliotecários) e como sistema aberto propicia troca de energia e informação entre esses e o ambiente externo, e reage a ele para se alimentar e se regenerar. Tal concepção vai ao encontro da afirmação de Ray (2001), pois as bibliotecas no contexto da sociedade pós-moderna, para resguardar a sua sustentabilidade é indispensável que mantenham limites abertos e flexíveis para reagir rapidamente a um ambiente em constante mudança, e também tenham uma noção clara da missão, uma declaração de propósito, valores e esclarecimento do que a biblioteca faz bem e necessita continuar fazendo em ambientes diferentes; para suportar as forças externas poderosas que as fronteiras abertas propiciam.

Ainda nesse sentido, conceber o processo de desenvolvimento de coleções na perspectiva da auto-eco-organização requer uma preparação para o incerto, para o inesperado e para o imprevisível, nesse sentido, a estratégia permite utilizar a eventualidade em seu benefício e as informações são utilizadas, integradas e formuladas em esquemas de ação (MORIN, 2005). A flexibilidade das políticas propiciará que o desenvolvimento de coleções paute-se em estratégias, pois “a estratégia se fundamenta num exame das condições, a um só tempo,

determinadas, aleatórias e incertas, nas quais a ação vai entrar visando uma finalidade específica” (MORIN, 2005, p. 220). A ausência de flexibilidade e adaptabilidade leva à ação automática e à ausência de reflexão, funcionam como um programa com “ações predeterminadas que só pode se realizar num ambiente com poucas eventualidades ou desordens” (MORIN, 2005, p. 220), o que seria desintegrador e reducionista em um processo complexo como o desenvolvimento de coleções. Logo, as políticas como peças-chave para o planejamento (VERGUEIRO, 1989) são uma das formas pelas quais a biblioteca identifica os vários cenários possíveis e elenca decisões possíveis, considerando a imprevisibilidade do futuro e a incerteza como razão contínua do planejamento (JOHNSON, 2014).

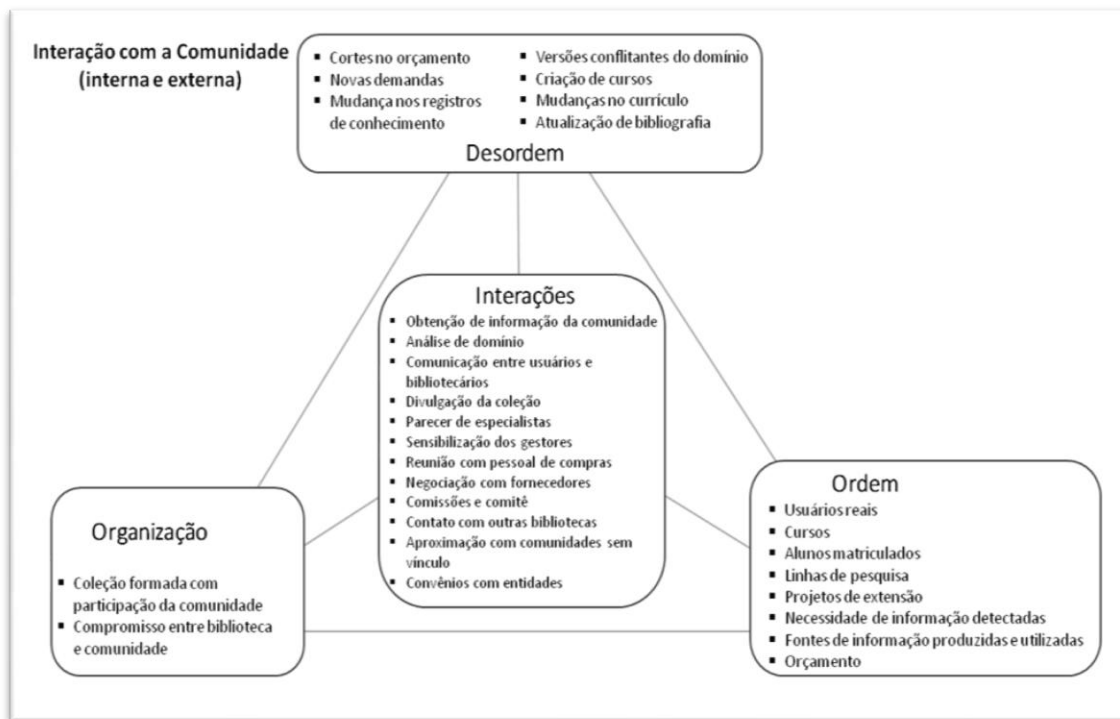
Nesta diretriz, os princípios sistêmico-organizacional, holográfico, circuito retroativo, recursivo, autonomia/dependência e dialógico estão presentes. As políticas de desenvolvimento de coleções respaldam a formação de coleções para subsidiar atividades das comunidades da universidade, nesse sentido, recomenda-se considerar os indivíduos como membros de uma comunidade discursiva (princípio holográfico), que contribui para a organização do domínio (princípio sistêmico-organizacional), com a qual compartilha conhecimento e obtém informação (princípio autonomia/dependência), e cujas necessidades de informação e critérios de relevância são moldadas na comunidade discursiva (princípio retroativo), na qual são usuários e produtores da informação (princípio recursivo). Da mesma forma, o princípio dialógico que desnuda elementos antagônicos e os coloca como participantes do processo da organização, na forma de ordem e desordem e entre as relações dialéticas entre as comunidades e seus membros. O reconhecimento da incerteza também está presente nessa diretriz, a flexibilidade da política vai ao encontro do entendimento que não há uma ordem permanente no conhecimento, os domínios mudam conforme suas fronteiras e relações se transformam. O princípio de autonomia/dependência, no entanto, é o que tem mais peso nesta diretriz evidenciado quando se mostra que a autonomia dos usuários da informação é inseparável da dependência do ambiente, das comunidades das quais extraem energia, informação e organização, tornando-os seres vivos auto-eco-organizadores conforme explanado detalhadamente acima.

**Diretriz III - Recomenda-se que o desenvolvimento de coleções leve em conta a comunidade universitária e a comunidade externa.**

Como visto, o desenvolvimento de coleções engloba grande número de elementos, que interagem dinamicamente entre si e com o meio (Figura 5), por isso o desenvolvimento de coleções não é uma atividade fechada em si mesma, a sua finalidade também resulta da interação com a comunidade universitária (docentes, alunos, pesquisadores, técnicos, gestores da universidade, departamento de compras e/ou licitações, bibliotecários de referência e do processo técnico,) e comunidade externa (mercado livreiro e editores, bibliotecas de outras instituições, entidades governamentais, comissões de avaliação de cursos e indivíduos sem vínculo formal com a instituição). É essa interação que possibilita a regeneração. A interação supõe condições de encontro. É a abertura que “garante uma relação simultaneamente energética, material, organizacional e existencial com o meio” (MORIN, 1997, p. 187).

A interação com a comunidade acadêmica ocorrerá em diferentes níveis, tanto formal como informalmente, seja pela obtenção de informações que sustenta os estudos da comunidade, pela comunicação entre usuários e profissionais para sugestão de materiais, divulgação da coleção e opinião sobre essa, como pela contribuição dos especialistas na tomada de decisão, sensibilização dos gestores e departamento de compras para obtenção de recursos e reuniões com pessoal envolvido com as licitações para aquisição de materiais.

**Figura 5 - Anel tetralógico da interação com a comunidade interna e externa**



Fonte: desenvolvida pela autora com base em Morin (1997).

Assim incluirá:

- a) criação de órgãos consultivos, como as Comissões ou Comitês compostos por bibliotecários, docentes, discentes, enfim, por membros de várias áreas da instituição;
- b) solicitação de parecer dos especialistas sobre questões mais específicas acerca de materiais a serem incluídos ou desbastados;
- c) disponibilização de canais de comunicação, como caixas de sugestões, contatos de *e-mails*, formulários eletrônicos para sugestão, opinião e avaliação, disponíveis nos sistemas de gerenciamento das bibliotecas;
- d) conversas com bibliotecários durante o atendimento e nos programas de capacitação;
- e) realização de reuniões abertas com alunos, docentes e bibliotecários;
- f) visitas aos centros de ensino, departamentos e cursos;
- g) atuação do bibliotecário diretamente com cursos de graduação e pós-graduação, grupos de pesquisa e outras instâncias institucionais nas quais a informação é produzida e utilizada;
- h) realização de estudos sobre a comunidade potencial com o emprego da análise de domínio;
- i) participação nas atividades de reformulação dos currículos, sensibilização para questões orçamentárias, divulgação das coleções e programas de *marketing*;
- j) contato e reuniões com gestores e com pessoal do departamento de compras e licitações.

A interação com a comunidade universitária busca a criação de conexões e desenvolve um envolvimento e um compromisso dessa com a biblioteca e vice-versa. A aproximação e compromisso das bibliotecas com a comunidade auxiliam no entendimento das condições de produção e uso da informação, das necessidades de informação e como as coleções podem contribuir para a aprendizagem e para as atividades da instituição.

Nesse sentido, a análise de domínio também pode contribuir para uma aproximação entre a biblioteca e as comunidades discursivas, com mais entendimento acerca da produção e uso da informação. O modelo de comunicação entre os canais de comunicação e usuários de conhecimento científico, o UNISIST, também pode contribuir para detectar a comunicação entre atores (produtores, intermediários e usuários do conhecimento), instituições (instituições de pesquisa, editores e bibliotecas) e serviços de informação (primários, secundários e terciários) em diferentes comunidades discursivas e, nesse sentido, respaldar ações para interação com tais comunidades.

A interação com a comunidade externa envolve a parceria com bibliotecas de outras instituições, as negociações com o mercado livreiro e editores, convênios com entidades para recebimento ou acesso a materiais, divulgação e programas para acesso às coleções e recebimento de doações de materiais da comunidade sem vínculo formal.

Portanto, diante dos desafios da sociedade pós-moderna, é vital para as bibliotecas concentrar-se na integração, abraçando diferentes atitudes; compreender que as principais características de uma organização são suas relações (internas e externas), sentido de comunidade, parcerias e colaborações; entender as organizações como processos complexos; e ter a aprendizagem como princípio organizador, aumentando a sua compreensão do caráter de conhecimento e aprendizagem, para identificar comportamentos, atitudes, ambientes, práticas e habilidades para maximizar o aprendizado, e assim se tornarem parceiras de pleno direito da missão educativa das suas instituições (RAY, 2001).

Nesta diretriz, os princípios sistêmico-organizacional, hologramático, circuito retroativo, recursivo, dialógico e autonomia/dependência estão presentes, quando se reconhece que o pesquisador individual é influenciado e moldado em comunidades discursivas, que existe integração entre o individual e o social, e igualmente entre o social e o individual, e que a informação produzida nos domínios influencia critérios de relevância e com isso a própria necessidade de informação, isto porque os membros dessa comunidade são ao mesmo tempo produtores e usuários de informação, conforme já frisado neste relatório. O princípio dialógico está presente no reconhecimento dos elementos anagônicos que fazem parte do processo e são moldados nele. O princípio autonomia/dependência indica que as bibliotecas estão em interação com o ambiente e o desenvolvimento de coleções

depende da troca de informações com a comunidade universitária e externa.

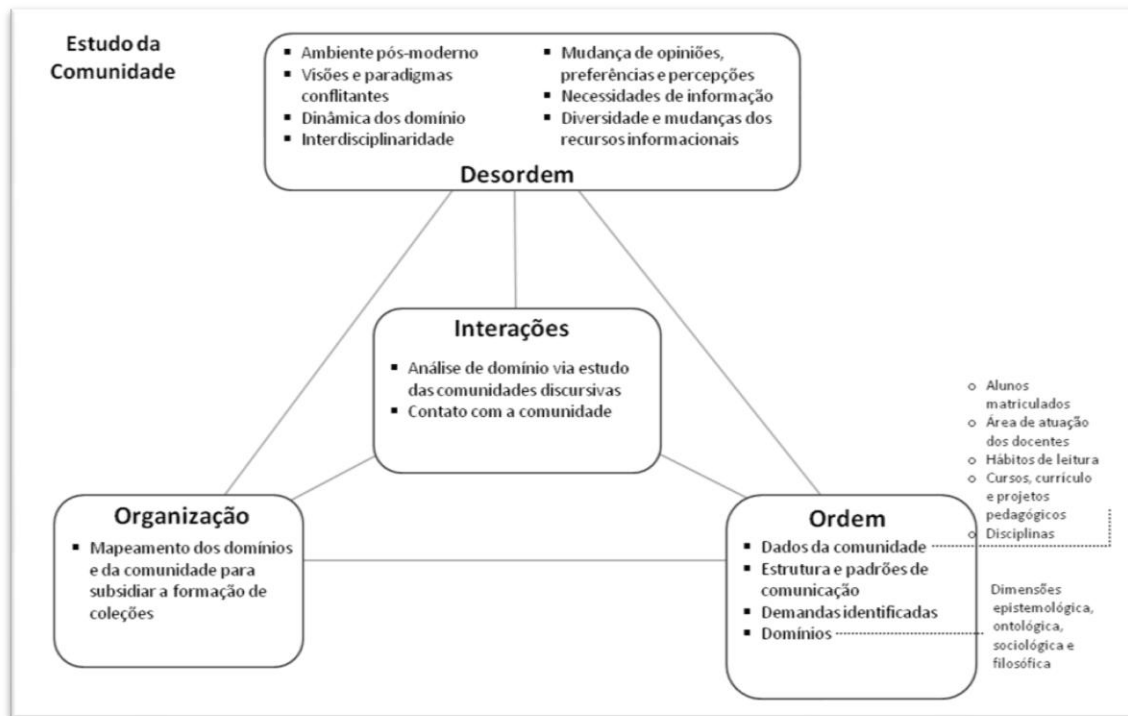
**Diretriz IV - Recomenda-se que o desenvolvimento de coleções leve em conta o levantamento de informações da comunidade acadêmica na perspectiva do paradigma social.**

O desenvolvimento de coleções está relacionado ao conhecimento da comunidade. Assim, além de buscar a interação com a comunidade, recomenda-se levantar informações mais apuradas sobre as suas práticas informacionais, desde a produção ao uso da informação.

Portanto, o levantamento de informações sobre a comunidade em uma perspectiva social pauta-se na ideia de é indispensável as bibliotecas, para desempenhar um papel ativo no processo pedagógico, ou, como afirmou Ray (2001), se organizarem em torno da aprendizagem e tornarem-se parceiras da missão educativa das suas instituições, seguir os conselhos de Shera (1973) e aumentar a sua compreensão do caráter de conhecimento e aprendizagem, buscando identificar comportamentos, atitudes, ambientes, práticas e habilidades para maximizar o aprendizado, reconhecendo o individual e o social ao olhar a produção, o fluxo, a integração e o consumo de todas as formas do pensamento comunicado por meio do tecido social (SHERA, 1973). Assim, se admite no indivíduo que produz e utiliza a informação a influência das dimensões sociais, históricas e culturais presentes.

O estudo e levantamento de informações sobre a comunidade universitária consideram elementos de ordem e desordem. Os dados dos relatórios gerenciais, os planos de ensino e bibliografias, número de alunos matriculados e distribuição por cursos, docentes e áreas de atuação, hábitos de leitura, sugestões enviadas pelos usuários que podem indicar demandas explícitas, indicam ordem. As percepções, preferências e opiniões, assim como as visões e paradigmas conflitantes no domínio indicam desordem. A interação entre a ordem e a desordem, bem como o contato com a comunidade e a entrevista de referência, associados com o levantamento de informação da comunidade acadêmica em uma perspectiva do paradigma social, com o emprego da análise de domínio, são subsídios para a formação de coleções que atendam às necessidades de informação (Figura 6).

**Figura 6 - Anel tetralógico do estudo da comunidade**



Fonte: desenvolvida pela autora com base em Morin (1997).



Por isso, como proposto nessa diretriz, considerar a perspectiva social, mais especificamente a abordagem da análise de domínio, para o levantamento de informações sobre a comunidade visando ao desenvolvimento de coleções, denota estudar as necessidades de informação, preferências, critérios de relevância e uso da informação em domínios via comunidades discursivas, reconhecendo que o conhecimento é formado por meio de relações dialéticas entre a comunidade e seus membros (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995).

O levantamento de informações prevê formas para o mapeamento das fontes de informação úteis aos diferentes domínios de conhecimento, obras clássicas e de referência, diferentes tipologias de documentos, conceitos, paradigmas, metodologias, terminologia empregada, entre outros. Para tal, as abordagens mencionadas por Hjørland (2002a), já explicitadas nesta tese, apontam caminhos. Em síntese:

- a) a produção de guias ou portais de assuntos permite levantar a literatura, considerando suas funções e tipologia, e selecionar os recursos mais pertinentes ao domínio;
- b) os conceitos centrais do domínio e suas relações semânticas podem ser evidenciadas com a produção de tesouros e classificações especializados;
- c) as relações reais entre documentos individuais e a interdisciplinaridade são vistas com a realização de estudos bibliométricos baseados em análise de citação, e também são úteis para verificar o uso real dos documentos com base na análise de citações;
- d) o estudo da história do domínio é útil ao entendimento de documentos, organizações, sistemas, conhecimento e informação;
- e) os tipos de documentos variam em cada domínio e os estudos de documentos e gêneros também auxiliam na fundamentação da formação de coleções;
- f) necessidades de informação podem ser detectadas com o emprego de estudos empíricos de usuários;

- g) a constituição do domínio (teorias, paradigmas, abordagens, metodologias e técnicas) pode ser elucidada com os estudos epistemológicos e críticos;
- h) os termos e assuntos predominantes podem ser detectados com estudos sobre indexação e recuperação da informação;
- i) a terminologia empregada no domínio e as diferenças nas nomenclaturas são detectadas com os estudos terminológicos e de linguagem para objetivo específico;
- j) a divisão de trabalho e a troca de informação nos domínios, estudadas por meio das estruturas e instituições na comunidade científica, também fornecem informações sobre as funções e tipos específicos de documentos.

Com base no emprego de algumas das abordagens citadas, as informações utilizadas em cada domínio serão mapeadas. O estudo da comunidade orientado pelo paradigma social, mais especificamente pela análise de domínio, permite ao bibliotecário desenvolver conhecimentos específicos dos assuntos, disciplinas, cursos de graduação e pós-graduação que enriquecem e se somam aos dados das bibliografias de cursos e indicações de docentes, habitualmente utilizados para respaldar a sua atuação e subsidiar atividades como seleção e avaliação de coleções, visando não depender integralmente dos especialistas do assunto, mas manter a parceria para lidar com questões mais apuradas do desenvolvimento de coleções.

Nessa diretriz, estão presentes os princípios autonomia/dependência, circuito recursivo, sistêmico-organizacional, hologramático e dialógico que, aproximados da análise de domínio, indicam que os membros das comunidades discursivas tanto utilizam informações produzidas no próprio domínio, como obtêm informação e conhecimento de outros domínios, o que demonstra demandas interdisciplinares e multidisciplinares. Dessa forma, com o emprego da análise de domínio voltado para o estudo da produção e uso da informação em domínios do conhecimento, associado com a concepção presente no pensamento complexo de que o conhecimento das partes e o conhecimento do todo devem ser ligados, as diferenças entre os domínios poderão ser comparadas e associadas, além de se reconhecer elementos antagônicos de

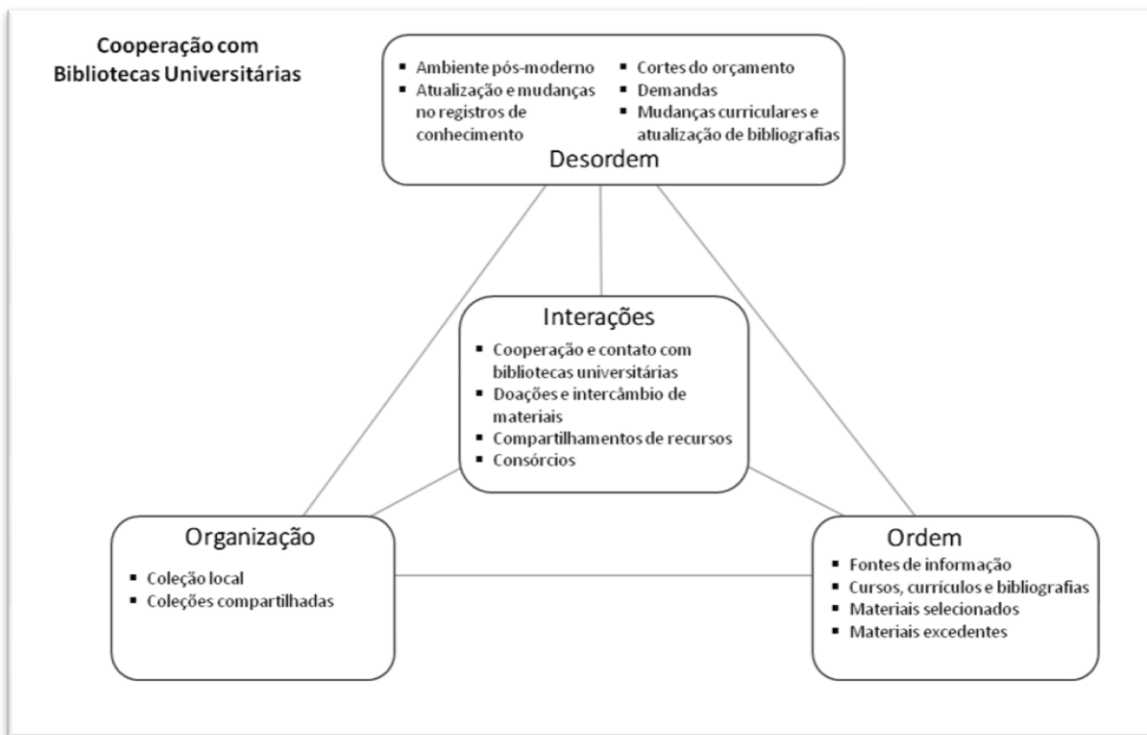
ordem e desordem como inerentes ao processo, possibilitando às bibliotecas universitárias formarem coleções para atender demandas inter e multidisciplinares.

**Diretriz V - Recomenda-se que o desenvolvimento de coleções busque apoio e cooperação com outras bibliotecas universitárias.**

A interação com o meio é fundamental ao desenvolvimento de coleções, e não se resume, como visto, à comunidade acadêmica, também abrange a interação com outras bibliotecas universitárias para apoio e cooperação, principalmente em tempos de dificuldades financeiras e considerando que as bibliotecas universitárias federais são financiadas pela mesma fonte (Figura 7), o que resulta em possibilidade de maximizar o uso dos recursos de informação disponíveis.

As bibliotecas poderão ser vistas como entidades multi-institucionais que se apoiam e cooperam. Entre as formas encontradas para apoio e cooperação nas bibliotecas de universidades federais, destacam-se as doações de materiais excedentes feitos entre as bibliotecas e o intercâmbio de publicações editadas pelas universidades. Outras formas possíveis são os consórcios para aquisição de recursos, principalmente bases de dados e coleções de livros eletrônicos, que podem gerar negociações frutíferas com os fornecedores devido à união das bibliotecas; os projetos cooperativos para desenvolvimento de coleções que atendam um conjunto de bibliotecas e seus usuários ou ainda para manutenção e preservação de materiais.

As ações para cooperação entre as bibliotecas universitárias poderão respaldar-se no levantamento de informações obtido com o estudo da comunidade, via análise de domínio em aproximação com a teoria da complexidade, para levantar em quais domínios a instituição atua, quais são as necessidades de informação similares, que informações produzidas pelas comunidades discursivas em uma instituição podem ser utilizadas em outras instituições.

**Figura 7 - Anel tetralógico da cooperação com bibliotecas**

Fonte: desenvolvida pela autora com base em Morin (1997).

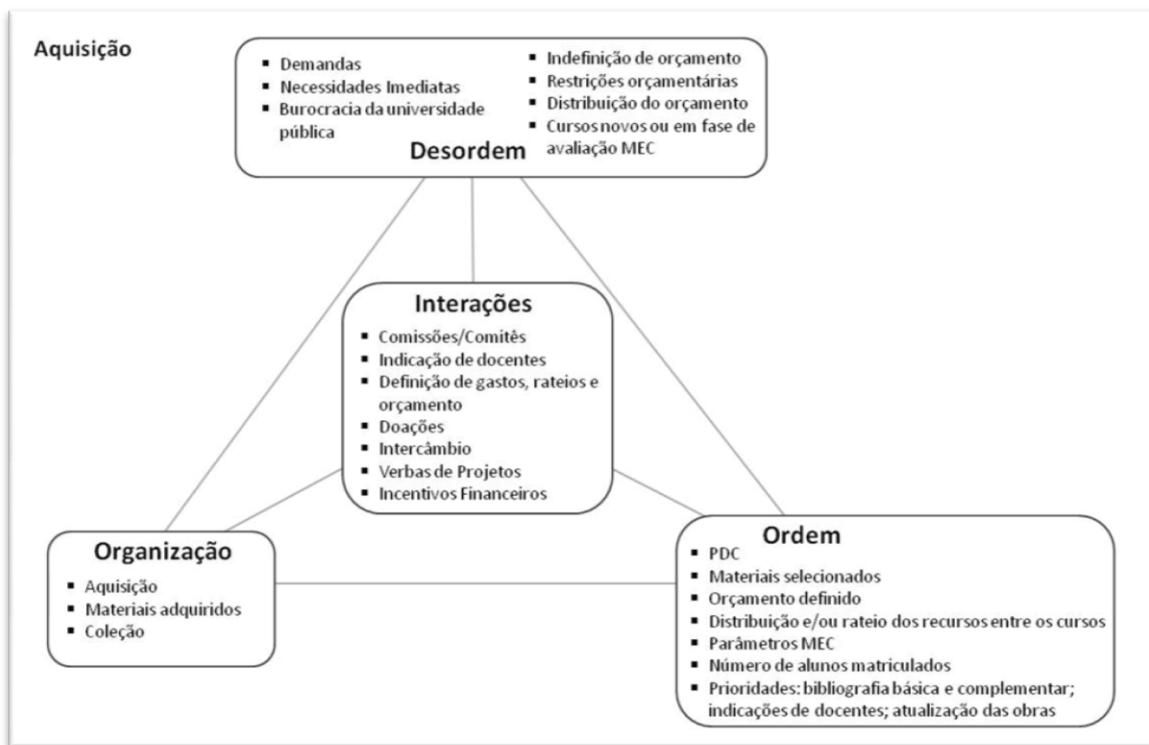
O apoio e a cooperação poderão considerar os dados levantados com a análise de domínio e ir além da troca de materiais de informação e da aquisição em conjunto, as bibliotecas universitárias também podem compartilhar os dados obtidos com a realização da análise de domínio entre aquelas instituições com áreas de atuação e currículos similares, para mapeamentos de áreas de conhecimento.

Nesta diretriz, está presente o princípio de reintrodução do conhecimento em todo o conhecimento, visto que a colaboração incita a reelaboração de uma coleção com base em outras coleções formadas com outra visão sociocultural. Igualmente, o princípio dialógico quando coloca em evidência, a interação da ordem e da desordem no processo de organização.

**Diretriz VI - Recomenda-se que o desenvolvimento de coleções conte com formas alternativas de se obter recursos financeiros e com procedimentos para o uso desses com eficiência.**

A aquisição dos materiais nas bibliotecas universitárias federais também lida com a ordem e a desordem. A definição de um orçamento, distribuição de verbas estabelecidas, os materiais selecionados, prioridades para aquisição e critérios estabelecidos na PDC denotam ordem, ao mesmo tempo em que as questões burocráticas, corte no orçamento, novas demandas oriundas de novos cursos ou atualização de bibliografia trazem desordem à aquisição de materiais e implicam que as bibliotecas busquem formas alternativas para a obtenção de recursos financeiros ou procedimentos para o uso desses com eficiência (Figura 8).

Figura 8 - Anel tetralógico da aquisição de materiais informacionais



Fonte: desenvolvida pela autora com base em Morin (1997).

No âmbito da instituição, a sensibilização dos gestores e dos docentes pode ser um caminho para obtenção de mais recursos, buscando o aumento do orçamento destinado à aquisição de materiais ou à obtenção de recursos via projetos com os docentes. Outra possibilidade é a definição de comissões ou grupos de trabalho para estudo e definição de procedimentos para a distribuição mais adequada dos recursos, com o estabelecimento de prioridades ou definição de cotas para gastos por área do conhecimento, cursos, unidade acadêmica ou outra divisão identificada pela instituição, considerando a escassez e cobertura de materiais nas esferas atendidas, o número de alunos matriculados, o custo médio dos materiais e outras variáveis necessárias para o rateio de recursos. Como visto na diretriz anterior, a criação de redes de colaboração, compartilhamento de recursos e consórcios também contribui para o uso eficiente dos recursos.

Os programas de aquisição dirigidos pela demanda ou pelos usuários despontam como um meio rentável para a formação das coleções, visto que materiais são comprados apenas quando solicitados ou acessados pelos usuários. A aquisição de materiais via tais programas pauta-se em questões imediatas para uso da informação e considerado um meio para otimizar os recursos financeiros, já que serão adquiridos materiais com maior possibilidades de uso.

Em um ambiente em evolução com novos formatos de materiais de informação requeridos, com dilemas entre possuir ou acessar os materiais, principalmente quando se referem ao meio eletrônico, colocam em pauta a assinatura de coleções de livros eletrônicos ou bases de dados como uma alternativa à manutenção de materiais atualizados nas bibliotecas. Dessa maneira, o desenvolvimento de coleções contará com diversas formas para adquirir os materiais, cuja decisão será baseada no uso adequado dos recursos financeiros, atendimento à comunidade acadêmica em suas variadas necessidades e a formação de coleções abrangentes e diversificadas, e associadas e complementares à aquisição por compra, doação ou intercâmbio de materiais selecionados com critérios fundamentados e considerando os domínios de conhecimento.

Nesta diretriz, o princípio dialógico está presente nos elementos antagônicos de ordem e desordem colocados em evidência. O princípio autonomia/dependência também está presente, pois embora as bibliotecas dependem de outras instâncias para a obtenção de recursos.

**Diretriz VII - Recomenda-se que o desenvolvimento de coleções abranja a diversidade de fontes de informação, seja quanto à abordagem, ao formato e à idade dos recursos informacionais.**

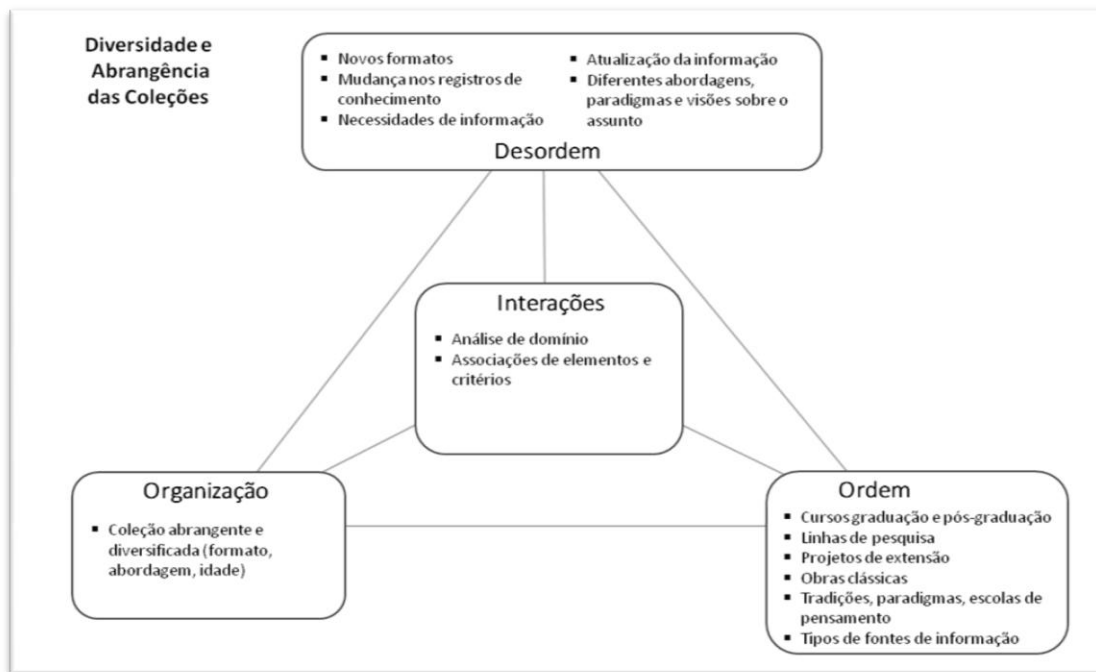
Devido ao cenário informacional em constante transformação, com a evolução dos registros do conhecimento, a emergência de novos formatos e suportes para apresentação da informação, além das diferentes abordagens sobre um assunto, o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias considerará tal diversidade. Recomenda-se que contrapor transformações (desordem) e tradições (ordem) para que sejam formadas coleções abrangentes e diversificadas (Figura 9).

As coleções são formadas para atender às necessidades informacionais, dar suporte informacional às atividades realizadas na instituição e garantir as condições necessárias de aprendizagem para a comunidade acadêmica, para tal servem as necessidades curriculares, de leitura e outras que tragam novas experiências aos usuários. Materiais em diferentes formatos são considerados pelo conteúdo e informação disponibilizada, as versões eletrônicas ampliam as possibilidades de acesso sem limitações espaciais e temporais, por isso as coleções contemplarão diversos tipos de materiais em seus mais variados formatos.

Nessa perspectiva, a análise de domínio contribuirá com o entendimento do que é informação e seu significado em cada comunidade discursiva, visto que diferentes objetos podem ser informativos de acordo com o trabalho desempenhado na sociedade (SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003). A idade dos recursos de informação também variará nos domínios, alguns requerem informação atualizada, de ponta, enquanto que outros requerem informações que se perpetuam no tempo, não envelhecem nem se tornam obsoletas. Dessa maneira, recomenda-se que a coleção seja formada considerando as informações relevantes para cada domínio, a constituição de memória científica da humanidade e as necessidades de informação dos usuários; privilegiem dessa forma a pluralidade de abordagens e correntes teóricas, as obras clássicas tanto quanto as *úteis* e a variedade de formatos de fontes de informação.



**Figura 9 - Anel tetralógico da abrangência e diversidade das coleções**



Fonte: desenvolvida pela autora com base em Morin (1997).

O desenvolvimento de coleções também considerará a pluralidade de ideias e visões de mundo. Sabe-se que em um domínio estão presentes diferentes paradigmas, tradições ou escolas, e as generalizações são problemáticas, principalmente nas bibliotecas que buscam ampliar o leque de possibilidades de informação dos usuários. Por isso, as coleções contarão com materiais com diferentes abordagens sobre um tema ou assunto. A análise de domínio também possibilita desvelar os diferentes pontos de vista ou vozes no domínio, assim como identificar e recuperar o que possa ser significativo para a comunidade acadêmica, considerando que diferentes teorias e paradigmas implicam em diferentes critérios para o que é considerado relevante. Dessa maneira, em aproximação com a teoria da complexidade, compreende os princípios dialógico, reintrodução do conhecimento em todo conhecimento, circuito retroativo e circuito recursivo. O princípio dialógico também está presente quando se levanta elementos antagônicos de ordem e desordem como elementos importantes para a organização.

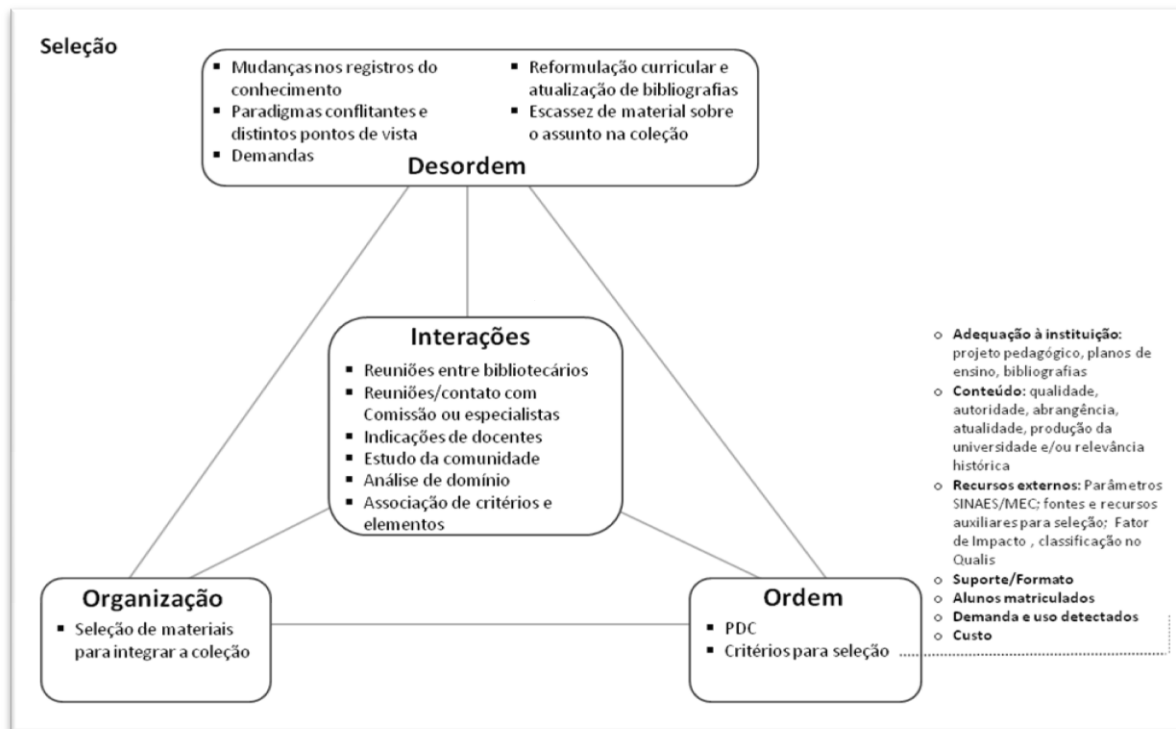
Em consonância com o proposto pela presente diretriz, o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias englobará diferentes tipos de materiais, tanto no suporte impresso como eletrônico; coleções especiais, com obras raras, produção local e/ou institucional; novos recursos necessários às atividades institucionais e curriculares, à aprendizagem e à autonomia dos usuários. Em síntese, as coleções considerarão todos os recursos identificados para atender às necessidades e, nesse sentido, as tendências apontam para materiais especiais e únicos, produção científica institucional e materiais em versão eletrônica.

**Diretriz VIII - Recomenda-se que, no desenvolvimento de coleções, a seleção seja fundamentada na associação de diferentes elementos e critérios.**

A seleção baseada no princípio dialógico buscará a contraposição e associação de critérios estabelecidos e de outros elementos relacionados ao desenvolvimento de coleções. Logo, também associará a ordem e a desordem presentes no desenvolvimento de coleções. Os critérios estabelecidos denotam ordem, uma tentativa de padronização, visam criar uma linha geral de consistência, para garantir uma identidade às coleções, abrangem adequação às atividades da instituição, conteúdo das fontes de informação (qualidade, abrangência, autoridade, atualidade, relevância histórica), demanda detectada, custos,

usuários potenciais e atendimento a parâmetros externos, como os estabelecidos pelo SINAES. Além de associados entre si, os critérios serão associados a outros elementos que denotam desordem, como a atualização e diversificação das fontes de informação, a escassez de material sobre o assunto na coleção, reformulações curriculares e atualização de bibliografias dos cursos, demanda e uso não previstos, paradigmas conflitantes e distintos pontos de vista em um domínio do conhecimento. A associação de critérios e elementos pode contar com a interação entre bibliotecários e especialistas no assunto, Comissões ou Comitês. Tal associação pode incluir as indicações dos docentes e as informações sobre a comunidade, obtidas também com a análise de domínio. As inter-relações como a associação de elementos e a comunicação com os especialistas possibilitam a organização para realização da seleção que leve à formação de coleções representativas dos campos de conhecimento e que atendam às necessidades de informação da comunidade (Figura 10).

Figura 10 - Anel tetralógico da seleção de materiais informacionais



Fonte: desenvolvida pela autora com base em Morin (1997).

O princípio dialógico denota a busca pela contraposição de critérios que em um primeiro momento podem parecer antagônicos e distintos, recomenda-se que a seleção seja resultado de uma associação de critérios, dados e demandas. Isso não implica em trabalhar somente com o consenso, pelo contrário, denota a necessidade de considerar a inseparabilidade das coisas e as noções contraditórias, buscando aproximar concepções antagônicas e considerar que os domínios são dinâmicos, assim “como o conhecimento se desenvolve e evolui, a visão de estruturas do mundo e das relações entre diferentes conceitos mudam simbioticamente” (HJØRLAND; HARTEL, 2003). Também está presente o princípio dialógico quando se identificam elementos antagônicos de ordem e desordem inerentes a organização.

Recomenda-se que a seleção considere que apesar da tendência de buscar a visão predominante refletida nos currículos e nas prioridades dos programas de pesquisa, na seleção de fontes de informação para os usuários seja considerado que os paradigmas se desenvolvem e se modificam, e as prioridades são formalizadas ou alteradas (HJØRLAND, 2002). Portanto, à luz da análise de domínio e do pensamento complexo, essa diretriz indica que a seleção buscará o metaponto de vista que relativiza a contradição, associa e torna complementares as diferentes visões teóricas presentes no domínio e, assim, se amplia o horizonte informacional dos usuários.

**Diretriz IX - Recomenda-se que, no desenvolvimento de coleções, a avaliação oriente-se por uma visão multidimensional.**

Considerando a complexidade inerente ao desenvolvimento de coleções e aos seus elementos, à ampla gama de recursos de informação e aos dinâmicos ambientes de atuação das bibliotecas acadêmicas, a avaliação da coleção adotará uma visão multidimensional, com a combinação de ampla gama de dados qualitativos e quantitativos e integração de diferentes critérios baseados tanto na coleção, na demanda, nos usuários e atividades institucionais, associados ao conhecimento específico obtido com a análise de domínio e a experiência dos bibliotecários.

Os critérios voltados para a coleção, tais como tamanho, crescimento, variedade e cobertura dos materiais, parâmetros do MEC, serão associados a critérios voltados ao uso e usuário, que mostram os materiais utilizados, quem os utiliza e com qual frequência, e quais materiais os usuários precisam e que a

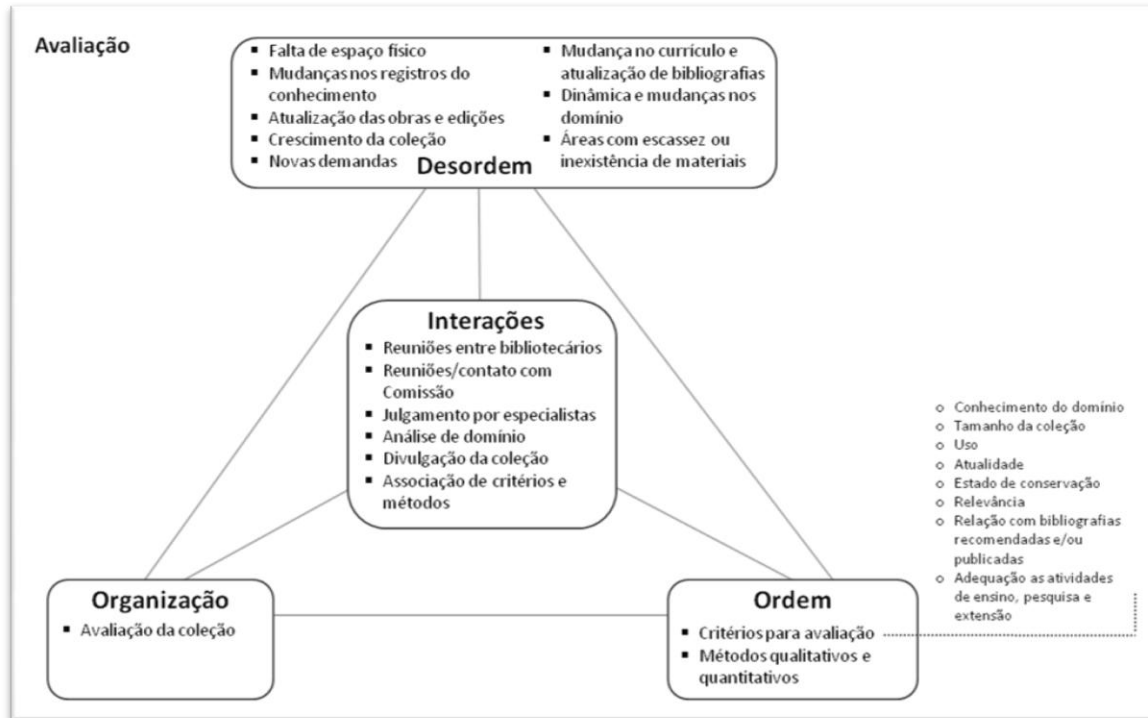
biblioteca não disponibiliza, tais como os dados de circulação coletados por meio do sistema de gerenciamento da biblioteca, solicitações de empréstimo entre bibliotecas, estudos da disponibilidade do material, inclusive de bibliografias de curso, teste de entrega de materiais, estudos de citações, bem como estudos das percepções e necessidades da comunidade.

A combinação de critérios busca a complexidade, visando superar uma visão reducionista predominante nas bibliotecas universitárias com a avaliação de coleções pelo uso, visando à otimização de espaço físico. Pois, como destacaram Borin e Yi (2008), é imprescindível que na avaliação de coleções sejam consideradas várias perspectivas, uma vez que o ambiente social da informação está mudando rapidamente, tornando-se mais complexo e mais diversificado, as coleções estão em fase de transição e as necessidades dos usuários, mudando constantemente.

Ademais, a avaliação lidará com a ordem e a desordem (Figura 11). A ordem, expressa nos critérios estabelecidos voltados para tamanho da coleção, relação com bibliografias de cursos e/ou publicadas, relevância, atualidade, demanda e uso detectados, estado de conservação, autoria e idioma, é associada com a desordem vista pela dinâmica e mudanças nos domínios, atualização das obras e edições, crescimento da coleção e áreas com escassez de materiais, mudanças nos currículos e atualização das bibliografias dos cursos, novas demandas e falta de espaço físico. Além da interação com essa associação, a avaliação conta com o conhecimento obtido com o estudo dos domínios, com julgamento dos especialistas e parecer da Comissão para assuntos de coleção, quando essa existe. Nessa perspectiva, a avaliação resulta da organização desses elementos.

Esta diretriz, busca atender a multidimensionalidade que é um ponto de aproximação entre a análise de domínio e a teoria da complexidade, como visto na seção 5.1 deste relatório de pesquisa. Também está presente o princípio dialógico, com a associação de elementos e critérios antagônicos para a avaliação das coleções.

Figura 11 - Anel tetralógico da avaliação de coleções



Fonte: desenvolvido pela autora com base em Morin (1997).

**Diretriz X - Recomenda-se que, no desenvolvimento de coleções, a seleção, a avaliação e o desbaste sejam orientados pelo paradigma social via análise de domínio e pela manutenção da identidade da biblioteca.**

Em consonância com o levantamento de informações da comunidade acadêmica, as demais atividades do desenvolvimento de coleções serão orientadas pelo paradigma social. Desse modo, a visão que respalda a seleção, a avaliação e o desbaste irá além dos objetos informacionais transmitidos do emissor ao receptor (paradigma físico) ou do sujeito individual com seus modelos mentais (paradigma cognitivo), e reconhecerá a interação entre o usuário individual e o ambiente social, compreenderá os usuários que produzem e utilizam a informação como parte de diferentes culturas, estruturas sociais e domínios de conhecimento (paradigma social).

Entende-se que orientar a seleção, avaliação e desbaste pelo paradigma social, mais especificamente pela análise de domínio, salienta a concepção da coleção quanto à organização do conhecimento, considerando as necessidades e demandas de informação consoante o conhecimento produzido no domínio, o conhecimento existente sobre o assunto e disponível nos sistemas de conhecimento.

Desse modo, a definição de critérios para seleção, avaliação e desbaste com base no domínio relaciona-se à produção e uso da informação pelas comunidades discursivas. Assim, a seleção buscará associar o atendimento às atividades institucionais com o estudo dos domínios do conhecimento. A avaliação da coleção requer informações acerca da coleção já existente, dos usuários e da comunidade à qual atende e suas necessidades de informação, da disponibilidade de materiais informacionais, dos campos do conhecimento e suas características. Portanto, o emprego da análise de domínio para obter conhecimento específico pretende trazer novos princípios para a avaliação, de modo que se observe o domínio, mais especificamente a produção e uso do conhecimento. O desbaste orientado pela análise de domínio possibilitará uma visão mais apurada e evitará a eliminação de materiais tendo em vista opiniões individuais e isoladas dos usuários, possibilitando a preservação das informações essenciais ao domínio e, sempre visando a preservação da memória científica. Assim, permitirá a manutenção das coleções considerando o papel cultural da biblioteca universitária e sua concepção como um espaço que colaborará no processo de memória científica da humanidade, a

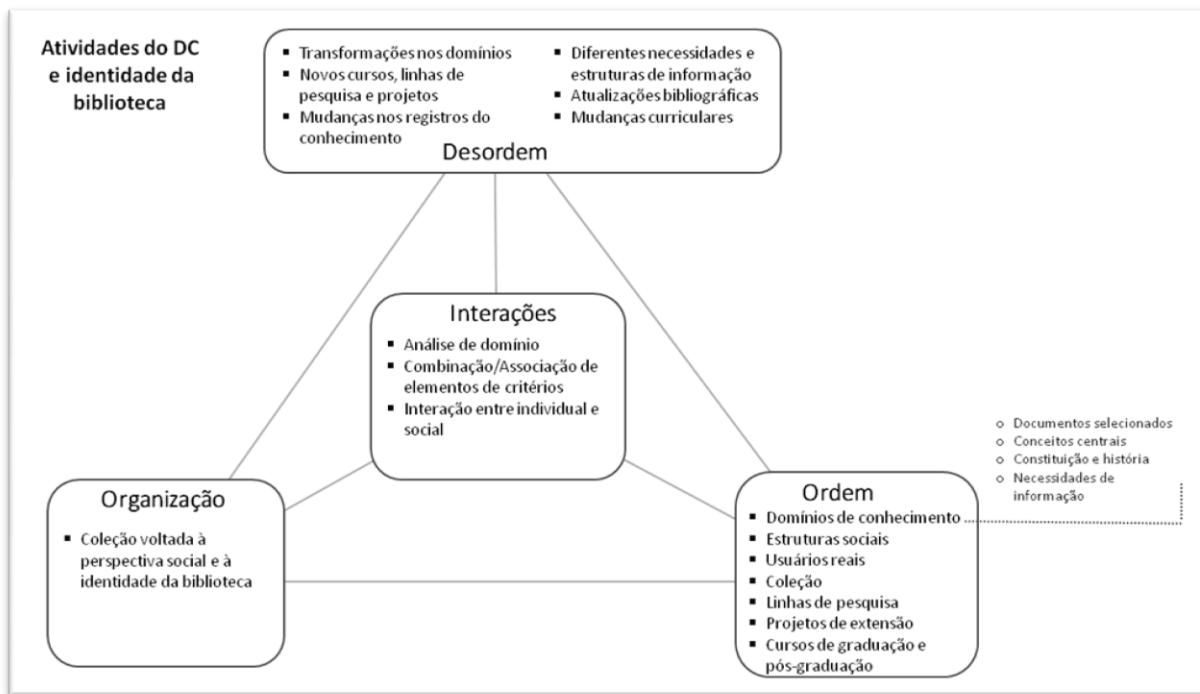


pertinência às atividades da instituição, o valor histórico dos materiais e a possibilidade de atendimento a outras bibliotecas (empréstimo entre bibliotecas, serviço de comutação bibliográfica), contribuindo para a preservação do conhecimento relevante para as comunidades discursivas (Figura 12).

A identidade da biblioteca será perfilada pelas atividades da universidade, logo, se for uma instituição dedicada ao ensino, pesquisa e extensão, a biblioteca terá que subsidiar todas essas atividades e não somente o ensino, como comumente acontece, será uma biblioteca de pesquisa, visto que o ideal a ser perseguido é a visão da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, orientar as atividades para a formação de coleções pelo paradigma social implica em estudar as comunidades discursivas e reconhecer que as coleções das bibliotecas universitárias visam atender usuários com atuações distintas nesse tipo de organização social e nos domínios de conhecimento e que buscam informação para subsidiar tais atividades, que numa visão ideal deveriam ser moldadas pela pesquisa.

A presente diretriz indica que as atividades de seleção, avaliação e desbaste irão considerar o papel ativo dos sujeitos, mas como inseridos em domínios de conhecimento, assim, entenderá que as necessidades e estruturas de informação são moldadas em comunidades discursivas. Dessa forma, as abordagens elencadas por Hjørland (2002a) contribuem para identificar as visões conflitantes, informações valiosas em cada domínio para o todo, informação produzida e utilizada no domínio e, também, tipos de documentos relevantes, conceitos centrais, constituição e história do domínio, necessidades de informação, documentos desenvolvidos e utilizados pelas comunidades discursivas (cursos de graduação e pós-graduação, grupos de pesquisa) e, se recorrem a outros domínios para obtenção de informações.

**Figura 12 - Anel tetralógico das atividades do desenvolvimento de coleções e manutenção da identidade da biblioteca**



Fonte: desenvolvido pela autora com base em Morin (1997).

Nesta diretriz, estão presentes vários princípios que foram aproximados quando realizada a analogia entre a Teoria da Complexidade e análise de domínio, como por exemplo: princípio sistêmico organizacional (seleção com base na ligação do conhecimento das partes ao conhecimento do todo; o indivíduo considerado como membro de comunidades discursivas); princípio hologramático (quando se reconhece que o todo está nas partes e as partes no todo; a ligação entre as estruturas do domínio e conhecimento individual e a interação entre o individual com o social); princípio circuito recursivo (quando se reconhece que os usuários são produtores e ao mesmo tempo consumidores de informação); princípio autonomia/dependência (a autonomia dos usuários é inseparável da dependência do ambiente, do fato de serem membros de uma comunidade discursiva; princípio dialógico (quando todos os elementos antagônicos do processo são levados em consideração); e princípio de reintrodução do conhecimento em todo conhecimento (quando se admite que todo conhecimento é uma reelaboração ou tradução humana e dessa forma depende de um produtor e de coleções disponíveis para que isso possa ser processado). O princípio dialógico também está presente quando são elencados elementos de ordem e desordem nas interações que envolvem a organização.

As diretrizes expostas têm a pretensão de incitar à reflexão, como já explicitado, mobilizar o pensamento sobre novas formas de olhar o processo de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. Assim, não pretendem dar conta de todas as especificidades do desenvolvimento de coleções, mas apontar alguns caminhos que despertem nos profissionais o reconhecimento da complexidade do processo, permeado de incertezas e mobilizado pela interação entre ordem e desordem. Também se espera que, por intermédio do paradigma social, o usuário passe a ser visto como integrante de uma comunidade discursiva.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações ocorridas na sociedade e o novo cenário considerado pós-moderno vêm gerando desafios para as universidades, uma das instituições geradoras do saber. A condição pós-moderna denota a valorização do saber técnico e científico, alterações em decorrência do incremento das tecnologias, das transformações na transmissão do conhecimento e na força econômica desse. Na era contemporânea, a pluralidade, a transitoriedade e a aprendizagem ao longo da vida colocam novos dilemas para as bibliotecas e para o desenvolvimento de suas coleções, de modo a assumirem papel ativo no ambiente universitário, sendo desafiadas a conciliar diferentes visões de mundo e paradigmas, a novidade e o tradicional, para apoiar e participar das atividades de ensino, pesquisa e extensão, e atuar como centro de saber e lugares de memória.

Com base no exposto, a presente pesquisa buscou propor diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias inspiradas na Teoria da Complexidade e na análise de domínio. Para tal, norteou-se pela questão: *Com base na Teoria da Complexidade e na análise de domínio é possível traçar diretrizes para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias de forma a enfrentar os desafios da pós-modernidade?* A Teoria da Complexidade inspirou pensar o desenvolvimento de coleções considerando várias dimensões, contrapondo e associando noções e elementos antagônicos, buscando associar ordem e desordem, considerando a coexistência dessas, para conceber a organização de diretrizes orientadas pelo anel tetralógico da Complexidade. A análise de domínio respaldou pensar o desenvolvimento de coleções pela perspectiva do paradigma social, buscando conceber o desenvolvimento das coleções em conexão com os indivíduos pertencentes a comunidades discursivas, compreendendo que as necessidades de informação dos indivíduos são associadas ao conhecimento produzido e utilizado no domínio e à organização do conhecimento, e também que tais indivíduos são influenciados por fatores culturais e sociais. A Teoria da Complexidade, contraposta e associada à análise de domínio, foi eleita como fundamento teórico-metodológico desta pesquisa, permitindo olhar o objeto pesquisado, para decifrá-lo e compreendê-lo. A análise de domínio possibilitou a aproximação, desta pesquisa, com as abordagens do Paradigma Social da Ciência da Informação.

Pelo prisma da Teoria da Complexidade foram delineadas quatro dimensões de análise, relacionadas com os objetivos específicos: epistemológica, do pensamento registrado, pensamento institucionalizado e pensamento vigente. A dimensão epistemológica, construída com as aproximações e complementaridades entre a Teoria da Complexidade e a análise de domínio, foi associada às demais dimensões, cujos resultados obtidos indicaram que o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias está sendo pensado considerando:

- a) os diferentes elementos, tais como as necessidades de informação da comunidade atendida; o apoio às atividades da instituição, com primazia do ensino; as mudanças nos registros do conhecimento, com a incorporação de novas formas e suportes para a apresentação da informação;
- b) as restrições orçamentárias, que afetam diretamente a aquisição de materiais e impulsionam as bibliotecas a buscarem formas alternativas para tal, como doações, intercâmbio e compartilhamento de recursos e aquisição de materiais somente quando solicitados;
- c) a seleção balizada predominantemente pela demanda explicitada pelas indicações dos docentes e bibliografias de curso, também considera o conteúdo dos documentos e informações sobre o assunto, com o emprego ferramentas e instrumentos de apoio;
- d) a rapidez e o imediatismo para atender às necessidades de informação, com a implantação de programas de aquisição sob demanda ou orientados pelo usuário, suprimindo a seleção realizada pelo bibliotecário ancorado em critérios consistentes;
- e) as preferências, práticas de leitura e percepções da comunidade acerca dos recursos informacionais;
- f) a participação da comunidade acadêmica, além da explicitação das necessidades de informação, com o envolvimento na elaboração da política de desenvolvimento e na formação das coleções;
- g) a elaboração da política de desenvolvimento de coleções flexível relacionada à missão da instituição, à cultura organizacional e a uma visão mais ampla do ambiente;
- h) a política de desenvolvimento de coleções como instrumento de planejamento das coleções, orientação das atividades para a garantia da manutenção da identidade da coleção e divulgação da mesma;

- i) a avaliação das coleções orientada pela associação de diferentes critérios, métodos e elementos, buscando a multidimensionalidade;
- j) a ampliação da concepção de coleção com a incorporação e acesso a materiais para diferentes usos acadêmicos, inclusive com digitalização de conteúdos, criação de repositórios institucionais e portais de periódicos de acesso aberto, destaque para coleções especiais, produção científica institucional e curadoria de dados de pesquisa, além de materiais em formatos eletrônicos;
- k) a divulgação da coleção e ampliação da sua visibilidade;
- l) a manutenção da coleção com base no papel cultural da biblioteca e sua identidade, pertinência das coleções às atividades da instituição, valor histórico e possibilidade de atendimento a outras bibliotecas.

A partir dos resultados mencionados, foram delineadas diretrizes para conduzir a reflexão acerca de expectativas e aspectos intervenientes ao processo estudado. Tais diretrizes também representadas em anéis tetralógicos foram pensadas por intermédio das interações existentes entre ordem, desordem e organização, nos moldes de Morin (1997). Buscaram trazer contribuições sobre como pensar o desenvolvimento de coleções, considerando o cenário pós-moderno no qual as universidades estão inseridas. Dessa maneira, englobam a ideia de que o desenvolvimento de coleções é um processo complexo que comporta inúmeros elementos e recomenda-se que seja delineado por políticas flexíveis e por estratégias de auto-eco-organização; leve em conta a comunidade universitária e a comunidade externa; baseie-se em levantamento de informações sobre a comunidade universitária na perspectiva do paradigma social; busque apoio e cooperação com bibliotecas de outras universidades; conte com formas alternativas para a obtenção de recursos financeiros e procedimentos para seu emprego eficiente; considere a diversidade de fontes de informação; fundamente o processo de seleção na associação de diferentes elementos, critérios e visão macro; conte com avaliação orientada por uma visão multidimensional; e oriente a seleção, a avaliação, o desbaste e a preservação da coleção pelo paradigma social e para a manutenção da identidade da biblioteca.

Portanto, espera-se que o pensar sobre as diretrizes para o desenvolvimento de coleções desta pesquisa baseado no anel tetralógico de Morin e na análise de domínio possa ter contribuído

para o desnudamento de questões que envolvem esse processo em bibliotecas universitárias, com base na interação de elementos provenientes da ordem/desordem/organização, procurou mostrar que as coleções podem refletir a identidade dessas bibliotecas, reforçar o seu papel como instituições do saber e como participantes ativas no processo de aprendizagem nas universidades e que, ainda, podem corresponder aos anseios da comunidade e ao mesmo tempo preservar a herança cultural e científica da humanidade.

Para finalizar, é preciso explicar que olhar o desenvolvimento de coleções à luz da Teoria da Complexidade não foi tarefa simples e fácil, apesar de ser evidente que essa perspectiva permeava naturalmente todo o objeto de estudo e o próprio processo de pesquisa o tempo inteiro. A escolha da análise de domínio para aproximar a abordagem da Ciência da Informação, em função de sua subjetividade, também foi um desafio. As multidimensionalidades analisadas como estratégias da pesquisa foram restritas a quatro, por conta da exigência científica de se fazer um recorte, o que impôs a necessidade de se fazer escolhas dentre as muitas possibilidades existentes. Os resultados da pesquisa levam a crer que foram escolhas frutíferas, embora se reconheça que outras opções poderiam fornecer os elementos necessários ao desenvolvimento desta pesquisa. É preciso lembrar que a Complexidade, no sentido de Morin, como resultado de análise não pode ser confundida com completude, como conhecimento alimenta-se do incerto e do indizível e como referencial teórico-metodológico não tem receita pronta a ser seguida. Nesse sentido, foi uma janela conceitual, uma lente cultural, que ajudou a perceber, interpretar e compreender o processo de desenvolvimento de coleções da forma como foi apresentado neste relatório de pesquisa.



## REFERÊNCIAS

ACHUGAR, H.. **La biblioteca en ruinas**: reflexiones culturales desde la periferia. Montevideo: Trilce, 1994.

ADEYOMOYE, J. I. An assessment of the impact of Nigerian Book Foundation (NBF) on the development of library collections in private university libraries in South-West geo-political zone of Nigeria. **Library Philosophy and Practice**, n. 4, p. 1-10, Abr. 2011. Disponível em: <<http://go.galegroup.com.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?id=GALE%7CA256863798&v=2.1&u=capes&it=r&p=AONE&sw=w&asid=640f27bcec7a9f2810b118cfaaae12d7>> . Acesso em: 09 maio 2015.

ALMEIDA, M. da C. de. **Ciências da complexidade e educação**: razão apaixonada e politização do pensamento. Natal: EDUFRN, 2012.

ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

ANDRADE, D; VERGUEIRO, W. Collection development in academic libraries: a brazilian library's experience. **New Library World**, v. 97, n. 1128, p. 15-24, 1996.

ANZOLIN, H. H.; CORRÊA, R. L. T. Biblioteca universitária como mediadora na produção de conhecimento. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 8, n. 25, p. 801-817, set./dez. 2008. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/.../000855805.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2014.

APPROVAL... ©2016. Disponível em: <[http://www.library.illinois.edu/acq/approval\\_plans/](http://www.library.illinois.edu/acq/approval_plans/)>. Acesso em: 15 mar. 2016.

BARBOSA, W. do V. Tempos pós-modernos. In: LYORTARD, J.-F.. **A condição pós-moderna**. 8.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BATTLES, M. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BAUMAN, Z. Desafios educacionais da modernidade líquida. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 148, p. 41-58, jan./mar. 2002.

BAUMAN, Z. Desafios pedagógicos e modernidade líquida: entrevista sobre a educação. realizada por Alba Orcheddu. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.39, n.137, p. 661-684, 2009.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEHR, M.; HILL, R. Mining e-reserves data for collection assessment: an analysis of how instructors use library collections to support distance learners. **Journal of Library & Information Services in Distance Learning**, v. 6, n. 3-4, p. 159–179, 2012.

BEILLEROT, J. **A sociedade pedagógica**. Porto: Rés, 1985.

BERNHEIM, C. T.; CHAÚÍ, M. de S. **Desafios da universidade na sociedade do conhecimento**: cinco anos depois da conferência mundial sobre educação superior. Brasília: UNESCO, 2008.

BERTALANFFY, L. **Perspectiva en la teoría general de los sistemas**. Madrid: Alianza, 1979.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOOTH, H. A.; O'BRIEN, K. Demand-driven cooperative collection development: three case studies from the USA. **Interlending & Document Supply**, v. 39, n. 3, p. 148 – 155, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/02641611111164636>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

BORGES, J. L. A biblioteca de Babel. In: \_\_\_\_\_. **Ficções**. Rio de Janeiro: Globo, 1999.

BORIN, J.; YI, H. Assessing an academic library collection through capacity and usage indicators: testing a multi-dimensional model. **Collection Building**, v. 30, n. 3, p. 120–125, 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951111146956>>. Acesso em: 1 jun. 2015.

BORIN, J.; YI, H. Indicators for collection evaluation: a new dimensional framework. **Collection Building**, v. 27, n. 4, p. 136-43, 2008. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/01604950810913698>>. Acesso em: 1 jun. 2015.

BOUDEWYNS, D. K.; KLUG, S. L. Collection development strategies for community engagement. **Collection Management**, v. 39, p. 145–160, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01462679.2014.890994>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

BRASIL . Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Diretoria de Avaliação da Educação Superior. **Instrumento de avaliação de cursos de graduação presencial e a distância**. Brasília: MEC, 2015. Disponível em:<<http://www.inep.gov.br/instrumentos/manuais>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm)>. Acesso em: 15 out. 2015.

BRASIL. Ministério de Educação. **E-MEC**. ©2015. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento II**: da enciclopédia à wikipédia. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão dos sistemas vivos. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 5, 2003. **Anais...** Belo Horizonte : UFMG, 2003. p.1-15.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, 2007.

CARNEIRO LEÃO, E. O livro da linguagem. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n.142, p.7-13, 2000.

CARVALHO, I. C. L. **A socialização do conhecimento no espaço das bibliotecas universitárias**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2004.

CASTRO, C. A. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre o Nome da Rosa. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. esp., p.1-20, 2006

CHAPUTULA, A. H. Collection development practices in private university libraries in Malawi: the case of University of Livingstonia and Adventist University Libraries. **Library Management**, v. 35, n. 3, p. 150–163, 2014.

Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/LM-06-2013-0050>>. Acesso em: 02 jun. 2015

CHAPUTULA, A. H.; KANYUNDO, A. J. Collection development policy: how its absence has affected collection development practices at Mzuzu University Library. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 46, n. 4, p. 317–325, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1177/0961000614531005>>. Acesso em: 02 jun. 2015

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

CLIFFORD, J. Colecionando arte e cultura. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 69-89, 1994.

CONNOR, S. **Cultura pós-moderna: introdução as teorias do contemporâneo**. São Paulo: Loyola, 1993.

COSTA, L. de F. M. da; SOUZA, E. G. de; LUCENA, I.C.R. de. Complexidade e pesquisa qualitativa: questões de método. **Revista do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**, Campo Grande, v.8, p.1-22, 2015.

COSTELLO, B. K. Does book subject influence format preference? survey results from a sample of graduate business school students, staff, and faculty. **Journal of Business & Finance Librarianship**, v. 19, p.319–332, 2014. Disponível em: <<<http://dx.doi.org/10.1080/08963568.2014.946375>>>. Acesso em: 9 set. 2016.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ, C. H. de B. Pesquisa e universidade. In: STEINER, J. E.; MALNIC, G. (Org.). **Ensino superior: conceito e dinâmica**. São Paulo: USP, 2006. p. 30-45.

CUNHA, M. B. da. A biblioteca universitária na encruzilhada. **DataGramZero: revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.11, n.6, dez. 2010.

CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

D'AGORD, M. A negação lógica e a lógica do sujeito. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 241-258, jul/dez 2006. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/agora/v9n2/a06v9n2.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

DANIELSON, R. A dual approach to assessing collection development and acquisitions for academic libraries. **Library Collections, Acquisition and Technical Services**, v. 36, n.3-4, p. 84–96, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1016/j.lcats.2012.09.002>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

DARNTON, R. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

DAVIS, K. Shared patron-driven acquisition within a consortium: the OCLC PDA Pilot. **Serials Review**, v. 38, p. 183–187, 2012.

DELORS, J. et al. **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

DEMPSEY, L.; MALPAS, C.; LAVOIE, B. Collection directions: the evolution of library collections and collecting. **Portal: Libraries and the Academy**, v. 14, n.3, p. 393–423, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1353/pla.2014.0013>>. Acesso em: 10 jun. 2015

DERRIDA, J. O livro por vir. In: \_\_\_\_\_. **Papel-máquina**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004. p. 19-34.

DETMERING, R.; SPROLES, C. Reference in transition: a case study in reference collection development. **Collection Building**, v. 31, n. 1, p. 19–22, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211199146>>. Acesso em: 10 jun. 2015

DI BIASE, F. Sistemas auto-organizadores físicos, biológicos, sociais e empresariais. **International Journal of Knowledge Engineering and Management**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p.123-146, mar./maio, 2013. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/IJKEM/article/viewFile/2142/2474>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

DIERS, B.; SIMPSON, S. At your leisure: establishing a popular reading collection. **Evidence Based Library and Information Practice**, v. 7, n. 2, p. 49-66, 2012.

DOUGLAS, C. S. Revising a collection development policy in a rapidly changing environment. **Journal of Electronic Resources in Medical Libraries**, v.8, n.1, p. 15–21, 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1080/15424065.2011.551487>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

DOWNEY, K. et al. A comparative study of print book and dda ebook acquisition and use. **Technical Services Quarterly**, v. 31, p. 139–160, 2014.

DUNCAN, C. J.; O'GARA, G. M. Building holistic and agile collection development and assessment. **Performance Measurement and Metrics**, v. 16, n. 1, p. 62 – 85, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/PMM-12-2014-0041>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ECO, U. Muito além da internet: palestra na Biblioteca de Alexandria, no Egito. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 dez. 2003. Caderno Mais. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1412200304.htm>>. Acesso em: 15 set. 2015.

ECO, U. Todos os livros que não lemos. In: ECO, U. CARRIÈRE, J-C. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro, Record, 2010.

EVANS, E. G. **Developing library collections**. Littleton, Libraries Unlimited, 1979.

FERRIS, K.; BUCK, T. H. An ethos of access: how a small academic library transformed its collection-building processes. **Collection Management**, v. 39, n. 2-3, p. 127-144, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01462679.2014.900732>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

FIGUEIREDO, N. de M. **Desenvolvimento e avaliação de coleções**. Rio de Janeiro: Rabiskus, 1993.

FINQUELIEVICH, S.; PRINCE, A. Las universidades en la sociedad de la información y el conocimiento. **Razón y Palabra**, n. 54, dic. 2006/ene. 2007.

FISCHER, S. R. **História da leitura**. São Paulo. Ed. Unesp, 2006.

FLICK, I. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUGHT, R. L.; GAHN, P.; MILLS, Y. Promoting the library through the collection development policy: a case study. **Journal of Electronic Resources in Medical Libraries**, v. 11, n. 4, p. 169–178, 2014.

FRANCELIN, M. M. Espaços de significação. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 6, n.1, p. 75-91, abr. 2012.

FUTAS, E. **Collection development policies and procedures**. 3th. ed. Phoenix: Oryx Press, 1995.

GADOTTI, M. Conclusão: desafios da Educação pós-moderna. In: \_\_\_\_\_. **Histórias das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIRI, R.; SEM, B.K.; MAHESH, G. Collection development in indian academic libraries: an empirical approach to determine the number of copies for acquisition. **Journal of Library & Information Technology**, v. 35, n. 3, p. 184-192, may 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14429/djlit.35.3.7806>>. Acesso em: 9 set. 2016.

GÓMEZ HERNÁNDEZ, J. A. **Gestión de bibliotecas: bibliotecas especializadas y científicas**. Murcia: DM, 2002. Disponível em: <<http://www.um.es/gtiweb/jgomez/bibesp/intranet/211especializadas2002.pdf>>; Acesso em: 08 maio 2016.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. A universidade e a "sociedade da informação" **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.9, n.1, p.225-242, jul./dez. 2011. Disponível em: <[http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu\\_rci/index](http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu_rci/index)>. Acesso em: 01 nov. 2014.

GRGIC, I. H. Gifts in Croatian public and academic libraries. **Collection Building**, v. 30, n. 4, p. 167–171, 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951111181137>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultura**. São Paulo: Loyola, 1993.

HAZEN, D. Rethinking research library collections: a policy framework for straitened times, and beyond. **Library Resources & Technical Services**, v. 54, n. 2, p. 115-121, Apr. 2010. Disponível em: <<https://journals.ala.org/lrts/article/view/5107/6197>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

HERZOG, S. Collection development challenges for the 21st century academic librarian. **The Acquisitions Librarian**, v. 16, n. 31-32, p. 149-162, 2004. Disponível em: <[http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1300/J101v16n31\\_14](http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1300/J101v16n31_14)>. Acesso em: 2 maio 2015.

HJØRLAND, B. Arguments for philosophical realism in library and information science. **Library Trends**, v. 52, n. 3, p. 488-506, Dec. 2004a.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information science eleven approaches traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v. 58, n. 4, p. 442-462, jul. 2002a.

HJØRLAND, B. Domain analysis: a socio-cognitive orientation for Information Science research. **Bulletin of the American Society for Information Science and Technology**, v. 30, n.3, Feb./Mar. 2004b.  
Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Feb-04/HJØRLAND.html>>.  
Acesso em: 15 jun. 2013.

HJØRLAND, B. Epistemology and the sócio-cognitive perspective in Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 53, n. 4, p. 257-270, 2002b.

HJØRLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge Organization**, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.

HJØRLAND, B. Information: objective or subjective/situational? **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v.58, n.10, p.1448-1456, Aug. 2007.

HJØRLAND, B. Library and information science: practice, theory, and philosophical basis. **Information Processing and Management**, v. 36, p. 501-531, 2000.

HJØRLAND, B. Theory and metatheory of information science: a new interpretation. **Journal of Documentation**, v. 54, n. 5, p. 606–621, Dec. 1998.

HJØRLAND, B. What is knowledge organization? **Knowlegde Organization**, v. 35, n. 2-3, p. 86-101, 2008.

HJØRLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.

HJØRLAND, B; HARTEL, J. Afterword: ontological, epistemological and sociological dimensions of domains. **Knowledge Organization**, v. 30, p. 3/4, p. 239-245, 2003.

HORAVA, T. Challenges and possibilities for collection management in a digital age. **Library Resources & Technical Services**, v. 54, n. 3, p. 142–



152, 2010. Disponível em: <<http://doi.org/10.5860/Irts.54n3.142>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

HUSSAIN, A.; ABALKHAIL, M. Determinants of library use, collections and services among the students of engineering: a case study of King Saud University. **Collection Building**, v. 32, n.3, 100–110, 2013. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/CB-07-2012-0033>>. Acesso em 02 jun. 2015.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Guidelines for a collection development policy using the conspectus model**. 2001. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/acquisition-collection-development/publications/gcdp-es.pdf> >. Acesso em: 20 dez. 2014.

JACOB, C. Prefácio. In: BARATIN, M.; JACOB, C.. (Org.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008a. p. 9-17.

JACOB, C.. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, M.; JACOB, C.. (Org.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008b. p. 45-73.

JENCKS, C. **What is post-modernism?** 3.ed. Londres: Academy Editions, 1989.

JINDAL, S.; PANT, A. Availability of e-books in science: case study of University of Delhi. **The Electronic Library**, v.31, p. 313–328, 2013. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/EL-12-2010-0159>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

JOHNSON, A. M.; FINLEY, S.; SPROLES, C. Dismantling the reference collection. **The Reference Librarian**, v. 56, p. 161-173, 2015. Disponível em: <<http://doi.org/1080/02763877.2014.994192>>. Acesso em: 12 set. 2016.

JOHNSON, P. **Fundamentals of collection development & management**. 3rd ed. Chicago: ALA, 2014.

KACHALUBA, S. B.; BRADY, J. E.; CRITTEN, J. Developing humanities collections in the digital age: exploring humanities faculty engagement with electronic and print resources. **College & Research Libraries**, v. 75, n. 1, p. 91-108, Jan. 2014.

KASALU, S.; OJIAMBO, J. B. Application of ICTs in collection development in private university libraries in Kenya. **Collection Building**, v. 31, n.1, p. 23–31, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211199155>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

KELLY, M. Applying the tiers of assessment: a holistic and systematic approach to assessing library collections. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 40, p. 585–591, 2014. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0099133314001803>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

KERR, E. S. **Ketib**: um processo de representação de informações para textos complexos. 96 f. 2003. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência da Computação)- Instituto de Computação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000311557>>. Acesso em: 2 fev. 2015.

KETTERMAN, Elizabeth; HOOVER, Jeanne; CABLE, Kathy. Creating a shared neuroscience collection development policy. **Journal of Electronic Resources in Medical Libraries**, v. 9, n. 3, p. 197–203, 2012. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15424065.2012.707076>>. Acesso em: 12 maio 2016.

KIEFT, R. H.; PAYNE, L. Collective collection, collective action. **Collection Management**, v. 37, n. 3-4, p. 137-152, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01462679.2012.685411>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

KOHN, K. C. Usage-based collection evaluation with a curricular focus. **College & Research Libraries**, v. 74, n. 1, p. 85-97, Jan. 2013. Disponível em: <<http://cr.l.acrl.org/content/74/1/85.full.pdf+html>>. Acesso: 15 jan. 2015.

KUHN, T. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

KUMAR, K. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LADWIG, J. P.; MILLER, T. D. Are first-circulation patterns for monographs in the humanities different from the sciences? **Library Collections, Acquisitions, and Technical Services**, v. 37, n. 3–4, p. 77–84, 2013.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LANNON, A.; MCKINNON, D. Business e-books: what can be learned from vendor supplied statistics? **Journal of Business & Finance Librarianship**, v. 18, p. 89–99, 2013.

LATOURE, B. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, M.; JACOB, C. (Org.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006. p. 21-44.

LAWSON, K., KING, C., & MATAVA, T. Interdisciplinarity on campus: how the publishing world is responding. **Collection Building**, v. 31, n. 1, p. 4–10, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211199119>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

LEMKE, A. B. Gabriel Naude and the ideal library. **Syracuse University Library Associates Courier**, v. 26, n. 1, p. 27-44, Spring 1991. Disponível em: <<http://surface.syr.edu/libassoc/280>> . Acesso em: 17 fev. 2015.

LEVINE-CLARK, M. Access to everything: building the future academic library collection. **Portal: Libraries and the Academy**, v. 14, n. 3, p. 425–437, 2014.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo, Ed. 34, 1999.

LEWIS, D. W. From stacks to the Web: the transformation of academic library collecting. **College and Research Libraries**, v. 74, n. 2, p. 159–176, 2013. Disponível em: <<http://doi.org/10.5860/crl-309>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

LIMA, P. G. **Tendências paradigmáticas na pesquisa educacional**. Artur Nogueira: Amil, 2003.

LINK, F. E. Are we there yet? An analysis of e-book equivalent coverage in highly-circulated titles at the College of New Jersey library. **Collection Building**, v. 31, n. 4, p. 132-135, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/01604951211274034>>. Acesso em: 01 fev. 2015.

LITTLE, G. Collection development in library and information science at ARL libraries. **Collection Building**, v. 30, n. 3, p. 135–139, 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951111146983>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

LYOTARD, J.-F. **A condição pós-moderna**. 8.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MANGRUM, S.; POZZEBON, M. E. Use of collection development policies in electronic resource management. **Collection Building**, v. 31, n. 3, p. 108–114. 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211243506>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

MANGUEL, A.. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARSHALL, D. H. Digital collection development for unique users: a veterinary medicine library's approach. **Interlending & Document Supply**, v. 42, n. 4, p. 171–175, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/ILDS-09-2014-0041>>. Acesso em 02 jun. 2015

MARTINS, W. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 2002.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

MENDONÇA, A. W. P.C. A universidade no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.14, p. 131-150, maio/ago. 2000.

MICHALAK, S. C. This changes everything: transforming the academic library. **Journal of Library Administration**, v. 52, p. 411–423, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01930826.2012.700801>> . Acesso em: 10 set. 2016.

MILANESI, L. **Ordenar para desordenar**: centros de cultura e bibliotecas públicas. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MILLER, A.; HARDER, K. J. Integration of Library Impact Statements into the Curricular Review Process. **Journal of Library Administration**, v. 54, p.543–561, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01930826.2014.964016>>. Acesso em: 08 set. 2016

MIRANDA, A. C. C. de. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 1-19, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/367>>. Acesso em: 04 maio 2015.

MOREIRA, M. E. R. Biblioteca: de fronteiras, saberes e livros. **Língua e Literatura**, São Paulo, v. 30, p. 177-193, 2012.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, E. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. da (Org.). **Para navegar no século XXI**: tecnologias do imaginário e cibercultura. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003a. p. 13-36.

MORIN, E. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 2002a.

MORIN, E. Entrevista. In: IDÉIAS contemporâneas: entrevistas do Le Monde. São Paulo: Ática, 1989.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, E. **Meus demônios**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.

MORIN, E. **O método 1**: a natureza da natureza. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1997.

MORIN, E. **O método 2**: a vida da vida. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MORIN, E. **O método 3**: o conhecimento do conhecimento. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2003b.

MORIN, E.; CIURANA, E.-R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez, 2003.

MORRIS, E. B. Building a collection in electronic music: considerations and sources. **Music Reference Services Quarterly**, v. 15, n. 1, p. 34–40, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1080/10588167.2012.647588>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

MORRIS, S. E.; CURRIE, L. Remember me? content development in a user-centered services library. **Collection Management**, v. 39, n. 2-3, p. 96-109, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01462679.2014.891493>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

MURGUIA, E. I. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. esp.. 1, p. 87-104, sem. 2009.

NABE, J.; FOWLER, D. C. Leaving the big deal: consequences and next steps. **The Serials Librarian**, v. 62, n. 1-4, p. 59-72, 2012. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0361526X.2012.652524>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

NASCIMENTO, D. M.; MARTELETO, R. M. A “informação construída” nos meandros dos conceitos da Teoria Social de Pierre Bordieu. **DataGramZero**: revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.5, n.5, out. 2004. Disponível em: <[www.datagramazero.org.br](http://www.datagramazero.org.br)>. Acesso em: 11 mar. 2013.

NAUDÉ, G.. **Advis pour dresser une bibliothèque**: présenté à Monseigneur le Président de Mesmes. Paris: Chez François Targa, 1627. Disponível em: <<http://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/48749-advis-pour-dresser-une-bibliotheque-par-gabriel-naude.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

NEZ, E. de; SILVA, R. T. dos P. O futuro da universidade na sociedade do conhecimento: que universidade e para quem? In: SIMPOSIO: PENSAR LA UNIVERSIDAD EN SUS CONTEXTOS, PERSPECTIVAS EVALUTIVAS, Concepción del Uruguay, 2010. **Anais eletrônicos...** Concepción del Uruguay: UNER, 2010. Disponível em: <<https://fcecoordinacioneducacion.files.wordpress.com/2012/02/00211.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n.1, p. 82-93, 2004.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Triom, 2001.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, E. S.; SANTOS, A. E. A inutilidade dos lugares de memória: a “Biblioteca Verde” de Carlos Drummond de Andrade. **Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 96, p. 1- 7, maio 2009. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/096/96oliveira-santos.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

ONTARIO COUNCIL OF UNIVERSITY LIBRARIES. **About**. ©2014. Disponível em: <<http://ocul.on.ca/>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

PADERES, A. M.; RODRIGUES, R. de B.; GIUSTI, S. R. Teoria da complexidade: percursos e desafios para a pesquisa em educação. **Revista de Educação**, Campinas, v. 8, n.8, p. 1-13, 2005. Disponível em: <sites.muliweb.ufsm.br/.../ pesquisa%20metodo%20complexidade.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2015.

PEDERSEN, W. A.; ARCAND, J.; FORBIS, M. The big deal, interlibrary loan, and building the user-centered journal collection: a case study. **Serials Review**, v. 40, n. 4, p. 242-250, 2014.

PEDRÃO, G. B.; MURGUIA, E. I. Formação das bibliotecas: uma abordagem desde a perspectiva do colecionismo. **Em Questão**: revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p.396-415, jul./dez. 2013.

PEOPLES, B.; TILLEY, C. Podcasts as an emerging information resource. **College & Undergraduate Libraries**, v. 18, p.44-57, 2011.

PEREIRA, E. M. de A. Pós-modernidade: desafios à universidade. In: \_\_\_\_\_ et al. (Org.). **Escola e universidade na pós-modernidade**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2000. p.163-200.

PERRET, R. Wanted dead or alive? Western genre items in the 21st century United States library. **Library Collections, Acquisition and Technical Services**, v. 36, n. 1-2, p. 39-52, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1016/j.lcats.2012.03.003>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

PICKETT, C. et al. Revisiting an abandoned practice: the death and resurrection of collection development policies. **Collection Management**, v. 36, n. 3, p. 165-181, 2011.

POGREBINSCHI, T. Será o neopragmatismo pragmatista? Interpelando Richard Rorty. **Novos estudos**: CEBRAP, São Paulo , n. 74, p. 125-138, mar. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002006000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000100008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06 jan. 2017.

POMIAN, K. *Historia cultural, história de los semióforos*. In: RIOUX, J.-P.; SIRINELLI, J. F. (Coord.). **Por una historia cultural**. México: Editorial Taurus. 1999. p. 73-100.

POURTOIS, J.-P., DESMET, H. **A educação pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1999.

POZO, J. I. A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento. **Pátio**: revista pedagógica, Porto Alegre, v. 8, n. 31, p. 8-11, ago./out. 2004.

POZO, J. I.; PÉREZ ECHEVERRÍA, M.P. As concepções dos professores sobre a aprendizagem: rumo a uma nova cultura educacional. **Pátio**: revista pedagógica, v.4, n. 16, p. 19-23, fev./abr. 2001.

POZO, J. I.; POSTIGO, Y. **Los procedimientos como contenidos escolares**: uso estratégico de la información. Barcelona: Edebé, 2000.

PROCTOR, J. Demand-driven acquisition and the sunk cost model. **Collection Building**, v. 34, n. 1, p. 2-5, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/CB-06-2014-0033>>. Acesso em: 1 jun. 2015.

PROCTOR, J.; BARSTOW, S. Partly cloudy with a chance of entertainment: an academic library's experience with a popular reading ebook resource. **Journal of Library Administration**, v. 53, n. 7-8, p. 401-411, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01930826.2013.882193>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RAY, K. The postmodern library in an age of assessment. In: NATIONAL CONFERENCE OF THE ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 10., 2001, Denver. **Proceedings...** Denver: ALA, 2001. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/acrl/acrl/events/kray.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

ROBERTSON, T. D. The postmodern shift in library instruction. **Faculty Publications**. paper 10, 2013. Disponível em: <<http://digitalcommons.andrews.edu/library-pubs/10>>. Acesso em 15 jun. 2016.

SAN JOSE MONTANO, B. The new paradigm of collection management in university libraries: from crisis to revolution. **Collection Building**, v. 33, n. 3, p. 90 - 97, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/CB-02-2014-0012>>. Acesso em 02 jun. 2015.

SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Afrontamento, 1994.

SANTOS, F. S.; ALMEIDA FILHO, N. de. **A quarta missão da universidade**. Brasília: UNB, 2012.



SCHROEDER, H. M. Acquiring, promoting, and analyzing nursing e-books: one academic library's experiences. **Journal of Electronic Resources in Medical Libraries**, v.9, n.3, 184–196, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1080/15424065.2012.707082>>. Acesso em: 21 maio 2015.

SCHROEDER, R. When patrons call the shots: patron-driven acquisition at Brigham Young University. **Collection Building**, v. 31, n. 1, p. 11–14, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211199128>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

SERVA, M. O paradigma da complexidade e a análise organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 26-35, abr./jun. 1992.

SHEPHERD, J.; ARTEAGA, R. Social work students and e-books: a survey of use and perception. **Behavioral & Social Sciences Librarian**, v. 33, n. 1, p. 15-28, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01639269.2014.866022>>. Acesso em 01 fev. 2016.

SHERA, J. H. **Sociological foundations of librarianship**. New York: Asia Publishing House, 1970.

SHERA, J. H. Toward a theory of librarianship and information science. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 87-97, 1973.

SILVA, R. V. A. Teoria da complexidade e pós-modernismo: contribuições da epistemologia complexa para os estudos organizacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 1., 2000, Curitiba. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2000. p.1-14.

SILVEIRA, F. J. N. da. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.15, n.3, p.67-86, set./dez 2010.

SMITH, S. L. Weeding considerations for an academic music collection. **Music Reference Services Quarterly**, v. 15, p. 22–33, 2012.

SOARES, T. C. et al. REUNI e as fontes de financiamento das universidades federais brasileiras. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 9., 2009, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2009. p. 1- 14. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/36771/>>. Acesso em: 15 out. 2015.

SONDERGAARD, T. F.; ANDERSEN, J.; HJORLAND, B. Documents and the communication of scientific and scholarly information: revising and updating the UNISIST model. **Journal of Documentation**, v. 59, n.3, p.278-320, 2003.

SOUZA, J. S. A participação do bibliotecário no acompanhamento de ementas de projetos pedagógicos para adequação do acervo: Universidade Federal do Vale do São Francisco – Campus Serra da Capivara. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, p.114-127, 2015. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/20736>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

SPAHR, K.; WIEGAND, S. Library collections for the support of academic sport management programs. **Journal of Business & Finance Librarianship**, v.17, n. 3, p. 220–241, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1080/08963568.2012.686150>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

SPENCE, M.; MAWHINNEY, T.; BARSKY, E. How much is enough? examining computer science and civil engineering citation data to inform collection development and retention decisions in three large Canadian University libraries. **Issues in Science and Technology Librarianship**, v.71, p. 1–9, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.5062/F4ZS2TF7>>. Acesso em 02 jun. 2015.

SUNY. **What is Suny**. [2016]. Disponível em: <<https://www.suny.edu/>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

SWALES, J. M. The concept of discourse community. In: \_\_\_\_\_. **Genre analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p.21-32.

TALER, I. The jewish studies book awards: a collection development strategy for non-sectarian academic libraries. **Collection Building**, v. 30, n. 1, p. 11–38, 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951111104998>>. Acesso em: 29 maio 2015.

TEIXEIRA, A.. Mestres do futuro. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.40, n. 92, p. 10-19. out./dez,. 1963.

TENNIS, J. T. Two axes of domains for domain analysis. **Knowledge Organization**, v.30, n. 3/4, p.191-195, 2003.

THOMAS, C. M.; CLYDE, J. Game as book: Selecting video games for academic libraries based on discipline specific knowledge. **Journal of Academic Librarianship**, v. 39, n. 6, p. 522–527, 2013. Disponível em: <<http://doi.org/10.1016/j.acalib.2013.07.002>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

THOMAS, W. J.; SHOUSE, D. L. Rules of thumb for deselecting, relocating, and retaining bound journals. **Collection Building**, v. 31, n. 3, p. 92–97, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211243470>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

TOREN, B. J. Bam! pow! graphic novels fight stereotypes in academic libraries: supporting, collecting, promoting. **Technical Services Quarterly**, v. 28, p. 55–69, 2011.

TRAFTON, J. G. Turning pictures into numbers: extracting and generating information from complex visualizations. **International Journal of Human-Computer Studies**, v. 53, p. 827-850, 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1006/ijhc.2000.0419>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

TYLER, D.C et al. Don't fear the reader: librarian versus interlibrary loan patron-driven acquisition of print books at an academic library by relative collecting level and by library of congress classes and subclasses. **College & Research Libraries**, v. 75, n. 5, p. 684-704, Sep. 2014.

TYNAN, M.; MCCARNEY, E.. Click here to order this book: a case study of print and electronic patron-driven acquisition in University College Dublin. **New Review of Academic Librarianship**, v. 20, n. 2, p. 233-250, apr. 2014.

UNESCO. **Política de mudança e desenvolvimento do ensino superior**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

VASILEIOU, M.; ROWLEY, J.; HARTLEY, R. Perspectives on the future of e-books in libraries in universities. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 44, n.4, p..217-226, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1177/0961000611434759>>. Acesso em 02 jun. 2015.

VATTIMO, G. Sociedade do conhecimento ou sociedade do *loisir*?. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 148, p. 33-40, jan./mar. 2002.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VERGUEIRO, W. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis: APB, 1989.

VERGUEIRO, Waldomiro. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n. 11, p. 13-21. jan./abr. 1993. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/1208/849>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

VIANA, M. M. M. Uma breve história da automação de bibliotecas universitárias no Brasil e algumas perspectivas futuras. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 43-86, jan./jun.2016. Disponível em: <[http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download\\_view/45599](http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download_view/45599)> . Acesso em: 05 jan. 2017.

VOGEL, K. D. Integrating electronic resources into collection development policies. In: PASTINE, M. **Collection development: past and future**. New York: Routledge, 2013. p. 65-76.

WEITZEL, S. R. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. **TransInformação**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 179-190, set./dez., 2012.

WEITZEL, S. R. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2013.

WELLS, D.; SALLENBACH, A. Books and e-books in an academic library. **The Australian Library Journal**, v. 64, n. 3, p. 168-179, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/00049670.2015.1041216>>. Acesso em: 9 set. 2016.

WESTERN NEW YORK LIBRARY RESOURCES COUNCIL. **About**. [2016]. Disponível em: <<https://www.wnylrc.org/>> . Acesso em: 15 mar. 2016.

WHITLEY, R. **The intellectual and social organization of the sciences**. Oxford: Clarendon Press, 1984.

YODER, A. R. The cyborg librarian as interface: interpreting postmodern discourse on knowledge construction, validation, and navigation within academic libraries. **Portal: libraries and the academy**, v. 3, n. 3, p. 381-392, July 2003.

## APÊNDICES



## APÊNDICE A - LISTA DE ARTIGOS SELECIONADOS

1. ADEYOMOYE, J. I. An assessment of the impact of Nigerian Book Foundation (NBF) on the development of library collections in private university libraries in South-West geo-political zone of Nigeria. **Library Philosophy and Practice**, n. 4, p. 1-10, Abr. 2011. Disponível em: <<http://go.galegroup.com.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?id=GAL E%7CA256863798&v=2.1&u=capes&it=r&p=AONE&sw=w&asid=640f27bcec7a9f2810b118cfaaae12d7>>. Acesso em: 09 maio 2015.
2. BEHR, M.; HILL, R. Mining e-reserves data for collection assessment: an analysis of how instructors use library collections to support distance learners. **Journal of Library & Information Services in Distance Learning**, v. 6, p. 159–179, 2012.
3. BOOTH, H. A.; O'BRIEN, K. Demand-driven cooperative collection development: three case studies from the USA. **Interlending & Document Supply**, v. 39, n. 3, p. 148 – 155, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/02641611111164636>>. Acesso em: 01 dez. 2015.
4. BORIN, J.; YI, H. Assessing an academic library collection through capacity and usage indicators: testing a multi-dimensional model. **Collection Building**, v. 30, n. 3, p. 120–125, 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951111146956>>. Acesso em: 1 jun. 2015.
5. BOUDEWYNS, Deborah K.; KLUG, Shannon L. Collection development strategies for community engagement. **Collection Management**, v. 39, p. 145–160, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01462679.2014.890994>>. Acesso em: 12 jun. 2015.
6. CHAPUTULA, A. H. Collection development practices in private university libraries in Malawi: the case of University of Livingstonia and Adventist University Libraries. **Library Management**, v. 35, n. 3, p. 150–163, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/LM-06-2013-0050>>. Acesso em: 02 jun. 2015.
7. CHAPUTULA, A. H.; KANYUNDO, A. J. Collection development policy: how its absence has affected collection development practices at Mzuzu University Library. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 46, n. 4, p. 317–325, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1177/0961000614531005>>. Acesso em: 02 jun. 2015.
8. COSTELLO, B. K. Does book subject influence format preference? survey results from a sample of graduate business school students, staff, and faculty. **Journal of Business & Finance Librarianship**, v.

- 19, p.319–332, 2014. Disponível em:  
<<<http://dx.doi.org/10.1080/08963568.2014.946375>>. Acesso em: 9 set. 2016.
9. DANIELSON, R. A dual approach to assessing collection development and acquisitions for academic libraries. **Library Collections, Acquisition and Technical Services**, v. 36, n.3-4, p. 84–96, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1016/j.lcats.2012.09.002>>. Acesso em: 10 mar. 2015.
  10. DAVIS, K. Shared patron-driven acquisition within a consortium: the OCUL PDA Pilot. **Serials Review**, v. 38, p. 183–187, 2012.
  11. DEMPSEY, L.; MALPAS, C.; LAVOIE, B. Collection directions: the evolution of library collections and collecting. **Portal: libraries and the academy**, v. 14, n.3, p. 393–423, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1353/pla.2014.0013>>. Acesso em: 10 jun. 2015.
  12. DETMERING, R.; SPROLES, C. Reference in transition: a case study in reference collection development. **Collection Building**, v. 31, n. 1, p. 19–22, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211199146>>. Acesso em: 10 jun. 2015.
  13. DIERS, Bailey; SIMPSON, Shannon. At your leisure: establishing a popular reading collection. **Evidence Based Library and Information Practice**, v. 7, n. 2, p. 49-66, 2012.
  14. DOUGLAS, C. S. Revising a collection development policy in a rapidly changing environment. **Journal of Electronic Resources in Medical Libraries**, v.8, n.1, p. 15–21, 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1080/15424065.2011.551487>>. Acesso em: 15 jun. 2015.
  15. DOWNEY, K. et al. A comparative study of print book and dda ebook acquisition and use. **Technical Services Quarterly**, v. 31, p. 139–160, 2014.
  16. DUNCAN, C. J.; O'GARA, G. M. Building holistic and agile collection development and assessment". **Performance Measurement and Metrics**, v. 16, n. 1, p. 62 – 85, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/PMM-12-2014-0041>>. Acesso em: 01 abr. 2016.
  17. FERRIS, K.; BUCK, T. H. An ethos of access: how a small academic library transformed its collection-building processes. **Collection**



- Management**, v. 39, n. 2-3, p. 127-144, 2014. DOI: 10.1080/01462679.2014.900732.
18. FOUGHT, R. L.; GAHN, P.; MILLS, Y. Promoting the library through the collection development policy: a case study. **Journal of Electronic Resources in Medical Libraries**, v. 11, n. 4, p. 169–178, 2014.
  19. GIRI, R.; SEM, B.K.; MAHESH, G. Collection development in indian academic libraries: an empirical approach to determine the number of copies for acquisition. **Journal of Library & Information Technology**, v. 35, n. 3, p. 184-192, may 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14429/djlit.35.3.7806>>. Acesso em: 9 set. 2016.
  20. GRGIC, I. H. Gifts in Croatian public and academic libraries. **Collection Building**, v. 30, n. 4, p. 167–171, 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951111181137>>. Acesso em: 15 jun. 2015.
  21. HUSSAIN, A.; ABALKHAIL, M. Determinants of library use, collections and services among the students of engineering: a case study of King Saud University. **Collection Building**, v. 32, n.3, 100–110, 2013. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/CB-07-2012-0033>>. Acesso em 02 jun. 2015
  22. JINDAL, S.; PANT, A. Availability of e-books in science: case study of University of Delhi. **The Electronic Library**, v.31, p. 313–328, 2013. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/EL-12-2010-0159>>. Acesso em: 01 jun. 2015.
  23. JOHNSON, A. M.; FINLEY, S.; SPROLES, C. Dismantling the reference collection. **The Reference Librarian**, v. 56, p. 161-173, 2015. Disponível em: <<http://doi.org/1080/02763877.2014.994192>>. Acesso em: 12 set. 2016.
  24. KACHALUBA, S. B.; BRADY, J. E.; CRITTEN, J. Developing humanities collections in the digital age: exploring humanities faculty engagement with electronic and print resources. **College & Research Libraries**, v. 75, n. 1, p. 91-108, Jan. 2014.
  25. KASALU, S.; OJIAMBO, J. B. Application of ICTs in collection development in private university libraries in Kenya. **Collection Building**, v. 31, n.1, p. 23–31, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211199155>>. Acesso em: 01 jun. 2015.
  26. KELLY, M. Applying the tiers of assessment: a holistic and systematic approach to assessing library collections. **The Journal of Academic**

- Librarianship**, v. 40, p. 585–591, 2014. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0099133314001803>>. Acesso em: 31 jul. 2015.
27. KETTERMAN, E.; HOOVER, J.; CABLE, K.. Creating a shared neuroscience collection development policy. **Journal of Electronic Resources in Medical Libraries**, v. 9, n. 3, p. 197–203, 2012. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15424065.2012.707076>>. Acesso em: 12 maio 2016.
  28. KIEFT, R. H.; PAYNE, L. Collective collection, collective action. **Collection Management**, v. 37, n. 3-4, p. 137-152, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01462679.2012.685411>>. Acesso em: 01 dez. 2015.
  29. KOHN, K. C. Usage-based collection evaluation with a curricular focus. **College & Research Libraries**, v. 74, n. 1, p. 85-97, jan. 2013. Disponível em: <<http://crl.acrl.org/content/74/1/85.full.pdf+html>>. Acesso: 15 jan. 2015.
  30. LADWIG, J. P.; MILLER, T. D. Are first-circulation patterns for monographs in the humanities different from the sciences? **Library Collections, Acquisitions, and Technical Services**, v. 37, n. 3–4, p. 77–84, 2013.
  31. LANNON, A.; MCKINNON, D. Business e-books: what can be learned from vendor supplied statistics? **Journal of Business & Finance Librarianship**, v. 18, p. 89–99, 2013.
  32. LAWSON, K.; KING, C.; MATAVA, T. Interdisciplinarity on campus: how the publishing world is responding. **Collection Building**, v. 31, n. 1, p. 4–10, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211199119>>. Acesso em: 17 jun. 2015.
  33. LEVINE-CLARK, M. Access to everything: building the future academic library collection. **Portal: Libraries and the Academy**, v. 14, n. 3, p. 425–437, 2014.
  34. LEWIS, D. W. From stacks to the Web: the transformation of academic library collecting. **College and Research Libraries**, v. 74, n. 2, p. 159–176, 2013. Disponível em: <<http://doi.org/10.5860/crl-309>>. Acesso em: 08 jun. 2015.
  35. LINK, F. E. Are we there yet? An analysis of e-book equivalent coverage in highly-circulated titles at the College of New Jersey library.

- Collection Building**, v. 31, n. 4, p. 132-135, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/01604951211274034>>. Acesso em: 01 fev. 2015.
36. LITTLE, G. Collection development in library and information science at ARL libraries. **Collection Building**, v. 30, n. 3, p. 135–139, 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951111146983>>. Acesso em: 08 jun. 2015.
37. MANGRUM, S.; POZZEBON, M. E. Use of collection development policies in electronic resource management. **Collection Building**, v. 31, n. 3, p. 108–114, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211243506>>. Acesso em: 08 jun. 2015.
38. MARSHALL, D. H. Digital collection development for unique users: a veterinary medicine library's approach. **Interlending & Document Supply**, v. 42, n. 4, p. 171–175, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/ILDS-09-2014-0041>>. Acesso em 02 jun. 2015.
39. MICHALAK, S. C. This changes everything: transforming the academic library. **Journal of Library Administration**, v. 52, p. 411–423, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01930826.2012.700801>> . Acesso em: 10 set. 2016.
40. MILLER, A.; HARDER, K. J. Integration of Library Impact Statements into the Curricular Review Process. **Journal of Library Administration**, v. 54, p.543–561, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01930826.2014.964016>>. Acesso em 08 set. 2016
41. MORRIS, E. B. Building a collection in electronic music: considerations and sources. **Music Reference Services Quarterly**, v. 15, n. 1, p. 34–40, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1080/10588167.2012.647588>>. Acesso em: 01 jun. 2015.
42. MORRIS, S. E.; CURRIE, L. Remember me? content development in a user-centered services library. **Collection Management**, v. 39, n. 2-3, p. 96-109, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01462679.2014.891493>>. Acesso em: 01 dez. 2015.
43. PEDERSEN, W. A.; ARCAND, J.; FORBIS, M. The big deal, interlibrary loan, and building the user-centered journal collection: a case study. **Serials Review**, v. 40, n. 4, 2014.

44. PEOPLES, B.; TILLEY, C. Podcasts as an emerging information resource. **College & Undergraduate Libraries**, v. 18, p.44–57, 2011.
45. PERRET, R. Wanted dead or alive? Western genre items in the 21st century United States library. **Library Collections, Acquisition and Technical Services**, v. 36, n. 1-2, p. 39–52, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1016/j.lcats.2012.03.003>>. Acesso em: 01 jun. 2015.
46. PICKETT, C. et al. Revisiting an abandoned practice: the death and resurrection of collection development policies. **Collection Management**, v. 36, n. 3, p. 165–181, 2011.
47. PROCTOR, J. Demand-driven acquisition and the sunk cost model. **Collection Building**, v. 34, n. 1, p. 2-5, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/CB-06-2014-0033>>. Acesso em: 01 jun. 2015.
48. PROCTOR, J.; BARSTOW, S. Partly cloudy with a chance of entertainment: an academic library's experience with a popular reading ebook resource. **Journal of Library Administration**, v. 53, n. 7-8, p. 401-411, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01930826.2013.882193>>. Acesso em: 21 dez. 2015.
49. SAN JOSE MONTANO, B. The New paradigm of collection management in university libraries: from crisis to revolution. **Collection Building**, v. 33, n. 3, p. 90 - 97, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/CB-02-2014-0012>>. Acesso em 02 jun. 2015.
50. SCHROEDER, H. M. Acquiring, promoting, and analyzing nursing e-books: one academic library's experiences. **Journal of Electronic Resources in Medical Libraries**, v.9, n.3, 184–196, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1080/15424065.2012.707082>>. Acesso em: 21 maio 2015.
51. SCHROEDER, R. When patrons call the shots: patron-driven acquisition at Brigham Young University. **Collection Building**, v. 31, n. 1, p. 11–14, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211199128>>. Acesso em: 08 jun. 2015.
52. SHEPHERD, J.; ARTEAGA, R. Social work students and e-books: a survey of use and perception. **Behavioral & Social Sciences Librarian**, v. 33, n. 1, p. 15-28, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01639269.2014.866022>>. Acesso em 01 fev. 2016.

53. SMITH, S. L. Weeding considerations for an academic music collection. **Music Reference Services Quarterly**, v. 15, p. 22–33, 2012.
54. SOUZA, J. S. A participação do bibliotecário no acompanhamento de ementas de projetos pedagógicos para adequação do acervo: Universidade Federal do Vale do São Francisco – Campus Serra da Capivara. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 11, 2015. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/20736>>. Acesso em: 01 Nov. 2016.
55. SPAHR, K.; WIEGAND, S. Library collections for the support of academic sport management programs. **Journal of Business & Finance Librarianship**, v.17, n. 3, p. 220–241, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1080/08963568.2012.686150>>. Acesso em: 01 jun. 2015.
56. SPENCE, M.; MAWHINNEY, T.; BARSKY, E. How much is enough? examining computer science and civil engineering citation data to inform collection development and retention decisions in three large Canadian University libraries. **Issues in Science and Technology Librarianship**, v.71, p. 1–9, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.5062/F4ZS2TF7>>. Acesso em 02 jun. 2015.
57. TALER, I. The jewish studies book awards: a collection development strategy for non-sectarian academic libraries. **Collection Building**, v. 30, n. 1, p. 11–38, 2011. Disponível em : <<http://doi.org/10.1108/01604951111104998>>. Acesso em: 29 maio 2015.
58. THOMAS, C. M.; CLYDE, J. Game as book: selecting video games for academic libraries based on discipline specific knowledge. **Journal of Academic Librarianship**, v. 39, n. 6, p. 522–527, 2013. Disponível em: <<http://doi.org/10.1016/j.acalib.2013.07.002>>. Acesso em: 01 jun. 2015.
59. THOMAS, W. J.; SHOUSE, D. L. Rules of thumb for deselecting, relocating, and retaining bound journals. **Collection Building**, v. 31, n. 3, p. 92–97, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211243470>>. Acesso em: 01 jun. 2015.
60. TOREN, B. J. Bam! pow! graphic novels fight stereotypes in academic libraries: supporting, collecting, promoting. **Technical Services Quarterly**, v. 28, p. 55–69, 2011.

61. TYLER, D.C. Don't fear the reader: librarian versus interlibrary loan patron-driven acquisition of print books at an academic library by relative collecting level and by library of congress classes and subclasses. **College & Research Libraries**, v. 75, n. 5, p. 684-704, Sep. 2014.
62. TYNAN, M.; MCCARNEY, E. Click here to order this book: a case study of print and electronic patron-driven acquisition in University College Dublin. **New Review of Academic Librarianship**, v. 20, n. 2, p. 233-250, apr. 2014.
63. VASILEIOU, M.; ROWLEY, J.; HARTLEY, R. Perspectives on the future of e-books in libraries in universities. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 44, n.4, p. 217-226, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1177/0961000611434759>>. Acesso em 02 jun. 2015.
64. WELLS, D.; SALLENBACH, A. Books and e-books in an academic library. **The Australian Library Journal**, v. 64, n. 3, p. 168-179, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/00049670.2015.1041216>>. Acesso em: 9 set. 2016.

## APÊNDICE B - FICHA DOCUMENTAL

Ficha documental (parte 1)				
Unidade de Registro	Categorias			
Instituição	Eixo norteador	Objetivos	Seleção	Aquisição
Ano				
Título documento				
Observação				

Ficha documental (parte 2)				
Unidade de Registro	Categorias			
Instituição	Avaliação	Desbaste		
Ano				
Título documento				
Observação				





## APÊNDICE C - QUESTÕES DA ENTREVISTA

A entrevista a ser realizada faz parte da pesquisa “**O desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias na perspectiva dos desafios da pós-modernidade**”, com o objetivo de analisar a formação e o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias considerando o contexto da sociedade contemporânea.

### INSTITUIÇÃO:

- 1) Como você vê o desenvolvimento de coleções nas bibliotecas universitárias nos dias de hoje?
- 2) Como a sua biblioteca tem lidado com as reduções orçamentárias para fins de formação e desenvolvimento de coleções?
- 3) Quais os principais desafios para o desenvolvimento de coleções na sociedade atual?
- 4) Qual seria a concepção de uma coleção ideal para uma biblioteca universitária?
- 5) Com que bases é realizada a seleção das obras? Bibliografias básicas das disciplinas? Cursos oferecidos? Solicitação dos professores? Outras formas, quais?
- 6) Como as necessidades de informação da comunidade universitária são detectadas?
- 7) Como a comunidade acadêmica participa da formação das coleções? É requerida a contribuição dos especialistas em cada área do conhecimento?
- 8) A biblioteca avalia sua coleção usando quais critérios?
- 9) Qual é o tratamento dado às obras clássicas antigas de cada campo do conhecimento? Descarta? Coloca em algum depósito para consultas quando solicitadas pelo usuário? Compõem a coleção acessível para consulta junto com as obras mais atuais?
- 10) Como as coleções contribuem para as atividades da universidade? Que novas contribuições estão sendo requeridas?
- 11) Quais elementos balizam a política de desenvolvimento de coleções da biblioteca?
- 12) Como seria uma política de formação e desenvolvimento de coleções que favoreça a atuação da biblioteca universitária como membro ativo no processo pedagógico?



## APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a):

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário(a) da pesquisa **“O desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias na perspectiva dos desafios da pós-modernidade”**, sob responsabilidade da doutoranda Liliane Vieira Pinheiro, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Para tal, você está sendo esclarecido(a) sobre a pesquisa. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

A sua participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional em caso de haver gastos de qualquer natureza.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada e outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_ (RG: \_\_\_\_\_) fui informada(o) dos objetivos da pesquisa acima, de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e estou ciente que posso modificar minha decisão se assim o desejar. Em caso de dúvidas poderei contatar a Dra. Lígia Maria Arruda Café, professora orientadora, no telefone (48) 3721-8516 (PGCIN/UFSC).

Declaro que concordo em participar deste estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Data \_\_\_\_, \_\_\_\_, \_\_\_\_

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador